

DA AUTORA BESTSELLER INTERNACIONAL DE **O SEGREDO DO N.º 9**
+ DE 500 MIL EXEMPLARES VENDIDOS

A Mentirosa

Ela tem uma vida de sonho.
Mas e se descobrirem que está a mentir?



Claire Douglas

 PRESENÇA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

DA AUTORA BESTSELLER INTERNACIONAL DE O SEGREDO DO N.º 9
+ DE 500 MIL EXEMPLARES VENDIDOS

A Mentirosa

Ela tem uma vida de sonho.
Mas e se descobrirem que está a mentir?



Claire Douglas

 PRESENÇA

A
Mentiroso

Claire Douglas

A
Mentirosa

TRADUÇÃO DE
Paulo Emílio Pires

 PRESENÇA

FICHA TÉCNICA

Título: *A Mentirosa*

Título original: *The Woman Who Lied*

Autora: *Claire Douglas*

Copyright © Little Bear Artists, Ltd., 2023

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2024

Tradução: *Paulo Emílio Pires*

Revisão: *João Ventura/Editorial Presença*

Design de capa: *MJ*

Fotografia de capa © Béla Molnar

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição em papel, Lisboa, julho, 2024

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Para o Ty — aos próximos vinte anos!

Prólogo

Maio de 2022

Uma película de suor cobre o lábio do agente Anthony Haddock. De franja colada à testa, gravata torta, tem manchas arroxeadas por baixo dos olhos e a camisa amarrotada. Emilia deve estar com um ar tão exausto como ele — não pregou olho na noite anterior. Não se lembra sequer se escovou o cabelo nessa manhã (os dentes, de certeza que não) e ainda tem vestida a roupa da véspera.

— Uma vez mais, deixe-me dizer-lhe que lamento muito a sua perda — declara ele num tom sincero.

Tem uma volumosa maçã de Adão que se agiganta no seu pescoço magro de cada vez que engole. Emilia não consegue parar de olhar para ela. Enterra as unhas nas palmas das mãos para se impedir de chorar. A verdade é que não pode culpá-lo, àquele homem de camisa de manga curta amarrotada que o faz parecer um pré-universitário. Devia ter feito mais alarido há cerca de um mês, quando lho apresentaram, e talvez não estivessem agora ali, naquela sala abafada e claustrofóbica, no dia mais quente do ano até ao momento.

Remexe-se na cadeira, a saia a colar-se-lhe à parte de trás das pernas. O caderno — o mesmo que começou a usar a conselho de outro agente da polícia, quando tudo aquilo teve início — está pousado entre os dois em cima da mesa. Jasmine, a sua filha de quinze anos, tinha-lho oferecido em janeiro, pelo aniversário, para que começasse a delinear o novo livro, o seu primeiro romance autónomo. Tem uma capa com borboletas coloridas de tamanhos decrescentes e Emilia sempre viu nele um símbolo de renovação, de mudança. De crescimento. Mas o desígnio ficou por cumprir. Em vez disso, contém todos os tortuosos acontecimentos que tiveram lugar ao longo dos últimos meses. Os ecos macabros de histórias já escritas. E agora um homicídio. Alguém que ela amava.

— Estamos a fazer todos os possíveis para apanhar quem quer que esteja por trás disto. — O agente Haddock cala-se por instantes, os olhos claros fixos nos dela. — E tem mesmo a certeza de que é alguém que conhece? — acrescenta depois, pousando os olhos na lista de nomes que Emilia acabou de lhe fornecer.

— Sim, tenho. — Gostaria de estar errada, mas sabe que não está. — Só os

meus amigos mais chegados e a família é que leram *O Último Capítulo*. Além da minha editora, claro. Ainda não foi publicado. E parte do que aconteceu, sobretudo nestas últimas semanas, bom, foi tirado desse manuscrito.

Ele faz que sim com a cabeça, circunspecto, os lábios finos firmemente cerrados. Não diz nada. Não é preciso. O seu silêncio diz tudo e a ilação é clara.

Porque para ela, Emilia Ward, a bem-sucedida autora da popular série de livros policiais protagonizada pela inspetora Moody, o tempo está a esgotar-se. No final de *O Último Capítulo*, mata a sua adorada personagem principal, a inspetora Miranda Moody. Se o padrão se mantiver, se o responsável por aquilo estiver a seguir o enredo do livro, isso significa que resta apenas um acontecimento relevante no manuscrito.

A morte da inspetora Moody.

E, consequentemente, a sua.

PRIMEIRA PARTE

Março de 2022

Emilia está sentada no autocarro a caminho de casa, a olhar pela janela para o céu carregado de nuvens e a pensar que comeu de mais ao almoço, quando aquilo acontece.

Uma mancha de luzes giratórias e o guincho das sirenes de um carro da polícia a passar velozmente, logo seguido por outros dois.

Não lhes dá grande importância. Mais um acidente. Já está habituada. Afinal, trata-se de Londres, e são 16h45 de uma sexta-feira, o início da hora de ponta do fim de semana. Recosta-se no assento, a pensar se terá forma de afrouxar o cós da saia. Devia ter resistido àquele *crumble* de maçã com leite-creme. O último número da *Grazia* espreita da bolsa que tem pousada junto aos pés. Comprou-o antes de apanhar o autocarro em High Street Kensington, mas a viagem está a demorar tanto e sente-se tão confinada que nem lhe pegou, com medo de enjoar.

Sentada a seu lado, uma senhora de idade com um lenço cor de laranja na cabeça aconchega no colo um cão-salsicha de pelo comprido. Quando o autocarro se imobiliza aos soluços, expelindo fumo que irrompe pela janela aberta, a idosa estala impacientemente a língua e volta-se para Emilia com um ar exasperado.

— Não tarda nada, o *Rigsby* vai precisar de fazer um chichi.

O cão empertiga a cabeça e fita Emilia com uns pesarosos olhos castanhos. Esta faz um sorriso tranquilizador à mulher, mas baixa-se e entala a bolsa entre a coxa e a janela, não vá o *Rigsby* decidir esvaziar a bexiga na sua adorada *Mulberry*.

Estão na Kew Road. Em breve irão deixar os Kew Gardens para trás, mas, devido às greves do metro, as ruas estão mais movimentadas do que é habitual. De maneira que Emilia ali está, presa num autocarro entre o cheiro de uma empada da Cornualha que um jovem se entretém a devorar no banco à frente do seu e a ameaça de um cão prestes a urinar. Mal pode esperar por chegar a casa e contar a Elliot a reunião com a sua editora. Ligara-lhe apressadamente ao sair do restaurante, sobretudo para lhe lembrar que fosse buscar Wilfie à escola, mas não tivera oportunidade de lhe contar tudo.

Tinha-se sentido tão ansiosa nessa manhã: não conseguia encontrar o seu lenço

preferido, com padrão de pele de leopardo, depois esqueceu-se de onde tinha posto as chaves de casa.

— Vai correr lindamente — dissera-lhe Elliot quando por fim ela ficou pronta para sair. Depois, beijou-a na face para não lhe esborratar o batom. — Só tens de ser franca. Ela vai compreender. Afinal de contas, é a tua carreira.

De modo que ela assim fizera, fora franca — até certo ponto, pelo menos. A sua editora, Hannah, empalidecera por baixo da maquilhagem quando Emilia lhe confessara que tencionava matar a personagem principal no livro que estava a escrever, o décimo da coleção. Hannah está grávida de quase oito meses e Emilia receava provocar-lhe um parto prematuro. Os seus dedos elegantes enroscaram-se sobre o copo de limonada, como que congelados, enquanto Emilia lhe explicava que, ao décimo primeiro livro, desejava escrever um romance autónomo, e sentia que a história da inspetora Miranda Moody tinha chegado ao fim. Não confessou que este último livro fora o que mais lhe custara escrever, a ponto de, a dada altura, ter chegado a duvidar se seria capaz de engendrar um enredo suficientemente bom.

Hannah levava algum tempo a responder. Por fim, numa voz preocupada, lá declarou:

— A coleção Moody vendeu mais de dois milhões de exemplares só no Reino Unido. É um risco enorme.

Emilia sabia disso, claro que sabia. E era algo que a assustava. Mas também sentia que aquele era o momento certo. Dez livros em dez anos, e a escrita de *O Último Capítulo* tinha sido penosa.

O almoço terminou numa espécie de trégua: Emilia iria enviar o primeiro rascunho de *O Último Capítulo*, que incluía a morte da inspetora Moody, e Hannah veria se a ideia resultava. Se o parecer fosse negativo, Emilia alteraria o final, faria uma pausa em que escreveria outra coisa, mas manteria em aberto a possibilidade de um regresso da inspetora Moody.

O autocarro continua parado e tudo o que Emilia avista é a fila de trânsito imóvel à sua frente. Pergunta a si própria se não será preferível fazer o resto do caminho a pé, são apenas vinte minutos, mas se o motorista se recusar a deixá-la sair terá de passar pela vergonha de regressar ao seu lugar debaixo dos olhares daquela gente toda.

Ouve-se um tinido, as portas duplas da frente do autocarro abrem-se com um ruído de ventosa e um agente da polícia sobe a bordo. Faz-se um silêncio imediato entre os passageiros, que se entreolham com um ar inquiridor. A mulher sentada ao lado de Emilia inclina-se para a direita para conseguir ver toda a coxia, depois volta-se para Emilia e protesta:

— O que é que ele está aqui a fazer?

Como se Emilia pudesse ter a mínima ideia.

— Talvez esteja a explicar ao motorista que houve um acidente — responde ela de forma educada. — Ou que o trânsito está cortado.

O polícia sai do autocarro e o motorista levanta-se para falar aos passageiros.

— As minhas desculpas a todos — diz ele, rosto corado e casaco a comprimir a barriga volumosa —, mas parece que houve um acidente grave ao fundo desta rua. Infelizmente, vão ter de desembarcar aqui.

As pessoas começam a resmungar e a praguejar. O sujeito do banco da frente enfia o resto da empada no respetivo saco de papel. A mulher do lado estala sonoramente a língua e queixa-se do transtorno. Pelo menos o *Rigsby* vai poder fazer chichi, pensa Emilia ao vê-la pousar o cão no chão do autocarro — com todo o cuidado, como se o animal fosse feito de vidro. Mal pode esperar para sair dali, mas fica pacientemente sentada enquanto os outros passageiros se levantam e se arrastam para a parte da frente. Está a descer para o passeio quando o telemóvel toca.

— Olá, Jas.

O vento sopra com mais força e Emilia tem de se embrulhar melhor no blusão de cabedal, lamentando-se por não ter vestido um casaco mais quente. As pessoas que saíram do autocarro aglomeraram-se à sua frente e ela não consegue passar. O *Rigsby* alçou a perna no candeeiro mais próximo.

— Onde é que estás? O Wilf está, tipo, *insuportável*, e o Elliot não faz nada para o pôr na ordem, e o pai devia ter vindo buscar-me, mas está atrasado, e não encontro as minhas calças de ganga de cintura subida.

Emilia respira fundo e passa o telemóvel para o outro ouvido.

— Devem estar na máquina de secar... Vou a caminho de casa. Acho que deve ter havido um acidente qualquer.

— Um acidente?

Emilia apercebe-se do medo na voz da filha. Apesar de rabugenta e hormonal, no fundo é uma miúda sensível e preocupada.

— Está tudo bem — tranquiliza-a. — Não foi comigo. Mas tive de sair do autocarro.

— O Elliot não pode ir buscar-te?

Emilia olha para a estrada. Os veículos estão alinhados quase capô com bagageira em ambos os sentidos. Há alguém a buzinar, coisa que sempre lhe buliu com os nervos. Porque é que as pessoas buzina? Não é isso que vai fazer o trânsito andar mais depressa. Contorna o aglomerado de gente e trata de se apressar, os saltos a ecoarem no passeio.

— Não, já não é longe e as ruas estão engarrafadas. É mais rápido ir a pé. — Hesita. — Pensava que o teu pai ia buscar-te à escola.

Jasmine bufa para o telemóvel.

— Parece que teve um imprevisto qualquer, de maneira que vim na carrinha

da escola. Ficou de vir buscar-me a casa às seis.

Emilia imagina a filha a revirar os olhos ao dizer aquilo. Sabe que Jasmine tem uma relação complicada com Jonas.

— Tudo bem, vou tentar despachar-me. E as tuas calças de ganga...

— Já sei, já sei. Máquina de secar, ouvi o que disseste.

Agora a voz dela tem um tom leve, o que deixa Emilia mais animada. Jasmine preocupa-a. Os confinamentos tiveram um impacto negativo na sua saúde mental, embora Elliot tenha sido fantástico com ela, dando-lhe imensos conselhos, já que ele próprio sofrera de ansiedade na adolescência. Jasmine sempre fora socialmente acanhada, mas o regresso à escola para o décimo ano revelara-se especialmente desafiante para ela, e não lhe tinha sido fácil voltar a ambientar-se.

— Se já tiveres saído quando eu voltar, diverte-te em casa do teu pai e até domingo. Beijos.

— Para ti também — diz Jasmine, e desliga.

Emilia enfia o telemóvel no bolso e estuga o passo. Gostava de chegar a casa antes de Jasmine sair. Pensa no ex-marido, Jonas, e na mulher, Kristin — outrora sua amiga — a brincar às famílias felizes com a sua filha. Para bem de Jasmine, conseguiu continuar a dar-se com Jonas, ainda que nem sempre tenha sido fácil. Mas tem mais dificuldade em perdoar Kristin.

Ajeita a bolsa no ombro, lamentando não ter calçado as botas rasas. Está prestes a virar para uma rua secundária, quando repara num agente da polícia de casaco amarelo fluorescente a orientar o trânsito, além de dois carros de bombeiros e diversas viaturas policiais a bloquearem a estrada. Pergunta-se o que terá acontecido.

— Não sei o que se passou, mas havia polícia por todo o lado — diz ela mais tarde a Elliot, enquanto fazem o jantar na ampla cozinha *open space*.

É a divisão preferida de Emilia, com o seu chão claro de parquê, bancadas de mármore e armários em azul-marinho. É o centro da vida familiar, o lugar onde todos se juntam. Quando se mudaram para ali, quatro anos antes, parecia um sonho irrealizável, mas ao fim de cinco meses de obras de ampliação e remodelação, ficara pronta no ano anterior, a tempo do Natal.

— Não podias perguntar à tua amiga da polícia, a não-sei-quantas?

O marido é péssimo com nomes. Refere-se a toda a gente como o não-sei-quantos ou a não-sei-quantas.

— A Louise. Podia, embora ela seja do Departamento de Investigação Criminal, por isso duvido que saiba.

Baixa-se, tira mecanicamente quatro pratos do armário e pousa-os em cima da bancada, depois lembra-se de que Jasmine está em casa do pai e volta a arrumar um deles. Detesta quando Jasmine não está. Sem ela a casa parece demasiado grande, demasiado vazia. Elliot contou-lhe que tinha sido Kristin a vir buscá-la, pois Jonas não sabia a que horas conseguiria sair do escritório, o que deixara Emilia imediatamente irritada. Jonas só vê Jasmine em fins de semana alternados — o mínimo que podia fazer era tratar de sair do emprego a horas.

Volta-se para observar Elliot, de pé diante da placa do fogão, a macia camisola de caxemira justa nos seus ombros largos, acentuando a cintura esguia e a pele bronzeada. Ao longo dos anos, deu muitas vezes por si a pensar se, caso Kristin tivesse centrado a sua atenção em Elliot, este teria sucumbido tão facilmente como Jonas. Elliot é tão diferente do seu ex, não apenas na aparência — moreno e entroncado, enquanto Jonas é louro e esguio —, mas também na personalidade. Jonas foi sempre um pouco atiradiço: gosta de pensar que as outras mulheres o acham atraente e charmoso, faz por que toda a gente goste dele, é sempre a alma das festas, o último a sair do *pub*, sempre na farra com amigos diferentes. Elliot é franco, às vezes de forma algo brusca (uma vez, quando ela pintou o cabelo de um tom um pouco mais escuro, disse-lhe que parecia a Morticia Addams), e tende a furtar-se a eventos sociais, mas com ele, pelo menos, Emilia sabe com o que conta.

Elliot encaminha-se para a televisão, no extremo da cozinha usado como sala de estar da família; as portas de correr que abrem para o jardim devolvem-lhes uma imagem espelhada da divisão. Pega no comando que Wilfie largara em cima do sofá forrado de cinzento.

— Pode ser que esteja a dar nas notícias.

Aponta o comando à televisão, volta-se para ela e sorri-lhe, e o coração de Emilia explode num súbito assomo de amor por ele. É um homem bom. Um homem íntegro. Não é fútil. Como escritora, Emilia ganha mais do que ele, mas isso não o incomoda nem um pouco. É devido ao dinheiro dela que podem dar-se ao luxo de viver naquela casa vitoriana caiada de cinco quartos, numa das melhores ruas de Richmond Hill. Jonas tinha praguejado entre dentes da primeira vez que a vira.

Emilia agita o *wok*, satisfeita ao ver o frango e os pimentos ganharem cor, o aroma a fazer-lhe roncar o estômago não obstante o almoço avantajado.

— Pai! Posso ver a *Hora de Aventuras*?

Wilfie, o filho de oito anos de ambos, irrompe na cozinha vindo do quarto dos brinquedos, agarrado ao comando da *PlayStation* e a saltitar de um pé para o outro, uma bola de energia com cabelo escuro e ondulado como o do pai.

— Espera um pouco, rapazinho — diz Elliot. — Deixa-me só espreitar as notícias. A mãe viu uma coisa interessante a caminho de casa e queríamos só...

Mas Wilfie já se foi embora. Elliot soergue as sobranceiras e Emilia ri-se. Há muito que é piada recorrente entre eles que o filho nunca para quieto tempo suficiente para fazer seja o que for, a não ser comer e dormir. No que toca à comida, sai a ela.

— O jantar está quase pronto! — grita-lhe, embora não tenha resposta.

Só o deixou brincar com a *PlayStation* porque é sexta-feira à noite. E está visto que Wilfie tratou de aproveitar ao máximo — quase não veio à tona desde que ela chegou a casa.

— Espera aí... acho que é isto — diz Elliot, recuando para junto dela, olhos fixos no ecrã.

Emilia desliga o fogão e vai colocar-se ao lado dele. Elliot enlaça-lhe os ombros com um braço. Com pouco mais de um metro e cinquenta e cinco, Emilia sente-se minúscula ao lado do metro e oitenta do marido. A indicação ÚLTIMA HORA pisca no ecrã, depois uma apresentadora bem-vestida e com o cabelo louro num *bob* imaculado começa a falar diante de uma sucessão de fotografias em que se vê a entrada para os Kew Gardens, com a polícia no exterior.

— Ocorreu um incidente grave esta tarde nos Kew Gardens, em Londres. O receio de um ataque terrorista levou a polícia a retirar os visitantes e a desimpedir as imediações da Kew Road junto à entrada da popular atração turística. Por volta das quatro e vinte e cinco da tarde, funcionários dos Kew Gardens receberam uma

denúncia anónima de que tinha sido deixada uma bomba no local. A unidade especializada da polícia encontrou um saco de desporto, mas chegou-nos entretanto a informação de que tudo não passou de uma brincadeira de mau gosto, e que o saco continha apenas um transístor antigo.

A apresentadora passa à notícia seguinte e Elliot desliga a televisão, pousando o comando em cima da mesinha de centro. Depois dirige-se novamente ao fogão e Emilia segue-o, o seu cérebro a matutar no que acabou de ouvir.

É-lhe muito familiar.

— Provavelmente, adolescentes que se acham engraçados — diz Elliot, ao mesmo tempo que distribui a comida pelos pratos. — Mas não deixa de ser grave. Se forem apanhados...

Ergue os olhos e apercebe-se certamente da expressão no rosto dela, porque lhe pergunta se se passa alguma coisa.

Emilia abana a cabeça.

— Não, nada. É só que... não sei. É um pouco estranho.

— O quê?

— No meu primeiro livro... *O Incendiário*, lembra-te?

— Como podia esquecer-me? — diz ele com um olhar terno.

Tinham-se conhecido num café quando ela estava a escrevê-lo, há quase onze anos. Emilia encontrava-se então em pleno processo de divórcio e vivia com Jasmine num pequeno apartamento arrendado, depois de Jonas ter comprado a parte dela da casa de ambos em Twickenham. Sempre quisera escrever um romance mas, terminada a universidade, aceitara um emprego num jornal local, e tinha acabado de ser colocada na secção de reportagens especiais de um dos suplementos de domingo quando descobriu que estava grávida de Jasmine. Uma gravidez não planeada, aos vinte e três anos, sem dinheiro e a viver com Jonas, que conhecera no primeiro ano de universidade, em Brighton. Jonas pediu-a em casamento assim que ela lhe deu a notícia e casaram-se poucos meses depois: uma cerimónia pequena e algo apressada no registo civil mais próximo.

A seguir ao nascimento de Jasmine, não pôde dar-se ao luxo de voltar a trabalhar a tempo inteiro: as mensalidades do infantário teriam consumido o seu modesto salário e os pais viviam demasiado longe para a ajudar — não que o tivessem feito mesmo que vivessem na mesma cidade —, de modo que se limitava aos trabalhos *freelance* que lhe apareciam. Quando Jonas a deixou, começou a usar o tempo em que Jasmine estava na escola para escrever um livro sobre uma inspetora da polícia com uma atitude pragmática. Uma pessoa forte e destemida, dado sentir-se na altura tão fraca e impotente.

Elliot entrara no café à beira-rio para comer qualquer coisa depois de uma visita a um cliente. A primeira coisa em que Emilia reparou foi nos seus calorosos olhos castanhos. Olhos bondosos. Começaram a conversar depois de ela lhe pedir

que tomasse conta do portátil enquanto ia à casa de banho.

— Como é que sabias que eu não ia fugir com ele? — perguntara-lhe Elliot mais tarde.

— Porque tens uma cara honesta — fora a resposta de Emilia.

Elliot ainda hoje usa essa frase contra ela quando Emilia o acusa de ter comido o último pacote de batatas fritas ou de gastar o café que restava. *O quê... eu? Mas tenho uma cara tão honesta!*

— E o que é que tem? — pergunta ele agora, enquanto revolve a gaveta dos talheres.

— Bom — diz Emilia, levando os pratos para a mesa de refeições de tampo de carvalho. — Escrevi sobre isto. Um falso alerta telefónico. Um saco de desporto com um transístor lá dentro deixado nos Kew Gardens, lembras-te?

Elliot larga ruidosamente os talheres em cima da mesa.

— Estas coisas acontecem. Estamos em Londres. Não passa de uma coincidência. Já escreveste esse livro há anos.

Claro que é uma coincidência. É este tipo de pensamento racional que ela adora no marido. Emilia passa diretamente do oito ao oitenta. Mas ele tem razão, é apenas uma daquelas coisas que acontecem. Miúdos na brincadeira, quase de certeza.

Como no seu livro.

Elliot regressa à ilha no centro da cozinha. Ela fica a olhar para ele, tentando afastar a irritante sensação de que é *demasiada* coincidência. Passaram onze anos desde o seu romance de estreia, e claro que já não consegue recordá-lo palavra por palavra. Mas, aos poucos, vai-se lembrando de outros pormenores.

Aquando da ameaça de bomba nos Kew Gardens, a sua personagem principal, a inspetora Miranda Moody, estava a passar na Kew Road, num autocarro que teve de ser evacuado.

Tal como sucedera com ela.

— É por aqui, senhora inspetora. Ela está lá em cima...

O sargento Saunders está a apontar para o edifício fustigado pelo vento junto à marginal. É final de tarde, o céu exhibe um branco opaco e Saunders bate os pés a sacudir o frio. Ou isso ou está a ficar impaciente. Com ele, nunca é fácil perceber. A chefe sou eu, de maneira que não me pode dizer que mexa a peida, embora esteja convencida de que é o que está a pensar. Não lhe conto o que me custou ali chegar, ou que quando ele me ligou eu estava a tentar persuadir o meu velho pai de que a esposa que ele tanto adorava — a minha mãe — estaria bem melhor numa casa de repouso. Ou que o meu ex-marido acabou de me comunicar que vai voltar a casar-se.

Nestes cinco anos desde que trabalhamos juntos, não lhe contei um único pormenor da minha vida privada. É melhor assim. Ainda que, como ele não consegue estar calado, eu saiba tudo sobre a dele. Não que haja muito para saber, tirando as bebedeiras nos pubs com os amigos, depois do trabalho, e que as mulheres por quem está sempre a perder-se de amores parecem nunca sentir o mesmo por ele.

Mostramos os crachás aos dois agentes fardados que estão de guarda à casa e paramos para colocar os cobre-sapatos. O local já está rodeado por fita policial. Os agentes chegam-se para o lado para nos deixar passar. Agachamo-nos por baixo da fita, tendo o cuidado de não tocar na porta da frente ao entrar, avançamos corredor adentro e subimos a escada. Uma alcatifa castanha já muito gasta, paredes cobertas de papel texturado em tons salmão.

O cheiro atinge-me assim que chegamos ao cimo. A porta do estúdio está aberta e a gestora do local do crime já se encontra no pequeno quarto que dá diretamente para o corredor. Saunders e eu ficamos parados na soleira da porta, sem tocar em nada, à espera de autorização para entrar. De onde estamos, conseguimos ver que a vítima está deitada de costas em cima da cama, pés e mãos atados. Tem vestida uma camisa de noite de cetim azul-esverdeada, a parte da frente empapada em sangue.

A gestora do local do crime ergue o olhar. É Celia Winters. Cinquentona e severa. Nem nos passa pela cabeça entrar no quarto enquanto ela está a fazer o seu trabalho. Toda a sua postura é sóbria, profissional. Ninguém diria que somos amigas, ou que é hábito irmos as duas beber uns copos, terminando muitas vezes a noite em cantorias desafinadas no bar de karaoke no centro de Plymouth.

— Apunhalada — esclarece ela. — Várias vezes. Hora do óbito ainda por determinar,

mas quer-me parecer que está morta há pelo menos doze horas. E há outra coisa. — Aproxima-se da perna da vítima. — Aqui no tornozelo...

Volto-me para Saunders, certa de que a sua expressão reflete uma descarga de adrenalina em tudo igual à minha. Sustemos ansiosamente a respiração. À espera. Já cientes do que ela vai dizer.

— ...uma marca. Tipo uma tatuagem recente, mas feita com um canivete ou coisa que o valha. É recente, e acho que foi feita pouco antes de ela morrer ou talvez logo a seguir. Provavelmente não conseguem vê-la daí, mas é pequena e bastante intrincada. Triangular, com uns olhos esquisitos e antenas. Nunca vi nada parecido. Mas parece a cabeça de um inseto.

Troco um olhar com Saunders. Sabemos exatamente do que se trata embora não o vejamos há anos, e Saunders apenas em fotografias da polícia.

Um louva-a-deus.

E é então que parece cair a ficha a Celia. Já conversámos sobre aquilo, embora ela ainda não estivesse a trabalhar connosco da última vez que ele atacou.

Fica boquiaberta.

— Merda — murmura entre dentes, cravando os olhos nos meus.

A minha voz ecoa com um tom sinistro até aos meus ouvidos.

— Parece que ele está de volta.

A porta da frente está aberta, a luz a derramar-se sobre o passeio coberto de geada. Jonas está de costas para ela, pelo que não a vê sair do seu *Nissan Leaf* e percorrer cautelosamente o pequeno acesso, a tentar não escorregar. É uma das coisas de que não tem saudades no ex-marido: a sua falta de sentido prático. Nada como Elliot, que já tratou de espalhar sal pelo acesso deles. Está um frio invulgar para o início de março.

— Despacha-te! A tua mãe deve estar mesmo a chegar — grita ele para o andar de cima.

Deve ter ouvido ou pressentido que ela está parada na soleira da porta, pois volta-se e sorri, apesar do rosto tenso.

— Ah, olá, Em. Desculpa, mas ela ainda não está pronta. Há um quarto de hora que estou a dizer-lhe para arrumar as coisas.

Encolhe os ombros a tentar mostrar-se despreocupado, mas Emilia apercebe-se da tensão que emana dele como vapor. Será que Jasmine andou a fazer das suas? Jonas nem sempre sabe lidar com as alterações de humor da filha.

— Como é que ela tem estado? — pergunta em voz baixa.

Ele faz um esgar.

— Nada mal. Ontem passou quase todo o dia enfiada no quarto, mas hoje a Kristin levou-a às compras. Entra, vais arrefecer aí parada. Apetece-te uma chávena de chá enquanto esperamos que Sua Alteza acabe de arrumar as suas coisas?

Ela transpõe a soleira e detém-se no corredor. Foi redecorado várias vezes desde que ali viveu, e agora exhibe um alegre tom de pedra nas paredes, apliques luminosos de latão e um espelho enorme que faz o pequeno espaço parecer muito maior. Ao que parece, segundo Jasmine lhe conta, Kristin está a atravessar uma «fase de decoração de interiores».

Emilia pondera a oferta do chá. Uma vez por outra, quando Kristin não está em casa, até tem aceitado. Mas viu o seu *Mini* descapotável estacionado na rua.

— Obrigada, mas é melhor ir andando — diz, encostando a porta atrás de si, embora sem deixar que esta se feche.

— Claro.

O sorriso dele desvanece-se e Emilia recorda a ocasião, cerca de um ano depois de se terem separado, em que, após ter deixado Jasmine em sua casa, Jonas a surpreendeu confessando-lhe que tinha saudades dela. Emilia começara há pouco a sair com Elliot, e atribuíra aquilo a um súbito impulso de Jonas de querer algo que pertencia agora a outro. O que, diga-se, era típico dele. Desde então, o ex-marido nunca mais lhe voltou a falar no assunto, mas a lembrança é como uma joia secreta que Emilia segura ocasionalmente na palma da mão para se maravilhar com ela antes de voltar a guardá-la nas pregas da memória.

— Que tal vai o livro? Já o terminaste?

— Já. Mande-i-o hoje à minha editora.

— O que é que a inspetora Miranda Moody vai aprontar desta vez?

— É o mais sombrio até agora, creio. Um assassino em série que marca as suas vítimas com uma cabeça de inseto. Mulheres esfaqueadas até à morte. Leve e divertido! — Solta uma gargalhada autodepreciativa. — Ah, e a Miranda morre no final.

— O quê? — Jonas fita-a com os olhos arregalados de espanto. — O que é que te deu para fazer uma coisa dessas? Sabes que adoro essa velha rezingona!

— Teve dez livros. Já vai sendo tempo de passar à História.

Jonas não para de a fitar, como se Emilia se tivesse transformado numa mutante.

— Mas porquê?

— Quero escrever uma coisa diferente.

— Aposto que a tua editora não ficou lá muito contente.

— Chegámos a um compromisso.

Conta-lhe o almoço de sexta-feira com Hannah.

— Quer dizer que ela está neste momento a ler a versão acabada?

— Enfim, neste exato momento, talvez não. É domingo. Mas espero que me diga algo em breve, porque se achar que a coisa não resulta de todo vai pedir-me para manter o final em aberto. Talvez deixar a inspetora Moody gravemente ferida, mas não morta... Ainda não sei. Talvez seja preferível.

— Pessoalmente, acho que devias deixá-lo em aberto. Mas, enfim, é um fã a falar.

— Como pai da minha filha, és obrigado a dizer isso!

— Obrigado a dizer o quê?

Voltam-se no instante em que Kristin aparece no corredor. Ela e o seu metro e oitenta, quase todo pernas, o cabelo escuro apanhado num carrapito negligente mas ainda assim elegante. Nesgas de pele artificialmente bronzada deixam-se entrever por entre os recortes dos ombros da camisola. Quase quarenta anos e ainda tão deslumbrante como quando Emilia a conheceu na universidade. Emilia sente-se subitamente atarracada e aconchega o espesso casaco de malha ao corpo,

como que a tentar proteger-se.

— Estávamos só a falar do novo livro da Em.

— Ah, sim. Estou curiosa. Adorei o último.

Ali estava algo em que havia que dar mérito a Kristin e a Jonas. Sempre tinham apoiado a sua escrita. Dir-se-ia até que esta os fascinava. Talvez receassem ver-se retratados nalgum dos seus livros. Aquela coisa de a caneta ser mais forte do que a espada. E Emilia já se sentiu tentada.

— Obrigada.

Emilia sente um calor nas bochechas. Nunca sabe como lidar com Kristin. Mesmo quando eram amigas, Kristin conseguia passar de encantadora a cáustica num abrir e fechar de olhos. Mas sempre admirara a sua natureza ambiciosa e o seu perverso sentido de humor. Nunca ninguém a fez rir tanto como Kristin nos tempos em que eram amigas. E, embora seja deslumbrante, nunca se levou demasiado a sério — quando saíam à noite, não se coibia de fazer macacadas na pista de dança, sem ligar às aparências. Mesmo agora, tantos anos depois, há uma parte de Emilia que sente falta dessa amizade.

Kristin encosta-se a Jonas e este passa-lhe um braço por cima dos ombros, sorrindo de contentamento. Já lá vão onze anos, mas Emilia ainda sente um sobressalto incrédulo ao vê-los tão apaixonados, como se tivesse caído num universo alternativo.

— Temos novidades — anuncia Kristin.

— Ah, a sério?

Será que está grávida? Espanta-a que ainda não tenha acontecido. Kristin costumava dizer que ia adorar ter filhos um dia. Emilia olha de relance para a barriga da sua amiga de outrora, que continua tão lisa como quando tinham ambas vinte e dois anos.

— Vamos mudar-nos! Finalmente!

Emilia sente uma onda de alívio por não estar para chegar nenhum bebé, pelo menos para já. Jasmine ainda era tão pequena, apenas quatro anos, quando ela conheceu Elliot e, três anos depois, teve Wilfie. Mas a perturbação e a convulsão emocional de uma nova criança na vida deles talvez não fosse a melhor coisa para a filha naquele momento.

— Que ótima notícia. E para onde?

Por favor, não digas Richmond. Por favor, não digas Richmond.

— Teddington. Junto ao lago. Uma casa maravilhosa. Muito mais espaço, não é, querido?

Jonas faz que sim com a cabeça e sorri com um ar resoluto, mas Emilia não se deixa enganar. Apercebe-se do pânico por trás dos seus olhos.

— Fico mesmo contente por vocês.

Sabe que as coisas não têm sido fáceis para Jonas em termos financeiros desde

que se separaram e ele teve de desencantar dinheiro para pagar a parte dela da casa de ambos. Nunca se quis mudar, o que sempre explicou com o facto de os pais viverem a escassos cinco minutos a pé, mas Emilia desconfia de que o verdadeiro motivo seja a sua indolência e a pouca vontade de enfrentar o transtorno. Ainda assim, lembra-se do lampejo de inveja na cara dele quando, há quatro anos, ela e Elliot compraram a casa vitoriana. Tem a sensação de que Kristin não deve ser grande ajuda no plano financeiro, sempre a saltar de um empreendimento para o seguinte.

— Obrigada. — Os olhos azul-claros de Kristin reluzem. — Estou ansiosa por meter mãos à obra na decoração. Acho que o ideal são paredes brancas e chão claro. A luz, sobretudo, é muito especial. Mal posso esperar que a vejas. É fantástico poder escolher finalmente a minha própria casa. Esta... — olha em volta do estreito corredor — ...não é a que eu teria escolhido.

Jonas soergue uma sobancelha e olha para Emilia, mas não diz nada, ainda que esta se sinta tentada a perguntar a Kristin o que é que teria escolhido se, com vinte e três anos e grávida, trabalhasse num jornal local a troco de um salário modesto. Emilia sempre achou que ela e Jonas se tinham saído lindamente ao comprarem uma casa só deles ainda tão novos. Mas Kristin não tivera de se preocupar com nada disso. Na altura andava a passear pela Austrália com um namorado rico com quem toda a gente achava que acabaria por se casar.

— Enfim... — diz Emilia, lançando um olhar crítico ao relógio, muito embora, sem os óculos, na verdade, não consiga ver as horas — ...onde é que está a Jas?

Jonas volta-lhe as costas para gritar para o cimo da escada e Jasmine apressa-se a descer, mochila ao ombro e telemóvel colado ao ouvido:

— Está bem, está bem, eu disse que já ia. — E de seguida, para o telemóvel: — Ligo-te depois, Nance.

Guarda o aparelho no bolso e sacode o cabelo louro da cara. Quando chega ao fundo da escada, enfia os pés num par de grossas sapatilhas brancas que Emilia sempre detestou.

— Então anda lá, querida. Vamos — diz Emilia, pousando um braço nos ombros da filha.

— A tia Ottilie sempre vai lá a casa?

Emilia não consegue evitar um leve assomo de prazer ao ver Kristin contorcer-se com o som do nome dessa amiga em tempos comum. Não que Ottilie alguma vez tenha falado com Kristin nos últimos onze anos. É verdade que as três tinham sido inseparáveis no final da adolescência e na primeira metade dos seus vinte anos, depois de Emilia ter apresentado Kristin a Ottilie, mas Emilia conhece-a desde que, aos onze, ingressaram ambas no mesmo colégio interno frio e rígido, e o laço que as une é de outra fibra. Ottilie nunca perdoou Kristin por ter quebrado

aquilo que sempre designou como o «código feminino».

— Sim, vai, e o avô Trevor também.

Trevor é o pai de Elliot, pelo que, em bom rigor, não é avô de Jasmine, mas ela sempre o adorou, e vice-versa.

— Que tal está a Ottilie? — pergunta Kristin, tentando mostrar-se desinteressada, embora Emilia saiba que esta sempre teve um estranho fascínio por ela. Algo que tende a acontecer com quase todas as pessoas que lhe são apresentadas. Emilia nunca conheceu ninguém como Ottilie.

— Está ótima. Fantástica, na verdade. Tem um namorado novo, mas ainda não o vi. Vive na Alemanha. Conheceu-o quando foi visitar o pai a Hamburgo.

— Que bom para ela.

— E o Elliot vai fazer um assado.

É pueril da sua parte, bem sabe, mas Jonas é um péssimo cozinheiro.

— Ah, o Elliot faz uns assados fantásticos — exclama Jas, para enorme contentamento de Emilia.

— Que bom poder comer batatas assadas — cantarola Kristin, já Emilia está a abrir a porta. — Eu não como hidratos desde 2008.

Jasmine despede-se do pai e de Kristin com um abraço superficial, depois Emilia condu-la pelo pequeno acesso tão depressa quanto humanamente possível no piso gelado e escorregadio, aliviada por voltar para o carro. Céus, mal pode esperar que Jasmine tenha idade para poder conduzir e ela não mais se veja obrigada a encarar a ex-amiga a cada duas semanas.

Jasmine dá um encontrão na porta da frente destrancada, larga a mochila no alpendre ao lado da cara e espalhafatosa bicicleta verde que Elliot está sempre a prometer que vai usar mas nunca usa, galga as portas duplas de vidro que dão para o espaçoso vestíbulo e corre direito à escada. É Emilia quem tem de apanhar a mochila. Não tem energia para obrigar a filha a voltar lá abaixo.

Prepara-se para a levar para a arrecadação quando ouve uma voz feminina vinda daquilo a que chamam a «sala de estar chique», porque no fundo só a usam quando recebem visitas. Tem um sofá de veludo azul-esverdeado de estilo *Chesterfield*, estantes do chão ao teto e não tem televisão. Otilie está sentada na ponta de um cadeirão de veludo dourado na janela de sacada, ainda com o casaco e o chapéu brancos de pele falsa, cabelo a derramar-se pelos ombros. Parece uma rainha da neve. Elliot está no sofá, copo de vinho na mão. Quando Emilia entra, levanta-se e pede licença para ir tratar do jantar, aliviado por poder raspar-se dali. Emilia sabe que o marido tem dificuldade em fazer conversa de circunstância, mesmo com Otilie, que quase não lhe dá oportunidade de dizer uma palavra.

— Mils — guincha Otilie ao vê-la.

É a única pessoa que a trata assim, uma reminiscência dos tempos da escola, quando todos a tratavam por Milly. Levanta-se de um salto e catapulta-se para os braços de Emilia. Cheira a ar puro e a perfume caro. Não se viam há mais de um mês, mas mesmo que tivesse sido ontem Otilie tê-la-ia saudado assim.

Emilia ri-se.

— Que tal estava Hamburgo e quando é que vou conhecer esse namorado novo?

— Fabulosa como sempre, e em breve. Prometo. Chama-se Stefan e desta vez estou mesmo empolgada.

Emilia não lhe faz notar que é sempre assim. A verdade é que não percebe porque é que os relacionamentos de Otilie nunca resultam, tirando o facto de a amiga reconhecer que é ferozmente independente e se recusar a alterar seja o que for no seu estilo de vida para se moldar a outra pessoa.

— A cama do quarto de hóspedes está feita, se quiseses cá ficar — diz, pegando no casaco e no chapéu de Otilie, que ficam a pender-lhe do braço como

uma raposa-do-ártico.

— Obrigada, mas depois apanho um Uber para casa.

Embora viva na Alemanha, o pai, Charles, teve a sensatez de, no final da década de 1970, comprar um apartamento em South Kensington, que Otilie agora lhe arrenda por uma ninharia na condição de ele poder ficar com ela quando vem ao Reino Unido.

— O meu pai está neste momento refastelado sob o sol indonésio com a sua amiguinha mais recente.

Revira os olhos, mas Emilia sabe que aquilo a magoa. A mãe de Otilie morreu ainda ela era pequena, e a amiga sempre ansiou por uma figura maternal, algo que nunca encontrou em nenhuma das mulheres mais novas que se foram sucedendo na vida do pai.

— Quando é que o Trev chega?

Otilie é a única pessoa autorizada a chamar «Trev» ao pai de Elliot, provavelmente por Trevor estar um nadinha apaixonado por ela. A mãe de Elliot morreu há já oito anos, e embora Emilia e Elliot desconfiem de que Trevor tenha tido namoradas, nunca teve uma relação séria. Gosta de ir jantar com eles pelo menos uma vez por mês, mas sempre sozinho.

Emilia olha para o relógio.

— Daqui a uma meia hora. O melhor é eu ir mudar de roupa.

Otilie traz um vestido verde-esmeralda à moda da década de 1930, com uma corrente de brilhantes à cintura. Parece uma estrela de cinema, e Emilia sente-se subitamente mal vestida nas suas calças de ganga de corte masculino e camisola largueirona, mesmo tendo posto uma camada adicional de maquilhagem para ir buscar Jasmine.

Elliot reaparece com um copo de vinho para ela.

— Olá, lindeza. Que tal está a Jasmine?

Estende-lhe o copo.

— Foi direito ao quarto para tagarelar com a Nancy — explica ela, aceitando o vinho e dando-lhe um pequeno gole.

— Tal como nós na escola — diz Otilie. — Lembras-te daquela vez em que a Mrs. Maynard nos expulsou da sala porque não nos calávamos?

Elliot soergue uma sobancelha.

— Porque será que isso não me surpreende?

— Era um acontecimento recorrente — ri-se Emilia. — Bom, tenho de me ir arranjar.

Bebe mais um pouco de vinho, depois devolve o copo a Elliot. Antes de se encaminhar para a escada, vai primeiro ver de Wilfie. O filho está sentado no sofá da cozinha a ver uns desenhos animados ao mesmo tempo que folheia uma *Beano*.

— O avô está quase a chegar — diz, revolvendo-lhe o cabelo.

Wilfie solta um resmungo.

— Vai ser só conversa chata de adultos.

— Já te esqueceste de que o avô trabalhou na polícia quando o teu pai era pequeno? Podes perguntar-lhe sobre isso.

Nessa semana, Wilfie decidiu que, quando crescer, quer ser agente da polícia, como Louise, a mãe de Toby. No mês passado ia ser bombeiro.

— Ainda no outro dia quis perguntar à mãe do Toby, mas ela não estava.

— A mãe do Toby nem sempre pode aparecer. Sabes disso.

Louise tornou-se uma boa amiga de Emília desde que o seu filho entrou para a escola, no segundo ano, e tem sido uma ajuda inestimável no último livro da coleção Miranda Moody. Mas trabalha até tarde, pelo que geralmente é Frances, a sogra, quem vai buscar o neto à escola e o leva a casa dos amigos para brincar.

Wilfie solta um longo suspiro.

— Está bem. Pergunto ao avô. Mas ele agora já é velho. E se não se lembrar?

Trevor tem sessenta e dois anos. Não é propriamente velho. E está em melhor forma do que ela, corre regularmente meias-maratonas. Emília ri-se.

— Acho que ainda deve estar bem lembrado.

Beija o filho no alto da cabeça e diz-lhe que se vai arranjar.

Corre lá acima ao quarto e abre o roupeiro de par em par, pegando nalgumas peças de roupa que larga em cima da cama. Decide-se por umas calças cinzento-acastanhadas que lhe disfarçam a barriga e um *top* de seda preta que favorece o seu peito generoso, depois dá uma escovadela rápida ao cabelo louro-escuro.

Vem a descer a escada quando vê Trevor de pé no alpendre, tentando não derrubar a bicicleta de Elliot enquanto roda o puxador das portas interiores de vidro. Traz uma leve camada de geada nos ombros da gabardina azul-marinho e tem o nariz vermelho. Sorri-lhe e estende-lhe um embrulho.

— Estava ali pousado no alpendre — diz quando Emília lhe pega. — Já te disse várias vezes que devias ter a porta da frente trancada.

— Tranco sempre as portas interiores de vidro.

— Pois, mas agora não estavam trancadas. Podia ter entrado por aqui adentro à vontade. E o vidro é fácil de partir.

Emília revira os olhos com um ar galhofeiro.

— Vê-se mesmo que é um segurança a falar.

Ele remexe-se de um pé para o outro.

— Tem havido alguns assaltos nesta zona. A loja ainda o mês passado foi arrombada.

Trevor é segurança na Currys, um emprego que adora porque, como ele diz, o faz sentir-se útil.

— A loja fica em Brentford.

— Emília... — volve ele com um suspiro exasperado.

— Está bem. — Emilia ergue as mãos. — Percebo onde quer chegar. E tranco a todas as noites. Mas durante o dia, sabe como é... com toda a gente a entrar e a sair... E a bicicleta do Elliot é tão feia que ninguém há de querer surripia-la.

Larga a caixa na mesa do vestíbulo, ao lado dos lírios brancos que lhe enviaram há uns dias. O cartão não trazia nada escrito, e Emilia presumira que fora a sua agente, ou mesmo a editora, a enviar-lhe as flores — embora ambas lhe tivessem dito que não.

Trevor despe a gabardina e pendura-a no bengaleiro.

— Constou-me que a divina Otilie também estaria presente esta noite.

— Ora, deixe-se de falinhas-mansas. Sabe bem que ela é demasiado nova para si!

— O que são vinte e cinco anos?

Pisca-lhe o olho e passa a mão pelo ralo cabelo branco. Ficara completamente grisalho a seguir à morte de May, a mãe de Elliot.

— Oh, Trev, sabe que é o meu homem preferido — diz Otilie, emergindo da sala de estar.

Abraça-o, depois enlaça o braço no dele e deixa-se conduzir pelo ladrilhado vestíbulo vitoriano até à cozinha, como dois atores numa noite de estreia. Emilia prepara-se para os seguir quando Jasmine desce a escada — está visto que o aroma do assado já se espalhou pela casa.

— Estou a morrer de fome. Em casa do pai nunca há nada para comer a não ser salada e uns pastéis de arroz nojentos. Ah, isso é a minha encomenda?

Jasmine passa por ela sem se deter, a cheirar a pastilha elástica de menta e a melancia, a sua fragrância preferida da Body Shop. De rosto cintilante, pega no embrulho.

— Encomendei uns cadernos novos na Amazon. — É obcecada por artigos de papelaria. Mas depois faz um ar desalentado. — Oh, é para ti.

Volta a largar a caixa na mesa e arrasta-se pelo vestíbulo para ir juntar-se aos outros na cozinha. Ouve o estouro de uma rolha, seguido do riso de Otilie.

Emilia pega no embrulho. Não é da sua editora, porque no destinatário está o seu apelido de casada, Rathbone, em vez de Ward, o seu apelido de solteira e pseudónimo literário. A última coisa que encomendou foi nos saldos, um novo *top* que já chegou há algum tempo, foi usado uma vez e logo descartado, pois tratara-se de uma compra impulsiva. Não resiste à curiosidade e rasga o embrulho. Lá dentro está outra caixa, azul-real com um brasão na tampa, como se tivesse vindo de uma joalharia. Talvez seja uma surpresa de Elliot, ainda que não lhe ocorra porquê. Dá por si a pensar se terá deixado escapar algum aniversário, mas não. Conheceram-se em novembro e casaram-se em junho. Retira cuidadosamente a caixa azul da embalagem de cartão. Pesa pouco. Intrigada, levanta a tampa. Lá dentro, acondhecada em papel de seda, está uma gaivota de cerâmica. É bastante

feia e tem um ar reles, o tipo de coisa que se encontra em lojas de caridade ou quermesses. Não numa joalheria. Muito menos numa com um elegante brasão prateado estampado numa caixa azul-real. Emilia fica a olhar para o objeto, desconcertada. Depois agarra nele, mas a sua mão retira apenas o corpo. A cabeça continua pousada no papel de seda, decepada pelo pescoço. Emilia verifica o interior da caixa, depois o embrulho, à espera de encontrar um cartão. Mas não há nada.

A inspetora Miranda Moody tem aversão a gaivotas. É um tema recorrente ao longo dos dez livros. Emilia volta a examinar o embrulho e o seu coração acelera. Não há qualquer selo dos correios. Parece ter sido entregue em mão.

E, apesar do calor que emana do grande radiador antigo, sente um calafrio.

Assisto, com nojo, ao mergulho impiedoso de uma gaivota que, junto à costa, engole um peixe de uma assentada. Abomino estas criaturas. Parasitas dos céus, era como a minha mãe lbes chamava. É com alívio que a vejo desaparecer por entre as nuvens. Acendo um cigarro e dou-lhe algumas passas. O sol já se pôs, lançando uma luz ocre matizada sobre a superfície cinzenta das águas e listrando o céu em vários tons de laranja. A cena que acabei de deixar para trás ainda me atormenta. Como pode o mundo ser ao mesmo tempo tão belo e tão hediondo?

— *Aqui tem, senhora inspetora — diz Saunders junto ao meu ombro, estendendo-me um café.*

— *Obrigada.*

Agarro no copo. Ele dá um pequeno salto para se sentar a meu lado no muro. Com trinta e cinco anos, é vinte e dois anos mais novo do que eu e pouco mais velho do que o meu filho, e a maior parte do tempo dá-me cabo da paciência, mas neste momento sinto-me confortada pela sua presença. Dou um gole no café aguado e fito o céu cada vez mais escuro. O vento sopra com mais força, rodopia junto aos meus tornozelos, e aperto o copo nas mãos à procura de calor.

— *Nem acredito que ele voltou — diz Saunders.*

— *Bem sei.*

— *Passaram-se... Quanto tempo disse que foi? Quinze anos?*

— *Dezasseis. Quase exatos. A última vítima data de fevereiro de 2005.*

O primeiro homicídio dera-se há vinte e cinco anos. Eu tinha então trinta e dois e acabara de ser promovida a sargento. Foi um dos casos mais célebres e frustrantes em que alguma vez trabalhei. O indivíduo tinha matado sete mulheres — tanto quanto sabíamos — ao longo de um período de oito anos sem nunca ser apanhado, e depois como que se evaporara.

— *Será mesmo ele? — prossegue Saunders. — Passado tanto tempo?*

Já falámos disto. Sei que Saunders está a falar só por falar. Sempre que há um silêncio, Saunders preenche-o. Embora, como disse, esta noite me sinta grata pela distração. Nada me fez sentir mais fracassada do que a minha incapacidade para resolver este caso. O sentimento de culpa perante todas as mulheres que morreram às mãos desse sacana ainda hoje me tira o sono.

Saunders toca nas pontas do seu cabelo negro e eriçado, a que o gel dá um aspeto rígido. Fita o mar com um ar perplexo, como se pudesse encontrar aí as respostas.

Está prestes a abrir a boca outra vez quando o interrompo.

— Para ser franca, tinha esperança de que tivesse morrido. Mas isto significa que pode ter passado este tempo na prisão. Temos de investigar toda a gente que tenha sido libertada nos últimos tempos. Quem quer que tenha sido preso há dezasseis ou dezassete anos. A seguir à morte da última vítima.

— Belinda Aberdale — declara Saunders num tom solene, como se fosse possível ter-me esquecido daquilo que eu própria lhe contei.

Em 2005 ainda ele não tinha concluído os estudos. E os nomes das sete vítimas ficaram-me gravados na memória. Ainda me lembro do rosto sardento de Belinda como se fosse ontem. O seu cabelo escuro, os seus olhos azuis, o seu sorriso ligeiramente torcido. Tinha quarenta e dois anos. Esposa, mãe, irmã, filha.

— Acha que pode ser algum imitador?

Eu própria tinha pensado nessa hipótese quando estávamos no andar de cima da casa e Celia nos mostrou a marca gravada na pele. É um desenho tosco, intrincado mas feito à pressa, sangrento. Tal como os anteriores. Faz lembrar a cabeça de um inseto — foi o meu chefe da altura, o inspetor-chefe Charles Bentley-Gordon, que optou por chamar-lhe louva-a-deus, e o nome ficou mesmo depois de ele deixar a polícia.

— Acontece que nunca divulgámos o pormenor das marcas de inseto — respondo. Apago o cigarro no muro e dou mais um gole no café. — Essa informação nunca foi transmitida ao público nem à imprensa. — Solto um suspiro. — Não, acho que é o mesmo assassino. Tem de ser.

Salto do muro, fazendo ranger os seixos que cobrem a praia, e dirijo-me novamente para a casa, onde Celia deve estar a concluir o seu trabalho. Saunders trata de me seguir.

— Fique aqui — digo-lhe quando chegamos à casa. — Não me demoro.

Ele anui com um aceno de cabeça e fica a conversar com os dois agentes de guarda ao local.

Vou a subir a escada no preciso instante em que Celia vem a sair do pequeno estúdio, expressão grave no rosto.

— Ah, estás aí — diz ela ao ver-me. — Podes vir comigo? Preciso de te mostrar uma coisa que me parece importante.

É terça-feira de manhã e Emilia está no seu escritório no sótão de casa. Hannah vai ligar-lhe às dez horas e ela não consegue relaxar enquanto não falar com a editora. Continua preocupada com o que esta possa dizer sobre o seu último livro.

Tenta manter-se ocupada, pegando sem grande entusiasmo na pilha de papéis amontoados em cima do teclado — em que se incluem os cartões de aniversário de há seis semanas, que gosta de guardar — e enfiando-a numa caixa por baixo da secretária. Devia mesmo dar ali uma arrumação. O resto da casa está imaculado, mas o escritório é onde pode ser fiel à sua natureza desarrumada. Elliot e os miúdos nunca lá entram, graças a Deus. Uma vez, quando Elliot entreviu a confusão do patamar da escada, gracejou dizendo que parecia que tinham sido assaltados. «Não percebo como é que consegues trabalhar numa pocilga dessas», dissera-lhe na altura, e várias vezes desde então. Talvez seja uma reminiscência do tempo em que escrevia no seu apartamento minúsculo, rodeada por toda a parafernália de Jasmine, antes da sua nova vida com Elliot, mas sente que há algo reconfortante naquela bagunça.

Agora está de pé no meio do escritório, a examinar o espaço: a secretária a transbordar de livros e papéis, uma caneca de café que começou a criar bolor no fundo, o tripé com anel de luz encostado a um canto, a bicicleta estática que comprou durante o confinamento mas raramente usou, exceto para pendurar no selim roupa destinada à loja de beneficência. Na prateleira por cima da secretária está a caixa com a gaivota decapitada. Devia tê-la deitado fora, e não percebe o que a levou a guardá-la. No domingo à noite, quando recebeu a encomenda, ficou bastante abalada. Não quis falar do assunto ao jantar, diante dos miúdos, mas quando Jasmine e Wilfie acabaram de devorar a comida e se raspam da mesa, Otilie tinha-se voltado para ela e perguntado:

— Que se passa, Mils? Tens estado toda a noite alheada.

Foi então que lhes contou do estranho «presente».

— Quer dizer que o deixaram simplesmente ali no alpendre? — perguntou Otilie, franzindo o sobrolho. — Do lado de dentro da porta?

Quando ela fez que sim com a cabeça, Trevor lançou-se em mais um sermão sobre medidas de segurança e a importância de não deixar ninguém ter acesso ao

alpendre. Ottilie engoliu mais um longo gole de vinho, a cabeça inclinada para o lado como se estivesse a assistir a uma peça de teatro.

— Aposto que é algum fã obcecado pelos teus livros — disse ela com um aceno displicente da mão que quase derrubou um copo de vinho. Ficava sempre mais animada depois de ter bebido uns quantos. — Talvez a gaivota se tenha partido nos correios.

— Enerva-me que saibam onde vivo — disse Emilia, recostando-se na cadeira.

— Não há de ser difícil descobrir no Registo Predial.

— Mas não o meu apelido de casada. Não sei. Sinto que isso torna a coisa mais pessoal.

— Acho que não me preocupava muito com isso, amor — disse Elliot, servindo-se de mais um pouco de vinho. — Ainda é por causa do que aconteceu na sexta-feira?

E então, claro está, Trevor e Ottilie tinham querido saber o que acontecera na sexta-feira, pelo que Emilia tivera de lhes contar do falso alerta de bomba, e de como a situação se assemelhava a uma cena do seu romance de estreia.

Trevor dera-lhe uma palmadinha tranquilizadora na mão.

— Não passa de uma coincidência, só isso. É impossível alguém conseguir orquestrar uma trama dessas à hora exata a que tu vais no autocarro.

E abanara a cabeça, como que a indicar que estava tudo dito. O mesmo homem que ainda há pouco a repreendera por causa da porta da frente destrancada. Mas Trevor era assim mesmo. Emilia sempre o achara um pouco contraditório e nem sequer gostara muito dele quando, dez anos antes, lhe fora apresentada. Parecera-lhe algo rude, ligeiramente dominador em relação a May, que adejava à sua volta como se ele fosse um rei e ela uma mera súbdita. Elliot rira-se quando Emilia lhe confessara isso mesmo.

— A minha mãe adora tratá-lo assim — tinha ele dito. — Fá-la sentir-se útil agora que eu já não vivo lá em casa, e eles adoram-se um ao outro.

Elliot era filho único, e May contara-lhe em tempos que sempre quisera ter mais, mas que, após uma sucessão de abortos espontâneos, o desgaste emocional tornara-se demasiado e tinham acabado por desistir. Aos cinquenta e seis anos, um ano depois de ver o único filho casar-se e escassos meses após ter segurado nos braços o seu primeiro neto, a mãe de Elliot morrera subitamente de um aneurisma. «Nunca achei que ele assentasse, o meu menino», dissera ao abraçar Emilia no dia do casamento. «Teve alguns namoros sérios, mas sempre disse que não era pessoa para se casar. Até te conhecer a ti. Tu mudaste-o.»

Foi só depois da morte de May que Emilia se deu conta da intensidade do amor de Trevor pela falecida mulher. Ficou perdido sem ela, e a sua morte diminuiu-o. Mergulhou numa depressão que durou quase um ano.

Emilia e Elliot tinham-no encorajado a vender a casa da família no Devon e a

mudar-se para mais perto deles. Foi preciso alguma persuasão, mas Trevor lá acabou por comprar um apartamento em Isleworth e arranjou emprego como segurança em Brentford. Empenhou-se em ser um bom avô para Jasmine e Wilfie e, com o passar dos anos, também Emilia se afeiçoou a ele. Era evidente o quanto adorava o filho e os netos — o que era mais do que ela podia dizer dos seus próprios pais, a quem só via ocasionalmente, embora vivessem apenas a cerca de uma hora de distância, em Guildford. Dava muitas vezes por si a desejar ter com os seus pais a mesma ligação que Elliot tivera com os dele.

Trevor tinha qualquer coisa de tranquilizador — tal como Elliot. Havia qualquer coisa nas suas personalidades calmas e ponderadas que fazia Emilia sentir-se segura. Ainda assim, nessa noite, depois de Ottilie e Trevor terem saído, deu ouvidos às palavras do sogro e trancou todas as portas.

O seu telemóvel ganha vida em cima da secretária e o estômago de Emilia dá uma cambalhota. Deita prontamente a mão ao aparelho.

— Pronto. Tenho de reconhecer. Resulta — diz Hannah sem qualquer preâmbulo, como é seu hábito.

Emilia solta um suspiro de alívio ao mesmo tempo que, de telemóvel preso entre o queixo e o ombro, tira uma pilha de papéis de cima da cadeira para se poder sentar.

— Quer dizer que não te importas que fique assim?

— O livro é teu. Desde que tenhas consciência de que não há volta a dar. Depois de a matares, a Miranda não pode ressuscitar num livro posterior. A coleção acaba aqui. Mas pelo menos a protagonista faz uma saída em grande.

Emilia recosta-se na cadeira e fica a contemplar o jardim através da claraboia. Dali de cima consegue ver o vulto de Elliot a andar de um lado para o outro no seu escritório exterior, separado da casa. Será mesmo isto que quer? Mas está com trinta e oito anos: tem sido cautelosa com o dinheiro e sabe que tem como sobreviver se a sua carreira entrar em queda livre.

— Parece-me a decisão certa — declara. — É tempo de avançar. Quero escrever sobre outra coisa. Uma coisa diferente. Vou ter saudades da Miranda, mas...

— É um final emotivo — atalha Hannah. — A morte dela. Comoveu-me.

— Oh. Isso é bom.

Emilia sente um aperto no coração. Tinha chorado ao escrever esse último capítulo com a morte de Miranda, a primeira vez que chorava com algo que escrevera. Mas Miranda fora tudo o que tinha querido que ela fosse e, ao matá-la, sentira que uma parte de si morria também.

Olha em volta para as capas emolduradas que adornam as paredes rosa-velho do seu escritório, e tem um sentimento de realização tingido de preocupação e culpa. Procura tranquilizar-se com a ideia de que fez o que tinha a fazer: a história

ganhou vida própria e não há como voltar atrás. Sente-se sempre algo perdida depois de entregar um livro, incapaz de começar a pensar no seguinte, a última história ainda a pairar à sua volta, como um sonho recente de que não consegue libertar-se. Já sente a falta de Miranda, e a dúvida instala-se. E se estiver a cometer um enorme erro?

— Envio-te as minhas anotações logo que possa. Mas há de ser pouca coisa, está tudo muito bem conseguido. Parabéns, Emilia. O enredo é muito engenhoso. Estou impressionada.

Uma onda de culpa abate-se sobre Emilia. Se ao menos Hannah soubesse a verdade.

Emilia pega na caixa com a gaivota decapitada e sai do escritório, fechando firmemente a porta atrás de si. A divisão fica na zona mais alta da casa, no sótão reconvertido e ao lado do quarto de hóspedes. Vê um pombo a passear-se sobre a enorme trapeira, as suas patitas a tamborilar no vidro. Desce a escada estreita que conduz ao patamar principal e, assim que chega à cozinha, no piso térreo, atira a gaivota para o caixote do lixo, ao mesmo tempo que pergunta a si própria porque é que não o fez assim que a recebeu.

Prepara um café instantâneo para Elliot, enfia o casaco e uns sapatos e atravessa o relvado coberto de geada em direção ao escritório dele no jardim. Construíram-no a meio do primeiro confinamento, para que Elliot tivesse um sítio sossegado onde trabalhar (embora atualmente vá ao escritório central, em Londres, três vezes por semana). Cheira sempre a madeira e a equipamento elétrico e, ao contrário do dela, está meticulosamente arrumado. Em cima da secretária há uma fotografia deles os dois no dia do casamento e outra com os quatro numa viagem a Land's End quando Wilfie tinha apenas quatro anos. Estão todos a fazer caretas e a apontar para o letreiro, e a imagem deixa sempre Emilia de coração alegre. Quando começou a sair com Elliot, este nunca se mostrou incomodado com o facto de ela já ter uma filha de quatro anos, como Emilia imaginara que aconteceria, e tratava Jasmine como se fosse sua.

Entra e ele ergue o olhar. Fica-lhe tão bem aquela camisola canelada de gola alta. O cabelo escuro e ondulado já precisa de um corte, e está espetado como se ele tivesse acabado de lhe passar as mãos. Tem os óculos de ler postos; fazem-no parecer o Patrick Dempsey.

— Obrigado, lindeza — diz ele com um sorriso quando ela lhe estende o café na sua caneca preferida, uma que diz «Super-Pai», presente de Wilfie no Dia do Pai do ano anterior.

Bebe um longo gole e depois pousa-a. Emilia nunca deixa de se espantar com a sua capacidade de ingerir líquidos que ainda estão a escaldar.

Conta-lhe a conversa que acabou de ter com Hannah e o rosto dele ilumina-se.

— Quer dizer que está feito? É o fim da Miranda?

— Parece que sim. Não faço ideia do que vou escrever a seguir, mas estou

empolgada por ser uma coisa diferente.

— Pelo menos agora tens um tempinho de folga. Quando é que vou poder lê-lo?

— Assim que a Hannah mo devolver. Portanto, ainda não é já.

Sente que a ansiedade se apossa dela sempre que relembra o ano anterior e a dificuldade que teve em escrever o livro. Reprime o mal-estar e muda de assunto.

— Em que é que estás a trabalhar?

Posiciona-se junto ao ombro dele e olha com atenção para os vários ecrãs de computador alinhados à sua frente. O marido passa-lhe o braço pela cintura. São três ecrãs, todos eles com imagens diferentes. Elliot é um artista brilhante, talento herdado de Trevor e já transmitido a Wilf.

— Embalagens. Qual é que preferes?

Emilia olha para as três caixas de cereais, todas com diferentes cores e tipos de letra.

— Esta — diz, apontando para a da esquerda. — Gosto do cor de laranja.

Ela aperta-lhe suavemente a cintura.

— Também é a minha preferida, embora a decisão seja do cliente. Agora vai. Preciso de continuar. Lá por não teres nada que fazer agora que entregaste o livro... — graceja.

Emilia debruça-se para lhe dar um beijo, depois volta a entrar em casa. Parece-lhe grande e vazia: prefere vê-la cheia, como na noite de domingo, com os miúdos, amigos, família. A casa dos seus pais estava sempre tão silenciosa. O pai era da Força Aérea, por isso estavam sempre a mudar-se, mas quando Emilia ia para casa, onde quer que estivessem a viver na altura (e podia variar da Escócia à Cornualha), a sensação que tinha era de que nunca aparecia por lá mais ninguém, nenhum familiar, nenhum primo, tio ou tia. No essencial, detestara o colégio interno, em que a única animação era Ottilie, mas ainda assim era melhor do que estar em casa com uma mãe que parecia sempre desiludida com a vida que levava e um pai que tentava passar despercebido por entre a mobília.

Agarra na bolsa. Faltam umas horas até ter de ir buscar Wilfie, e Jasmine vai para casa da amiga a seguir às aulas e só volta depois do jantar. Decide ir passear a Richmond, dar uma vista de olhos pelas lojas. Wilfie cresceu de repente nos últimos tempos e está a precisar de mais camisas para a escola. Embora Elliot esteja no jardim, Emilia lembra-se das palavras de Trevor e tranca a porta da frente. Aconchega-se no casaco e puxa o capuz para cima ao sentir uns chuveiros.

Está a descer a encosta quando sente o telemóvel vibrar no bolso do casaco. É uma mensagem de Louise: *Confirmado para amanhã à noite? Já faz um tempão!*

Continua a andar enquanto responde: *Mal posso esperar! Sítio do costume à mesma hora?*

Louise também não tarda a responder: *Sim! Cheeeeeia de vontade de te ver.*

Emilia está a sorrir quando volta a guardar o telemóvel no bolso. Louise é alguns anos mais nova, mas assim que ela se sentou a seu lado nesse primeiro encontro matinal de pais no átrio da escola, a soprar a franja escura do rosto em forma de coração, ao mesmo tempo que gracejava: «Porra, que primeiro dia este! Será que ainda é muito cedo para um *gin* tónico?», Emilia percebeu que ia gostar dela. De calças largueironas e camisola grande de mais com um *terrier* escocês estampado na parte da frente, era uma lufada de ar fresco depois de algumas das mãos emproadas que conhecera: só falavam dos problemas com as amas das crianças, ostentando o seu privilégio como quem exhibe o cachecol preferido. Emilia nunca conseguira entrosar-se com elas, como se soubessem que não passava de uma impostora apesar do sotaque que adquirira no colégio.

Assim que ela e Louise começaram a falar, perceberam que tinham um fascínio mútuo pelo trabalho uma da outra, e passaram o resto da manhã a ignorar os demais. Emilia tinha gostado tanto de Louise que sugerira que fossem tomar um copo e, nos dois anos desde que se tornaram amigas, tentam encontrar-se para jantar sempre que os turnos de Louise o permitem, o que geralmente acontece de dois em dois meses. Emilia sempre tivera facilidade em fazer amigas. Tenta ser cordial, aberta e sociável (o oposto dos pais), mas o que aconteceu com Kristin abalou-a e agora é mais cautelosa, preferindo encontrar-se com Louise sozinha. Nem mesmo Elliot a conheceu, embora isso se deva sobretudo ao facto de, sendo solteira, Louise preferir que estejam só elas as duas. Emilia percebe que assim seja. Quando ela e Jonas se separaram, também não gostava de conviver com casais, e o ex de Louise, Mike, dá todo o ar de ser um pesadelo que — ao que Louise lhe conta — se furta às responsabilidades parentais descarregando-as em cima da sua própria mãe, uma personagem autoritária.

Ainda está a pensar em Louise quando repara num vulto familiar a sair de um pequeno restaurante francês junto ao parque. É Jonas, de ar garboso num sobretudo cor de camelo por cima do fato de executivo. Está acompanhado por uma morena muito atraente que é pelo menos dez anos mais nova do que ele. A mulher traz um vestido justo e uns saltos tão altos que Emilia se espanta que ela consiga sequer andar. De coração acelerado, para à sombra de uma loja. Nunca se tinha cruzado com o ex-marido em Richmond — o escritório dele fica em Moorgate —, mas já avistou Kristin uma ou duas vezes e fingiu não a ter visto. Agora não sabe o que fazer, como se comportar.

Consegue ouvir o riso da morena, tão claro e sonoro como um garfo a tilintar no vidro, e assiste, hipnotizada, enquanto a mulher enlaça o braço no de Jonas e se encosta a ele. É um gesto íntimo e, apesar de tudo, Emilia sente uma ponta de compaixão por Kristin: se aquilo não é um caso amoroso, é claramente mais do que uma amizade. Fica a observá-los quando param na esquina e Jonas se debruça para a beijar na face, após o que recua e enfia as mãos nos bolsos. A mulher ri-se

outra vez, estende a mão e afaga-lhe suavemente o rosto antes de se afastar. Jonas fica alguns segundos parado a olhá-la, até ela contornar uma esquina e desaparecer de vista. Emilia decide emergir da sombra precisamente no instante em que Jonas está a atravessar a rua e, quando os seus olhares se cruzam, é com satisfação que vê o rubor subir-lhe à cara.

— Olá — diz-lhe assim que ele sobe para o passeio. — Quem era aquela?

— Ah, só uma... hum... uma cliente — explica Jonas, a olhar para os pés.

— É muito bonita.

Ele endireita bruscamente a cabeça e Emilia vê-a. A culpa nos seus olhos.

— Oh, Jonas.

A culpa desapareceu, agora a sua expressão é fechada, defensiva.

— O que foi?

— Não sou fã da Kristin, mas pensei que a amavas.

— E amo.

— Vão comprar uma casa em conjunto.

Ele remexe os pés.

— Ouve. — Pega-lhe no braço e afasta-a da trajetória dos empregados de escritório a caminho do parque. Baixa a voz. — Por favor, não fales disto a ninguém. Não se passa nada. É apenas um namorico inofensivo, só isso.

— Foi assim que começou com a Kristin. Já alguma vez a traíste?

— Claro que não.

Emilia sempre achara que Jonas lhe tinha sido fiel até a ter trocado por Kristin. Convencera-se de que fora o charme dela, a sua magia, que o enfeitiçara, o transformara. Mas agora dá por si a pensar se Kristin teria sido a primeira. Claramente, o amor de uma mulher deslumbrante não é suficiente para ele. Pensa em Elliot, no seu escritório caseiro, debruçado sobre ilustrações de pacotes de cereais, e sente-se tão grata que tem vontade de chorar. Há muitos anos que o sabe, é claro, mas Jonas fez-lhe um enorme favor. Se não tivesse sido Kristin, teria sido outra qualquer.

— É só que... às vezes, sinto-me entediado — diz ele, tão baixinho que Emilia mal o consegue ouvir. Fita-a com um ar suplicante. — Não quero magoar ninguém.

Emilia fica a olhar para ele, incrédula com o inusitado momento de sinceridade. E tem um breve vislumbre do rapaz que conhecera em caloiro, há quase vinte anos. Por instantes, lembra-se do que sentiu quando ele a convidou para sair. A ela, Emilia Ward, que nunca se sentira tão amada, tão especial, tão atraente como as outras. E que estava tão desesperada por amor, por afeto, que ignorou todos os sinais de alerta: as noitadas, os namoricos «inofensivos» com todas as mulheres atraentes. Otilie tinha-lhe dito que não confiava muito nele, mas Emilia recusara-se a ouvir. Estava enamorada.

Solta um suspiro.

— Mas a verdade é que magoas. Magoaste-me a mim e agora vais fazer o mesmo à Kristin. Para que é que te casas se é isso que sentes? E o pior é que... — reprime a fúria — ...não só me magoaste ao trair-me, como destruístes uma amizade.

— Lamento muito, a sério que lamento. Se pudesse voltar atrás...

Tem um ar perdido, ali espicado, a ponta do nariz vermelha com o frio, e, apesar de tudo o que se passou, Emilia sente pena dele. Talvez consiga meter-lhe algum juízo na cabeça. Impedi-lo de fazer a Kristin aquilo que lhe fez a ela. Está a começar a chover, de modo que decide quase sem pensar.

— Tens tempo para um café? — dá por si a perguntar-lhe.

Passam quase uma hora enfiados numa pequena cafetaria que cheira a chapéus de chuva molhados e a café, onde têm, pela primeira vez em anos, uma conversa franca. Ele confessa-lhe a sua frustração com Kristin e com as suas constantes mudanças de carreira, com o facto de contribuir pouco em termos financeiros e de ser exigente.

— Sabes, gosto da casa de Twickenham. A prestação é perfeitamente comportável. Mas agora vamos ter de fazer um esforço tremendo.

Emilia beberica o seu *cappuccino* enquanto ele fala.

— Percebo que ela não queira viver numa casa que foi de outra mulher.

— Não vives lá há dez anos. Já não se pode dizer que seja a casa de outra mulher.

— Percebeste o que eu quis dizer. Fomos nós os dois a escolhê-la. Ouve, tens de ser inteiramente franco com ela. Como eu e o Elliot somos um com o outro.

— A sério? — Jonas soergue uma sobancelha. — Quer dizer que lhe vais contar que estiveste a tomar café com o teu ex-marido?

— Claro. Porque é que não havia de contar? Não tenho nada a esconder.

Ele fita-a por instantes, depois abana lentamente a cabeça.

— És boa pessoa, Em. E lamento imenso a forma como te tratei, lamento mesmo.

Emilia cora e diz-lhe que agora tudo isso são águas passadas.

Ele afasta a caneca de café americano de que bebeu apenas metade.

— E quando é que vou poder ler o teu livro? Tem de haver alguma regalia no facto de ser ex-marido de uma escritora policial.

Emilia sabe que Elliot acha estranho ela deixar Jonas ler antecipadamente os seus livros, mas ele sempre a apoiou na sua escrita, mesmo depois da separação. Tal como Kristin, apesar de todos os seus defeitos.

— Envio-to por *e-mail* assim que terminar as correções.

Sorve o resto do *cappuccino*.

— Ótimo. Mal posso esperar por saber como é que matas a Miranda.

Conversam mais um pouco, até que Jonas tem de voltar para o escritório. Depois de comprar as camisas de Wilfie, Emilia volta a subir a colina a pensar em Jonas e na conversa que acabaram de ter. A pega do saco de plástico vai a magoar-lhe o pulso, e sente-se aliviada ao chegar a casa.

A chuva deu-lhe tréguas durante a caminhada, mas as nuvens cor de aço estão com um ar ameaçador. No pequeno talhão de relva que ladeia o acesso à casa há uma árvore cujas flores ainda não desabrocharam. Foi plantada por Elliot quando se mudaram para ali, e ainda tem muito para crescer. Os ramos parecem nus e desolados sem a sua penugem floral. Ao passar por ela, Emilia vê qualquer coisa a balouçar num dos ramos mais altos. A sua visão já não é o que era, pelo que semicerra os olhos, mas mal se aproxima um pouco mais percebe de imediato — pelos longos cabelos amarelos e eriçados, o corpo rígido e a cara enrugada — do que se trata. O boneco de um *troll*. Pendurado pelo pescoço com um pedaço de cordel. Emilia estaca e, com a cabeça a ferver, fica uns segundos a observá-lo, a balouçar delicadamente ao vento. Teria sido ali deixado na mesma altura que o embrulho? Não dera por ele ainda há pouco, ao sair de casa. O contentamento que sentira depois do café com Jonas extingue-se mais depressa do que um fósforo molhado.

Os bonecos de *trolls* são do segundo livro de Miranda Moody, *O Cartão de Visita*, sobre um assassino em série que os deixava pendurados nas árvores.

Depois de ter assassinado as suas vítimas.

Elliot.

Emilia contorna a casa a correr, direito ao jardim e ao escritório do marido. Não o vê através das portas de vidro, mas ainda assim abre-as com um puxão. Ele não está, e ela fica especada à entrada, confusa. Elliot jamais sairia deixando a porta do escritório destrancada, o seu equipamento é demasiado dispendioso. A caneca que lhe levou há pouco está tombada de lado no chão. Emilia lança-se para casa numa correria, atrapalhando-se com as chaves enquanto destranca as portas de correr.

— Elliot! — grita. — Elliot!

Mas não tem resposta.

— *Estás a ver?* — diz Celia no corredor, apontando para a claraboia aberta. — *De certeza que foi por ali que ele entrou.*

Olbo para cima. É uma claraboia grande e não muito alta, por onde uma pessoa magra não teria dificuldade em enfiar-se e saltar cá para baixo. Ainda que exigisse uma forma física razoável e alguma agilidade. Será que já conhecia a vítima ou ter-se-á limitado a aproveitar a oportunidade? Relembro as vítimas anteriores. Todas tinham sido mortas quando estavam sozinhas em casa, geralmente às primeiras horas da manhã, e o assassino entrara no edifício ou por uma janela ou por uma claraboia. A única ocorrência em que nunca chegámos a perceber como é que ele tinha entrado foi a da segunda vítima, Jennifer Radcliffe. Nenhuma porta ou janela aberta ou partida. Foi um momento desconcertante, ainda no início do caso, quando começámos a perceber que estávamos a lidar com um assassino em série.

Viramo-nos ao ouvir uns passos pesados atrás de nós. Saunders vem a arrastar-se escada acima, arquejante.

— *Senhora inspetora... estive agora mesmo a falar com a mulher que vive no estúdio do andar de baixo, Lorraine Butterworth, que foi quem deu o alerta. Esteve fora na noite passada, mas identificou a vítima como Trisha Banks, de trinta e nove anos. Solteira e sem filhos. Trabalhava na Poundland. — Consulta o seu bloco de notas. — Ao que parece, era recatada, não convivia com ninguém, e residia nesta morada há apenas seis meses. Antes disso vivia em Londres. A Lorraine percebeu que algo não estava bem ao ir levar-lhe uma encomenda esta manhã e encontrar a porta entreaberta. Abriu-a e deu com a vítima estendida em cima da cama. Correu dali para fora e ligou para a polícia.*

— *Ótimo. Importa-se de ir de porta em porta e apurar se os vizinhos viram ou ouviram alguma coisa, ou se a conhecem? Onde é que está agora a Lorraine?*

— *Lá em baixo, senhora inspetora, a ser reconfortada pela Michelle... a agente Doyle.*

— *Perfeito.*

Gosto de Doyle. Faz o que tem a fazer sem grande espalhafato e sei que vai manter Saunders na linha, mesmo tendo uma patente inferior à dele. São quase cinco e meia e já começou a escurecer. Fico a ver Saunders voltar por onde veio e ser engolido pelo soturno corredor.

Trisha Banks está deitada na cama do seu quarto húmido e frio, o papel de parede a

descascar. O corpo foi entretanto engolido pelas sombras, e a única coisa que consigo ver é o branco desmaiado das suas plantas dos pés. Vou encarregar Doyle e Saunders de informarem os parentes mais próximos. É a tarefa que mais detesto.

Ao descer a escada, avisto os técnicos forenses e o fotógrafo da polícia, Ray, que param para me deixar passar antes de se agruparem e entrarem no edifício como uma massa una.

Fico parada na soleira, a observar, enquanto Saunders, de costas para mim, fala com um grupo de vizinhos, todos a quererem saber o que aconteceu. Afasto-me, acendo um cigarro e dou algumas passas antes de o apagar contra o muro de tijolo. Uma gaivota desliza em voo rasante sobre a água.

De seguida, torno a entrar no edifício, que cheira a humidade e a morte, para falar com Lorraine Butterworth.

— Foda-se, deve ter sido aterrador. E o que é que aconteceu depois?

Louise olha-a fixamente, os olhos cor de avelã arregalados, a mão a segurar um copo de vinho.

— Foi horrível. Não sabia o que fazer. Achei mesmo que... — Emilia abana a cabeça. — Acho que nem sei o que pensei. Que ia encontrar o Elliot algures na casa, esfaqueado, como no meu livro. Adiante, liguei-lhe para o telemóvel e, felizmente, ele atendeu logo. Tinha dado um salto à bomba de gasolina porque sabia que hoje ia fazer uma viagem longa. O alívio que senti ao ouvir a voz dele. Porra, é que nem imaginas. Ficou furioso por não ter trancado a porta.

— Foda-se — repete Louise, dando mais uma valente golada no vinho.

Estão em Richmond, sentadas num restaurante que adoram — o papel de parede acetinado com pormenores de veludo, as cadeiras cor-de-rosa acolchoadas, os enormes candelabros suspensos do teto alto. Louise diz que a faz sentir-se glamorosa, afirmação a que se segue invariavelmente a frase «Sabe Deus como a minha vida está a precisar de *glamour*».

— Fiquei passada — diz Emilia, brincando com o pé do seu copo de vinho —, sobretudo quando vi a caneca preferida do Elliot tombada de lado no chão. Ele disse que deve tê-la derrubado ao sair. Ainda bem que não se partiu.

— Achaste que era sinal de um confronto físico. — Louise assenta os cotovelos na mesa e debruça-se para Emilia. — Eu teria achado o mesmo. Portanto, já são duas coisas, a gaivota com o pescoço partido e o boneco do *troll*.

— E o mais enervante é estar a acontecer lá em casa. — Emilia recosta-se na cadeira e solta um longo suspiro. — Quer dizer, quem quer que esteja a fazer isto sabe onde eu vivo.

— Mas são coisas inofensivas. Pequenos transtornos, no fundo. O que é que diz o Elliot?

— O mesmo que tu. Suponho que ontem só não me passei por completo porque sabia que esta noite vinha ter contigo. Mas hoje, ao sair de casa... estava um pouco preocupada com o que iria encontrar.

— Acho que devias fazer uma participação. Para jogar pelo seguro. Nada de mais, simplesmente na esquadra mais próxima, que no teu caso é Twickenham.

Emilia sente o estômago dar uma cambalhota e afasta o salmão que não chegou a terminar.

— A sério? Mas disseste que não te parecia grave.

— Não entres em pânico — responde Louise. — Não estou a dizer que seja coisa para te preocupares. Deve ser só um idiota qualquer a meter-se contigo. Provavelmente algum fã. Mas é bom que fique registado. Tens uma daquelas campainhas com câmara? Ou videovigilância ou algo do género?

Emilia tem a certeza de que não é a primeira vez que Louise lhe pergunta aquilo. Em questões de segurança, é igual ao seu sogro.

— Sou péssima com esse tipo de coisas. O pai do Elliot está sempre a dizer-nos que a casa devia estar mais protegida.

— Não me contaste que ele trabalhou na polícia?

— Há uns bons anos. Antes do teu tempo.

— Porque é que saiu?

Louise pega na faca e no garfo e volta a atacar o seu bife.

— Na verdade, não sei — diz Emilia, voltando a encher o seu copo.

Ainda bem que vai voltar para casa de táxi. Já está a sentir-se um pouco zonza, mas precisava daquela noite, sobretudo depois da tensão dos últimos dias.

— O Elliot disse-me para não o interrogar. — Ri-se. — Sabes como eu sou. Metediça.

— Interessada — corrige simpaticamente Louise.

— Enfim, disse-me que o pai não gostava de falar nisso. Deu a entender que era qualquer coisa relacionada com a mãe.

— Hum, pois, isso também não ajudou lá muito o meu casamento — comenta Louise com um sorriso sardónico.

— De qualquer forma, acho que só lá estive uns anitos.

Louise engole uma garfada de carne.

— Não me contaste que a mulher dele tinha morrido?

— Sim, há cerca de oito anos... bastante tempo. E ele mudou-se para ficar mais perto de nós.

— Sogros à porta de casa. — Louise solta uma gargalhada amarga. — Nem sempre é lá muito bom.

— Nada que se compare com os pais do Jonas. Às vezes a mãe dele era tão arrogante. O Jonas sempre foi o seu príncipezinho. Já o pai é um querido.

Emilia sente alguma falta deles. A seguir ao divórcio prometeram manter-se em contacto, mas à medida que Jasmine foi crescendo passou a sentir menos necessidade de comunicar com eles, e agora vê-os quando muito nas férias de Natal.

— Mas não tenho saudades nenhuma da Eliza a «aparecer» de cinco em cinco minutos.

— Parece a Frances.

— Bem sei que ela não é lá muito simpática contigo, mas pelo menos é ótima com o Toby.

Louise faz que sim com a cabeça.

— Sem dúvida. E, para ser justa com a minha sogra, acho que teria muita dificuldade em ter este emprego sem a ajuda dela. O Mike é completamente inútil. No fundo, não passa de uma criança grande.

Emilia só se cruzara com Mike uma vez. Tinha ido a sua casa buscar Toby depois de uma tarde de brincadeira com Wilfie, numa ocasião em que Frances não podia. E na altura achara, não sem uma pontada de culpa, que até era simpático: afável e amistososo, e parecera-lhe fantástico com Toby, deixando-o trepar para as suas cavalitas e carregando-o até ao carro. Mas não conhecia os meandros do casamento deles e do divórcio subsequente. Louise era bastante reservada quanto ao seu passado, dizendo que preferia não cismar nisso. «Temos de nos concentrar no aqui e agora», afirmava sempre. E Emilia concordava. No que lhe dizia respeito, o passado estava muito bem lá atrás.

— Mas adiante... Tenho novidades.

Louise junta a faca e o garfo, pousa-os no prato vazio, e passa o guardanapo pelos lábios. Não está vestida para a ocasião, traz o seu habitual conjunto de calças de ganga e camisola grande de mais, regra geral com um animal estampado na parte da frente. Desta vez é um lama com um laço de xadrez. Emilia tinha posto uma blusa de seda e ondulado o cabelo.

— A propósito, o jantar estava delicioso. A primeira refeição decente que como em sei lá quanto tempo.

A amiga estava sempre a gracejar que tinha uma dieta péssima e comia sempre à pressa. Nada que surpreendesse Emilia. Louise era baixa, tal como ela, mas magra como um galgo e vagamente andrógina no seu corte de cabelo arrapazado. Parecia um rapazinho efeminado.

— Oh, conta-me tudo.

— Lembras-te do tipo com quem eu andava no início do ano passado?

— Aquele que gostava imenso de ti mas de que tu não tinhas a certeza?

Louise faz um ar envergonhado.

— Esse mesmo. Às vezes sou tão parva, mas achei que era ainda demasiado cedo, depois do Mike. Adiante, voltámos a andar.

— Que boa notícia. Fico mesmo contente por ti. Qual era mesmo o nome dele?

— Marcus. Também é da polícia. Mas trabalhamos em unidades diferentes. Por sinal, conheci-o num dia de formação. De maneira que... — solta uma gargalhada autodepreciativa — ...não vamos conseguir ver-nos lá muito, mas desta vez sinto que estou preparada. Ainda não contei ao Toby, por isso agradecia

que não contasses nada a ninguém.

— Claro.

Emilia engole o resto do vinho.

— Ah, e arranjei um gato. Já sei, já sei, vou transformar-me numa daquelas velhotas que vivem rodeadas de gatos, mas como o Mike é alérgico só agora que ele saiu da minha vida é que posso finalmente ter um.

— A Jasmine e o Wilfie iam adorar ter um animal de estimação, mas o Elliot é demasiado arrumadinho. — Emilia ri-se. — Os amigos que partilhavam casa com ele na universidade chamavam-lhe senhor Esfregão, porque andava sempre a limpar. É um gatinho?

— Sim. Um rapazinho. Chama-se *Hamish*. É lindo. Preto, tirando o peito branco e o nariz cor-de-rosa. Olha para ele! — Planta o telemóvel diante da cara de Emilia para lhe mostrar uma fotografia. — Gostas da coleira xadrez? Reparaste na temática?

Aponta para a sua camisola.

— Reparei. É mesmo fofo — diz Emilia com uma pontinha de inveja.

Adoraria ter um gato. Devolve o telemóvel a Louise.

Está a ficar tarde e o restaurante começa a esvaziar-se. Conversam mais um pouco, e quando já estão de saída Louise pergunta-lhe pelo livro.

— Portanto, vais chamar-lhe *O Último Capítulo*?

— É o meu título provisório. Ainda pode mudar. Queres ler a versão final? Gostava que verificasses se há alguma inconsistência. Como sabes, tem bastantes procedimentos policiais. Obrigada pela ajuda, já agora. Foi providencial. Estava com imensas dificuldades.

Sente o habitual aperto de medo na barriga ao pensar nisso.

— Fico feliz por ter podido ajudar. E adorava ler a versão final. Envia-ma por *e-mail*, se quiseres — responde Louise.

Enfia um gorro preto na cabeça e abotoa o casaco antes de se encaminhar para o átrio.

— E vais à minha festa de lançamento, não vais? No dia dezassete? — pergunta Emilia quando saem para o passeio molhado pela chuva.

— Festa de lançamento? Mas *O Último Capítulo* não sai só em outubro?

— Esta é para a edição de bolso do nono livro, *O Homem Desaparecido*. Com o confinamento, não houve oportunidade de fazer o lançamento da edição original.

— Claro — diz Louise, enlaçando o braço no de Emilia. — Se não estiver de serviço, lá estarei.

Vão avançando na direção do parque, sombrio e agoiroento visto dali, a luz dos postes de iluminação pública a rasgar auréolas no nevoeiro. Uma noite deserta e sinistra, a escuridão a fechar-se sobre elas, como que a enfaixá-las. Emilia estremece, e Louise apercebe-se.

— Estás bem?

— Estou. É só que... Não paro de pensar... E se anda alguém a perseguir-me?

— Estás comigo. Se alguém te chatear, prendo o cabrão na hora.

— Como é que sabes que é um homem?

— Ou a cabra, tanto faz.

Louise desmancha-se a rir, e Emilia não contém um sorriso.

— Acho que neste momento não estás em condições de prender ninguém.

— Ainda bem que o Toby fica com o Mike esta noite. Mas tenho saudades dele.

— Espero que estejas a referir-te ao Toby.

— E estou. Claro que estou. Não tenho saudades nenhuma do sacana do Mike.

— Por falar em sacanas, nem imaginas quem é que eu vi ontem.

E conta-lhe o seu encontro com Jonas.

— Quer dizer que ele anda a trair a Kristin? — exclama Louise, escandalizada, depois de Emilia terminar.

— Acho que *ainda* não. Mas está tentado.

— Bom, o carma é tramado.

— Olha, nem sei. Imaginei que me sentisse contente se ele lhe fizesse uma coisa dessas, mas não sinto. Penso simplesmente: para que é que foi tudo aquilo? Porque é que nos sujeitou, a mim e à Jasmine, àquele sofrimento todo para depois as coisas com a Kristin não resultarem?

Mas Louise não está a ouvi-la. Parou de repente na rua escura, obrigando Emilia a parar também, já que têm os braços enlaçados, e todo o seu corpo se retesou.

Emilia estremece.

— O que foi? Que se passa? — sussurra.

— Acho que vem alguém a seguir-nos — cochicha Louise em resposta.

A sua voz perdeu toda a jovialidade, e parece ter ficado repentinamente sóbria.

— O quê?

Emilia volta-se para trás, mas não vê ninguém, apenas a escuridão que se estende entre a mancha indistinta dos edifícios e o parque, à esquerda delas.

— Senti alguém atrás de nós... e depois vi um homem a esgueirar-se para aquele beco. Temos de continuar a andar. Vamos.

E puxa o braço de Emilia com firmeza.

O coração de Emilia começa a bater com tanta força que a deixa indisposta. Quem é que poderá estar a segui-las e porquê? Será a pessoa responsável pela gaivota e pelo *troll*, ou alguém completamente diferente? Olha de relance para Louise, que está com uma cara séria, concentrada, as faces vermelhas. Quase tem de correr para acompanhar o ritmo da amiga. Ouve passos atrás delas. Louise tem

razão, vem alguém a segui-las.

E depois, felizmente, desembocam na rua principal, onde há pessoas e carros e luzes, e Emilia sente-se enfraquecer tal o seu alívio.

— Anda — diz-lhe Louise, arrastando-a praticamente até um táxi que acabou de encostar para deixar sair um casal jovem.

São quase dez e meia de uma noite de quarta-feira, mas ainda há gente na rua, e Emilia sente-se subitamente grata por isso. Louise fala com o taxista enquanto ela entra para o banco de trás, perscrutando a rua a tentar perceber quem estaria a segui-las. Alguém emerge de entre dois edifícios — o caminho por onde elas tinham vindo —, mas volta no sentido contrário, em direção a Richmond Bridge. Seja quem for, veste um casaco com capuz, e Emilia não consegue distinguir-lhe a cara. Semicerra os olhos, a tentar ver melhor, mas não lhe serve de nada, e amaldiçoa a sua perda de visão. Costumava ter uma acuidade visual perfeita.

O táxi afasta-se do passeio e elas deixam-se cair no assento.

— O mais certo era nem vir atrás de nós — diz Louise, voltando-se para olhar para Emilia, a luz dos candeeiros públicos a percorrer-lhe as delicadas maçãs do rosto.

Não parece muito convencida.

— Porque é que vamos para este lado? O teu apartamento é já ali em cima, não é? — pergunta Emilia, endireitando-se para olhar pela janela.

— Prefiro ter a certeza de que chegas bem a casa.

— Quer dizer que achas que estávamos mesmo a ser seguidas?

Louise não responde. Em vez disso, contrai os lábios, como que a tentar impedir-se de revelar o que realmente pensa.

Quinze minutos depois, o táxi para diante da casa de Emilia. Elliot já deve estar deitado. Pelo retângulo de vidro por cima da porta, vê que ele lhe deixou a luz acesa. O resto da casa está mergulhado na escuridão.

Louise diz ao taxista para só arrancar quando Emilia tiver entrado.

— Promete-me que amanhã participas tudo isto à polícia — diz-lhe depois num sussurro premente. — E instala umas câmaras de segurança. Quanto antes.

Daisy, 2005

Daisy tinha quase onze anos quando a mãe foi assassinada.

Lembrava-se dessa noite como se tivesse sido ontem, e não oito anos antes. Estava deitada na cama, a dormir, quando ouviu um barulho no andar de baixo: o som de qualquer coisa a partir-se, um grito, depois silêncio. A casa delas era pequena, uma casita em banda de dois pisos virada para o mar, numa aldeola pitoresca do Devonshire, perto de Plymouth, em que era difícil abafar os sons, como as gargalhadas ébrias da mãe quando achava que Daisy estava a dormir ferrada, e que significavam que o seu namorado tinha aparecido. A mãe não fazia ideia de que Daisy sabia do namorado porque só o convidava a ir lá a casa quando ela já estava na cama. Mas Daisy tinha reparado nas provas patentes na manhã seguinte: os dois copos de vinho, os rabiscos que ele fazia nas margens do jornal que ficava sempre abandonado no braço da poltrona, o maço de cigarros vazio que deixava no ar um cheiro a estrume misturado com qualquer coisa que ela não conseguia identificar.

Por vezes ficava acordada de propósito para o ver sair, beijar a mãe na soleira da porta, fugazmente iluminado pela luz trémula da lâmpada do alpendre, que estava a precisar de ser trocada. Tinha um cabelo louro-acinzentado ligeiramente espetado atrás em dois remoinhos, e um pescoço largo que lhe fazia lembrar o pernil de porco que comia de vez em quando em casa do pai.

Agora, com a venerável idade de dezoito anos, perguntava a si própria se todo esse secretismo em torno da relação amorosa da mãe se deveria ao facto de o seu namorado ser casado. Os pais tinham-se separado alguns anos antes, pelo que não havia outro motivo para a mãe ter sido tão reservada.

Prolongaram-se durante meses, esses encontros secretos com o homem-mistério. Aparecia pelo menos duas ou três vezes por semana, e Daisy sabia que quando passava a noite de sexta-feira e todo o dia de sábado em casa do pai, a mãe aproveitava esse tempo ao máximo. Mas algo inquietava-a naquela situação, talvez por a mãe não estar a ser franca com ela. Ao contrário do pai e da sua namorada, Shannon, que estavam sempre agarrados um ao outro, como se tivessem cola, o

que fazia Daisy sorrir, confiante de que o pai estava feliz.

Quando questionava a mãe sobre o homem-mistério, ela esquivava-se às perguntas, dizendo-lhe que se tratava apenas de um amigo, alguém com quem trabalhava, o que Daisy achava suspeito, já que enquanto ela estava na escola a mãe trabalhava como mulher a dias.

Agora gostava de ter sido mais insistente, mais assertiva, de ter obrigado a mãe a contar-lhe a verdade — a dizer-lhe pelo menos o nome dele.

Porque talvez assim Daisy tivesse podido salvá-la.

Na manhã seguinte, acatando o conselho de Louise, Emilia contacta a esquadra mais próxima e relata os incidentes a um agente de voz entediada. Espera até ter deixado os miúdos na escola, pois não quer assustá-los. No ano anterior, Wilfie passou por um período de terrores noturnos, os seus gritos rasgavam o silêncio da noite, fazendo Emilia endireitar-se bruscamente na cama, coração a martelar, suor colado à pele. Ia até ao quarto dele e deitava-se a seu lado no beliche de cima, confortando-o até ele ter acalmado. Tinha sido uma experiência aterradora, mas sobretudo para ela, já que no dia seguinte Wilfie de pouco ou nada se lembrava. Elliot dissera que o filho tinha saído a ela, que possuía a mesma imaginação vívida. Com o tempo, os terrores parecem ter passado, mas Emilia vive no fio da navalha, sempre preocupada que o acontecimento mais insignificante possa trazê-los de volta.

Elliot está sentado na cozinha a saborear a sua caneca de café. Colocou os lírios na mesa de refeições, e as flores enchem a divisão com um aroma adocicado e enjoativo. Emilia pressente que ele a observa enquanto ela vai percorrendo a cozinha de ponta a ponta.

— O que foi que eles disseram? — pergunta quando ela conclui a chamada.

Emilia está diante dele, do lado oposto da ilha central.

— Só que os informe se acontecer mais alguma coisa, mas deu para perceber que se estavam mais ou menos nas tintas.

Solta um suspiro e pousa o telemóvel na superfície de pedra.

Ele fita-a durante uns segundos por cima do bordo da caneca.

— O que me preocupa é tu e a Louise terem achado que estavam a ser seguidas ontem à noite. Não lhes falaste nisso?

Emilia contorna a ilha, puxa o banco ao lado do dele e senta-se.

— Não sei se não terá sido apenas um pouco de histeria por nos termos posto a falar nisso e a apoquentarmo-nos uma à outra. Estávamos as duas um bocadinho tocadas.

Elliot franze o sobrolho, claramente pouco convencido, e puxa as mangas da sua camisola canelada.

— Seria de esperar que ela tivesse tido outro comportamento, sendo da polícia.

Parece aborrecido.

— Como assim?

— Devia ter mantido a calma. Confrontado o tipo, sei lá.

— Não estava de serviço.

Ele encolhe os ombros.

— Pensava que um polícia estava sempre de serviço. Era o que o meu pai costumava dizer.

Emilia reprime a irritação.

— A Louise não estava ali na qualidade de polícia mas de minha amiga. E estávamos um bocadinho tocadas, como te disse.

— Fico preocupado, é só isso. Tu e os miúdos são tudo para mim.

Emilia estende a mão para a dele e aperta-a na sua.

— De qualquer forma, a Louise sugeriu que instalássemos umas campainhas com câmara. Na frente e nas traseiras.

Elliot retira a mão e ajeita os óculos no nariz.

— Estava precisamente a pensar nisso enquanto tu estavas ao telefone. E ficava bem mais descansado, para mais tendo de ir à Islândia para a semana. Podia cancelar, mas é um cliente importante. Vou pedir ajuda ao meu pai.

Engole o resto do café e salta do banco. Dá-lhe um beijo nos lábios, pega nas canecas dos dois e mete-as na máquina. Depois encaminha-se para o seu escritório.

É só depois de ele ter saído que Emilia se lembra de que ainda não lhe contou do encontro com Jonas no dia anterior.

Fica grata por o resto da semana decorrer sem incidentes e, à medida que sexta-feira se aproxima, é como se Emilia pudesse voltar a respirar normalmente. Agora que Elliot instalou as câmaras, sente-se mais segura. Mas, pelo sim pelo não, promete manter a porta do alpendre trancada. O fim de semana é preenchido por um jogo de futebol de Wilfie e por um de netbol de Jasmine. Emilia sente-se aliviada por Jasmine parecer um pouco mais alegre nos últimos tempos, esforçando-se mais por ir passear com Nancy até ao centro da vila. Ainda bem que ela não ficou com Jonas nesse fim de semana. Embora quase não fale com Kristin, nem por isso Emilia deixa de se sentir culpada sempre que se lembra da conversa que teve com ele, e prefere evitá-la.

Na noite anterior, já estava deitada na cama quando contou finalmente a Elliot que se tinha cruzado com o ex-marido. Tinha andado a adiar por saber que Elliot não tem Jonas em grande conta. «Tolero-o porque é o pai da tua filha», dissera-lhe no início do relacionamento. «Mas não podes esperar que tenha respeito por ele depois do que te fez. E não me faças falar da Kristin.»

No fundo, tinha ficado contente com o facto de os seus sentimentos por ela serem tão intensos que as suas dores eram também as dele. Elliot levava os votos

matrimoniais muito a sério. Tinha ideias muito claras sobre a traição e dissera-lhe por mais de uma vez que jamais lhe perdoaria se ela alguma vez o enganasse. Emilia sentia o mesmo. Não seria capaz de voltar a passar por isso, pelo que ficou aliviada com essa sua postura moral. Fora uma das razões por que se permitira apaixonar-se por ele — ainda que as expectativas de Elliot fossem tão elevadas que por vezes se tornava difícil ser totalmente franca com ele.

Tinham-se voltado um para o outro, de imaculado edredão branco puxado até ao queixo, mãos dadas por baixo das cobertas. Emilia adorava o quarto deles, redecorado há pouco em diferentes tons de cinzento, com salpicos roxos entrelaçados na manta de xadrez ao fundo da cama. Elliot estendera a mão e ajeitara-lhe uma madeixa solta atrás da orelha.

— É um tolo — disse, um raio de luar a cruzar-lhe as maçãs do rosto. — Para quê casar-se outra vez se vai voltar a ser infiel?

— Também não o entendo — murmurou ela. — Não quis falar-te do assunto em frente à Jas. Ela adora-o. E também gosta da Kristin... Era demasiado nova para se lembrar do tormento que foi. Tentei que não se apercebesse do que eles fizeram.

— És bem mais querida do que eu teria sido. Desde que ele não se ponha outra vez a rondar-te.

Tentou dizer aquilo num tom descontraído, mas Emilia percebeu o ciúme na sua voz. Riu-se e enroscou-se de encontro a ele.

— Até parece. Nunca imaginei que pudesse sentir pena da Kristin, mas sinto.

Na segunda-feira de manhã, Elliot está de saída para a sua viagem de trabalho. Detesta andar de avião, e o seu nervosismo é quase palpável pela forma como atravanca a cozinha e atrapalha Emilia, atarefada a fazer o pequeno-almoço. Tinha-lhe dito em tempos, pouco depois de se conhecerem, que tivera um «ligeiro esgotamento» na adolescência, e que, depois dos exames do secundário, passara alguns anos a tomar ansiolíticos e antidepressivos. Mas deixara de os tomar muito antes de a conhecer. Na maior parte do tempo, ela jamais imaginaria que ele pudesse ter sofrido de problemas de saúde mental, mas há momentos em que estes se fazem notar, como os veios da madeira através da tinta. Lembra-se de Otilie ter passado por algo semelhante no colégio, e de ter sido obrigada a fazer uma pausa, tal como outras colegas mais ou menos da mesma idade, o que Emilia atribuíra ao facto de se tratar de um estabelecimento de ensino em que os resultados dos exames eram mais importantes do que o bem-estar do alunos. Elliot tinha estudado num sítio parecido, ainda que a trezentos quilómetros e em regime de externato.

Jasmine está sentada à mesa de refeições a enfiar papas de aveia na boca com uma mão ao mesmo tempo que digita uma mensagem com a outra. Wilfie

irrompe pela cozinha com a camisa por fora das calças e sem camisola.

— Vai-te sentar — diz-lhe Emilia, estendendo-lhe os cereais. — Não te esqueças que hoje é dia de Educação Física.

— Podemos ter um cão? — pergunta ele, agarrando na tigela e deixando-se cair numa cadeira ao lado de Jasmine.

— Para já, não.

E enfia-lhe as sapatilhas no saco da ginástica.

— Porquê? Todos os meus amigos têm animais de estimação. Não é justo. Estás sempre a dizer que vamos ter um e depois mudas de ideias.

— És tu quem lhe vai dar de comer? Levá-lo a passear? Limpar-lhe o cocó? — responde Emilia num tom benevolente, ao mesmo tempo que se serve de uma caneca de chá.

Entrevê Elliot pelo canto do olho, a vasculhar uma das gavetas da cozinha, rosto pardacento.

— Sim. Faço isso tudo! Prometo.

— Como fizeste com o teu hámster? Acabei por ter de ser eu a tratar dele.

— Nessa altura eu era muito novo. Só tinha cinco anos.

— Acho que preferia ter um gato — diz Jasmine sem tirar os olhos do telemóvel.

— Os gatos não têm graça nenhuma — volve Wilfie. — Se tivéssemos um cão...

— Por amor de Deus, Wilf — irrita-se Elliot. — Vê se te calas. A tua mãe já disse que não!

Voltam-se todos para ele, estupefactos. Elliot está a olhar para o filho com uma expressão furiosa no rosto habitualmente bem-humorado. Tem o passaporte na mão. Emilia repara que esta lhe treme.

Wilfie fica com o queixo a tremer e Jasmine revira os olhos, como se aquela cena doméstica fosse indigna dela, depois volta a focar-se no telemóvel.

Emilia dá uma palmadinha no ombro de Wilfie, a reconfortá-lo, depois vai ter com o marido.

— Então, estás bem?

Ele passa a mão pelo queixo.

— Desculpa. Desculpa, parceiro — diz, acercando-se de Wilfie e revolvendo-lhe o cabelo encaracolado. — Hoje o teu pai levantou-se com o pé esquerdo.

Jasmine faz um ar de quem está com vontade de dizer uma piada qualquer, mas Emilia abana a cabeça à laia de advertência e ela baixa os olhos.

— Não fa' mal — diz Wilfie.

Mas Emilia sente um aperto no peito ao perceber como o filho ficou abatido. Passa a mão pelas costas de Elliot.

— Vai correr tudo bem — diz-lhe.

— Eu sei. Isto passa-me assim que chegar ao aeroporto — responde ele em voz baixa. — Estou só um bocado nervoso, mais nada.

Faz por esconder dos miúdos o seu medo de andar de avião, não quer contagiá-los.

Uma buzina avisa-os da chegada do táxi e Elliot puxa Emilia para um abraço.

— Vou ter saudades tuas — murmura por entre os cabelos dela.

— E eu tuas. Mas é por pouco tempo. Quinta-feira já estás de volta.

— A tempo do teu lançamento. — Afasta-se. — Mas detesto ter de me ausentar precisamente quando... tu sabes.

— Não voltou a acontecer mais nada, e o teu pai não está longe. E a Louise vive a meia dúzia de quarteirões daqui. Na pior das hipóteses, até posso ligar ao Jonas.

Ele faz um ar carrancudo.

— Isso é o último recurso.

— Claro, não te preocupes.

Elliot abraça os miúdos, volta a pedir desculpa a Wilfie, depois Emilia segue-o até ao vestíbulo. Ele agarra na mala.

— Desculpa ter estado tão rabugento esta manhã.

— Deixa, não te martirizes. Está tudo bem. Vemo-nos quinta-feira. Liga-me quando aterrares.

Volta a beijá-lo e fica a vê-lo afastar-se e entrar no táxi parado ao fundo do acesso.

É só depois de o carro arrancar que a vê: uma coroa de flores encostada à parede de tijolo do lado esquerdo da porta de entrada, atrás do pilar. Certifica-se de que os miúdos não estão a ver, depois baixa-se para a examinar. Traz um cartão, no qual se lê apenas *Sentidos Pêssames*, e Emilia sente-se gelar por dentro.

Miranda recebeu uma coroa de flores no terceiro livro da coleção, *Perseguição Implacável*, a avisá-la para se afastar do caso de um assassino em série que estava a investigar.

Mas quem poderia querer avisá-la a ela? E porquê?

Lorraine Butterworth é uma mulher alta e magra que destila energia nervosa na forma como não para quieta com as mãos, seja para prender uma madeixa do cabelo preto tingido atrás da orelha ou para acender um cigarro atrás do outro. Deve ter os seus sessenta e poucos, pelo menos. A mão treme-lhe quando me estende uma caneca lascada de um chá com demasiado leite. Está de pé, as costas encostadas ao lava-louça da pequena cozinha com a janela aberta, e vai puxando longas passas do cigarro. Por cima de nós, a barra de luz fluorescente zumbe, há uma mosca morta presa atrás do plástico. A pobre mulher tem um ar profundamente traumatizado. Ainda me lembro da primeira vez que vi um cadáver. Nada poderia ter-me preparado para aquilo. Atormentou-me durante semanas.

— *O que é que me pode contar a respeito da Trisha Banks?* — *pergunto da exígua mesa de fórmica diante da qual estou sentada.* — *Há quanto tempo é que ela vivia no apartamento aqui de cima?*

— *Não muito. Eu vivo aqui há anos. Vi muita gente chegar e ir-se embora. Ela mudou-se para cá há cinco ou seis meses. Quase não falava com ninguém. Deu-me sempre a sensação de andar fugida de alguma coisa ou de alguém. Só saía para ir para o emprego, na Poundland, depois voltava para casa e deixava-se lá ficar. Tirando isso, era raro vê-la sair.*

— *Alguma vez reparou em homens que viessem visitá-la? Namorados?*

— *Como já disse ao outro agente, vi um tipo a rondar ao longe. Só não sei se era namorado dela. Nunca o vi entrar no edifício, de maneira que não me parece que alguma vez tenha ido lá a casa. Mas era um sujeito alto.*

Dou um gole no chá e arrependo-me. O leite tem um travo azedo. Pouso a caneca.

— *Quando diz «a rondar», o que é que quer dizer ao certo?*

Lorraine dá uma longa passa no cigarro, acentuando o contorno das veias sob a pele delicada das mãos. Solta uma baforada que enche a pequena divisão. Reparo num desenho de criança, uma casa, afixado ao frigorífico com um íman de uma ovelha felpuda.

— *Não sei bem. Lá fora à espreita, quer-me parecer. Uma vez vi-a a falar com ele ali na rua.* — *Gesticula vagamente com o cigarro na direção da parte da frente da casa.* — *Mas habitualmente dava por ele um pouco mais longe, lá fora no passeio. Como se estivesse à espera dela. Uma vez gritei-lhe, perguntei-lhe o que é que queria, mas ele não me respondeu, afastou-se simplesmente em direção à praia.*

O meu coração acelera. Podia ser este o homem. O assassino. Podia ser a pessoa que temos procurado estes anos todos. Até agora, nunca houve qualquer testemunha, tirando uma vez... há muito tempo. E o melhor que se pode dizer é que era pouco fiável.

— Qual era o aspeto dele?

Ela franze o rosto e dá uma passa no cigarro.

— Bem constituído. Em forma. Não sei dizer muito mais. Não lhe vi a cara. Estava sempre de capuz.

— E tinha algum traço distintivo? Alguma coisa que chamasse a atenção?

Lorraine abana a cabeça.

— Nada de que me lembre. Vestia-se de escuro, e era sempre de noite e, como já disse, trazia sempre um casaco com capuz. Nunca o vi durante o dia.

— Cor do cabelo? Olhos?

— É como lhe disse, àquela hora pouco se via, e ele estava demasiado longe.

— Altura, aproximadamente?

— Diria que um metro e oitenta, pelo menos. Eu tenho um e setenta e cinco e ele parecia mais alto do que eu.

Disfarço a desilusão. Não sei o que é que estava à espera que ela dissesse. É bem verdade que ele estivera desaparecido durante dezasseis anos, mas de estúpido não tinha nada. Ainda tive esperança de que pudesse estar enferrujado. Que, dada a falta de prática, tivesse finalmente dado um passo em falso, cometido um erro.

Levanto-me e enfiio o bloco de notas no bolso do casaco.

— Bom, muito obrigada, Lorraine. Sei que tudo isto foi um choque.

Ela esmaga o cigarro no cinzeiro já a transbordar e acende prontamente outro.

— Será que corro perigo? E se para a próxima ele decidir dar cabo de mim?

Era uma hipótese que eu não podia descartar. Quem sabe o que atraía este homem para as suas vítimas? As idades variam entre os trinta e os quarenta e cinco. Nunca abusa sexualmente delas, limita-se a esfaqueá-las e a marcá-las com os sinistros desenhos dos louva-a-deus. Uma coisa é certa, trata-se de um psicopata misógino.

— Há algum sítio onde possa ficar durante os próximos dias?

Ela dá uma fungadela.

— Sim. A minha filha vive em Paignton. Posso ir para lá.

— Acho que é capaz de ser boa ideia — digo, encaminhando-me para o corredor. Lorraine segue-me. — Vou dizer a um dos meus agentes que fique aqui consigo até estar pronta para se ir embora.

Ela abre a porta do apartamento e saímos para o corredor principal. A porta da frente continua aberta, a fita do local do crime a rodear o jardim. Espero que Lorraine já se tenha ido embora quando levarem o corpo de Trisha Banks.

O vento sacode a bainha do meu elegante sobretudo de lã. Avisto Saunders e Doyle diante da porta de um dos vizinhos da frente. Michelle Doyle está a tomar notas — é bom sinal. Esperemos que alguém tenha visto alguma coisa. Preparo-me para ir até lá quando

Lorraine exclama de repente:

— Espere. Bem sei que não é muito, mas ele fuma. O homem que eu vi. Era fumador.

— Certo.

Não é muito, mas pode ajudar. Não descobrimos peva estes anos todos.

— Mas não cigarros normais — prossegue ela da porta. — Daqueles de mentol. Têm um cheiro muito característico. Sei disso porque era dos que o meu avô fumava, e o meu pai e o meu irmão também.

Os cigarros de mentol foram proibidos recentemente devido ao maior risco de doenças cardiovasculares, pelo que me pergunto onde é que ele os terá arranjado. Agradeço a Lorraine, depois levanto a fita do local do crime para poder passar-lhe por baixo. Um homem alto que fuma cigarros de mentol proibidos há não muito tempo. É mais do que alguma vez tivemos.

Afinal, talvez ele esteja a cometer erros.

Emilia tem os olhos cravados no telemóvel, reprimindo o pânico enquanto tenta perceber como funciona a aplicação da câmara da campinha que Elliot instalou antes de partir. Teve de esconder a coroa de flores na garagem ao fundo do jardim, para que os miúdos não a vissem, e depois fazer um esforço para se comportar normalmente até os deixar na escola. E não quis ligar a Elliot e preocupá-lo enquanto está fora.

Agora está sozinha em casa, de pé diante da ilha da cozinha vazia, que de repente lhe parece demasiado grande. Uma das pétalas dos lírios tombou sobre a bancada de mármore. Elliot tê-la-ia apanhado de imediato e esfregado freneticamente a área em que ela pousara, não fosse o pólen manchar o dispendioso mármore. Mas ela deixa-a ficar onde está. Por fim, descobre como aceder às imagens captadas pela câmara e o seu coração acelera ao vê-las surgir no ecrã. Fá-las andar para trás. A coroa deve ter sido lá deixada esta manhã, enquanto eles estavam ainda a arranjar-se. E, sim, às 7h45 há um vulto a descer o acesso à casa com uma coroa de flores nas mãos. Emilia ajeita os óculos de ler no nariz. O vulto ganha forma, a imagem foca-se, e ela percebe que se trata de um homem, e que está a curvar-se para pousar a coroa junto à parede de tijolo do lado esquerdo da porta da frente. Foi por isso que Elliot não a viu ao sair à pressa nessa manhã.

O homem não toca à campinha, mas dá alguns passos atrás para olhar para as janelas. Quem será? Emilia conhece-o? A sua cara está agora enquadrada pela lente olho de peixe. Tem barba, talvez os seus cinquenta e poucos. Até que Emilia repara no familiar uniforme castanho. Porra, é um motorista de entregas. Fecha a aplicação com um suspiro frustrado. Depois, o seu olhar detém-se no cartão que tirou da coroa, agora pousado em cima da mesa de refeições. Agarra nele. As palavras *Sentidos Pêsames* estão rabiscadas a tinta preta e provavelmente foram escritas pela própria florista, a pedido de quem fez a encomenda. Emilia ergue o cartão contra a luz para conseguir ver melhor a morada. Está impressa numa fonte minúscula no canto do cartão, mas consegue perceber que se trata de uma florista da zona. Twickenham. Será que isso significa que quem lhe enviou a coroa de flores vive nas imediações? Ou que se limitou a escolher uma florista próxima de casa dela?

Ainda tem o telemóvel na mão, pelo que marca o número. Atende-a uma voz feminina e bem-disposta.

— Bom dia — diz Emilia, engolindo a custo, a garganta subitamente seca. — Tenho aqui uma coroa de flores que me enviaram esta manhã, mas o cartão não traz nome nem morada, e gostava de saber quem terá sido.

— Ah, tudo bem — responde jovialmente a mulher. — Espere um segundo, vou verificar. — Emilia ouve um som de teclas, e depois: — Não tenho nenhuma morada nem número de telefone...

Emilia solta um longo suspiro.

— Certo. E dados de pagamento?

— Bom, foi um pagamento em dinheiro. Mas espere um pouco... — Mais teclas. — Sim, é tudo o que temos. Alguém ligou a fazer a encomenda e depois veio à loja pagar.

O estômago de Emilia revolve-se. Queria isso dizer que era alguém que vivia ali perto?

— E lembra-se do aspeto da pessoa?

— Foi um homem, creio... talvez dos seus trinta e poucos. Cabelo castanho-claro, curto. Disse... já me estou a lembrar... disse que estava a fazer a encomenda em nome da mulher, Miranda Moody.

A divisão começa a girar. *Mas que porra?*

— E são as únicas informações que tem?

— Sim.

— O homem não disse o nome?

— Não, lamento.

— Muito bem, obrigada. — Está prestes a desligar a chamada quando tem uma ideia. — Será que podia verificar se essa Miranda Moody já me enviou alguma coisa antes? Recebi um ramo de flores há cerca de uma semana, mas não trazia cartão.

— Deixe-me verificar — diz a mulher na sua voz entusiástica, bem distante do estado de espírito de Emilia.

Olha lá para fora, para o jardim. O dia está nublado e triste, uma névoa a pairar sobre as árvores. Dali da cozinha, Emilia consegue entrever uma esquina do escritório de Elliot, e sente-se inquieta por ele não estar.

Ouve-se um roçar e a mulher volta à linha.

— Ora cá estou. Sim, a mesma Miranda Moody também lhe enviou um ramo de lírios no dia 1 de março, igualmente um pedido telefónico. Quem cá estava nesse dia era o meu colega. Vou perguntar-lhe se se lembra de mais algum pormenor da encomenda e se foi o mesmo cavalheiro que veio pagar.

— Obrigada. Seria muito útil. — Indica o nome e o número de telefone à mulher. — E acha que podia informar-me de mais alguma encomenda dessa

Miranda Moody antes de me enviar seja o que for? Não quero receber mais nada dessa pessoa.

A voz da mulher é agora mais contida.

— Ah, lamento muito. Com certeza. Vou tomar nota.

Emilia conclui a chamada, a cabeça à roda. Um homem. Liga o jarro elétrico, depois sobe os dois lanços de escada até ao seu escritório, ainda de casaco vestido. Decidiu que vai pegar no caderno que Jasmine lhe ofereceu nos anos e começar a tomar nota de tudo o que acontecer, tal como lhe sugeriu o polícia com quem falou ao telefone. Também vai ligar a Louise e contar-lhe este último desenvolvimento, por via das dúvidas. Recusa-se a deixar-se assustar por seja quem for que esteja a fazer isto. Já não é o ratinho assustado que era quando se casou com Jonas. É capaz de lidar com a situação.

Está ligeiramente ofegante quando chega ao segundo andar. Devia usar a bicicleta estática em que gastou uma fortuna, mas acha-a uma forma de tortura. Nunca gostou de exercício físico, apesar de ter experimentado quase tudo, sempre na esperança de encontrar a sua «cena». Mas ainda não foi desta.

Abre a gaveta da secretária, encontra o caderno e fita a primeira linha pautada com uma sensação de desalento. Tinha sido sua intenção usá-lo para delinear o seu romance autónomo, embora ainda não lhe tivesse surgido nenhuma ideia. Já lhe fora suficientemente penoso imaginar um enredo para *O Último Capítulo*. Agarra numa caneta, senta-se à secretária e faz uma lista de tudo o que aconteceu até agora, por insignificante que possa parecer.

Ao meio-dia, sente que está a enlouquecer, ali sozinha em casa, enervada com cada barulho estranho, cada estalido dos radiadores antigos, cada rangido do soalho. Ainda bem que combinou um almoço em Richmond com Otilie.

O dia clareou, um sol anémico a tentar irromper por entre as nuvens apesar de o ar estar carregado de humidade.

Quando Emilia chega, Otilie já está sentada na esplanada, de casaco comprido azul-pólvora com uma gola de pelo artificial e um chapéu felpudo a condizer enterrado no cabelo louro. Agita uma mão enluvada quando Emilia se aproxima, depois levanta-se e beija-a sem que os seus lábios lhe toquem. Raramente se sentam lá dentro quando ali vão; um hábito adquirido durante a pandemia, supõe Emilia, mas prefere estar ao ar livre.

— Já te pedi um *cappuccino* — diz Otilie enquanto se sentam.

— Estás a dizer que sou previsível?

— De maneira nenhuma, querida. — Otilie faz-lhe um sorrisinho. — Estive mesmo para pedir um copo de vinho para ti, mas depois lembrei-me de que tinhas de ir buscar os miúdos mais logo.

Emilia tira as luvas.

— Só o Wilfie. Agora a Jasmine vem sozinha para casa, com a Nancy.

— E faz muito bem. Já está com quinze.

Emilia sabe que é um pouco protetora com Jasmine. Mas a filha foi sempre uma criança sensível, e depois deu-se o divórcio, o seu segundo casamento, com Elliot, e o facto de terem tido um filho passado tão pouco tempo.

— Ora bem — diz Otilie, recostando-se na cadeira. — Infelizmente, só tenho uma hora. Esta tarde vou a Hampton encontrar-me com uma nova cliente.

Otilie tem a sua própria empresa de decoração de interiores, que montou em 2010. Estava a correr bem, mas levou um rombo aquando da pandemia, e agora ela é obrigada a trabalhar mais horas para voltar a erguê-la.

— Mas temos imenso de que falar. Sobretudo do que aconteceu no outro fim de semana.

— Como assim?

— Ao jantar, quando recebeste aquela gaivota partida. Achei que depois ficaste um pouco enervada, é só isso.

— Oh, céus. Nem sei por onde começar.

Emilia está prestes a lançar-se na narrativa quando a empregada chega com os cafés e lhes pergunta o que vão querer almoçar. Optam pela quiche com salada. Só quando ela se afasta é que Emilia prossegue.

— Esta manhã vieram entregar uma coroa de flores com um cartão de condolências.

Otilie chega-se para diante, arregalando os olhos verde-claros, e Emilia põe-na ao corrente de tudo o que aconteceu desde a última vez que se viram.

— Foda-se — diz Otilie em resposta. — Que história.

— Podes crer.

Fala à amiga da informação que conseguiu junto da florista.

— Quer-me parecer que arranjaste um perseguidor, Mils. Convém teres cuidado. — Fita-a com preocupação. — Participaste o sucedido?

— Participei. E contei à Louise. A minha amiga da polícia — esclarece quando Otilie lhe devolve um olhar inexpressivo. — Ainda não a conheces, mas deve ir ao lançamento do meu livro. Disse-me para instalar um sistema de videovigilância e uma daquelas campainhas com câmara. — Emilia entrelaça os dedos à volta da caneca quente. — A coincidência com os enredos dos meus livros assusta-me um pouco.

— Não admira. Isso é assédio. Pelo menos já fizeste a participação. Há pessoas muito estranhas. — Otilie solta um suspiro e olha para o rio, por onde desliza nesse momento uma família de cisnes. Depois volta-se de novo para Emilia. — Excitam-se com esse tipo de coisas.

— Preocupa-me o facto de saberem onde vivo. E o meu apelido de casada.

— Só usas Rathbone na escola, certo? Será alguém da escola da Jasmine ou do

Wilfie?

Emilia pensa em todos os pais que conhece com filhos dos mesmos grupos etários que os seus. Não lhe ocorre ninguém que possa guardar-lhe rancor.

— Não. De maneira nenhuma. Parecem-me pessoas decentes. Até me tornei amiga de algumas. — Pensa em Louise e em Marcie, a mãe de Nancy, que conhece desde que as miúdas entraram para a pré-primária. — Não acredito que possa ser alguém daí.

— Talvez seja algum fã tresloucado. Leste o *Misery*, não leste?

— Ena, obrigadinha, Otilie. Sabes mesmo como animar uma pessoa.

Tenta dizer aquilo num tom despreocupado, mas sente um negrume abater-se sobre ela.

Otilie dá-lhe uma palmadinha na mão.

— Desculpa. Realmente, não foi uma coisa simpática de se dizer. Mas agora já fizeste a participação, e instalaste câmaras e essas coisas. Não há muito mais que possas fazer.

Volta a suspirar, e Emilia percebe que a amiga está preocupada com qualquer coisa.

— Que foi? O que se passa?

A empregada volta a aparecer com as quiches delas mas, estranhamente, Emilia dá-se conta de que perdeu o apetite.

— É o Stefan — diz Otilie quando a empregada se afasta. — Não vai resultar.

Nada que surpreenda Emilia. As relações de Otilie nunca duram mais de um ano.

— Oh, não. É por causa da distância?

— Em parte. Mas ele também não é a pessoa certa para mim. Demasiado imaturo. — Atira-se à quiche. — Tens sorte em ter o Elliot, como sabes. Encontrar alguém com quem realmente combinas. Eu estou quase com quarenta e sinto que ainda não atinei.

— Ainda te faltam três anos para teres quarenta. E és uma mulher independente e bem-sucedida. Admiro-te imenso — contrapõe Emilia num tom sincero, pegando na faca e no garfo e fazendo um esforço para comer.

Otilie ri-se.

— Porque é que havias de me admirar? Conseguiste tudo. Um casamento feliz, uma carreira brilhante, dois filhos maravilhosos, aquela casa magnífica... — Dá uma palmadinha na barriga. — Por este andar, vou ter de recorrer a um doador de esperma. E era o que faria, se tivesse dinheiro para isso.

— Mas pensa como eu estava há dez anos. O Jonas tinha-se ido embora... fugido com uma das minhas amigas mais chegadas...

— Ainda bem que não disseste melhor amiga.

Otilie pisca-lhe o olho, cravando o garfo num tomate e espalhando sumo por

cima da mesa.

— Sempre foste e sempre serás a minha única melhor amiga — diz Emilia com um ar sério, enxugando o sumo de tomate com um guardanapo. — E, seja como for, não precisas de um homem para preencher a tua vida.

— Sabes que tenho problemas de confiança, graças ao meu querido paizinho.

Revira os olhos a trocar de si própria e sorri, agitando o garfo no ar.

Mas Emilia não se deixa enganar pelo tom galhofeiro da amiga. Lembra-se de como ela ficou devastada quando os pais se separaram, culpabilizando o pai pela infelicidade da mãe.

— Nem todos os homens são iguais. Se eu me tivesse deixado ficar na merda depois do que o Jonas me fez, nunca teria conhecido o Elliot. Por falar no Jonas, acho que é capaz de estar prestes a trair a Kristin.

Ottilie quase se engasga com a sua quiche.

— *O quê?* Como é que sabes? Embora não perceba porque é que isso me espanta.

Emilia conta-lhe como quase esbarrou com ele na companhia de uma jovem, e a conversa que tiveram no café.

— Sabes que, por sinal, tive notícias da Kristin esta semana? — diz Ottilie depois de Emilia ter terminado. — Pela primeira vez depois de te ter apunhalado pelas costas. Acreditas?

— O quê? A sério?

— Foi tudo um bocado estranho. Nem sabia se havia de te contar.

Emilia sente a quiche a pesar-lhe no estômago.

— Claro que tens de me contar. Não temos segredos uma para a outra. O que é que ela queria?

— Bom... — Ottilie olha-a de relance, e Emilia percebe que está a ponderar até que ponto pode ser franca com ela. — ... disse-me que estava preocupada contigo.

— Preocupada comigo? A que propósito?

— Disse que andas a trabalhar demasiado, a discutir com o Elliot, e a encontrares-te secretamente com o Jonas. Deu a entender que talvez houvesse qualquer coisa entre vocês os dois. Será que ele lhe contou que te tinha encontrado e ido tomar café contigo?

Emilia sente a cabeça a ferver.

— Não sei, mas não se passa nada entre mim e o Jonas. De certeza que ela sabe disso. E eu e o Elliot não andamos a discutir. E, mesmo que andássemos... *e não andamos...* como é que ela havia de saber? — Abana a cabeça. — Não percebo. E porque é que a Kristin havia de te contar isso tudo se não falavas com ela há anos?

— Não sei. Talvez para eu me compadecer dela? Sabes como é a Kristin. Foi uma conversa estranha e... bom, às tantas ela começou a chorar ao telefone. Disse

que tinha saudades minhas, da nossa amizade, e que lamentava tudo o que aconteceu.

— Inacreditável! — exclama Emilia. — Não me pediu desculpa uma única vez nestes anos todos.

Ottilie pousa os talheres.

— Deve saber que há outra mulher em cena, acha que és tu, e quer sacar-me informações. Não que eu fosse contar-lhe alguma coisa, nem por sombras. Espero que saibas disso.

Emilia dá-lhe uma palmadinha no braço.

— Claro.

Ottilie sempre lhe foi ferozmente leal, desde os tempos em que estavam no primeiro ano do colégio interno e uma miúda mais velha se metia com Emilia.

— Souu-me um bocado tocada ao telefone. Também queria dicas de decoração de interiores e perguntou-me como é que eu criei a minha empresa. Aposto que deve ter-se sentido bastante envergonhada no dia seguinte.

Emilia afasta o prato. Não sabe o que sentiria se Ottilie decidisse voltar a ser amiga de Kristin. O sentimento de traição ainda é demasiado profundo. Tinha sido ela a juntá-las, àquelas duas pessoas tão diferentes mas, ao mesmo tempo, as mais importantes da sua vida. Ela e Kristin frequentavam o mesmo curso de Literatura Inglesa, e tinham ficado amigas devido ao seu gosto mútuo por bandas alternativas, indo regularmente juntas a concertos. Ottilie, que tinha dificuldade em fixar-se fosse no que fosse, como é típico dela, ia até Brighton sempre que podia para estar com elas.

— Não te preocupes, Mils, jamais lhe perdoarei — diz Ottilie, como se lhe lesse os pensamentos. Acaba o café. — Queres outro?

Emilia responde que sim, mas não consegue concentrar-se depois daquilo.

Sente-o assim que entra em casa. O frio no ar. Dirige-se à cozinha e fica petrificada quando repara nas trapeiras. Estão abertas de par em par, como três bocas escancaradas, a fazer pouco dela. No mais recente livro de Miranda Moody, *O Último Capítulo*, o assassino do louva-a-deus acede às casas das vítimas através das claraboias. Contudo, tirando a sua editora, ainda ninguém o leu. De modo que, espera ela, desta vez tem mesmo de ser coincidência.

Uma tábua do soalho range algures lá em cima e o sangue gela-lhe nas veias.

Está alguém dentro de casa.

Daisy, 1998

Daisy lembra-se de acordar cedo na manhã em que encontrou a mãe morta. Era domingo, 15 de fevereiro de 1998, e ainda estava escuro. Não sabe o que terá sido que a encheu com uma sensação de pavor assim que abriu os olhos. Foi como se algo se tivesse movido no universo, alertando-a para o horror que em breve iria enfrentar. Deixou-se ficar uns momentos ali deitada, imóvel, o coração a bater por baixo do edredão de algodão cor-de-rosa, a recordar os sons que tinha ouvido durante a noite, as vozes abafadas, com a certeza de que assim que se levantasse da cama tudo mudaria.

O primeiro sinal de que algo não estava bem foi a luz ainda acesa no corredor. A mãe apagava sempre as luzes antes de se deitar, mas por vezes adormecia em frente à televisão, e Daisy ouvia-a subir a escada às primeiras horas da manhã. O segundo foi a cama por abrir no quarto da mãe, a sensação de que não fora ocupada durante toda a noite, o ar demasiado limpo e vazio de sono. Daisy desceu a escada a medo, na esperança de que a mãe tivesse voltado a adormecer em frente à televisão, de que iria ouvir os sons reconfortantes dos apresentadores matinais. Em vez disso, tinha à sua espera um silêncio arrepiante. Embora a luz do corredor estivesse acesa, o resto do andar de baixo era todo ele escuridão.

— Mãe? — chamou numa voz sumida. — Mãe? — repetiu, desta vez mais alto.

Abriu a primeira porta à sua esquerda, os olhos a varrerem a sala de estar e a adaptarem-se ao negrume. Estava invulgarmente arrumada: sem canecas ou pratos esquecidos em cima da mesinha, sem tubos vazios de batatas fritas a rebolar pelo chão, sem invólucros de bolachas ou jornais espalhados em redor ou entalados debaixo das poltronas. Para alguém que limpava as casas de outras pessoas, a mãe não se preocupava grandemente com a delas. As pesadas cortinas de motivos florais estavam corridas, a televisão, desligada. Mas deitada de lado no sofá, totalmente vestida, olhos fechados, estava a sua mãe.

Daisy sentiu-se percorrer por uma gigantesca sensação de alívio. A mãe tinha adormecido em frente à televisão, só isso. Tinha um ar tranquilo quando Daisy se

aproximou dela, uma madeixa do cabelo escuro caída sobre um dos olhos. Daisy sentiu-se tentada a afastá-la e a entalar-lha atrás da orelha, como a mãe lhe fazia a ela. Puxou a camisa de noite para conseguir dobrar os joelhos e agachar-se e abanou suavemente o ombro da mãe.

— Mãe. Adormeceste. Acorda.

Assim que lhe tocou, Daisy percebeu. Estava tão fria, a pele de um estranho branco-azulado que lhe fazia lembrar o seu boneco *pierrot*. E foi nesse momento que o viu. O círculo vermelho-escuro que manchava a blusa rosa-claro que era a preferida da mãe.

— Mãe! — gritou ela então, começando a abaná-la com força mesmo sabendo que seria inútil. — Mãe! Acorda! Acorda! Por favor... Por favor... — soluçou, debruçada sobre o corpo frio e inerte da mãe.

Não sabe por quanto tempo assim ficou, mas a dada altura a luz do dia já se derramava pela orla das cortinas.

Só havia uma pessoa a quem podia ligar. O seu pai. Chegou passados dez minutos, arrancou-a do corpo sem vida da mãe e chamou a polícia.

— Sim — ouviu-o dizer ao telefone, medo e pânico na voz. — É a minha ex-companheira. Chama-se Jennifer Radcliffe. Está... hum... — Percebeu que a voz se lhe prendera ao voltar-se para a filha, viu-lhe os olhos vermelhos. — Não tem pulsação.

Depois disso, foi um frenesim, a acolhedora casita de dois pisos que partilhava com a mãe invadida por funcionários oficiais que deambulavam de um lado para o outro como ratos. Uma senhora com um rosto bondoso e um rabo de cavalo bamboleante tentou levá-la da sala, para longe da mãe. Daisy lembra-se de armar um alvoroço — algo nada habitual nela, que era sempre bem-comportada, respeitadora, demasiado tímida até para pôr o braço no ar nas aulas — quando a senhora de rosto bondoso a levou dali para fora.

Mas não sem que antes ela o tivesse visto. O desenho da cabeça de um inseto no tornozelo da mãe e que decididamente não era uma tatuagem.

Veio-lhe à mente o namorado misterioso da mãe, com o seu remoinho duplo, o seu pescoço largo em forma de pernil e a sua propensão para fazer rabiscos nas margens dos jornais.

E soube — simplesmente soube — que era ele o responsável pelo sucedido. O Homem dos Rabiscos, como passou a recordá-lo, tinha matado a sua mãe, e Daisy jurou, logo ali aos dez anos, de pé naquela sala de estar repleta de polícias, que não descansaria até o encontrar.

Reprimindo um grito, Emilia sai disparada pela porta da frente, batendo-a atrás de si, e liga à única pessoa que talvez possa ajudá-la.

— Olá — responde uma voz familiar do outro lado da linha.

— Trevor. Desculpe incomodá-lo no trabalho, mas... — Hesita. Está de pé no acesso, a olhar para a casa. Aquelas janelas não se abriram sozinhas. — Desconfio que talvez esteja alguém dentro de casa.

E conta-lhe das claraboias.

— Não volte a entrar. Vou já para aí — ordena ele, desligando sem que ela tenha sequer tempo de responder.

Emilia ergue os olhos para as janelas. Começa a chover, uma chuva miudinha que lhe pouisa no casaco e escurece o acesso. Sente-se impotente ali especada, com medo de entrar na sua própria casa. Aquela casa sempre foi o seu santuário. A primeira que ela e Elliot adquiriram em conjunto depois de uma sucessão de apartamentos arrendados. E agora está conspurcada. Conspurcada pelas encomendas indesejadas deixadas à sua porta, pelo boneco do *troll* pendurado na árvore. Uma invasão do seu espaço pessoal, da sua vida. Essa vida que se esforça tanto por resguardar, recusando-se a ter redes sociais, não apenas porque tem aversão a tudo o que considera tecnicamente demasiado complexo, mas sobretudo porque é, e sempre foi, muito reservada. E agora a sua ficção veio misturar-se com a sua realidade.

Enquanto espera por Trevor, acede à aplicação da campanha para ver se terá captado alguém. Sente o coração acelerado ao rebobinar as imagens das câmaras da frente e das traseiras. Mas não mostram nada. Seria possível alguém entrar contornando as câmaras? Ergue os olhos para o telhado. É alto, com as suas duas trapeiras e a claraboia lateral. Seria mais fácil entrar pela cozinha, com o seu telhado de piso térreo e situada nas traseiras, mas o intruso teria de trepar o muro da casa do lado para conseguir aceder-lhe sem ser visto pelas câmaras.

Quando Trevor chega no seu *Honda Civic* já a chuva parou, deixando no ar o habitual cheiro a terra molhada que Emilia aprendeu recentemente, ao estudar ciências com Jasmine, chamar-se petricor. Inspira-o, sentindo-se de imediato mais calma agora que vê Trevor a aproximar-se em passo apressado, ainda com o seu

uniforme de segurança, ágil e em forma aos sessenta e dois anos. Ainda era novo, tinha apenas vinte e três, quando Elliot nasceu. Está com uma cara séria, mas faz-lhe um sorriso tranquilizador assim que a vê.

— Estás bem? — pergunta, dando-lhe uma palmadinha paternal no ombro (não que o seu próprio pai alguma vez o tenha feito; as manifestações físicas de afeto parecem aterrorizar Hugh Ward).

Ela faz que sim com a cabeça.

— Obrigada por ter vindo, Trevor. Não voltei a entrar.

— Ótimo. Fica aqui. Se eu não voltar dentro de dez minutos, liga para a polícia.

Emilia sente um aperto nas entranhas.

— O quê?!

Ele soergue as sobrancelhas espessas.

— De certeza que não será preciso chegar a tanto.

Agarra na chave da porta da frente e encaminha-se para a casa num passo decidido. Emilia lembra-se de todas as vezes em que deixou a porta do alpendre destrancada. Sempre se sentiu segura naquele bairro. A falsa sensação de segurança dos subúrbios de classe média. Que tola tinha sido.

— Está tudo bem?

Emilia volta-se ao ouvir a voz de Madge, a sua vizinha do lado. Anda a passear o bigle e para diante do acesso. Madge é uma sessentona, robusta e em boa forma, com bochechas rosadas e uma profusão de coletes acolchoados das mais variadas cores. Hoje está de cor-de-rosa com uma capa impermeável azul-marinho por cima e exibe um ar enérgico e primaveril.

— Ficou fechada cá fora?

— Não. O meu sogro está lá dentro, a dar uma vista de olhos à casa. — Explica o sucedido com as janelas, e o rosto de Madge deixa transparecer um caleidoscópio de emoções. — Por acaso viu alguém?

— Não. Lamento. Mas todo o cuidado é pouco. Ao que parece, ultimamente tem havido alguns assaltos nas redondezas. — Baixa a voz e lança um olhar temeroso por cima do ombro, como se o assaltante pudesse estar à escuta. — Nós nem sequer temos câmaras de segurança. Verdade seja dita, agora que os miúdos deixaram o ninho a casa é grande de mais para mim e para o Philip, mas... — Solta um suspiro e olha para o relógio. — É melhor ir andando. Vou tomar café com a minha filha.

Acena a Emilia enquanto se afasta colina abaixo e Emilia sente uma angústia súbita por algo que nunca acontecerá. Não se lembra da última vez que se encontrou com a mãe. É difícil arrancá-la da sua casa de falso estilo Tudor nas profundezas da Inglaterra conservadora.

Percebe que ficou com os dedos dos pés dormentes e bate os pés no chão. O

que estará Trevor a fazer? A casa é grande, sem dúvida, mas já se passou uma eternidade. Emilia olha para o relógio. E se o intruso o feriu? Está a pensar ligar para o 999¹, quando Trevor aparece à porta da frente e lhe faz sinal para ir ter com ele.

— Está tudo bem. Verifiquei todas as divisões, atrás de cada porta, dentro de cada roupeiro. Não há ninguém na casa.

Tem um ar quase pomposo ali plantado, a fazer lembrar o polícia que foi em tempos. Emilia sente-se tão grata que tem vontade de o abraçar.

— Obrigada. Não percebo porque é que as claraboias estavam abertas. A que fica ao lado do meu escritório também estava?

— Não, quando eu entrei estavam todas fechadas, mas acho que se fecham automaticamente quando chove. Pode ter sido algum interruptor defeituoso. Estão ligadas a um temporizador?

— Isso é que é o mais esquisito. Há meses que não eram abertas.

Trevor chega-se para o lado. Emilia comprime-se para passar entre ele e a bicicleta de Elliot, o guiador quase a cravar-se-lhe nas costelas. Atravessa o vestíbulo e dirige-se à cozinha. Trevor segue-a. Emilia manda *Alexa* acender as luzes.

— Treinaste-a bem — ri-se Trevor, cruzando os braços.

Parece ter ganhado algum peso. Fica-lhe bem. Emilia pergunta a si própria se ele terá conhecido alguém.

— Coisas do seu filho. Por mim, adorava poder ligar um interruptor de vez em quando, mas ele tem tudo conectado à *Alexa*, até o rádio.

Liga o jarro elétrico. Trevor puxa um dos bancos de madeira da ilha central e senta-se. Toda a cozinha está banhada por um tom azulado agora que o pouco que resta do sol do entardecer incide apenas sobre a parte da frente da casa.

— Daqui a nada preciso de ir buscar o Wilfie, mas tenho tempo para um cafezinho rápido. O que é que lhe apetece?

— Um chá vinha a calhar, obrigado.

— Peço desculpa pelo tempo que o fiz perder. — Volta-se para ele enquanto a água ferve ruidosamente no jarro elétrico. — Que justificação é que deu para se ausentar do trabalho assim à pressa?

— Oh, só que precisava de sair por causa de uma emergência familiar. Não há problema, tem sido um dia calmo. O Elliot contou-me que agora têm câmaras na frente e nas traseiras. Sempre é um descanso. E não me fizeste perder tempo. Mais vale prevenir do que remediar, Emilia.

Franze o sobrolho e Emilia percebe que continua preocupado com as claraboias abertas. Ela também, mas não há mais nada que possa fazer. Trevor garantiu-lhe que não estava ninguém na casa, e as câmaras não mostravam nenhuma tentativa

de intrusão.

O sogro agarra na pétala de lírio caída na bancada desde essa manhã e põe-se a enrolá-la entre os dedos. Fica com o polegar manchado de amarelo.

— Quem anda a enviar-te estas coisas é obviamente um covarde e não quer mostrar a cara — prossegue ele. — É como esses *trolls* que se escondem atrás dos teclados a escrever *twits* insultuosos.

— Diz-se *tweets*, Trevor — ri-se ela.

Trevor conhece a designação correta, e Emilia desconfia de que ele está apenas a tentar desanuviar o ambiente.

— Ora, *tweets*, *twits*, vai dar tudo ao mesmo.

Ela prepara-lhe o chá, forte, como o sogro gosta, e vai ter com ele à ilha central. Conversam mais um pouco, sobre o trabalho dele, sobre a viagem de negócios de Elliot à Islândia, sobre Wilfie e a sua recém-descoberta paixão por carros clássicos, que sempre fascinaram Trevor.

Meia hora depois ele já se foi embora e Emilia está diante dos portões da escola à espera de Wilfie. Dá por si a avaliar os outros pais, a perguntar a si própria se algum deles poderá estar por trás do que aconteceu. Desconfia de toda a gente. Até de Frances, a sogra de Louise, que irrompe pela porta principal da escola a agarrar a mão de Toby, que se contorce a tentar libertar-se. Decerto meteu-se outra vez em sarilhos. Emilia sabe, pelo que Louise lhe conta, que Toby tem um temperamento traquina, não presta atenção nas aulas e chega a ser indisciplinado. Frances cumprimenta-a com um aceno de cabeça. É uma mulher volumosa, grandes pés enfiados nuns sapatos práticos e confortáveis. E enérgica, talvez um pouco abrupta, mas toda ela irradia amor pelo neto. Ainda assim, Emilia percebe que a sua atitude possa irritar Louise. Frances não é mulher que goste de ouvir a palavra «não».

Wilfie vem a saltitar atrás deles, camisa de fora, cabelo espetado, tão parecido com o de Elliot. Emilia revolve-lho quando ele se aproxima, e o filho tenta esquivar-se.

— Tarde de mais — diz ela, rindo-se.

Ele faz um sorriso de orelha a orelha e estende-lhe a mochila.

— Vá lá, mãe — lamuria-se quando Emilia se recusa a pegar nela. — Está pesada.

Ela revira os olhos, fingindo-se exasperada, e atira a mochila para o ombro. Os dez minutos do caminho até casa são passados com Wilfie a tagarelar sobre o seu dia: o que comeu ao almoço, quem levou um raspanete por falar na aula (Toby, inevitavelmente) e o facto de não gostar da nova professora de Artes Visuais.

Emilia tenta dar atenção ao que o filho vai dizendo, mas só consegue pensar no que poderão ter à sua espera quando chegarem a casa.

— Felizmente, o teu pai veio cá e não havia ninguém na casa — conta ela mais tarde a Elliot, quase sussurrando para o telemóvel.

Jasmine e Wilfie estão a ver um episódio de *Ghosts* pela décima vez, e Emilia acabou de atirar para o forno um frango com alho e ervas aromáticas. Deles os dois, é Elliot quem gosta de cozinhar. Recomeçou a chover e os pingos de chuva tamborilam nas claraboias. Emilia não gosta da ideia de passar a noite sozinha em casa. Ainda bem que tem as câmaras.

— Quer dizer que todas as claraboias estavam abertas? — Elliot parece incrédulo. — E o meu pai não encontrou ninguém dentro de casa?

— Ninguém. Também verifiquei a aplicação, e as câmaras não captaram nada.

— Não me agrada nada que isto esteja a acontecer comigo fora. Não podes pedir a alguém para passar aí a noite?

— Não vale a pena.

Não queria que Elliot tivesse ficado a saber das claraboias, mas teve receio de que Trevor lhe contasse.

— Achas que isto pode ser obra de outro escritor? — pergunta ele.

Emilia imagina-o sentado na borda de uma cama primorosamente ajeitada num qualquer hotel minimalista em Reiquiavique.

Gostava que ele ali estivesse, com ela. Ou, melhor, de estar lá com ele.

— Algum inimigo que tenhas feito?

Emilia não é dada a fazer inimigos, e todos os escritores que conheceu, sobretudo em festivais ou outros eventos, se revelaram encantadores. Solidários. Não consegue imaginar nenhum deles a fazer semelhante coisa. Aquilo, percebe com uma pontada de medo, é obra de algum sociopata. Desconfia de que nem sequer conhece a pessoa, que se trata apenas de alguém que leu os seus livros e ficou algo obcecado.

— Participei o sucedido ao mesmo polícia com quem tinha falado antes. Um tal agente Clayton.

— E o que é que ele vai fazer?

— Não sei... não me disse. O que é que pode fazer? Aí é que está o problema...

Respira fundo. Sente que começou a falar mais alto e não quer parecer

assustada. Repara que Jasmine se voltou no sofá e está a olhar para ela. Emilia baixa a voz e afasta-se um pouco.

— Disse-me que tinha sido boa ideia instalarmos as câmaras. Mas, por enquanto, não há muito que a polícia possa fazer.

Do outro lado da linha, Elliot faz um som que deixa perceber a sua frustração.

— Estava capaz de matar quem anda a fazer isto.

— São só patéticos — diz ela, procurando tranquilizá-lo.

E a si própria.

— Não podes pedir ajuda à Louise? Para alguma coisa há de servir ter uma amiga na polícia.

— Ela está na unidade de crimes graves e trata de homicídios. Não deste tipo de coisas.

— Mas talvez conheça alguém que possa ajudar.

Emilia lança uma olhadela aos miúdos. Wilfie está a ver televisão, Jasmine está sentada de encontro ao braço do sofá, joelhos puxados para o peito, absorta no telemóvel, mas Emilia sabe que a filha tem ouvidos de tísico. Sente um súbito impulso protetor em relação a eles.

— Amanhã ligo-lhe a perguntar. Tens razão, para alguma coisa há de servir.

*

Emilia acabou de pôr Wilfie na cama e está na cozinha a conversar com Jasmine sobre Jake, um rapaz de quem Nancy gosta, quando ouve bater à porta da frente. Sente o coração acelerar e diz à filha que se deixe ficar onde está.

— Porque é que estás tão esquisita? — pergunta Jasmine, cerrando as mãos sobre a caneca de chocolate quente.

Tem um pijama um nadinha grande de mais para ela e umas peúgas espessas e felpudas, a fazer lembrar a Emilia a rapariguinha que foi em tempos.

— Não estou nada — responde, lançando-lhe o que espera ser um sorriso tranquilizador.

— Pareces louca.

É a tremer de medo que Emilia abre as portas duplas de vidro e espreita pelo olho mágico. Solta um suspiro de alívio ao ver o cabelo louro e o casaco com gola de pelo de Otilie.

Abre a porta e é atingida pelo ar frio e húmido.

— O que é que estás aqui a fazer?

Otilie estende-lhe uma garrafa de vinho e roça na bicicleta de Elliot para ir pendurar o casaco no bengaleiro ao fundo da escada.

— Esqueço-me sempre de como este vestíbulo é enorme — diz. — E respondendo à tua pergunta, sim, o Elliot ligou-me. Está preocupado. Portanto,

vou passar cá a noite. Não. — Põe uma mão no ar. — É que nem tentes impedir-me.

Emilia jamais se atreveria. E sente-se aliviada por Ottilie ali estar. Se dependesse dela, teria a casa cheia de gente, risos e vida todas as noites da semana. Elliot é mais recatado: havia de preferir que fossem apenas eles os quatro.

— Olá, tia Ottilie — cantarola Jasmine entrando no vestíbulo, ainda a embalar a sua caneca de chocolate quente. — O que é que veio cá fazer?

— Chiu — sussurra Emilia.

Empurra-as para a cozinha e fecha a porta para não acordar Wilfie. Abre a garrafa de vinho e vai buscar dois copos.

— Apeteceu-me passar uma noite fora — diz Ottilie a Jasmine, ao mesmo tempo que pega no copo que Emilia lhe estende.

Jasmine revira os olhos.

— Sei que alguma coisa se passa — replica, voltando-se para a mãe.

— Não é nada. — Emilia bebe um gole de vinho para esconder a mentira. — Só umas partidas que me têm andado a pregar.

— De que género?

— Oh, tolices. Uns lírios que recebi e não traziam cartão, uma gaivota...

— Uma gaivota? — guincha Jasmine.

— Uma gaivota de cerâmica — esclarece Emilia ao reparar na expressão horrorizada da filha.

Não refere as claraboias, nem o boneco do *troll*, nem a coroa de flores.

— Mas não foi por isso que eu cá vim, fofinha — diz Ottilie, sacudindo a mão. — Como o teu pai está fora, lembrámo-nos de fazer uma noite de miúdas.

Emilia apercebe-se da incredulidade estampada no rosto perfeito da filha. Junto à sobancelha há uma pequena marca deixada aos quatro anos pela varicela, mas, tirando isso, Jasmine tem a cara imaculada, uma pele com que Emilia pode apenas sonhar. Desde a adolescência que sofre de acne hormonal.

— Sendo assim, vou-me deitar — diz Jasmine. — Não me apetece ouvir-vos recordar os tempos do colégio pela milionésima vez.

— Tão parva — graceja Emilia. E puxa Jasmine para um beijo. Cheira a chocolate e a champô de maçã. — Boa noite. Adoro-te.

— Boa noite, querida — lança-lhe Ottilie já Jasmine vai a sair da cozinha, fechando reprovadamente a porta atrás de si.

Emilia dá graças por as portas serem de vidro e lhe permitirem olhar para o vestíbulo e ver Jasmine subir a escada. Desde que chegou a casa já verificou a claraboia do sótão algumas dez vezes, e está bem fechada. Chegou a ponderar atar uma corda ou uma fita qualquer à volta do trinco para impedir que alguém entrasse por ali, mas para isso teria precisado do escadote, que está na garagem.

— Então — diz Ottilie, encaminhando-se para os sofás do extremo da cozinha

usado como sala de estar —, que mais aconteceu desde que nos vimos à hora de almoço? O Elliot pareceu-me bastante abalado ao telefone.

— E não lhe contei da missa a metade — suspira Emilia, deixando-se cair na outra ponta do sofá e virando-se para a amiga.

Vem-lhe à mente um pensamento.

— Não lhe contaste da coroa de flores, pois não?

Ottilie franze o sobrolho.

— Conteí. Pensei que tu já lhe tinhas contado.

Emilia puxa os pés para debaixo do corpo. Não admira que Elliot se tenha passado e insistido que Ottilie fosse até lá.

— Ia contar-lhe, mas não quis preocupá-lo enquanto está fora. Também não queria contar-lhe das claraboias.

— Desculpa. Não sabia. Adiante, agora já cá estou, e quando descobrir o merdoso que anda a fazer isto, vou... vou...

Põe-se a brincar com o pé do copo de vinho.

— Vais o quê?

— Dizer-lhe das boas. — Desatam ambas a rir. É o que a supervisora do dormitório no colégio interno costumava dizer-lhes a elas. — Enfim... — Ottilie afasta o cabelo da cara. Tem as unhas pintadas de rosa-vivo. — ...o mais certo é ser algum cromo obcecado que tem uma paixoneta por ti e quer que lhe dê atenção.

— Uma paixoneta! Sou uma mulher de meia-idade com peso a mais e mãe de dois filhos.

— Não tens nada peso a mais! Não sejas ridícula. Tens um corpo ótimo. E ainda nem sequer fizeste quarenta. Desculpa, mas por estes dias a meia-idade é só depois dos cinquenta, talvez mesmo dos cinquenta e cinco!

— Se tu o dizes.

— Digo, pois. Para que conste. Céus...

Abana a cabeça ao mesmo tempo que observa Emilia.

— O que foi? Agora estás a enervar-me.

— Tu! O Jonas e a Kristin deram-te mesmo a volta à cabeça, não deram?

— Como assim?

— És linda, bondosa... e mesmo assim, não sei, tens tanta falta de autoestima.

Emilia sente as lágrimas a picarem-lhe os olhos e bebe um gole de vinho para esconder as emoções.

— Nem toda a gente pode ser superconfiante como tu — volve, tentando mostrar-se despreocupada. — É fácil ser confiante quando se tem um metro e setenta e cinco e se é parecida com a Claudia Schiffer.

— Quem me dera! Não sou parecida com a Claudia Schiffer. E tenho as minhas inseguranças, como tu bem sabes. Talvez tenha feito mal em acabar com o Stefan. — Beberica um pouco de vinho. — Adorava ter o que tu tens. Não esta

situação atual com este sacana, claro está.

Emilia ri-se mesmo sem querer. A presença de Otilie torna tudo menos assustador. A amiga sempre soube como alegrá-la.

Otilie solta um suspiro.

— Estou um pouco preocupada com a minha empresa, para ser franca. Felizmente, o meu pai emprestou-me algum dinheiro, mas não sei por quanto tempo vou conseguir mantê-la de pé.

— As coisas ainda não melhoraram?

— Um pouco. A mulher com quem fui encontrar-me esta tarde em Hampton tem uma casa enorme e precisa de ajuda com todas as divisões, de maneira que isso vai dar-me para aguentar por uns tempos. Talvez esteja simplesmente a ficar farta, não sei.

Recosta-se nas almofadas.

— Era uma pena se desistisses. Já estás nesse ramo há quase doze anos. Fico orgulhosa de ti por te teres mantido firme durante tanto tempo — diz Emilia.

Otilie não tem um grande historial de se manter fiel às coisas. Fez uma pausa de alguns anos nos estudos antes de se decidir a ir para a universidade, mas depois bastou-lhe um semestre para perceber que uma licenciatura não era coisa que lhe interessasse. Seguiu-se uma miríade de empregos sem futuro até, já com vinte e muitos, optar por um curso de decoração de interiores. A amiga sempre teve um lado desassossegado. No colégio, tinham-se aproximado devido às semelhanças entre as suas vivências de infância, com pais física e emocionalmente distantes, no caso de Emilia por causa do trabalho do pai na Força Aérea, no de Otilie por força da morte prematura da mãe e da decisão do pai de ir viver para a Alemanha. Embora tenham a mesma idade, nesse tempo Emilia sentira-se sempre mais nova do que a amiga, que era mais mundana e sabida, quase como uma irmã mais velha. Mas também pressentia que Otilie nunca se sentia verdadeiramente realizada, que estava sempre à procura de alguma coisa inatingível que a completasse.

Deitam-se tardíssimo — Otilie sempre foi noctívaga —, e Emilia ainda mal adormecera quando é acordada pelo som de música aos berros a ecoar por toda a casa. Senta-se na cama, momentaneamente desorientada, depois o coração começa a martelar-lhe no peito, uma descarga de adrenalina percorre-lhe o corpo. Mas que raio?

A música parece vir de todas as colunas que Elliot instalou pela casa. «Psycho Killer», dos Talking Heads, ainda por cima. Salta da cama e corre para o patamar. Jasmine e Wilfie emergem dos seus quartos de cabelo desgrenhado e expressões desconcertadas, e ficam os três ali especados a olhar uns para os outros até que Otilie surge a correr escada abaixo, resplandecente na sua camisa de noite comprida e sedosa.

— Mas que merda... Ups, desculpem.

Tapa a boca com a mão e olha para Wilfie.

Emilia tem de gritar mais alto do que a música para ordenar a *Alexa* que a desligue, após o que a casa mergulha num silêncio misericordioso.

— Porque é que a música se pôs a tocar a meio da noite? — choraminga Wilfie, fitando Emilia com os seus grandes olhos castanhos.

Ela abraça-o e beija-lhe o alto da cabeça.

— A *Alexa* deve ter-se baralhado. Está tudo bem.

— Talvez esteja avariada — diz Otilie, lançando-lhe um olhar preocupado por cima da cabeça de Wilfie.

— Não há maneira de desligar as colunas? — pergunta Jasmine. — E porque é que está tanto frio?

Emilia volta-se para a escada que leva ao sótão e sente um arrepio na nuca.

— Não saiam daí — ordena aos miúdos.

Corre ao segundo andar, logo seguida por Otilie. Tal como temia, a claraboia está aberta de par em par. Só lhe apetece chorar.

— Mas verifiquei-a tantas vezes. Não...

Sente-se empalidecer.

Otilie procura tranquilizá-la, pousa-lhe uma mão no braço.

— De certeza que há uma explicação.

Voltam para junto dos miúdos, que continuam plantados no patamar. Até Jasmine está com um ar preocupado, e pousou um braço sobre os ombros de Wilfie.

Emilia tenta não deixar transparecer o pânico na voz.

— Está tudo bem. Já passou. Agora voltem para a cama, vá.

Depois de aconchegar um ansioso Wilfie no beliche de cima, de tranquilizar Jasmine e de fechar a claraboia do patamar do sótão, ela e Otilie voltam uma vez mais para a cozinha.

— As claraboias estão ligadas à *Alexa*, certo? — pergunta Otilie, debruçando-se para examinar o aparelho branco pousado na prateleira por cima do lava-louça.

— Sim. O Elliot configurou tudo com a aplicação.

Otilie chega-se para trás, mãos nas ancas, olhos ainda cravados na engenhoca.

— Hum... Quer-me parecer que foi pirateada e que alguém está a dar-lhe instruções para fazer estas coisas.

Claro. Como é que não pensou nisso? Afinal de contas, tinha-o escrito no volume quatro, *Quem Jaz por Baixo*. Nesse livro, o assassino estava a viver na cave de uma família e a aterrorizar os seus membros recorrendo aos assistentes domésticos digitais.

— Ainda bem que não tens cave — diz Otilie num tom carregado, como se lhe tivesse lido os pensamentos.

Daisy, 2005

De modo que Daisy ali estava, com dezoito anos e a viver com o pai e com Shannon, a madrasta, numa cidadezinha muito distante daquela onde passara os primeiros dez anos. Feliz, achava ela, mesmo tendo vivido quase metade da vida sem a sua adorada mãe. Tinha tentado descobrir tudo o que podia sobre o seu assassínio, mas a informação era estranhamente escassa. O pai protegera-a de tudo isso, desde logo com a mudança da terriola da costa do Devon onde tinham vivido até aí para Pocklington, no Yorkshire.

A princípio era demasiado nova para perceber ao certo o que acontecera à mãe, mas — por fragmentos de conversas sussurradas, visitas da polícia e telefonemas — sabia que ela tinha sido assassinada. E a marca no tornozelo, tinha a certeza disso, fora feita pelo namorado secreto da mãe. Mostrara ao pai os jornais rabiscados nas margens, confessara-lhe as suas suspeitas a propósito desse namorado secreto. Ele ouvira-a e levara as suas descobertas a sério. Chegara mesmo a marcar uma entrevista com uma inspetora de ar solene que, claramente, não sabia como se dirigir a meninas de dez anos. Daisy tinha ouvido os adultos cochichar sobre um «assassino em série», o que a fazia sempre imaginá-lo diante da televisão a ver séries de enfiada. A obsessão em encontrá-lo consumira toda a sua adolescência.

— Matou várias mulheres — explicou-lhe o pai um dia, quando ela andava pelos quinze anos e lhe implorou que lhe contasse mais coisas sobre o assassino da mãe. — Uma antes da tua mãe e umas quantas depois. A polícia há de acabar por apanhá-lo.

Desconcertava-a que um homem assim conseguisse escapar impune. A matar de forma tão descarada, e para mais no Devon. Não foi por acaso que escolheu a Universidade de Exeter. Sabia que tinha de voltar para o sudoeste — não havia nada que pudesse fazer a partir do norte do Yorkshire.

No dia em que a levava à universidade, o pai baixara o volume do rádio do carro e declarara, na sua voz mais séria:

— Espero que não te ponhas com ideias tolas sobre tentar encontrar o homem

que achas que matou a tua mãe. Deixa essas coisas para a polícia, ouviste, Daise? São perigosas.

— Claro que sim — fora a sua resposta zombeteira.

E, no fundo, o que podia Daisy fazer senão apanhar de vez em quando o autocarro desde a universidade até à sua antiga terriola costeira nos arredores de Plymouth para vasculhar as ruas, as lojas, as arcadas, a marginal à procura de vestígios do Homem dos Rabiscos? Porque tinha algo que mais ninguém tinha, nem mesmo a polícia. Tinha-o *visto*. Tinha visto a mãe fazê-lo entrar sorrateiramente em casa e depois deixá-lo sair da mesma forma. Tinha visto os rabiscos nos jornais que ele deixava lá ficar. É certo que nunca chegara a ver-lhe bem a cara, mas tinha falado à polícia do seu cabelo louro, espetado atrás por causa dos dois remoinhos, e do seu pescoço em forma de pernil. Disseram-lhe que iriam tentar descobrir a identidade do misterioso amante da mãe, quanto mais não fosse para o excluírem das investigações. Mas, que ela soubesse, nunca o tinham encontrado.

Até que, durante o primeiro semestre na universidade, conheceu Ash e tudo mudou.

Nos dias seguintes, Emilia não tem outra alternativa senão tentar enterrar os acontecimentos recentes num cantinho remoto do cérebro. Anda atarefada a preparar o lançamento da edição de bolso de *O Homem Desaparecido*, e recebeu as correções a *O Último Capítulo*. Quer despachá-las o mais depressa possível para poder enviá-las a Hannah antes que esta entre de licença de maternidade. Embrenha-se no livro, grata pela distração, trabalhando horas a fio para conseguir terminá-lo.

Elliot só chega duas horas antes de terem de sair para o lançamento. A própria Emilia está em casa há pouco tempo, depois de ter ido buscar os miúdos à escola, e há tralha por todo o lado, os pratos do jantar da noite anterior ainda empilhados no lava-louça, a mesa da cozinha atafalhada com os trabalhos de casa de Jasmine e recortes de cartolina do projeto de Inglês de Wilfie. Sente uma pontada de culpa, depois lembra-se de como tem andado atarefada. Ainda assim, começa a enfiar os pratos na máquina mal ouve a chave dele na fechadura.

Ao entrar na cozinha, Elliot traz um ar cansado mas ao mesmo tempo aliviado por estar em casa. Enlaça Emilia pela cintura quando ela se dobra para o tabuleiro da máquina da louça e pousa-lhe o queixo no ombro.

— Nem imaginas como é bom estar em casa.

Ela volta-se para o abraçar.

— Ainda bem que chegaste — diz-lhe.

Toda a ansiedade que tem sentido nos últimos dias como que se dilui, e deixa-se relaxar nos braços dele, inalando o seu cheiro familiar e acolhedor. Ele beija-a, mas depois chega-se para trás e pergunta-lhe onde estão os miúdos.

— No quarto dos brinquedos. Disse-lhes que podiam ir ao lançamento logo à noite.

Ele dá uma olhadela em volta e franze o sobrolho, mas não diz nada.

— Ótimo. Vou só dar-lhes um olá.

Sai da cozinha e Emilia continua a enfiar a louça na máquina. Quando Elliot reaparece, cinco minutos depois, traz ambos os miúdos a reboque. Deve ter-lhes dito para virem arrumar, porque, sem dizerem uma palavra, ainda que com visível relutância, um e outro começam a guardar as suas coisas. Wilfie suspira pelo

menos cinco vezes enquanto recolhe a cartolina. Emilia reprime a irritação, desejando que, pelo menos uma vez, Elliot conseguisse relaxar e contar-lhe da sua viagem em vez de se preocupar com a desarrumação.

— É para estarem prontos às seis — grita-lhes Emilia assim que eles terminam e batem rapidamente em retirada.

A única resposta a que tem direito são dois grunhidos.

— Podias ter-lhes dado mais um bocadinho de atenção — diz ela assim que eles saem da cozinha. — Sobretudo ao Wilf. Sentiu a tua falta enquanto estiveste fora.

Elliot faz um ar desalentado.

— Desculpa... Não me lembrei. Até lhes trouxe uns presentes. — Enfia a mão no saco e extrai de lá dois alces de peluche. Segura-os à sua frente e põe-nos a falar um com o outro com vozes apatetadas até ela se rir. — Vou lá agora dar-lhos.

Emilia aproveita a sua ausência momentânea para acabar de arrumar. Quando volta, Elliot parece mais descontraído.

— Anda — diz, pegando-lhe na mão. — Podemos respirar fundo durante cinco minutos e pôr a conversa em dia até serem horas de sairmos. — Dirigem-se ao sofá e sentam-se. — Então? Que mais é que aconteceu enquanto eu estive fora?

Emilia cruza os tornozelos e fala-lhe da noite que Ottilie passou lá em casa.

Ele passa a mão pelo cabelo e puxa a gravata como se esta estivesse a estrangulá-lo.

— Acho que precisamos de reforçar a segurança. Mudaste a palavra-passe da *Alexa*?

— Claro. Foi a primeira coisa que fiz. Escolhi uma mais complicada.

— Será possível alguém ter tido acesso à original?

— Não sei. Não vejo como. Guardo-a no telemóvel... essa e outras... e os miúdos não a sabem, mas...

Encolhe os ombros.

— Vou falar com o meu pai e perguntar-lhe o que acha de instalarmos um alarme como deve ser aqui em casa — diz ele, estendendo-se e pegando-lhe na mão. — Mais vale jogar pelo seguro.

O lançamento do livro destina-se apenas à família e aos amigos mais chegados de Emilia e tem lugar numa pequena livraria independente de Richmond chamada A Loja da Esquina. Emilia nunca foi fã de lançamentos — detesta ser o centro das atenções e ambos os seus casamentos foram cerimónias discretas e familiares, embora com Jonas isso se tenha devido a estar grávida. Os amigos sempre encorajaram as festas de lançamento, mas Emilia sabe que é por se tratar de uma boa desculpa para se encontrarem e beberem uns copos. Sabe que Elliot também não as aprecia por aí além, e que não lhe é fácil estar demasiado próximo

de Jonas. Ele já em tempos lhe disse que não percebe porque é que ela insiste em convidar tanto o ex-marido como Kristin — ou porque é que eles aparecem. Mas são família de Jasmine e, por conseguinte, também fazem parte da sua. E há anos que não faz um lançamento.

— Convidaste os teus pais? — pergunta Elliot, enquanto vai enchendo copos com *prosecco* antes da chegada dos primeiros convivas.

Wilfie e Jasmine estão refastelados no único sofá da livraria, já com um ar entediado.

— Convidei, mas não faço ideia se vêm.

Só foram a um lançamento, aquando da sua estreia.

Elliot dá-lhe um aperto solidário no braço e Emilia afasta-se ao ver entrar a editora e a agente publicitária, Ava. Hannah tem ar de poder dar à luz a qualquer instante e coloca uma mão nas costas quando cumprimenta Emilia. Ava, que tem no máximo uns vinte e cinco anos, com cabelo negro pela cintura e sorriso fácil, trata de ajeitar os exemplares de *O Homem Desaparecido* dispostos em cima da mesa.

A pequena livraria não tarda a ficar apinhada. Drummond, o agente de Emilia, chega acompanhado pela glamorosíssima mulher. Ambos já com sessenta e muitos, namorados de infância e ainda com um ar tremendamente apaixonado. Otilie chegou-se para um canto e pôs-se à conversa com um dos autores policiais amigos de Emilia, Rob. Solteiro e atraente, parece estar a adorar conversar com ela, que o tem praticamente pregado a uma das estantes. Está fabulosa num vestido vermelho de decote cavado e batom da mesma cor, o longo cabelo louro reluzente. Emilia gostava de se sentir igualmente confiante no seu vestido novo.

Olha em volta à procura de Louise. A amiga tinha-lhe dito que passaria por ali a caminho de casa, mas Emilia não consegue descortiná-la entre o mar de rostos. Há algumas pessoas que não reconhece — talvez trazidas pelos amigos —, mas o seu coração estremece ao vê-las. E se o seu perseguidor for um dos presentes nessa noite? Vêm-lhe à mente as palavras da florista, que lhe contara ter sido um homem de trinta e poucos anos a encomendar a coroa de flores. Voltara a ligar-lhe no dia anterior para perguntar se o colega acharia que se tratava do mesmo indivíduo que encomendara os lírios, o que se confirmara. Haveria ali alguém que se encaixasse nessa descrição? Percorre a sala com o olhar e sobressalta-se ao sentir uma mão pousar-lhe no ombro.

É Elliot. Quase não o viu durante toda a noite. Sabe que ele tem estado com Wilfie. Nancy veio com a mãe, Marcie, por isso pelo menos Jasmine está entretida.

— Está tudo bem contigo? — pergunta ele com um ar preocupado.

Emilia faz que sim com a cabeça.

— É só que... E se ele aqui estiver? Não consigo pensar noutra coisa.

Presume que se trate de um homem, atendendo ao que a florista lhe contou.

— Não deixes que isso te estrague a noite...

Interrompe-se a meio da frase quando Kristin e Jonas entram na livraria de braço dado e se dirigem de imediato ao local onde Pam, a dona do estabelecimento, está a servir as bebidas.

— Sê simpático — adverte-o Emilia.

— Alguma vez não fui? — sorri ele.

Emilia contempla a sala. Apesar do tempo chuvoso, está calor dentro da livraria e as pessoas formam um grupo compacto. Um burburinho de uma dúzia de conversas flutua até ela.

— Gostava que a Louise aqui estivesse para poder apresentar-vos. Espero que ainda consiga vir. Merda. Olha quem acabou de chegar.

Elliot arregala os olhos ao seguir o olhar dela. Os pais de Emilia acabaram de entrar. A mãe traz um pesado casaco de pele de carneiro, escurecido nos ombros pela chuva, e o pai exhibe um ar rígido e militaresco no seu blusão *Barbour* e boné de *tweed*. Emilia mal pode acreditar que se tenham aventurado a sair à rua com aquele tempo. Estão parados à porta, com um ar desnorteado, e Elliot apressa-se a ir ao seu encontro, mas detém-se ao ver que já foram intercetados por Jonas.

Desalentado, volta-se para Emilia. Em tempos ela cometeu o erro de lhe contar que a mãe adorava Jonas, e sabe que ele se preocupa por não ter uma relação tão próxima com os sogros. Mas não é fácil ser próximo dos seus pais.

— Vou ver do Wilfie — diz Elliot. — E tu, vê se socializas um pouco. Afinal, é o teu lançamento.

Emilia fica a vê-lo serpentear pelo meio das pessoas até onde o filho está sentado, no espaço infantil da livraria. Jasmine e Nancy estão as duas a trocar risinhos, aconchegadas no sofá cor de gema, ambas debruçadas sobre o telemóvel de Jasmine. Emilia sorri para si própria, lembrando-se dela e de Otilie naquela idade. Dá graças por Elliot estar ali para olhar por todos. Não consegue libertar-se da sensação de que a pessoa por trás de tudo o que lhe tem acontecido ultimamente pode estar presente naquela sala ou, pelo menos, lá fora a observá-los.

Vai ter com os seus pais e com Jonas, ao mesmo tempo que se pergunta por onde andarão Kristin.

O pai dá um passo em frente assim que a vê, olhos radiantes.

— Olá, amor.

— Querida — diz a mãe, beijando-a sem que as suas caras se toquem. — Está imensa gente.

— Obrigada por terem vindo — volve Emilia.

Não os via desde o Natal.

— Adorei o livro — diz o pai na sua voz tranquila. — Li-o na edição de capa dura.

— Comprou-o, apesar do preço — acrescenta a mãe. — Ainda lhe disse que não devia ter de o pagar, tendo em conta que tinha sido escrito pela filha. Espero que para a próxima nos envie um dos primeiros exemplares.

Jonas volta-se pela primeira vez para ela e soergue uma sobrancelha. Emilia tenta reprimir o sorriso.

— De certeza que há de ser possível — responde.

— Sabem o que é que ela vai fazer no próximo, não sabem? — diz Jonas. — Vai matar a Miranda Moody!

O pai de Emilia arqueja.

— Não pode ser!

— Jonas — silva Emilia. — Isso é segredo.

Jonas leva a mão à boca.

— Desculpa.

A mãe sacode o casaco dos ombros e dobra-o no braço.

— Pois eu cá nunca os li. Não gosto de romances criminais. As notícias já são deprimentes que chegue. Não percebo porque é que não escreves qualquer coisa um bocadinho mais animadora, querida. Uma coisa cómica.

— Talvez porque a Em não tem sentido de humor — graceja Jonas, ao que ela o brinda com uma cotovelada .

— Tinha de ter, para me casar contigo — riposta.

— Ui! — ri-se ele, uma madeixa de cabelo a cair-lhe para o olho.

A mãe franze os lábios, desagradada com aqueles modos descontraídos, como se preferisse vê-los a discutir e a provocar-se um ao outro.

— Onde é que está a tua mulher *atual*, Jonas? — pergunta num tom gélido, como se ele já se tivesse casado uma dúzia de vezes.

Jonas inclina a cabeça a apontar Kristin, entretida a conversar com Marcie. Estão bastante perto do sítio onde Ottilie está a atirar-se a Rob, e Emilia repara que Kristin vai olhando de vez em quando para Ottilie. Pergunta-se se irá tentar falar com ela.

Volta novamente a sua atenção para os pais e para Jonas.

— Os vossos netos estão lá atrás com o Elliot, se quiserem ir dar-lhes um olá.

Aborrece-a o seu distanciamento como avós. Raramente lhe perguntam por Wilfie e por Jasmine.

— Claro que queremos. Anda, Hugh — diz a mãe, agarrando no pai pelo braço e conduzindo-o por entre o aglomerado de gente.

Emilia solta um suspiro de alívio quando eles se afastam.

— Continuam na mesma — ri-se Jonas. — Até me admira que me tenham falado.

— Gostavam imenso de ti. Sempre conseguiste fazer rir a minha mãe.

— Mas já não — volve ele. Enterra as mãos nos bolsos do *blazer* de lã. — E o

Elliot também me está a evitar, ao que vejo.

— Não lida bem com isto. Sente-se constrangido.

— As únicas pessoas que deviam sentir-se constrangidas somos nós, e não sentimos, pois não? São águas passadas.

É esse o problema com o seu ex-marido. Quer que tudo seja varrido para debaixo do tapete, que o seu comportamento não tenha consequências. Que todos esqueçam o passado e sigam em frente. Mas há pessoas com memórias mais duradouras, e a mãe é daquelas que gostam de guardar ressentimentos. Não precisa de muito para antipatizar com alguém.

— Já sabes como é a minha mãe. Adora ter um pretexto para se sentir ofendida. Ficou de rastos quando nos separámos. Eras o filho que ela nunca teve.

Ele cora e dá um gole no seu *prosecco*.

— Enfim, passando ao que interessa, estás a ter uma noite divertida?

— Por acaso, até estou.

Apesar de o meu perseguidor poder estar aqui, nesta mesma sala, pensa Emilia. Mas não o diz a Jonas. Ainda não lhe contou nada do que se tem estado a passar, e decerto não é ali que o vai fazer.

— Pareces admirada.

— Sabes que não sou muito dada a estas coisas.

Ele faz-lhe um sorriso compreensivo.

— Sim, sei. Mas isto é um feito tremendo, Em. Estou orgulhoso de ti, espero que o saibas. Lembro-me de como desejaste aqui chegar. De como falavas do teu sonho de ser escritora. E conseguiste concretizá-lo.

Fixa os olhos nos dela e a sala como que encolhe um pouco enquanto Emilia se sente recuar à primeira vez que se viram, ao que sentira por ele. Ao tempo em que tudo era perfeito.

Baixa os olhos.

— Obrigada, Jonas. Isso é importante para mim.

Sorriem timidamente um ao outro, no preciso instante em que Otilie vem ter com eles.

— Há quanto tempo! — lança ela a Jonas.

— Olá, Otilie — volve ele, revirando o copo entre os dedos.

Emilia sente-se retesar. Lembra-se de que contou a Otilie do namorico de Jonas com a colega de trabalho. *Por favor, não fales no assunto*, suplica para si própria.

— Então, como é que vão as coisas, Pila? — pergunta a amiga.

Emilia estremece ao ouvir a alcunha que ela própria lhe dava. Jonas arregala ligeiramente os olhos azuis, mas ignora o gracejo.

— Tudo bem. E contigo?

— Foi simpático tu e a tua *mulher* terem vindo.

Abre a boca para dizer mais qualquer coisa, mas Emilia lança-lhe um olhar de advertência e ela torna a fechá-la. Fica desalentada quando Kristin decide que aquele é o momento para se juntar a eles.

— O velho grupo outra vez reunido — comenta Otilie com aspereza.

— Que bom encontrar-te — diz Kristin.

O seu sorriso é caloroso, quase carente, e Emilia lembra-se do telefonema que Otilie lhe relatou.

Otilie não responde, limita-se a dar um gole na bebida.

Kristin aclara a garganta, e Emilia percebe que ela está nervosa.

— Queria pedir-te desculpa pela outra noite — começa. Depois volta-se para Emilia. — Liguei à Otilie. Foi uma estupidez, coisa de bêbeda. Só queria uns conselhos sobre decoração de interiores e... bom... Ela deve ter-te contado.

— Contou — replica Emilia, tentando injetar frieza no tom da voz.

Não resulta. É péssima em confrontações. Outro motivo por que gosta de escrever ficção: no papel, pode ser confiante e corajosa de formas que jamais conseguiria na vida real.

— Desculpa — diz-lhe Kristin.

E Emilia pergunta-se do que estará ela a desculpar-se: do telefonema a Otilie ou daquilo que fez há mais de uma década. Não tem muito tempo para pensar nisso, já que, antes que possa responder, Ava vem buscá-la para a apresentar a um jornalista.

A hora seguinte é um corrúpio de discursos, conversas sobre edição e trocas de novidades com um ou outro escritor seu amigo. Não vê Kristin em lado nenhum e fica a pensar se terá ido para casa. Espera que Otilie não tenha sido desagradável com ela ou com Jonas.

Prepara-se para ir falar com Marcie quando os seus olhos captam qualquer coisa na montra. Uma cara encostada ao vidro, feições distorcidas pelas luzes e pela condensação. Fica com o coração na boca. É o seu perseguidor, só pode ser. Tenta desesperadamente abrir caminho por entre o amontoado de gente, mas precisa de uns bons cinco minutos para chegar à porta, já que antes ainda tem de se livrar primeiro de Marcie e depois de Hannah.

Quando por fim alcança a entrada, é com uma sensação de desalento, ciente de que quem quer que fosse decerto já se foi embora. Ou, pior ainda, esgueirou-se lá para dentro e está algures no meio da turba. Abre a porta de supetão, fazendo entrar uma rajada de ar frio. As luzes da livraria projetam um ténue retângulo ambarino no passeio molhado e iluminam duas pessoas envolvidas no que parece uma discussão acalorada. Calam-se ao dar pela presença dela e a mais alta das duas, uma mulher com um vestido minúsculo, afasta o guarda-chuva da cara e Emilia fica espantada ao ver que se trata de Kristin. Tem um cigarro na mão. Emilia achava que ela tinha deixado de fumar há muito. A outra silhueta volta-se na sua

direção. É Louise.

— Lou. Vieste. Está... — Tira os olhos dela e fixa-os em Kristin. — ...está tudo bem?

Desce para o passeio.

Kristin solta uma baforada de fumo.

— Desculpa, estava tanto calor aí dentro que vim cá fora dar umas passitas e dei de caras com a tua amiga.

Louise parece pouco à vontade e remexe-se de pé para pé. Tem o telemóvel na mão e está de gabardina comprida com o capuz para cima. Terá sido a cara dela que Emilia viu na montra?

— Fico mesmo contente por teres conseguido vir — diz-lhe. — Entra.

— Desculpa. Era o que ia fazer, mas recebi uma mensagem. — Ergue o telemóvel. — Chamaram-me para o trabalho.

— Oh, não, que pena. O Elliot ia adorar conhecer-te.

— Desculpa. Tenho de me despachar. Mas...

Puxa o capuz para trás, indiferente ao facto de ficar com o cabelo molhado. Está com um ar apreensivo.

— O que foi?

— É só que... quando cheguei, antes de a Kristin ter saído...

— Parece que viu alguém — intromete-se Kristin, deixando cair o cigarro e esmagando-o no passeio com o salto do sapato. — Um mirone. — Encolhe os ombros, des preocupada. — Seja como for, já se foi embora. Vou voltar para dentro... está um gelo. Tive muito gosto em conhecê-la, Louise.

Louise não diz nada, e ela e Emilia ficam a ver Kristin dobrar o guarda-chuva e abrir a porta, com o que deixa escapar uma lufada de risos e o cheiro a amendoins torrados. Depois a porta fecha-se suavemente atrás dela, deixando a rua em silêncio.

Emilia cruza os braços à volta do corpo. O seu cabelo começa a ficar frisado ali fora.

— Está tudo bem?

— Não quis dizer grande coisa diante da Kristin. Não tinha a certeza do que ela sabia. É um bocado esquisita... Parece obcecada contigo.

Emilia aproxima-se um pouco mais.

— Como assim?

— Mal percebeu que eu era tua amiga, começou a fazer-me perguntas... Se queres que te diga, acho que dava uma excelente polícia.

— A fazer-te perguntas sobre o quê?

— Sobre ti e o Elliot. Se eram felizes e se alguma vez falaste comigo a respeito do Jonas. Foi estranho. Também achei que estava um nadinha tocada, mas adiante, não era disso que te queria falar. — Hesita, o rosto sério. — Vi alguém,

Em. Um homem. Aqui parado diante da montra, a olhar lá para dentro. Gritei-lhe e ele fugiu quando eu me aproximei.

Emilia sente-se agoniada. Era ele. Tem a certeza disso. Olha para o fundo da rua, como se esperasse avistá-lo ao longe, mas vê que está deserta.

Emilia entrega as suas correções uma semana depois, após o que, como prometido, envia o manuscrito por *e-mail* a Elliot, a Trevor, a Ottilie, a Louise e a Jonas. Tem consciência de que Jonas também deixará que Kristin o leia, e não sabe o que sentir quanto a isso. Não consegue esquecer-se do que Louise lhe contou sobre as perguntas inconvenientes de Kristin. Também o envia ao pai, depois do remoque da mãe no lançamento. Até Jasmine quer uma cópia.

— Tenho de saber como é que matas a Miranda — apressou-se a explicar, sem que Emilia tivesse tempo de lhe perguntar porque queria ela lê-lo.

— Os meus livros talvez sejam um bocado sombrios para ti.

Jasmine revirara os olhos.

— Faço dezasseis anos em outubro. Até já me deixaste ver um filme para maiores de dezoito — respondeu, referindo-se a *Beleza Americana*, que a tinham deixado ver numa noite em que Wilfie já estava na cama e só porque não era excessivamente violento.

Jasmine não mais a deixara esquecer o assunto.

— Veremos.

— O que quer dizer não — bufara a filha.

Felizmente, as coisas têm-se mantido calmas desde o lançamento. A alteração das palavras-passe de *Alexa* pôs cobro a novos incidentes com as claraboias a abrir-se e a música a tocar a despropósito, mas Emilia anda enervada, sempre à espera do pior quando chega a casa. Quase não saiu durante toda a semana, a não ser para ir buscar Wilfie à escola.

— Acho que precisamos de sair daqui — diz Elliot certa noite. — Sei que andas preocupada com tudo isto. Precisas de mudar de ares. De uma escapadela.

Emilia concorda, de modo que se metem no carro e vão passar uma semana à Cornualha durante as férias escolares da Páscoa, e à medida que os dias avançam, com longos passeios na praia e deambulações por ruelas tortuosas, a espreitar as pequenas lojas e os cafés, dá por si a relaxar. Quando regressam a Londres e dão conta de que ninguém lhes enviou flores nem embrulhos sinistros enquanto estiveram fora, quase se convence de que, quem quer que andasse a fazê-lo, acabou por se cansar.

Na sexta-feira, quando Emilia está a trancar a casa para ir à cidade buscar roupa à lavandaria, ouve passos atrás de si, no acesso.

Volta-se de rompante, ainda de chaves na mão, o coração aos pulos. Depara com uma mulher ainda jovem parada ao fundo dos degraus da entrada, escassos palmos à sua frente.

— Peço imensa desculpa — diz ela. — Não queria assustá-la. É a Emilia Ward?

— E porque é que pergunta?

O medo fá-la parecer inusitadamente brusca. Desce os degraus e avalia a mulher: vinte e muitos, cabelo ruivo encaracolado, vestida com elegância numas calças pretas e num *blazer* xadrez. O sol brilha, fazendo cintilar as poças no chão, e a cerejeira já desabrochou, as suas pétalas aveludadas cobrem a relva em redor.

A mulher estende-lhe a mão.

— Chamo-me Gina Osbourne. Escrevo para o *Mirror* e vinha saber se estaria interessada numa entrevista.

Emilia fita-a com um ar surpreendido e não lhe aperta a mão.

— Uma entrevista? Porquê?

— Por causa do que lhe tem estado a acontecer. Os estranhos incidentes que replicam enredos dos seus livros. Adoro-os, já agora... Li-os a todos.

— Hum... bom, obrigada... mas não sei se... — Emilia sente-se encurralada. As axilas enchem-se-lhe de suor e o casaco de lã que traz vestido parece-lhe sufocante. — Como é que ficou a saber disso?

— Ah, uma jornalista nunca revela as suas fontes. — Solta uma gargalhadinha que mais parece um latido. Faz lembrar um *jack russell*. — Era uma ótima publicidade para o seu novo livro. Ouvi dizer que vai matar a personagem principal.

O desconforto de Emilia intensifica-se. Não percebe como é que a mulher soube daquilo. Não o contou praticamente a ninguém. Pensa em Ava, a sua agente publicitária, ciente de que esta a encorajaria a dar a entrevista. A má publicidade é coisa que não existe e tudo isso.

— Seja como for, estou em crer que parou.

Se o disser em voz alta, pode ser que se concretize.

Gina franze o sobrolho.

— O que é que parou?

— O... assédio, creio que se pode chamar-lhe assim. Embora nem sequer tenha a certeza de que seja essa a designação certa. Acho que lhe chamaria antes importunação e, como lhe disse, já parou há algum tempo.

— Certo. — Gina Osbourne parece desiludida. — O facto de ter acontecido é, por si só, fascinante, e daria um excelente artigo. E pode aproveitar para falar do seu novo livro aos nossos leitores.

Sorri, erguendo as sobrançelas descoradas numa súplica silenciosa.

— Não estou certa — diz Emilia. A última coisa que quer é antagonizar a pessoa por trás de tudo aquilo, dar-lhe um motivo para voltar à carga. — Vou ter de consultar os meus editores.

E a polícia.

— Claro. Muito bem. Deixo-lhe o meu cartão. Por favor, ligue-me caso decida falar sobre isto. Como lhe disse, podia ser uma ótima publicidade para o seu novo livro.

Emilia aceita o cartão com um agradecimento e enfia-o no bolso. Espera que a jornalista volte a entrar no carro, depois encaminha-se para o centro da cidade.

Ao serão, depois de ter aconchegado Wilfie na cama, transmite as suas preocupações a Elliot. Jasmine vai passar a noite em casa de Nancy, por isso estão só os dois, a relaxar com um copo de vinho diante da televisão e de um filme dramático a que vão dando pouca atenção. Emilia já vestiu a camisa de noite de seda cor de marfim que sabe ser a preferida de Elliot e tem as pernas no colo dele, que está a massajar-lhe a barriga de uma delas e não a deixa concentrar-se.

— Achas que devia falar com esta jornalista?

— Perguntaste à tua agente publicitária?

— Falei com ela esta manhã. Concordou que era boa publicidade, mas disse-me que só devia fazê-lo se me sentisse à vontade. Mas nem sei como me sinto. Estou sempre a mudar de ideias. O meu maior receio é irritar a pessoa que está por trás disto.

— Também pode ser que a faça parar — diz Elliot numa voz suave, os seus olhos qual chocolate líquido à média luz. — Pode ser uma forma de lhe dar a exposição que queria. De que *precisava*. Se disseses que a polícia está a par do assunto, talvez isso a assuste... De certeza que vai estar atenta a qualquer cobertura mediática.

Emilia bebe um longo gole do seu *chardonnay*. Louise ligara-lhe na semana anterior a dizer-lhe que ia pô-la em contacto com um colega que trabalha em casos de assédio, o agente Anthony Haddock. Este tinha ido lá a casa na véspera e ficara pacientemente sentado à mesa da cozinha enquanto ela o punha ao corrente de tudo. Era novito — mais novo do que ela, pelo menos —, com cabelo castanho-claro, uma cara sardenta de rapaz e pulsos muito finos. Não tinha ar de agente de investigação criminal nem de ter força suficiente para proteger quem quer que fosse. Não se mostrara grandemente preocupado e dissera-lhe que estava a tomar as precauções adequadas ao instalar as câmaras e o alarme, mas que devia informá-lo de imediato se acontecesse mais alguma coisa. Emilia ligara-lhe nessa manhã para lhe pedir conselhos sobre a entrevista e ele não pareceu achar que pudesse advir daí algum dano.

— Tens razão — diz ela agora a Elliot, fazendo rodopiar o vinho no copo. — Vou dizer tudo o que puder para a assustar.

Elliot debruça-se sobre ela e beija-a ao de leve nos lábios.

— Anda, hoje podíamos deitar-nos mais cedo.

Pega-lhe na mão e condu-la para fora da cozinha. Emilia fica espantada por vê-lo deixar os copos em cima da mesinha, mas manda *Alexa* apagar as luzes.

Já se despiram um ao outro e estão a deixar-se cair na cama quando o telemóvel de Elliot se ilumina.

— Ignora-o — murmura ela.

Mas Elliot senta-se. Um raio de luar filtrado pelas ripas das persianas poussa-lhe no corpo, iluminando-lhe os ombros musculados.

— Não posso. É a câmara da campainha. Um alerta de que está alguém no nosso acesso.

O desejo que Emilia sentia ainda há pouco evapora-se e um suor frio desponta-lhe no corpo. Também ela se senta, o coração aos pulos. O marido tem os olhos cravados no ecrã do telemóvel. A janela do quarto deles dá para o jardim das traseiras, e Elliot salta da cama, nu, agarra no roupão pendurado atrás da porta, veste-o e precipita-se para fora do quarto.

— Deixa-te aqui ficar. Eu vou ao quarto da Jasmine espreitar pela janela dela.

Emilia fica a vê-lo afastar-se, demasiado assustada para se mexer. Talvez seja apenas um gato da vizinhança, ou outro animal qualquer, diz esperançosamente para si própria. Mas o coração bate-lhe com tanta força no peito que receia ter uma paragem cardíaca. Respira fundo algumas vezes, mas Elliot demora tanto a voltar que ela já não aguenta mais. Agarra na camisa de noite caída no chão, veste-a e esgueira-se do quarto. Espreita pela porta entreaberta atrás da qual Wilfie dorme ditosamente a sono solto, e depois para o quarto da filha.

Elliot está de pé diante da janela, com as persianas corridas. O quarto está escuro e o seu rosto mergulhado na sombra.

— Está lá alguém? — sussurra ela, aproximando-se.

— Não tenho a certeza. Acho que sim...

Emilia sente a boca seca.

— Achas que ligue para a polícia?

— Espera um pouco... — Baixa os olhos para o telemóvel, depois volta a espreitar pela janela. — Repara, consegues ver? Ali...

Emilia coloca-se diante dele, as pernas a tremer, para conseguir ver melhor.

— Não sei, acho...

E então o seu coração começa a bater ainda com mais força. Vê uma silhueta ao fundo da rua, vestida de preto, parada debaixo de uma árvore e a olhar para a casa deles. Está demasiado longe para que possa distingui-la com clareza.

— Oh, céus, El. Quem será?

— Não sei — sussurra ele. — Acho que deve ter vindo até ao nosso acesso. Mas é quase como se soubesse onde é que estava a câmara, porque dá ideia de tê-la evitado de maneira a só se lhe ver o ombro.

— Achas que nos consegue ver?

— Espero que sim — diz ele. — Estou tentado a ir lá e confrontá-lo pessoalmente.

Faz menção de se afastar, mas Emilia agarra-lhe no braço.

— Não, El. Pode ser uma pessoa perigosa.

Fica aliviada quando a silhueta vira costas e se afasta rua abaixo, desaparecendo ao virar da esquina.

— Foi-se embora.

Elliot solta um suspiro e puxa-a para si. Ela enterra a cabeça no seu peito.

— Deixa-me ver outra vez o telemóvel — diz ele, afastando o braço e passando o polegar pelo ecrã. — Aqui, repara...

Mostra-lhe as imagens granuladas captadas pela câmara. Está escuro e a chover, o que não ajuda, mas Emilia consegue ver claramente uma silhueta a afastar-se do acesso, depois a parar no meio da rua, mãos nos bolsos, e a voltar-se para olhar para a casa. Quem quer que seja, está vestido com um sobretudo escuro com capuz.

— Não se consegue ver-lhe a cara. Só as costas e o ombro.

— E recuando mais um pouco, até ao momento em que se aproximou? — pergunta Emilia. — Aí já deve dar para ver.

— Pois, isso é o mais estranho — diz Elliot, franzindo o sobrolho para o ecrã.

— Não há imagens de ninguém a aproximar-se do acesso. Só a afastar-se. A primeira coisa que fiz foi puxar a gravação para trás, de maneira que não percebo como é que entrou... — Ergue os olhos e Emilia sente as entranhas gelar quando se apercebe da sua expressão preocupada. — ...nem quando.

Passo o dia seguinte na esquadra, enfiada no meu gabinete, a rever tudo o que sei sobre os homicídios do louva-a-deus e a consultar as minhas notas da altura do seu último ataque — de que tenhamos conhecimento —, em fevereiro de 2005. Nesse tempo ainda eu estava a trabalhar no caso. Belinda Aberdale foi encontrada no quarto num subúrbio de Plymouth semelhante àquele onde Trisha Banks foi recentemente morta. O marido e os filhos tinham ido de férias e ela ficara, devia ir ter com eles no dia seguinte. Não chegou a ter oportunidade. Belinda, tal como as outras, fora esfaqueada, amarrada e tinha a marca do inseto gravada no tornozelo.

A sua primeira vítima, Catherine Otis, foi morta em novembro de 1997, exatamente da mesma forma. E ele esteve desaparecido durante quase dezasseis anos. Onde será que andou? Lorraine Butterworth disse que não conseguiu ver-lhe a cara e perceber que idade teria, mas calculo que tenha entre quarenta e sessenta. Em 1997 não devia ter mais de vinte e poucos, o que o colocaria agora na casa dos quarenta. Mas também podia já ter trinta ou quarenta nessa altura, o que lhe daria agora cinquenta e muitos ou mesmo sessenta.

O que é que sabemos sobre ele? Revejo as minhas notas e ponho-me a pensar em voz alta. Começa por seguir as vítimas, observá-las, perceber onde vivem, com quem vivem e quando estão sozinhas. Depois, entra-lhes em casa geralmente pelas claraboias, por vezes forçando uma janela. Está em boa forma, é ágil, inteligente. E conhece as artimanhas, aprendeu a não ser capturado, não deixa provas atrás de si. A marca do inseto é a sua forma de se divertir à nossa custa — e um sinal de que menospreza as mulheres, de que provavelmente as culpa por aquilo em que a sua vida se transformou.

Se esteve preso nos últimos dezasseis anos, há de ter sido por outra coisa, não por homicídio. Não, é demasiado inteligente, demasiado esquivo, demasiado psicopático para se deixar apanhar por homicídio. Gosta de cigarros de mentol — sabe Deus porquê: experimentei-os uma vez, aqui há uns anos, e sabem a mijó — e é alto...

Sou interrompida por uma pancada na porta.

— Entre — grito, com uma ponta de irritação na voz.

Saunders abre a porta e estaca de pé à minha frente, a tocar nas pontas do cabelo eriçado, algo que faz com frequência, já reparei.

— Desculpe incomodá-la, senhora inspetora, mas queria falar consigo sobre os interrogatórios porta a porta que eu e a Doyle fizemos ontem à noite.

Aponto-lhe a horrenda cadeira castanha diante da minha secretária e ele senta-se, com um copo de plástico nas mãos. Traz uma caneta atrás da orelha. Reparo que tem uma marca no pescoço. Parece um chupão, e pergunto-me, distraidamente, quem lho terá feito. Ele pousa o copo na minha secretária e arregaa as mangas da camisa.

— Força — digo.

— Certo. Sim. Ora então, alguns vizinhos contaram-nos que tinham visto um homem a rondar o apartamento da Trisha Banks, vestido com roupa escura e com um chapéu também escuro. Mantinha-se sempre na sombra, a fumar e a observar a casa. Alto, bem constituído.

— Nada de novo, portanto.

— A maior parte deu pouca importância ao caso. Hanham Street é um pouco... enfim, fica numa zona não muito respeitável da cidade. Houve quem dissesse que achava que a Trisha Banks era prostituta.

Franzo o sobrolho.

— Porque é que haviam de pensar uma coisa dessas?

— Porque viram uns quantos homens dirigir-se a casa dela.

— A Lorraine não referiu nada disso.

— Quer-me parecer que a Lorraine quase nunca lá estava, ao que contaram os vizinhos. A irmã tem estado doente e ela fica muitas vezes a fazer-lhe companhia.

— Muito bem.

— Mas uma das vizinhas disse-nos que a Lorraine tem um irmão que ela tem a certeza de ter visto por ali há coisa de uma semana.

Relembro a minha conversa com Lorraine. Será que referiu algum irmão?

Saunders chega-se um pouco para diante, os olhos reluzentes de excitação.

— De maneira que fiz algumas averiguações e o irmão da Lorraine... um tal Martin Butterworth... saiu há pouco da prisão. Esteve dentro por assalto à mão armada.

— Durante quanto tempo?

— Bom, aí é que bate o ponto, senhora inspetora. Esteve preso durante dezasseis anos. Engavetado em abril de 2005. Pouco depois do homicídio da Belinda Aberdale.

Sinto uma descarga de adrenalina. Dezasseis anos. E é então que me lembro. De facto, Lorraine contou-me que tinha um irmão, quando estávamos a falar dos cigarros de mentol. Contou-me que era o que o pai e o irmão fumavam.

— Precisamos de o interrogar — declaro, pondo-me de pé. — Sem demora.

Na noite anterior, Emilia quase não dormiu. De cada vez que ouvia o mais pequeno ruído, acordava banhada em suor frio. Elliot, pelo contrário, dormia profundamente, a ressonar baixinho. Emilia acabou por se escapular para o quarto de Wilfie, onde se enfiou debaixo da coberta com o dinossauro do beliche de baixo enquanto o filho dormia tranquilamente no de cima. Mas nem assim conseguiu adormecer. A casa nunca lhe tinha parecido tão grande, ou tão solitária, e nunca se sentiu tão aliviada por ver uma noite chegar ao fim como no momento em que a luz do dia começou a esgueirar-se por entre as frestas das persianas do quarto de Wilfie.

— Vais dar em louca se continuas assim — diz-lhe Elliot ao pequeno-almoço, quando ela lhe conta o que aconteceu.

Wilfie já desapareceu no quarto dos brinquedos para jogar *Minecraft online* com os amigos. Tinha chovido durante a noite, mas agora o sol brilha, derramando-se pelo parque e afagando um dos lados do rosto de Emilia através das portas de correr envidraçadas. Parece um dia fresco de primavera, mesmo como ela gosta. Em circunstâncias normais estaria a planear uma pequena excursão em família ou um passeio por Bushy Park. Em vez disso, limita-se a ficar ali sentada, agoniada de preocupação.

— Estás completamente segura — prossegue Elliot, desdobrando o jornal a seu lado ao mesmo tempo que leva uma colher de *muesli* à boca. — Instalámos um alarme, câmaras. A polícia está a par do que se passa. — Estica-se por cima da mesa e pega-lhe na mão. — Não gosto de te ver assim.

Emilia sabe que ele se sente impotente, que Elliot mostra o seu melhor a resolver coisas, a ajudar de alguma forma, por pequena que seja. Percebe como aquilo deve ser frustrante para ele porque não pode fazer nada para o impedir ou para a fazer sentir-se melhor, por muitas câmaras e sistemas de segurança que instale. É até possível que tudo isso esteja a fazê-la sentir-se pior. Se não tivessem aquela aplicação nos telemóveis, pelo menos viveria na doce ignorância de que alguém andara a deambular pelo jardim deles na noite anterior. Mas não, não pode pensar assim. Mais vale estar preparada. Fica com pele de galinha só de pensar que esteve alguém lá fora durante a noite. Quanto tempo teria lá andado? Teria estado

a observá-los por entre as sombras do jardim enquanto eles se enroscavam no sofá, ela na sua camisa de noite translúcida, as pernas pousadas em cima do marido? Têm de arranjar umas persianas para aquelas portas. Vai contactar algumas empresas. Também ela precisa de se manter ocupada.

Empurra a torrada para o lado. Desde que tudo aquilo começou, o seu apetite em tempos tão sadio tem diminuído. Já perdeu quase dois quilos — algo que por norma a deixaria eufórica, mas detesta aquele permanente aperto no estômago.

— É a ideia de haver alguém lá fora a rondar — murmura.

Elliot retira a mão e continua a comer. Engole.

— Eu sei. Acho que devias contar isto ao tal agente, o não-sei-quantos...

— Haddock.

— Isso. Acho que devias contar-lhe. Talvez pudéssemos mostrar-lhe as imagens. Bem sei que não são muito nítidas, mas pode ser que eles tenham algum sistema especial capaz de captar algo que nos tenha escapado. — Encolhe os ombros. — Não faço ideia. Mas vale a pena tentar.

— Boa ideia.

Não sabe se há de dar voz aos seus piores receios.

— O que foi?

— Tenho medo de que alguém entre cá em casa. De que me faça mal ou, pior, que faça mal aos miúdos.

Elliot fita-a com ternura.

— Não creio que isso vá acontecer. Quem quer que seja, teve essa oportunidade quando eu estive fora. Bem sei que abriu as claraboias, mas não entrou. E agora temos o alarme. Se alguém tentar entrar, o alarme avisa a equipa de segurança, que por seu turno avisa a polícia.

Pega na sua tigela vazia e no prato dela e leva-os para o lava-louça. Emilia fica a olhar para os músculos que assomam por baixo da camisola justa do marido enquanto ele deita a sua torrada no caixote dos resíduos orgânicos. É forte, está em boa forma. Irá até ao fim do mundo para a proteger. Emilia sabe disso. E essa consciência dá-lhe força. Elliot estaca diante da ilha e volta-se para ela.

— Quem quer que esteja a fazer isto está a adorar atormentar-te e dar-te cabo da cabeça. Não deixes que isso aconteça.

Estará ele realmente assim tão despreocupado, ou apenas a minimizar o problema para que ela se sinta menos ansiosa? Emilia sempre achou que o seu superpoder era saber ler os outros, perceber os seus estados de espírito e como reagir a cada pessoa em função da sua personalidade, mas desde o princípio da relação que tem dificuldade em ler Elliot.

— Vou-me arranjar — declara, chegando a cadeira para trás.

Sai da cozinha ciente de que Elliot tem os olhos pousados nela.

Acabou de tomar duche e de vestir umas calças de ganga e uma camisola quando recebe o telefonema. Não reconhece o número e pergunta-se se poderá ser outra vez Gina Osbourne. Já lhe deixou nova mensagem a indagar da entrevista, mas Emilia não devolveu a chamada.

— Estou a falar com Mrs. Emilia Rathbone? — pergunta uma mulher. Tem uma voz extremamente enfatuada, quase paródica. — A mãe da Jasmine Perry?

A primeira coisa que lhe ocorre é que seja da escola, mas depois lembra-se de que é sábado e toda ela se retesa.

— A própria.

— Lamento informá-la de que a sua filha esteve envolvida num acidente grave e está neste momento no Hospital de West Middlesex.

Uma onda de terror abate-se sobre Emilia.

— Como? O quê?

Jasmine tinha passado a noite anterior em casa de Nancy.

— Receio ainda não dispor de todos os pormenores, Mrs. Rathbone. Mas por favor venha ao hospital assim que puder.

— Onde... A que enfermaria?

— A receção dar-lhe-á essas indicações assim que cá chegue.

A chamada termina e Emilia fica espedada no meio do quarto, petrificada por segundos, o sangue a latejar-lhe nos ouvidos. Depois lança-se escada abaixo a gritar por Elliot.

— O que foi? — exclama ele, correndo para o vestíbulo.

— É a Jas. Acabaram de me ligar de um hospital. Teve um acidente qualquer... Oh, meu Deus... Não consigo respirar!

Dobra-se sobre si própria, arquejante, e Elliot pausa-lhe as mãos nas costas.

— Tem calma. Vamos já para o hospital. Wilf — chama ele. Wilfie assoma à porta do quarto dos brinquedos ainda com o comando da sua *PS5* na mão. — Mete-te no carro, parceiro. A tua irmã teve um acidente.

Wilfie ainda está de pijama mas faz o que lhe mandam, a carita enrugada de preocupação enquanto pausa o comando no canapé do vestíbulo e começa a enfiar um blusão e umas sapatilhas.

Elliot ajuda Emilia a vestir o casaco, depois conduz a mulher e Wilfie até ao carro.

— Muito bem. Liga à mãe da Nancy, a não-sei-quantas...

— A Marcie.

— Liga à Marcie e tenta perceber o que se passa.

Emilia põe o cinto de segurança, depois agarra no telemóvel pousado no colo, ao mesmo tempo que reza repetidamente em silêncio: *Por favor, meu Deus, faz que ela esteja bem. Por favor, faz que ela esteja bem.* As mãos tremem-lhe enquanto passa o dedo pelo ecrã à procura do número de Marcie e Elliot sai do acesso em marcha-

atrás e arranca a caminho do hospital.

Marcie atende com uma voz animada.

— Olá, Em! Que tal estão as miúdas? Espero que te tenham deixado dormir apesar da tagarelice.

O desnorte apodera-se de Emilia.

— Como assim?

— A Nancy e a Jas... Passa-se alguma coisa?

Agora há inquietação na voz de Marcie.

— A Jas disse-me que ia passar a noite em vossa casa. E acabaram de me ligar de um hospital a contar que ela esteve envolvida num acidente.

— O quê? Não estiveram cá esta noite. A Nancy disse-me que ia ficar convosco. Não estão aí?

— Não, lamento. Eu... — A voz de Emilia assume contornos de histeria. — Quer dizer que também não estão aí?

— Não. Oh, meu Deus. Se a Jasmine está no hospital, a Nancy está com ela?

— Não sei. Não percebo o que se passa.

— Vou tentar o telemóvel da Nancy. Já te ligo.

Termina a chamada e Emilia respira fundo, tentando apaziguar o pânico.

— Onde é que terão estado a noite toda? — lamuria-se. — E como é que a Jas foi parar ao hospital?

Elliot agarra o volante com mais força.

— Não te preocupes com isso agora. O mais certo é a Nancy também estar no hospital. Só precisamos de ter esperança de que a Jas esteja bem.

Emilia volta a respirar fundo, a tentar não hiperventilar.

— A Jas está bem? — diz lá de trás um Wilfie claramente assustado.

— Espero que sim, querido — responde Emilia num fio de voz.

— De certeza que sim, Wilfie. Não te preocupes — garante Elliot, tentando mostrar-se tranquilizador. E para Emilia: — Que tal ligares para o hospital a tentar saber mais qualquer coisa?

Faz a saída para Isleworth um pouco depressa de mais, o telemóvel quase escapa das mãos trémulas de Emilia. Esta procura o número no seu histórico de chamadas e pressiona-o, mas não dá sinal.

— Que estranho.

— O quê?

— Acabei de tentar ligar para o número de onde me telefonaram há pouco, mas não consigo ligação.

Procura o número do hospital no Google e, depois de lhe transferirem várias vezes a chamada, consegue falar com alguém da Admissão de Doentes.

— Lamento — diz-lhe a mulher ao telefone. — Não temos registo da entrada de nenhuma paciente chamada Jasmine Perry.

Emilia sente-se como se a tivessem mergulhado em água fria.

— Mas alguém me ligou esta manhã, talvez há uns dez minutos, a dizer que a minha filha tinha tido um acidente, de maneira que estou a partir do princípio de que tenha entrado pelas Urgências.

Faz-se silêncio do outro lado, apenas o som do dedilhar de um teclado e de um telefone a tocar em fundo.

— Não — diz a mulher, voltando à linha. — Não temos nenhuma Jasmine Perry. Lamento, mas deve ter havido algum equívoco.

Emilia termina a chamada e pragueja de frustração.

— O que foi que te disseram? — pergunta Elliot.

— O que é que se passa? — estranha Wilfie, do banco de trás.

— Não sei. Não percebo. A Jas não deu entrada. Onde é que ela está, porra?

Abre a aplicação *Find My Friends*, mas não encontra a localização de Jasmine, o que quer dizer que deve ter o telemóvel desligado. Vêm-lhe à cabeça todos os horrores que podem ter acontecido à sua única filha.

Elliot encosta o carro ao passeio, depois vira-se no assento de modo a ficar de frente para Emilia.

— Tem calma, estás a assustar o Wilfie. O hospital tem a certeza absoluta de que a Jasmine não deu entrada?

Emilia faz que sim com a cabeça, o pânico a oprimir-lhe de tal forma o peito que mal consegue respirar.

— Nesse caso, tem todo o ar de ter sido uma brincadeira de mau gosto.

Vê-se que há alívio no rosto de Elliot.

Emilia, contudo, tem a cabeça à roda.

— Mas se é uma brincadeira de mau gosto, onde é que está a Jasmine? Porque não está em casa da Nancy, como disse que estaria. Oh, meu Deus, Elliot... — Mal consegue proferir as palavras seguintes. — E se quem está por trás de tudo isto fez alguma coisa à Jasmine?

Isto. Tudo isto é o seu pior pesadelo. O mais assustador. Sempre teve rédea curta com Jasmine, mesmo tendo plena consciência de que é mais paranoica do que grande parte dos pais precisamente por escrever sobre acontecimentos hediondos. Tem os olhos bem abertos para todo o tipo de alienados que permeiam a sociedade. Afinal de contas, imaginou-os para os seus livros: o pedófilo que se esconde atrás da respeitabilidade de um professor, o psicopata que ronda os parques infantis, os homens que se fazem passar *online* por adolescentes para cativar e violar.

Desde que eles eram pequenos que foi franca com os filhos e procurou alertá-los para os perigos. Jasmine não é do tipo de mentir, de se colocar em situações de risco. Quando Emilia lhe prega os seus sermões sobre falar com estranhos *online*, ela revira os olhos e declara, exasperada: «Achas que sou estúpida? Sei bem que pode ser um perverso com alguns quarenta anos!» Ainda assim, contou que ia passar a noite anterior em casa de Nancy. Uma história, como era agora evidente, congemina entre as duas para encobrir o que andavam realmente a tramar, fosse lá o que fosse. E isso, que só por si já seria mau, tornava-se ainda pior depois daquele telefonema. Porque alguém estava a par dos planos delas. E tinha querido que Emilia o soubesse.

Está à beira da histeria. Sente-a borbulhar dentro de si e tem de fazer apelo a todas as suas forças para não se descontrolar, porque sabe que isso de nada serviria à filha. Nunca sentiu nada de parecido com este pânico cego e incandescente.

Agora está em casa de Jonas, a casa que em tempos fora a sua, onde Jasmine dera os primeiros passos, dissera as primeiras palavras. Tinha ligado ao ex-marido ainda do carro para o pôr a par de tudo, e Elliot fora lá deixá-la.

— Levo o Wilfie comigo — tinha-lhe ele dito sem sair do carro. — Para o caso de ela voltar para casa. Mas avisa-me mal tenhas novidades, ouviste?

Emilia acenara-lhe chorosamente que sim, e quando Kristin abriu a porta e, para sua surpresa, a puxou silenciosamente para si, estava demasiado transtornada para se esquivar ao abraço.

Agora Kristin está sentada à pequena mesa da cozinha, rosto branco como a cal, enquanto Jonas deambula de um lado para o outro. Os pais de Nancy, Marcie

e Frank, também estão com eles, de pé diante do lava-louça. Marcie vai chorando em silêncio e Frank tem os braços fortes e possantes à volta dos seus ombros.

— Liguei a todas as amigas dela — diz Frank. — Ninguém faz a mínima ideia de onde possam estar.

Emilia sabe que ligar ao pequeno grupo de amigas estudiosas decerto não exigiu muito tempo. Jasmine tem dificuldade em alargar os seus interesses e fazer novas amigas. É algo de que falam com frequência.

— Será que devíamos ligar à polícia? — pergunta, ainda que não queira, porque quando o fizer tudo aquilo se torna real.

E não quer que isso aconteça, quer que tudo não passe de um produto da sua imaginação. Do enredo de um dos seus livros. Pelo que as amigas contaram, as raparigas tinham estado na escola no dia anterior e saído às três e meia da tarde, a hora normal. Mas agora era meio-dia e estavam desaparecidas há quase vinte horas.

— Não se limitarão a responder que é óbvio que elas estão juntas? — volta Frank.

— Estiveram fora toda a noite — choraminga Marcie. — Não é nada normal nelas.

— Concordo — diz Emilia, tentando mostrar-se forte. Mas a mão treme-lhe quando pega no telemóvel. — Tenho lá uma amiga. Vou falar com ela.

Sai para o estreito corredor já a marcar o número de Louise e tem vontade de chorar de alívio quando a amiga atende de imediato.

— Olá, fofa — diz Louise alegremente.

— Lou... — Engole em seco. Tem a garganta seca e áspera, repleta de lágrimas por verter. — Onde é que estás?

— Em casa. Porquê? O que se passa?

— É a Jasmine. Está desaparecida.

E lança-se no relato de tudo o que aconteceu.

— Certo. Muito bem. Quer-me parecer que foram só as duas a algum lado, portanto tenta não entrar em pânico. E tu, estás onde? Estás em casa?

— Não. Estou em casa do Jonas, em Twickenham.

— Certo. E o Elliot está contigo?

— Não, estou só eu, o Jonas, a Kristin e os pais da Nancy.

— Certo. Muito bem. Vou já aí ter. Qual é a morada?

Emilia debita o endereço e Louise diz-lhe que aparece o mais depressa que conseguir. Emilia dá graças por ela viver ali perto. Tenta reprimir o sentimento de culpa por estar a pedir aquele favor à atarefada amiga a um fim de semana.

— O que é que ela pode fazer? — pergunta Jonas quando Emilia volta a juntar-se a eles na cozinha.

— É agente de investigação criminal na Polícia Metropolitana. Não me ocorre

ninguém mais indicado, ou tens alguma ideia?

Ninguém diz nada. Os únicos sons audíveis são os soluços ocasionais de Marcie.

Até que, depois do que parecem anos mas foi cerca de meia hora, a campainha toca e Kristin levanta-se de um salto para ir abrir, logo seguida por Emilia. Louise está vestida com as habituais calças de ganga e uma camisola com um cão estampado na parte da frente que usa quando não está de serviço. O curto cabelo escuro parece acabado de lavar e ainda está húmido. Não pôs maquilhagem. Kristin cumprimenta-a:

— Olá, mais uma vez — diz-lhe.

Louise esboça um vago aceno de cabeça e entra para o corredor. A tensão que Emilia pressentira entre elas no seu lançamento continua presente. Mas agora não tem espaço mental para pensar nisso. A sua única preocupação é encontrar Jasmine.

— Esta é a agente Louise Greene — diz quando entram na cozinha, após o que assiste, impressionada, à transformação da amiga em investigadora criminal.

— Muito bem — começa Louise, de pé diante do lava-louça e dirigindo-se a todos os presentes, que se juntaram à sua volta como alunos ansiosos. — Lamento informar que só posso estar aqui como amiga e a título consultivo, mas enquanto vinha para cá liguei ao meu colega da esquadra da vossa área e dei-lhe os pormenores e esta morada. Deve estar a aparecer aí alguém. Ainda assim, e até lá, algum de vocês tem ideia do que poderia levar a Jasmine e a Nancy a mentirem? Está visto que foram juntas a algum lado.

— Receio que possam ter sido raptadas.

As palavras saem da boca de Emilia sem que ela consiga detê-las. Precisa de dar voz àquele medo profundo. Mas Marcie e Frank fazem um ar horrorizado.

— Tentemos não ser demasiado melodramáticos — começa Kristin.

Mas Louise interrompe-a, dirigindo-se calmamente a Emilia:

— É importante ter presente que os raptos são um fenómeno cada vez mais raro. O facto de ambas as miúdas terem mentido leva-me a crer que se escapuliram juntas para um sítio qualquer. Onde é que poderão ter ido?

Emilia não consegue pensar. Sente-se apática de pânico e ansiedade, como um veado que dá por si em plena autoestrada e não sabe o que fazer, exceto ficar especado a olhar para os carros que se aproximam.

Marcie volta o rosto manchado de lágrimas na direção de Louise.

— Liguei às amigas delas. Ninguém as vê desde ontem ao final das aulas. A Nancy começou a sair com um rapaz...

Emilia endireita-se. Lembra-se de Jasmine lhe falar dele. Um Jake Qualquer Coisa. O facto surpreendera-a, porque ambas as miúdas são tímidas e sentem-se excluídas das festas e convívios. Tinha dito à filha que teria muito tempo para

festas, bebedeiras e marmelada com rapazes. Ela própria não passara por nada disso até ir para a universidade e conhecer Jonas, sobretudo porque frequentara um colégio interno só para raparigas.

— Como é que ele se chama? — atalha Louise.

E mesmo na sua camisola vermelha com o labrador estampado, toda ela destila autoridade.

Marcie limpa uma lágrima da face.

— Jake Radley. Anda no mesmo ano que elas, acho eu, e dá-se com os miúdos mais populares. Fiquei admirada quando a Nance me contou que ele gostava dela.

— Reprime um soluço. — Não que ela não seja bonita. É a minha menina...

Frank abraça a mulher com mais força.

Emilia percebe exatamente onde Marcie quer chegar. Já ouviu falar de Jake Radley. É um dos rapazes mais populares do ano de Jasmine. Não tinha percebido que se tratava desse Jake quando Jasmine lhe contou que Nancy tinha um namorado. Não é do tipo que se interesse por Nancy, por Jasmine ou por qualquer outra das suas amigas totós e estudiosas.

A campainha toca nesse preciso instante e é Louise quem vai abrir. Jonas chega-se para mais perto de Emilia, pega-lhe na mão.

— Vai correr tudo bem — diz-lhe, mas ela apercebe-se do medo estampado nos seus olhos azuis e nesse momento de pânico partilhado sente-se mais próxima dele.

Kristin pigarreia do outro lado da cozinha e Jonas larga a mão de Emilia.

Louise reaparece com uma jovem agente fardada, o cabelo castanho-claro com madeixas atado atrás num prático rabo de cavalo.

— Esta é a agente Bryan — anuncia ela. — Importam-se de lhe contar tudo o que me contaram a mim?

Emilia e Marcie revezam-se a pôr a agente a par do sucedido. Um ar apreensivo perpassa-lhe pelo rosto atraente quando Emilia lhe conta da falsa chamada do hospital. Pede a morada de Jake e sai da cozinha a passos largos, já a falar ao telemóvel. Assim que termina a chamada, volta a entrar e coloca-se ao lado de Louise.

— Vamos esclarecer a situação — declara, e Emilia pensa que aquela mulher não tem como perceber o que eles estão a sentir.

Não aparenta ter mais de vinte e cinco anos.

— Por favor, tentem não se preocupar. Muito bem, neste fim de semana havia algum evento a que as miúdas quisessem ir? Uma festa, talvez? Ou um concerto?

Emilia não consegue pensar com clareza.

Passados alguns segundos, é Kristin quem se faz ouvir:

— Por acaso, sim. A Jasmine queria ir ver uma banda ao O2, lembram-se? — Agarra no telemóvel e vai passando o dedo pelo ecrã. — Tenho a certeza de que

era por estes dias. Lembro-me de a ouvir falar nisso. Sim, uma banda chamada Total Whiplash, ou coisa que o valha. Esperem... aqui está. É Tonal Whiplash, não Total. E, pelo que diz aqui, atuaram ontem à noite.

Bate triunfalmente no ecrã do aparelho com uma unha comprida.

Emilia já se recorda. Há uns meses, Jasmine perguntara-lhe se podia ir com Nancy, mas ela tinha-lhe dito que não — achou que eram demasiado novas para irem sozinhas, sem um adulto.

— Contou-te que eu lhe tinha dito que não? — pergunta agora a Kristin.

Kristin faz que sim com a cabeça.

— Contou. E nós... — aproxima-se discretamente de Jonas, de modo a colocar-se entre ele e Emilia. — Concordámos que ainda era demasiado nova.

Marcie chega-se para diante, esperança no rosto.

— Sim! No ano passado a Nancy perguntou-me se podia ir. Também lhe disse que não. Além do mais, era caro.

— Talvez esse Jake Radley lhes tenha arranjado bilhetes — acrescenta Frank, cruzando os possantes braços diante do peito.

— Mas esgotaram em menos de nada — lembra Emilia, franzindo o sobrolho.

— Acham que foi aí que elas estiveram ontem à noite? — Marcie esfrega o rímel por baixo dos olhos. — Mas onde é que se meteram até agora?

— Espero bem que a Nancy não tenha ficado em casa desse Jake — diz Frank.

— Só tem quinze anos. Eu que ponha as mãos nesse estupor.

Louise lança-lhe um olhar de advertência.

— Ainda não sabemos nada. Mas acho...

São interrompidos pela vibração do telemóvel da agente Bryan, que o abre prontamente.

— Sim — diz ela para o aparelho. — Certo... Ótimo, entendido. Obrigada. — Fecha-o. — O meu colega falou com os pais do Jake, que confirmaram que ele foi ao concerto ontem à noite. Mas já está em casa. Um dos nossos agentes foi até lá para falar com eles. Talvez o Jake possa esclarecer onde é que elas andaram.

Emilia engole em seco. Por favor, ela que tenha ido ao concerto, reza em silêncio. Pouco lhe importa que as miúdas tenham passado a noite em casa de Jake, desde que estejam sãs e salvas. É melhor do que a alternativa. Não consegue parar de pensar na falsa chamada. Quem teria sido, e será que fez alguma coisa a Jasmine e a Nancy? O seu telemóvel toca. Vê que é o número de Elliot e apressa-se a atender.

— Chegou. É a Jasmine — anuncia ele, rejubilante. — Acabou de entrar em casa.

— Graças a Deus — solta Emilia. Todo o seu corpo fraqueja de alívio. Depois olha para os rostos ansiosos de Marcie e Frank. — E a Nancy?

Daisy, 2005

Daisy estava a meio do primeiro semestre na Universidade de Exeter, a estudar História, quando conheceu Ash.

Tinha ido à biblioteca e estava na fila a contemplar os pés calçados com os seus *Dr. Martens* preferidos e a tentar não olhar em volta para os outros alunos, em alegre convivência nos seus grupinhos elitistas. Não gostava de se aproximar muito das pessoas. Era melhor assim. Uma proteção para o seu coração frágil. Como consequência, nunca tinha sequer beijado ninguém. Mas não fazia mal. Dava-se por feliz por poder dedicar-se à vida universitária. E tinha pessoas com quem conviver, amizades superficiais.

Não sabia explicar ao certo o que fez Ash destacar-se dos restantes alunos que estavam nesse dia na biblioteca. Talvez fosse por saber reconhecer outra alma danificada sempre que deparava com uma. Ash era naturalmente estiloso, com cabelo preto pintado, mais comprido de um dos lados, do outro rapado por baixo, casaco preto comprido e botas pretas de *motard*, afastado dos outros e a folhear um livro sobre o cinema francês da *Nouvelle Vague*. Daisy ficou pregada ao chão, e quis de imediato saber mais. Os seus olhares cruzaram-se e, pela primeira vez na sua vida, o estômago de Daisy executou uma série de acrobacias que a deixaram ao mesmo tempo excitada e nauseada. Não se falaram, no entanto. Não nesse dia. Mas depois disso estavam sempre a dar de caras um com o outro no *campus*, cumprimentando-se com um sorriso tímido, uma inclinação da cabeça, por vezes até um seco «olá».

Ironicamente, foi numa festa — coisa que, por norma, Daisy fazia por evitar — que tiveram a primeira conversa. A companheira de apartamento tinha-a arrastado consigo. Ash estava plantado a um canto, entretido com uma bebida azul qualquer e a olhar em volta com uma expressão neutra. Quando Daisy entrou, cravaram os olhos um no outro e assim ficaram durante o que pareceu uma eternidade, até que o feitiço foi desfeito por alguém que se interpôs entre eles. Daisy mais não pôde fazer do que assistir, horrorizada, quando uma rapariga atraente de saia curta e blusa transparente que deixava ver o sutiã rendado se

dirigiu a Ash, cigarro numa das mãos e copo de plástico na outra. Não conseguia ouvir o que eles estavam a dizer mas, para seu contentamento, Ash não fez caso da rapariga e encaminhou-se para o sítio onde ela, Daisy, estava especada.

— Detesto festas. Queres bazar daqui?

Tudo o que conseguiu foi acenar com a cabeça, o coração a palpitar de entusiasmo, o som dos White Stripes ainda a ecoar-lhe nos ouvidos.

Conversaram durante toda a noite no quarto de Daisy, revelando aos poucos mais e mais sobre si próprios à medida que a cerveja barata fluía. Ficou espantada quando Ash lhe falou de um esgotamento e de uma curta estada numa unidade psiquiátrica durante a adolescência. Daisy teve o cuidado de não referir o homicídio da mãe. Certa vez, na escola primária, cometera o erro de falar do assunto a algumas amigas, e os olhares de horror e comiseração que elas trocaram levaram-na a nunca mais querer falar disso a ninguém. Sentiu-se como que contaminada pela falta de sorte, e que podia ser coisa contagiosa.

Eram almas gémeas, Daisy e Ash. Ash e Daisy. Inseparáveis a partir dessa festa. Mas, acima de tudo, foi graças ao Destino que se conheceram.

Porque, caso contrário, ela jamais teria encontrado o Homem dos Rabiscos.

Pelo que Elliot contou, Jasmine e Nancy tinham entrado em casa desgrenhadas, arrependidas e preparadas para um raspanete.

— Desculpem ter-vos feito perder tempo — diz Emilia a Louise e à agente Bryan quando estas estão de saída da casa de Jonas.

Mas sabe que o faz num tom pouco contrito. Sente-se demasiado eufórica com o facto de a sua preciosa filha já estar em casa, que é o seu lugar. Nesse momento, nada mais lhe importa. Está radiante de alívio. Seria capaz de enfrentar o mundo inteiro.

A agente Bryan diz-lhe que o importante é que as miúdas tenham aparecido sãs e salvas, após o que se apressa a entrar no carro, mas Louise para no jardim da frente, o sol a realçar os matizes arruivados do seu curto cabelo escuro.

— Não penses mais nisso — diz ela. — É sempre um prazer poder ajudar, e fico mesmo contente por elas estarem bem. Mas diz a essa tua filha para não voltar a aprontar uma destas, ou tenho de ter uma conversinha com ela.

Pisca o olho a Emilia e dá-lhe um abraço antes de se enfiar no seu pequeno *Fiat 500* vermelho. Emilia faz-lhe adeus, depois volta-se para os outros, que estão parados diante da casa de Jonas e de Kristin, num retalho do passeio banhado pelo sol. Kristin apoderou-se possessivamente da mão de Jonas.

— Nem acredito que elas tenham feito uma coisa destas — diz ela, estremecendo ao de leve. Apesar do sol, há uma aragem fria no ar, e a roupa de Kristin parece sempre pouco quente. — O que é que lhes passou pela cabeça? De certeza que sabiam que iam ser apanhadas.

— Isso é o que eu tenciono saber — volve Marcie, o queixo numa pose resoluta, as lágrimas já esquecidas. Volta-se para Emilia. — Podemos ir até vossa casa?

Emilia não consegue sentir-se zangada com as miúdas, ainda não. Está demasiado aliviada por elas estarem em casa, por não terem sido raptadas pelo seu perseguidor.

— Claro. O Elliot está a arranjar-lhes qualquer coisa para comerem, e vai ficar de olho nelas até nós chegarmos. — Volta-se para Jonas, plantado ao lado de Kristin. — Se calhar era melhor vires também. Para mostrarmos uma frente

unida?

O rosto de Jonas tolda-se um pouco.

— O Elliot não se vai importar?

— Claro que não — mente Emilia.

Elliot não vai gostar nem um bocadinho, mas paciência.

Jonas enfia a mão no bolso das calças de ganga e agarra nas chaves do carro.

Kristin faz menção de o seguir, mas ele abana-lhe a cabeça.

— Acho que é preferível ficares aqui, querida.

Kristin faz um ar desalentado, e Emilia percebe que fica a ferver por dentro mas não quer fazer uma cena diante de Marcie e de Frank.

— Tudo bem — diz ela, os lábios franzidos de fúria. — A filha é tua. Faz o que achares melhor.

Dá meia-volta nas suas botas de salto alto e retrocede para dentro de casa num passo decidido antes que Jonas tenha oportunidade de responder. Este soergue uma sobrancelha na direção de Emilia, mas não diz nada.

Seguem em caravana até casa de Emilia, onde Jasmine e Nancy estão sentadas diante da ilha da cozinha, com um ar enfiado e os dedos entrelaçados à volta de canecas de chocolate quente quando eles entram de roldão.

— Vou levar o Wilfie ao parque — diz Elliot diplomaticamente, afastando-o do caminho.

Apesar da má impressão que tem de Jonas, é educado e aperta-lhe a mão ao sair da cozinha, o que deixa Emilia aliviada.

— A Jas vai levar um raspanete? — ouve o filho perguntar num tom esperançoso enquanto segue o pai para o vestíbulo.

— Graças a Deus — exclama Marcie, apertando Nancy num abraço. — Estávamos tão preocupados.

Ao ver os pais, Jasmine ergue os olhos com um ar acabrunhado, desliza do banco e corre para os braços deles.

— Desculpem — diz, desfazendo-se em lágrimas quando ambos a envolvem num abraço de grupo.

Emilia não quer largá-la nunca mais. *Obrigada, obrigada, obrigada*, pensa, inalando o familiar aroma da filha misturado com qualquer coisa suja e terrosa.

Jonas é o primeiro a soltá-la.

— O que é que te passou pela cabeça? — pergunta, num tom calmo mas severo.

— Sim — concorda Emilia. — Que raio é que aconteceu? Estávamos todos desorientados de preocupação. Onde é que vocês estiveram?

Jasmine limpa o nariz com as costas da mão e funga ruidosamente.

— Estamos tão arrependidas. — Deixa pender a cabeça, o cabelo louro desmaiado cai-lhe para a cara. — Queríamos muito ir a este concerto e o ano

passado pedi-vos aos dois e vocês disseram que não. E depois...

Dá uma olhadela nervosa a Nancy.

Nancy, uma rapariga franzina com boca de cereja, cabelo castanho-escuro encaracolado e grandes olhos azuis, está a tremer como varas verdes e, uma vez mais, Emilia dá-se conta de como são ambas ainda tão novinhas. Estão naquela idade intermédia em que já não são crianças mas também não são propriamente adultas.

— Vamos sentar-nos — declara, conduzindo-os a todos para o extremo da cozinha usado como sala de estar. — Tragam os vossos chocolates quentes, meninas. Estão as duas com um ar enregelado.

Jasmine senta-se solenemente entre Jonas e Emilia, num dos sofás, Nancy e os pais replicam a cena no que lhe fica em frente.

— Onde é que dormiram? — pergunta Emilia, massajando as costas da filha, como se ainda não acreditasse que ela está mesmo ali, vestida com uma camisola de capuz e umas calças de ganga que deve ter enfiado na mochila e levado para a escola no dia anterior.

— Ficámos em casa da Meghan. Não que tenhamos dormido grande coisa. O chão era muito frio.

Emilia nunca ouviu falar de Meghan, mas não quer pôr-se a fazer essas perguntas agora. Olha de relance para a cara de Jasmine. A filha tem os olhos em baixo. Nunca lhe passou pela cabeça que ela pudesse mentir-lhe assim. Não é do género dissimulado. E Emilia sempre achou que as duas tinham uma relação muito aberta. Também escondera coisas dos seus pais, claro está, mas apenas por eles serem emocionalmente tão distantes. Empenhou-se tanto em ser uma mãe acessível. Em fazer a filha sentir-se amada, não julgada, livre de lhe contar fosse o que fosse.

— Como é que arranjam bilhetes? — pergunta Marcie, o rosto redondo contraído de preocupação.

— Foi o Jake. Disse que os tinha recebido pelo correio com instruções rigorosas para os entregar a mim e à Jas — explica Nancy, baixinho, os dedos a tamborilar na superfície vidrada da caneca.

Tem uma risca de terra numa das maçãs do rosto.

O estômago de Emilia revolve-se.

— *O quê?* E quem é que lhós deu a ele?

Aquilo é-lhe familiar. *Demasiado* familiar. Sente que a divisão se inclina e tem de agarrar-se ao braço do sofá.

— Não sabe — responde Nancy, cravando os olhos na caneca. — Só disse que alguém lhós tinha mandado pelo correio com uma carta anónima. E que quem escreveu a carta dizia que eram para nós.

Aquilo não pode estar a acontecer. Bilhetes para um concerto enviados

anonimamente a um amigo de duas adolescentes. Adolescentes essas que depois desaparecem. Tal como no seu livro. Só que não é um dos livros anteriores. É o mais recente. *O Último Capítulo*. Um livro que ainda não foi publicado.

Um livro que Emilia enviou apenas a um escasso número de eleitos.

Jonas ficou a adejar na cozinha depois de todos os outros terem saído. Elliot ainda está no parque com Wilfie, e Jasmine foi tomar banho. Emilia fez café e agora estão os dois sentados lado a lado à mesa de refeições. Jonas olha em volta a admirar a divisão, com a sua grande ilha central e o chão claro de parquê, as claraboias e os armários pintados de azul.

— Ena! Isto está mesmo fantástico, Em. Fizeste um ótimo trabalho. E bem mais arrumado do que a nossa casa quando éramos casados.

Abre um sorriso para mostrar que está a brincar. É a primeira vez que vê a cozinha desde a remodelação. Geralmente fica à espera no vestíbulo quando vem buscar Jasmine.

— Obrigada.

Devolve-lhe o sorriso, embora tenha de fazer um esforço. Tem a cabeça a fervilhar desde que percebeu que a carta e os bilhetes enviados a Jasmine e a Nancy replicavam o enredo do seu livro ainda não publicado, e que o responsável por tudo aquilo é alguém que ela conhece. O que é muito pior do que se fosse um estranho. Tinha confiado em todos eles, até em Kristin, que apesar das suas divergências, e da forma estranha como se tem comportado ultimamente com Otilie e com Louise, é uma ótima madrastra para Jasmine.

— Estás bem? — pergunta Jonas, cenho franzido. — Quase não disseste uma palavra desde que a Nancy e os pais se foram embora. Estou a abusar da hospitalidade? Podes dizer-me — acrescenta numa voz trocista.

— Acho que ainda estou um bocado em estado de choque — diz ela, bebendo um gole de café ao mesmo tempo que o mira de relance.

É certo que a magoou no passado, mas seria possível que fizesse algo tão doentio, tão tortuoso como o que se está a passar? Não consegue imaginar tal coisa. Tanto mais que envolve a filha dele. Contudo, também não imagina *nenhum* dos seus conhecidos a ser capaz de algo assim.

— Já... hum... por acaso já leste o meu novo livro?

Tenta dizer aquilo num tom descontraído.

— Só o princípio — diz ele. — É bom. Bastante sombrio, com toda aquela coisa do louva-a-deus.

— Portanto, ainda não chegaste à parte em que duas raparigas desaparecem a seguir a um concerto. São atraídas até lá por uma carta. Tal como aconteceu com a Jas...

Ele arregala os olhos, horrorizado.

— Não!

— Há uma coisa que preciso de te contar. — O café provocou-lhe azia, e lembra-se de que não come nada desde o pequeno-almoço. Não obstante, sente-se capaz de vomitar. — Tive esperança de que acabasse por passar, mas quando muito está a agravar-se. Já dura há um ror de tempo... Meu Deus, Jonas. Alguém anda a tentar foder-me a cabeça.

Ele conta-lhe tudo o que se passou até aí: o falso alarme de bomba, os lírios, o *troll*, a coroa de flores, as claraboias a abrirem-se sozinhas, o homem que a seguiu, a ela e a Louise. Alguém a rondar a casa na noite anterior. Quando chega ao fim, Jonas está a fitá-la, boquiaberto.

— Como eram episódios passados em livros anteriores, achei que podia ser uma pessoa qualquer. Mas agora, com uma cena tirada de um manuscrito ainda não publicado, bom, tem de ser alguém que eu conheça.

— Espero que não te passe pela cabeça que eu fosse capaz disso — apressa-se ele a dizer.

Num tom defensivo.

— Não, claro que não.

— A quem é que o enviaste?

Emilia fica a pensar. No início, são sempre poucas pessoas.

— Tenho alguns leitores precoces, que incluem a minha amiga Louise...

— A agente desta manhã?

— Sim. E a Ottilie. O Elliot, claro, tu, o Trevor, que é o pai do Elliot. Os meus pais... pelo menos este novo livro, depois daquela ferroada da minha mãe no lançamento.

— Certo. Quem mais? Eu passei-o à Kristin. Espero que não te importes.

— Tudo bem. Já calculava. E a Jasmine também o quer ler.

— E a chamada falsa? — exclama Jonas. — Santo Deus.

Expira vagarosamente.

— A chamada não está no livro, mas o resto está. Tenho de ver a carta que o Jake recebeu. Está visto que é da mesma pessoa que me fez essa chamada.

— Nem posso crer que te tenham ligado a fingir que era do hospital. É mesmo doentio. — Põe-se de pé. — Tenho de ir andando... A Kristin deve estar furiosa comigo. Ficas bem? Se quiseres posso ficar mais um bocado, até o Elliot voltar.

— É capaz de não ser grande ideia.

Ele sorri e enfia as mãos nos bolsos das calças de ganga. De cabelo louro e sapatilhas *Adidas*, faz lembrar o estudante que ela conheceu há tantos anos.

— Nunca hei de conseguir conquistá-lo, pois não?

Ela ri-se.

— Alguma vez tentaste? — Acompanha-o à porta. — Seja como for, não tem grande importância. Também não estou a ver-nos a andar aí os quatro na boa-vai-ela.

— Lá isso é verdade.

Emilia abre a porta do alpendre.

— Já agora, como é que estão as coisas? Não andaste a... enfim, tu sabes...

Ele abana a cabeça.

— Não, nada disso. Fui um menino bem-comportado, juro. Não tenho visto a Connie.

Então é esse o nome dela.

— Ainda bem. E os divórcios são caros, como sabes.

— Porra, se sei. — Ri-se. Baixa-se e beija-a ao de leve na face. — Despede-te da Jasmine por mim e diz-lhe que está de castigo.

— Ah, é que não tenhas a menor dúvida.

Fica a vê-lo descer o acesso até ao carro, estacionado atrás do dela. Depois deixa-se ficar parada no alpendre, ao lado da horrenda bicicleta de Elliot, e liga ao agente Haddock.

Uma hora mais tarde, Jasmine está sentada no sofá, pálida e a cheirar ao gel de banho *White Company* de Emilia. Também se vestiu de lavado, umas calças de ganga de cintura subida e uma camisola vermelha com capuz. Parece mais nova sem a habitual maquilhagem nos olhos, o cabelo a pender-lhe em cachos sobre os ombros. Tem os pés descalços cruzados e está a catar as unhas em vez de olhar para a mãe.

— Fico feliz por estares bem, mas ainda estou chocada por me teres mentido — diz Emilia.

— Desculpa, a sério — murmura Jasmine, os olhos reluzentes de lágrimas. — Só queríamos fazer parte do grupo dos miúdos populares, uma vez que fosse.

— Percebo isso, não penses que não — diz Emilia num tom terno. — Mas não justifica mentires-me a mim ou ao teu pai. Se nos tivesses explicado, podia ser que tivéssemos chegado a um entendimento...

— Tipo o quê? — funga Jasmine. — Não me iam deixar ir!

— Talvez pudéssemos ter ido também. Ficado por perto, sei lá, para ter a certeza de que vocês estavam bem.

— Na altura não me disseste nada disso.

Emilia reprime o sentimento de culpa.

— Eu sei. Desculpa. Não devia ter-me limitado a dizer que não sem te dar ouvidos. Mas para a próxima, por favor, explica aquilo que sentes e eu e o teu pai

faremos o que estiver ao nosso alcance para o concretizar. Mas não voltes a mentir-nos.

— Desculpa — murmura Jasmine, mordiscando a pele de uma unha.

— E os bilhetes? — insiste Emilia. — De certeza que o Jake os recebeu pelo correio? Anonimamente?

Jasmine faz que sim com a cabeça.

— Nem ele nem os amigos perceberam que vocês não sabiam onde nós estávamos...

A voz some-se-lhe.

— Preciso de ver essa carta. Podes pedi-la ao Jake?

— Claro. — Puxa a manga da camisola e fica uns instantes a olhar fixamente para a mãe. — Sei que anda a passar-se qualquer coisa estranha aqui em casa e que tu e o Elliot estão a tentar esconder-ma.

Emilia põe-se de pé.

— Não é nada. A sério.

Jasmine salta do sofá, a expressão sombria.

— Estás sempre a dizer-me para ser honesta contigo, mas tu não és honesta comigo!

Emilia solta um suspiro.

— Muito bem, mas não quero que te preocupes demasiado. Ainda assim, mantém-te atenta daqui por diante e, acima de tudo, nada de mentiras. Tens de prometer, ouviste? E não contes nada ao Wilfie. Só ia servir para o assustar.

— Prometo — diz Jasmine numa voz sumida.

Volta a sentar-se, e Emilia põe-na a par de tudo.

Emilia está a tirar a louça da máquina e a tentar não pensar em nada quando Elliot e Wilfie regressam do parque, de faces rosadas e cabelos desgrenhados.

— Defendi o remate do pai — exclama Wilfie, eufórico, ainda agarrado a uma bola de futebol enlameada.

Elliot faz um sorriso de orelha a orelha.

— Pois foi, foste fantástico, parceiro.

Wilfie dá um soco no ar e corre para fora da cozinha com a bola entalada debaixo do braço. Elliot ri-se.

— Céus, estou de rastos. Sabias que o nosso filho de oito anos me dá baile?

Emilia tenta sorrir-lhe em resposta, mas não consegue. Sente-se à beira das lágrimas.

— O que foi? — Elliot vai ter com ela e puxa-a para os seus braços. Cheira a ar puro e tem as mãos frias quando lhe afasta o cabelo da cara. — A Jas está em casa, sã e salva. Não aconteceu nada.

— Eu sei, e estou tão aliviada. É só que...

— O quê?

A voz dele é terna.

Emilia conta-lhe da carta e dos bilhetes enviados a Jake.

— São tudo coisas que acontecem no meu livro.

Ele franze o sobrolho.

— Qual livro? Não me lembro dessa história.

Ela chega-se para trás para que ele lhe possa ver a cara.

— Aí é que bate o ponto. É do meu novo livro. O que ainda não foi publicado.

A expressão de Elliot muda.

— O quê?

— Já o começaste a ler?

— Não, ainda não. Tinha um trabalho para entregar. Ia começar logo à noite.

— Conte a verdade à Jas — diz ela de supetão. — Quero que seja honesta connosco e senti que tinha a obrigação de fazer o mesmo. Preocupa-me que possa correr perigo.

Quer que Elliot a tranquilize, como faz sempre. O seu marido «copo meio cheio». Mas não é o que acontece. Fica com uma cara sisuda, e Emilia repara que não fez a barba esta manhã.

Tem de lhe contar o que acontece no livro.

— Desculpa estar a contar-te se ainda não o leste, mas em *O Último Capítulo* a sobrinha da Miranda é raptada e passa um mau bocado até ser salva mesmo no final do livro. É assim que a Miranda acaba por descobrir o assassino em série, mas ele mata-a antes de ser apanhado pelo parceiro dela.

Elliot não diz nada, limita-se a fitá-la, e Emilia apercebe-se da preocupação estampada no seu rosto.

Vira-se e continua a tirar a louça da máquina.

— Decidi que vou falar com a tal jornalista, a Gina Osbourne.

— Porquê?

— Porque talvez seja uma forma de deter quem está por trás disto.

— Ou — volve Elliot num tom sombrio — podes estar a dar a essa pessoa precisamente aquilo que quer.

Martin Butterworth é um homem imponente, com olhos e cabelo cor de água de lavar pratos e uma palidez malsã dos anos que esteve de cana. Saunders tem um pouco mais de um metro e oitenta, mas este homem deve ser uns bons sete ou oito centímetros mais alto. A sua cabeça roça no aro da porta e os ombros espadaúdos abarcam toda a soleira. Não costumo assustar-me com facilidade, mas sinto um súbito contentamento por ter trazido Saunders comigo, e tomo consciência, caso seja este o nosso homem, de como deve ter sido aterrador para as vítimas verem-se confrontadas por semelhante brutamontes.

— *Sim?*

Olha-nos fixamente, deslocando os olhos de Saunders para mim, depois de novo para Saunders.

Mostro-lhe a minha identificação e apresento-nos.

— *Podemos dar-lhe uma palavrinha?*

Ele franze o sobrolho e recua para o corredor insalubre.

— *Ouça, só saí da pildra há umas semanas. Não me tenbo metido em sarilhos. Ainda estou em condicional.*

— *Não nos demoramos. Só precisamos de lhe fazer algumas perguntas, e mais vale tratar disso aqui do que na esquadra.*

Ele fita-nos em silêncio, decerto na tentativa de nos enervar, mas conheço bem os tipos desta laia. É claramente um fanfarrão e um arruaceiro. Mas um assassino? É o que veremos.

Martin dá meia-volta e afasta-se pelo corredor num passo altivo. Interpretamos aquilo como um convite e seguimo-lo até uma pequena sala de estar. Está escassamente mobilada, com um sofá de pele rasgado e uma poltrona. Ele deixa-se cair na poltrona e nós instalamo-nos no sofá. É um espaço muito parecido com aquele onde vive a irmã, Lorraine, a poucas ruas dali. Não nos oferece café nem chá, ainda que eu não fizesse tenção de aceitar. Sinto a alcatifa pegajosa ao contacto dos meus sapatos.

Acende um cigarro sem perguntar se nos importamos, ou mesmo se também queremos um. Fico desiludida ao ver que são dos normais. Não fuma cigarros de mentol.

— *Então, o que é que querem?*

Recosta-se na poltrona e solta uma baforada de fumo.

— *Alguma vez fumou doutros? — pergunto-lhe.*

Ele tira o cigarro da boca e fica a olhar para ele.

— Como assim? Tipo uma marca diferente?

— Tipo os de mentol? — inquire Saunders.

Ele abana a cabeça.

— Ná. O meu pai é que fumava disso, mas já faz tempo que morreu.

Pergunto-me se estará a mentir. Lorraine referiu inequivocamente o pai e o irmão. Mas não é nada a que nos possamos agarrar agora.

— Ao que sabemos, a sua irmã, a Lorraine, vive em Hanbam Street — prossigo.

Ele acena com a cabeça.

— Alguma vez foi visitá-la desde que saiu da cadeia?

Ele franze o sobrolho.

— Sim, fui lá uma vez.

— E quando foi isso?

Ele chega-se para diante, olhos semicerrados. Tem o cigarro na mão, a cinza a cair para a alcatifa castanha.

— Hum, não sei bem, provavelmente logo que saí. Há umas três semanas. Mas não correu bem. É uma cabra que só sabe criticar os outros.

Ignoro o comentário.

— E conheceu a vizinha do andar de cima, a Trisha Banks?

Dá uma passa no cigarro e sacode mais alguma cinza para a alcatifa.

— Não, não me parece.

Volto-me para Saunders, que tem estado a observar Martin Butterworth em silêncio mas com o cérebro a ruminar. E que depois usa o mais batido dos truques. Pigarreia e pergunta se pode ir à casa de banho.

Martin faz um ar desconfiado.

— É lá em cima.

Assim que ele sai da sala, pergunto:

— Vive aqui sozinho, Martin?

— Não. Com um amigo.

— Posso saber o nome dele?

— Shane Long. Mas de momento não está. Foi trabalhar.

Tomo nota.

— E você, tem trabalho?

— Não é fácil um ex-condenado arranjar emprego — volve ele, chegando-se para diante e esmagando o cigarro num jornal velho.

— Há organizações que podem ajudar...

— Sei disso tudo — atalha ele num tom frio. — Que é feito do outro chui? Está há montes de tempo naquela casa de banho.

Põe-se de pé, quase enchendo a pequena sala. Eu mantenho-me calma e deixo-me ficar sentada.

— Deve estar aí a aparecer.

— Tenbo de ir à minha vida. Não há mais nada para dizer.

Levanto-me também, de maneira a ficar de frente para ele.

— Sabia que na segunda-feira foi assassinada uma mulher no estúdio por cima do da sua irmã?

O seu rosto fecha-se, maxilar cerrado.

— Não, não sabia. Não falo com a minha irmã desde essa vez que a vi. Sabe que fui preso por assalto à mão armada, não sabe? Não por homicídio.

Cruza os braços diante do seu imponente arcaboço e ergue o queixo. Os olhos cor de lama estreitam-se, a desafiar-me.

— Sim, sei. Mas posso perguntar-lhe onde esteve na segunda-feira?

— Estive aqui. Todo o dia. E toda a noite.

— Há alguém que possa confirmar isso? O Shane estava cá consigo?

— Nesse dia o Shane foi trabalhar e à noite esteve em casa da namorada.

O que quer dizer que ele não tem álibi. Precisamos de bem mais do que isso, claro está. Será interessante analisar as conclusões dos técnicos forenses e do patologista. O ADN dele já está no sistema, devido à condenação por assalto à mão armada.

— Obrigada pelo tempo que nos dispensou — digo, e ele parece ficar surpreendido, como se estivesse à espera de que eu o prendesse ali mesmo.

Ouçõ Saunders descer apressadamente a escada e encaminhar-se para o corredor. Os cabelos da nuca eriçam-se-me pelo simples facto de saber que Martin está atrás de mim. Há nele algo de sombrio e inquietante.

— Demorou um bocado, camarada — diz Martin com aspereza quando Saunders se junta a nós.

— Peço desculpa — volve Saunders. — Deve ter sido do kebab manhoso de ontem à noite.

Tenbo de reprimir um sorriso quando Martin se apressa a pôr-nos fora e a fechar a porta atrás de nós sem se despedir.

— E então? — pergunto enquanto nos dirigimos ao meu Audi.

— Ainda dei uma boa vista de olhos. Um dos quartos estava arrumadinho, o outro nem por isso. Não sei se era o do Martin, mas havia uma secretária encostada a um canto e... — Espreita por cima do ombro, como se Martin pudesse estar a seguir-nos. Enfia a mão no bolso e saca do telemóvel. — Tirei uma fotografia. Ora veja...

Neste momento já chegámos ao meu carro. Está demasiado frio para ficar parado no passeio. É fevereiro e o vento sacode-me o casaco e o cabelo. Só pego no telemóvel depois de termos entrado.

A imagem é de uma secretária desarrumada, mas no meio da muita parafernália vê-se um canivete... e uma foto de uma mulher com os olhos raspados.

Elliot comprou um alarme pessoal para Emilia numa empresa recomendada por Trevor e aconselhou-a a trazê-lo sempre consigo.

— Tem-no sempre à mão — disse-lhe quando lho entregou no dia anterior, fazendo-a estremecer de alto a baixo.

Se até o próprio Elliot é obrigado a reconhecer que há motivo para preocupações, a situação é de facto grave. E agora, ao dirigir-se ao café em Kingston onde combinou encontrar-se com Gina Osbourne, sente o peso do alarme a puxar-lhe a bainha do blusão de ganga. É a primeira terça-feira depois da chamada falsa, um dia esplendoroso de final de primavera, com um céu tão límpido que parece uma lâmina de vidro da cor dos miosótis. Segundo os serviços de meteorologia, espera-se uma vaga de calor para a próxima semana.

Emilia respira fundo, saboreando o aroma dos jacintos em flor enquanto desce a rua residencial repleta de casas da década de 1930 onde deixou o carro estacionado. É um alívio estar fora de casa. Desde sábado que Elliot anda com o pavio curto. Recusa-se a ir à empresa, preferindo trabalhar em casa. Sempre que ela sai, quer saber onde e com quem se vai encontrar. É como estar casada com um marido possessivo, e Elliot nunca foi assim. Só o vê stressado ou irritadiço quando anda preocupado com alguma coisa que traz ao cimo a sua ansiedade: andar de avião, fazer apresentações ou passar longos períodos longe de casa. E Emilia sabe que tudo aquilo está a afetá-lo tanto como a ela, porque tudo o que quer é protegê-la. Protegê-los a todos.

Assim que ficara a saber da carta, a sua vontade tinha sido ir direito a casa de Jake Radley e exigir vê-la, arrancar-lha das mãos e examiná-la à procura de pistas sobre quem poderia estar por trás daquilo, sobre quem poderia estar a tentar dar cabo de uma vida por que estava tão grata, mas Jasmine havia-lhe dito que não, sugerindo ser ela a telefonar e a explicar tudo.

— Não quero que ele pense que fez alguma coisa de errado — disse então à mãe, num tom que desmentia os seus quinze anos e que permitiu a Emilia entrever a mulherzinha em que a filha se estava a transformar. — Vou pedir-lhe que a leve para a escola.

Mas quando, na segunda-feira, chegou a casa vinda da escola, Jasmine contou-

lhe que Jake tinha deitado a carta fora.

A primeira coisa que Emilia tinha feito nesse dia fora ligar a Lara, a sua editora substituta enquanto Hannah estava de licença de maternidade, a dar-lhe conta dos acontecimentos do fim de semana e do facto de aparecerem no seu manuscrito ainda não publicado.

— Podes dar-me os nomes de todas as pessoas que já o leram? — pedira. — É muito importante.

Lara mostrara-se chocada, mas prontificara-se a compilar uma lista. Tal como o agente de Emilia.

Um pouco mais tarde, quando recebeu uma e outra, pôde certificar-se de que continham poucos nomes. Apenas Hannah e Lara, do lado da empresa editorial, e Drummond, na agência.

— Estava à espera das correções finais antes de o enviar aos editores estrangeiros — explicara ele.

De seguida, Emilia contactou todos os amigos e familiares a quem enviara o manuscrito, a perguntar-lhes se o tinham enviado a mais alguém. Louise não atendeu, por isso deixou-lhe uma mensagem no telemóvel. Elliot falou com o pai, que lhe garantiu que não o tinha dado a ler a mais ninguém. Otilie, Kristin, Jonas e os seus pais, todos eles disseram o mesmo, e Emilia passou a noite às voltas na cama, revendo todas as hipóteses uma e outra vez e acabando por chegar sempre à mesma conclusão. Tinha de ser alguém que ela conhecia.

Está quase a chegar ao café quando avista um vulto familiar a sair de um edifício vitoriano de três andares. Cabelo *pixie* curtinho, uma camisola repleta de animais — ovelhas, talvez — na parte da frente, calças de ganga de corte masculino e bainha dobrada. De mochila às costas, a mulher tem a cabeça baixa e atravessa o jardim da frente num passo apressado. Quase choca com Emilia ao transpor o portão.

— Lou?

Louise levanta a cabeça, atarantada. Afasta a franja da cara.

— Oh, olá. O que... O que é que andas a fazer por aqui?

Tem manchas escuras debaixo dos olhos.

— Vou encontrar-me com uma pessoa no Hodges — diz Emilia, apontando na direção do café ao fundo da pequena fiada de lojas. — E tu, o que é que te traz por aqui?

— Eu... — volta-se para o edifício, depois outra vez para Emilia — ...bom, a verdade é que vivo aqui. No apartamento da cave.

Emilia fica desconcertada.

— Quando é que te mudaste?

Nunca fora a casa de Louise em Richmond, mesmo sabendo que ficava a poucas ruas da sua. Quando Wilfie vai brincar com Toby é sempre em casa de Frances, em

Teddington.

— Há pouco tempo. Adorava viver em Richmond mas, sabes como é... — Remexe os pés. — ... A renda subiu, de maneira que decidi mudar-me.

— Ah, bom, fizeste bem.

— Mas, enfim, tenho de ir andando. Estou a ficar atrasada.

— Sim, também eu. Vou encontrar-me com uma jornalista.

Louise arregala os olhos.

— A sério?

— Sim.

Põe-na rapidamente a par da carta anónima e dos bilhetes que Jake recebeu.

— Liguei-te para te contar e também para te perguntar se mostraste o manuscrito a mais alguém, mas não atendeste.

Louise leva uma mão à testa. Está com um ar pálido. Emilia desconfia de que a amiga tem andado a trabalhar de mais.

— Desculpa, andava para te ligar. Tenho tido uns dias frenéticos. Acho boa ideia falares do assunto à imprensa. Pode ser que ajude a expor quem está por trás de tudo. Também devias ir à rádio. Quanto mais gente souber do caso, melhor.

— É o que começo a achar. A polícia chegou a localizar aquela chamada falsa?

Louise abana a cabeça.

— Não, lamento, aquele número não existe. Não é tão fácil como parece na televisão.

Emilia enfia a mão no bolso, os dedos tateiam o alarme. Tira-o para o mostrar a Louise.

— Foi o Elliot que mo deu. Está-se a passar com isto. Tem de ser alguém que eu conheço, Lou.

— Porra... nem sei o que dizer. Isso é horrível.

— Não mostraste o livro a ninguém, pois não?

— Não. Claro que não. Nunca o faria sem te pedir. — Louise hesita, a mão no portão, como se não quisesse despedir-se de Emilia. — Lamento imenso, mas tenho mesmo de ir andando... Estou atrasada para o trabalho. Mas temos de falar disto como deve ser. Depois ligo-te, está bem?

Emilia olha para a indumentária de Louise, calças de ganga e camisola. Parece-lhe um traje demasiado casual para ir trabalhar.

— Claro. — Nenhuma delas se mexe. — Sinto-me assustada, para te ser franca — confessa. — Tento fazer boa cara diante do Elliot, mas o livro, a história... aquela coisa do assassino do louva-a-deus... é tudo bastante sombrio.

— Eu sei.

— Escrevi que, no fim, ele mata a Miranda. E se...

— Para. Não podes pensar assim, Em. Céus... — Agarra na mão de Emilia. — Lamento imenso que estejas a passar por isto. A sério.

— A culpa não é tua.

— Eu sei, mas... — É interrompida pelo seu telemóvel a vibrar. Tira-o do bolso de trás das calças. — Merda. É o meu chefe. Desculpa, tenho mesmo de ir. — Dá um abraço a Emilia. — Prometo que te ligo mais logo.

É com tristeza que Emilia fica a vê-la correr rua abaixo para o seu pequeno *Fiat*, telemóvel encostado ao ouvido.

Gina Osbourne está sentada a uma mesa do canto, a bater o pé com impaciência enquanto vai passando o polegar pelo ecrã do telemóvel. Ergue os olhos quando Emilia entra.

— Peço imensa desculpa — diz Emilia, puxando uma cadeira. — Cruzei-me com uma amiga.

— Não se preocupe. — Gina já tem a caneta a postos e uma chávena de café parcialmente bebida diante de si, uma marca de batom cor-de-rosa no rebordo. — O que quer que lhe traga?

— Um *latte* de caramelo vinha a calhar. Obrigada.

A jornalista levanta-se para ir fazer o pedido ao balcão e Emilia trata de sacudir o casaco dos ombros. O alarme embate ruidosamente na cadeira. Já está com o raio do objeto pelos cabelos.

Gina regressa com o *latte* e estende-o a Emilia, depois volta a sentar-se.

— Ora então, conte-me tudo. Desde o princípio — diz ela, clicando no cimo da caneta e desencantando um bloco de notas vá-se lá saber de onde.

Emilia respira fundo e lança-se no relato: lírios, ameaças de bomba, ser seguida à noite com Louise por um sujeito furtivo, a gaivota, o *troll*, a coroa de flores, as janelas abertas e o acesso ilegal a *Alexa*, embora decida não referir Jasmine, os misteriosos bilhetes para o concerto e a chamada falsa. Não quer a sua filha no jornal. Quando chega ao fim, Gina recosta-se na cadeira, boquiaberta.

— Ena — diz ela. — É muita coisa. E tudo isso aconteceu nos seus livros?

— Sim, tudo, num momento ou noutro, tirando o primeiro ramo de flores que me enviaram. Os lírios. Não me lembro de a minha personagem, a inspetora Miranda Moody, alguma vez os ter recebido. Mas é possível. O resto é sobretudo dos meus livros iniciais, os primeiros quatro.

Gina pressiona a caneta contra a bochecha.

— Pode dizer-me qual vai ser o título do seu próximo livro, para acrescentarmos também qualquer coisa sobre ele?

— *O Último Capítulo*.

— E de que é que trata?

— É sobre um assassino em série que marca as suas vítimas do sexo feminino.

— Conta-lhe um pouco do enredo, sem revelar nenhum *spoiler*. — Também é uma espécie de *thriller* de vingança.

— Parece arrepiante.

Emilia ri-se.

— Bom, espero que seja.

Gina examina-a, depois acrescenta:

— Vejo que tem uma mente bastante sombria. Há alguma coisa de autobiográfico nos seus livros?

Por instantes, Emilia fica desconcertada. Bebe um gole do seu *latte* antes de responder.

— Bom, nem por isso, não. — Sente-se um pouco afogueada. — A minha personagem, a Miranda, é muito diferente de mim. Mais velha, mais forte. Diz o que pensa.

Fica aliviada quando Gina afasta os olhos para continuar a escrevinhar no seu bloco.

Está já no carro, de regresso a casa, quando recebe um telefonema de Jasmine.

— Mãe, estou-me a passar. Não encontro o meu equipamento de ginástica. Achei que o tinha no cacifo, mas devo tê-lo deixado em casa do pai.

Jasmine só tem educação física de quinze em quinze dias.

— Precisas dele hoje?

— Não, amanhã. Podes ir buscá-lo, por favor?

— O teu pai deve estar no trabalho.

— Pode ser que a Kristin esteja em casa. Por favor. Fico de castigo à hora de almoço se me esquecer dele.

Emilia apercebe-se da ansiedade na voz da filha.

— Está bem. Dou lá um salto e vejo se a Kristin está.

A última coisa que lhe apetece é ver Kristin, mas não quer que Jasmine se sinta stressada com aquilo, para mais com tudo o que está a acontecer.

— Obrigada, mãe — diz ela, claramente mais aliviada. — Tenho de desligar. Tchau.

O *Mini* de Kristin está parado diante da casa, e Emilia estaciona atrás dele. Espera que ela não demore muito a encontrar o equipamento de ginástica para poder ir à sua vida. A rua está sossegada quando sai do carro, um pombo-torcaz a arrulhar ao longe. Percorre o familiar carreiro da frente e bate à porta.

Kristin abre depois de Emilia bater uma segunda vez. Está com o ar glamoroso de sempre, numas calças de ganga tão apertadas que parecem uma segunda pele, e uma *T-shirt* cavada rosa-pálido de decote em bico. Tem o cabelo escuro apanhado num rabo de cavalo no alto da cabeça. Os olhos azuis estreitam-se ao vê-la.

— Desculpa aparecer assim sem mais nem menos — diz Emilia antes de lhe explicar do equipamento de educação física de Jasmine.

— Entra enquanto eu o procuro.

Emilia segue-a pelo corredor e até à cozinha. Em cima da mesa está uma caixa de plástico transparente com material de pintura, além de um x-ato pousado sobre uma grande folha de cartolina. Kristin decerto repara no olhar de Emilia, pois dirige-se à mesa e começa a arrumar tudo.

— Estava só a... hum... a fazer um cartão para o aniversário de um amigo.

Emilia sorri educadamente.

— Queres uma chávena de chá?

— Não, deixa estar, mas obrigada.

— Certo, tudo bem. Dá-me só um segundo. Deixa-me verificar se não o pus para lavar. — Baixa-se e revolve um grande alguidar de plástico cheio de roupa. — Não está aqui. Vou ver no quarto dela.

Sai da cozinha e Emilia senta-se à mesa. Afasta o x-ato para o lado, perguntando a si própria se Kristin já terá lido *O Último Capítulo*. Lembra-se de Louise lhe contar que Kristin a questionara sobre Jonas no lançamento. Primeiro Ottilie, e agora Louise. O que andaria Kristin a tramar? Era extremamente indelicado da parte dela interrogar Louise quando nem sequer se conheciam. Será que desconfiava mesmo que ela e Jonas estavam a ter um caso?

Depois os seus olhos pousam na caixa de plástico e Emilia tem um baque.

Comprimido de encontro ao rebordo, cabelo amarelo postiço espalhado à sua volta como manteiga, está o rosto familiar do boneco de um *troll*.

Daisy, 2005

Daisy sempre acreditara firmemente no Destino, que as pessoas entravam e saíam das vidas umas das outras por um motivo. E nesse Natal tornou-se evidente porque tivera de ir parar à mesma universidade que Ash.

Foi sem dúvida irónico que, depois de ter parado de procurar o Homem dos Rabiscos, depois de ter... não propriamente esquecido, isso jamais aconteceria, mas sido distraída pela paixão, este tenha aparecido diante dela, como uma miragem, como uma oferenda.

— Vou ter imensas saudades tuas — disse-lhe Ash nesse dia fatídico, enquanto se entretinham nas instalações da associação de estudantes. — Mas continua combinado que apareces a seguir ao Natal, certo? Não é longe daqui. Ias visitar-me e depois os meus pais traziam-nos aos dois quando as aulas recomeçassem.

— Combinadíssimo.

Mal podia esperar por passar mais tempo com Ash. Tinham tanto em comum: música, filmes, arte. Os momentos em que Daisy se sentia mais feliz eram aqueles em que só estavam os dois.

— Os meus pais vão adorar-te, Daise.

— Acho que o meu pai também te vai adorar. Espero que para a próxima possas ficar comigo e conhecê-lo.

Ash tinha-a puxado para si, um braço envolto em cabedal à volta dos seus ombros.

— Por mim, ia gostar muito.

O som de um carro a imobilizar-se lá fora fez Ash ir até à janela que dava para o parque de estacionamento.

— Merda! Chegaram cedo! Queres conhecê-los agora? Bem sei que vais vê-los quando lá fores, mas...

— Claro — disse ela, levantando-se do sofá desengonçado no qual tinham estado recostados.

Agarrou no seu casaco, e no volumoso saco de viagem de Ash, e foi até lá fora, onde um homem de meia-idade e uma mulher mais nova estavam a sair de um

deslumbrante *Jaguar* antigo, do género do que o inspetor Morse² conduzia.

A mulher era loura e bonita, com maçãs do rosto salientes e uns olhos que brilhavam. Parecia muito mais nova do que o pai de Ash, espadaúdo e de cabelo claro, e com as faces coradas de quem gosta de passar tempo ao ar livre, de preferência na companhia de um grande labrador e de uma espingarda. Retribuíram o sorriso de Daisy, apresentando-se como Donald e Stef, apertando-lhe a mão e exclamando que Ash não se cansava de falar dela. E durante todo esse tempo sentiu reverberar dentro de si uma sensação de reconhecimento. Onde é que já tinha visto aquele homem?

Continuaram a falar e a apregoar e a gesticular enquanto Donald enfiava o saco de Ash na bagageira e Stef se mantinha de pé diante da porta do passageiro. Estava frio, e Stef tinha atado ao pescoço um lenço que lhe subia quase até ao nariz.

— Bom, foi um prazer conhecer-te, Daisy — disse ela num tom caloroso. Devia ser mesmo muito nova quando Ash nasceu. — Fico ansiosa que venhas visitar-nos.

— Sim — reiterou Donald com um sorriso rasgado, sacudindo-lhe a mão para cima e para baixo. — Espero que passes um ótimo Natal.

E durante todo esse tempo Daisy sentiu-se como que mergulhada numa atmosfera surreal, a tentar reter memórias que insistiam em desvanecer-se, como uma baforada de fumo no ar frio do dia.

Ash deu-lhe um abraço rápido, quase indiferente, e entrou para o banco de trás.

E, enquanto via Donald encaminhar-se para o lado do condutor, com um balanço suave e ritmado da mão esquerda, Daisy foi atingida por uma memória tão vívida que a deixou atordoada.

Um remoinho duplo, um pescoço largo como um pernil. Alto. Louro.

Uma nuca tão familiar que percebeu de imediato onde o tinha visto antes.

O namorado secreto da mãe.

E seu assassino.

² Personagem principal de uma série televisiva britânica com o mesmo nome. (NT)

O boneco do *troll* de cabelo amarelo. O mesmo que pendera sinistramente da sua árvore. O mesmo que ela apanhara e deitara fora. Como é que fora parar à cozinha de Kristin? Emilia não consegue tirar os olhos dele. O pânico deixa-a incapaz de se mexer até ouvir os passos de Kristin na escada. Depois levanta-se da cadeira, uma descarga de energia nervosa a palpar-lhe nas veias.

Kristin entra na cozinha com uma expressão triunfante.

— Encontrei-o. Estava enrolado debaixo da cama dela. Quer-me parecer que está a precisar de ser lavado. — Estende o saco de cordão a Emilia. Depois o seu sorriso desvanece-se. — Estás bem? Ficaste pálida.

Emilia pega no saco.

— Tenho, hum, tenho passado um mau bocado ultimamente. O Jonas contou-te o que está a acontecer?

Kristin faz um ar constrangido.

— Contou. Lamento que estejas a passar por isso. Parece assustador.

— Já leste o meu novo livro?

— Acabei-o há uns dias. Gostei muito.

Cruza os braços diante do peito.

Emilia aponta para o boneco do *troll* comprimido contra um dos lados da caixa de plástico.

— Onde é que arranjaste isso?

— Este boneco? Nem sei. Enfio tanta tralha nessa caixa. Deve ser de quando a Jas era pequena.

Emilia fita-a de olhos semicerrados.

— Esse... ou outro igualzinho... apareceu o mês passado pendurado na árvore do meu jardim da frente.

Kristin retesa-se.

— E achas que fui eu que o pus lá?

— Não sei o que pensar.

Kristin dá um passo atrás.

— É evidente que me achas capaz disso. Está estampado na tua cara. — Emilia não diz nada, e Kristin solta uma sonora gargalhada sarcástica. — Ah, já percebi.

Roubei-te o marido, por conseguinte não tenho moral e sou capaz de qualquer coisa. É isso? Sou capaz de colocar a minha enteada... que adoro, diga-se de passagem... em perigo. Sou capaz de te perseguir e viver obcecada contigo. É isso que queres ouvir? Porque, lamento muito, Emilia, mas não me preocupo assim tanto contigo que me dê a uma trabalhadeira dessas para te assustar.

Emilia sente vir ao de cima a fúria e o ressentimento reprimidos. Atira o equipamento de educação física para o ombro.

— Se te preocupas tão pouco comigo, como dizes, então porque é que ligaste à Otilie para lhe fazer perguntas sobre mim? Porque é que foste maçar a Louise no meu lançamento se nem sequer a conhecias? Ela contou-me que te puseste a fazer-lhe perguntas sobre mim e o Jonas. Achas mesmo que ando a comê-lo nas tuas costas? Nas do Elliot?

O olhar crítico de Kristin percorre o corpo de Emilia, avaliando o vestido de malha que deixa perceber todas as suas bossas e recôncavos.

— Não, não acho que estejas a ter um caso com o *meu* marido.

Emilia sabe que tem de se ir embora antes que diga alguma coisa de que se arrependa. Sai da cozinha a passos largos e dirige-se ao corredor. Sente Kristin atrás de si.

— Espera!

A voz de Kristin é desesperada, e Emilia detém-se, a mão na maçaneta da porta.

Dá meia-volta.

— O que foi?

— Desculpa, *a sério* — diz Kristin. — Sei que nunca falámos disso. Tentei ligar-te tantas vezes depois daquilo acontecer. Para te explicar. Mas nunca quiseste falar comigo.

— E achas que podes censurar-me por isso?

— Claro que não. Agora as minhas desculpas parecem sem sentido, passados tantos anos. Mas lamento muito o que aconteceu. Gostava de ter sido franca contigo desde o início. O Jonas ia contar-te sobre nós, e depois... e depois tu engravidaste.

A verdade atinge-a como uma bofetada.

— Tu e ele... aconteceu antes... antes de...

Não consegue dizer as palavras.

Kristin deixa pender a cabeça, mas não sem que antes Emilia entreveja um lampejo cruel nos seus olhos, e percebe que tudo o que ela quer é sentir-se poderosa, ter algo com que a apoucar. Kristin sabe que Jonas é galanteador e quer deixar claro a Emilia que a vencedora é ela. Que a vencedora será *sempre* ela. Que foi a ela que Jonas escolheu.

— Ele ia deixar-te. Em 2006. Ia deixar-te e depois tu engravidaste.

Sente um frio no estômago ao recordar o casamento apressado no registo civil, apenas com Otilie e o melhor amigo de Jonas, Dan, como testemunhas, e os pais de Jonas como convidados. O vestido apertava-lhe a cintura, naquela fase da gravidez em que ainda não parecia estar de bebé mas apenas ter ganhado algum peso. Só mais tarde contara aos pais que estava grávida.

— Podias ter tido quem quisesse — diz Emilia pesarosamente. — Porquê ele?

Kristin faz girar a sua aliança de platina.

— Não sei explicar. Simplesmente amava-o. Ainda amo. Não escolhemos por quem nos apaixonamos. Seja como for, agora és feliz com o Elliot, não és?

— Claro que sou. — Kristin continua sem entender. — Não se trata do Jonas. Não sinto nada por ele. Mas de ti. Daquilo que *tu* fizeste. Destruíste a nossa amizade.

Há tantas palavras não ditas a pairar no silêncio entre elas. Coisas que Emilia nunca será capaz de dizer, como as saudades que sente dessa amizade, das noites de miúdas, sentada até às três da manhã com Kristin e Otilie, a conversarem sobre tudo, a rirem-se até lhes doer a barriga. Engole o nó que tem na garganta.

— Tenho de me ir embora — diz, a voz rouca.

— Juro-te que não estou por trás desta «campanha de terror» ou seja lá o que for que está a acontecer. Não tenho nenhum motivo para isso.

Emilia olha-a fixamente, tentando perceber se ela estará a dizer a verdade. O lado competitivo de Kristin estará sempre presente. Se achar de facto que Emilia anda a ter um caso com Jonas, quem sabe do que será capaz? A ex-amiga tem um inegável lado coriáceo. Sempre teve. Emilia é que nunca tinha querido admiti-lo.

Sai sem dizer mais uma palavra, fechando firmemente a porta atrás de si.

É só depois de ter deixado a rua para trás e contornado a esquina que encosta o carro debaixo de um grande carvalho e liga ao agente Haddock, as mãos a tremer.

— Não sei se tem algum significado — diz assim que ele atende —, mas a mulher do meu ex-marido, a Kristin Perry, tem na sua posse um boneco de *troll* igual ao que encontrei na minha árvore. Achei que devia informá-lo.

Na quinta-feira de manhã, está Emilia diante do lava-louça da cozinha a enfiar colheradas de *muesli* na boca, quando o seu telemóvel vibra com uma mensagem de Gina Osbourne.

O artigo saiu na edição de hoje.

Pousa a tigela e dá uma vista de olhos ao *site* do jornal. E, de facto, lá está ele. Parece-lhe estranho lê-lo assim preto no branco, como algo que estivesse a acontecer a outra pessoa. Ainda está a ler quando Elliot irrompe na cozinha com um ar furibundo.

— O que foi?

Emilia pergunta a si própria se por acaso também terá visto o artigo no *Mirror* e ficado aborrecido. Mas a verdade é que lhe contou que tinha falado com Gina.

— Roubaram-me a porra da bicicleta.

Ela fita-o com um ar surpreendido.

— O quê? — Sente o pequeno-almoço às voltas no estômago. — Do alpendre?

— Sim. Trancaste a porta da frente ontem à noite?

— Claro. Passei a trancá-la sempre.

— Tens a certeza? Não há nenhum sinal de arrombamento.

— Já verificaste a aplicação?

— Claro que sim. — Planta-lhe o telemóvel debaixo do nariz. — Parece que foi levada às primeiras horas da manhã. Ainda estava escuro.

Ela olha horrorizada para as imagens granulosas de alguém vestido de escuro da cabeça aos pés a descer pelo acesso deles, entre os dois carros estacionados, a abrir a porta da frente com a maior das descontrações, a roubar a bicicleta e a ir-se embora montado nela.

— Mas... — Não quer acreditar no que está a ver. Como foi fácil. — Então e o alarme? Porque é que não disparou? E a porta... tenho a certeza de que a tranquei.

Elliot passa a mão pelo queixo ainda por barbear.

— Não sei. Não percebo. É como se o alarme tivesse sido desativado, ou coisa que o valha. Vou ter de perguntar ao meu pai. Mas, Em... — olha para ela com um ar desconfiado —, não me parece que a porta do alpendre estivesse trancada.

Emilia trancou-a. Sabe que sim. Jamais se esqueceria, para mais com tudo o

que tem estado a acontecer. Tenta conter o pânico enquanto pede a Elliot para lhe voltar a mostrar as imagens, desta feita olhando com mais atenção para o ecrã, para tentar ver melhor.

— Aqui — diz ela, parando a imagem, o corpo cheio de adrenalina. — Esse gorro... essa etiqueta na parte da frente. Estou a reconhecê-lo.

— A sério?

— Sim. É de uma marca escandinava. Vi... — Um frio percorre-lhe as entranhas. — Vi alguém que conheço com um igualzinho.

— Quem?

Há premência na voz de Elliot.

Emilia sente-se nauseada. Pode ser coincidência, e é difícil ter a certeza — a pessoa parece mais alta, mas a constituição é franzina. Além de que não se consegue ver-lhe a cara. Mantém sempre a cabeça baixa, o cabelo escondido pelo gorro.

— A Louise — diz ela.

Depois de tentar ligar cinco vezes a Louise, Emilia deixa-lhe uma mensagem frustrada.

— Por favor liga-me. É muito importante.

— Acho que devíamos ligar para a polícia — diz Elliot num tom furioso, ao mesmo tempo que vai percorrendo a cozinha de um lado para o outro.

— A Louise é da polícia.

— E mesmo assim achas que roubou a minha bicicleta.

Emilia solta um suspiro frustrado.

— Não estou a dizer que é ela, ouviste? Só estou a dizer que ela tem um gorro igual a esse. Ela é mais uma quantidade de gente, imagino. Essa pessoa parece mais alta do que a Louise, portanto posso estar enganada. É... é difícil dizer ao certo. Temos de lhe dar o benefício da dúvida antes de participarmos à polícia. Mesmo que seja ela, pode ter precisado da bicicleta por um motivo qualquer e não nos quis acordar.

O argumento parece frouxo, mesmo aos seus ouvidos, mas não podem concluir que se trata de Louise apenas com base na marca do gorro.

— Tens razão, pode ser uma pessoa qualquer. E se te esqueceste de trancar a porta...

Elliot deixa a insinuação a pairar.

Depois dirige-se para o seu escritório no jardim, prometendo não fazer qualquer participação até terem tido notícias de Louise, e Emilia faz por se manter ocupada a limpar as casas de banho, ainda a remoer a acusação de Elliot de que se esquecera de trancar a porta. Lembra-se bem de o ter feito.

É só muito mais tarde, depois de ter ido buscar os miúdos à escola e quando

Elliot está a fazer um chá, que repara que Louise lhe deixou uma mensagem de voz no telemóvel. A chamada foi feita às três e meia, quando ia no carro a caminho da escola de Jasmine, porque não quer que a filha vá de autocarro para casa.

Afasta-se da cacofonia da cozinha e vai até à sala de estar para ouvir a mensagem.

— Desculpa, amiga — diz Louise numa voz ofegante. — Tem sido um dia frenético. Só agora é que consegui dar um pulinho a casa. Mas preciso mesmo de falar contigo. Para te explicar tudo. Prefiro fazê-lo cara a cara. Podes passar por cá mais logo? É o apartamento quatro, Sunnyside Road. O Toby está em casa do pai, de maneira que podemos conversar com calma. Estou... — Emilia fica horrorizada ao ouvir a hesitação na voz da amiga. — Lamento imenso. Não queria que isto chegasse tão longe. Aparece logo que possas. E, Em... — funga — ...a sério que lamento muito.

A mensagem termina e Emilia fica a olhar para o telemóvel, apreensiva. De que estaria Louise a falar? O que será que lamentava? A questão da bicicleta? Sente o coração acelerar. Estaria ela envolvida nalguma coisa duvidosa? Tenta ligar-lhe, mas ela não atende.

— Raios partam — resmunga para si própria.

— Está tudo bem? — Ergue os olhos e vê Elliot parado na soleira. — Era a Louise?

Ela faz-lhe um aceno afirmativo, a cabeça a ferver.

— Uma mensagem de voz. Achei-a estranha. Quer que vá agora a casa dela.

Elliot é a imagem da reprovação.

— O quê? Agora? Porquê? Não pode ficar para depois? O jantar está quase pronto.

— Não é longe e não me demoro. Preciso mesmo de falar com ela. Preciso de saber o que se passa.

Ele faz um ar cético.

— Acho que não devias ir...

— Não te preocupes. Tenho o meu alarme. — Dirige-se ao vestíbulo e agarra no blusão de ganga. — Não devo demorar. Guarda-me um bocado de peixe.

Estica-se para o beijar, mas Elliot continua a fitá-la com um olhar estranho enquanto a vê sair apressadamente.

Demora vinte minutos a chegar a casa de Louise. Encontra um lugar para estacionar na rua quase deserta e atravessa o jardim comunitário. O apartamento de Louise fica na cave, atrás de umas grades de ferro e acessível por uma pequena escada. Ainda há luz, mas o sol já se escondeu atrás do edifício, pelo que a frente do apartamento de Louise está mergulhada na sombra. Há uma bandeira ucraniana na janela do último andar, mas a rua está silenciosa, quase

fantasmagórica.

Emilia desce os degraus e, ao fazê-lo, vê a cozinha de Louise pela janela. Parece vazia, apenas com uma planta murcha no centro de uma mesa de pinho. Mas, assim que chega ao pequeno pátio ao fundo da escada, repara que a porta está ligeiramente entreaberta. Bate, mas não tem resposta, pelo que a empurra e chama por Louise, a sua voz a ecoar no corredor vazio. Vê as sapatilhas *Nike Air* da amiga junto à porta. Louise nunca se separa delas, por isso deve estar em casa. Emilia espreita pela porta da cozinha, sentindo-se uma intrusa, mas Louise não está ali. Avança pelo corredor até à sala de estar.

— Louise? — volta a chamar, empurrando a porta.

E depois arqueja.

A amiga está deitada com a cara no chão, a nuca manchada de sangue.

— Oh, meu Deus! Louise! — Corre para ela e ajoelha-se, tocando-lhe no ombro. — Lou? — Um pavor gélido apossa-se dela. — Lou... — repete, desta feita numa voz sumida, um soluço na garganta, porque já percebeu que é demasiado tarde, mesmo antes de encostar os dedos ao pescoço da amiga a tentar sentir-lhe a pulsação.

Vira-a, disposta a fazer-lhe massagem cardíaca, respiração boca a boca, tudo o que possa ajudá-la. Mas a pele de Louise está demasiado lívida, os seus lábios demasiado azuis, o seu corpo anormalmente frio. Tem vestida a camisola com o lama e a imagem faz Emilia chorar mais ainda. Aquilo não pode estar a acontecer.

Chama uma ambulância e senta-se ao lado do corpo de Louise, à espera. Pega na mão da amiga e fala com ela, mesmo sabendo que é inútil.

— Lamento tanto não ter atendido a tua chamada a tempo. Desculpa, Louise. Aguenta firme, a ambulância vem a caminho.

Tem a cabeça à roda. A primeira coisa que lhe veio à cabeça ao deparar com Louise foi socorrer a amiga. Mas agora, como um raio de sol a tentar romper por entre as nuvens, os seus pensamentos procuram sobrepor-se ao choque. Antes de virar o corpo de Louise, reparara que ela tinha um golpe na nuca, o cabelo escuro empapado de sangue. Se tivesse caído e batido com a cabeça, devia ter ficado deitada de costas, certo? Mas estava de barriga para baixo, como se tivesse sido golpeada por trás.

Emilia baixa os olhos para o rosto descorado da amiga e afasta-lhe suavemente o cabelo da testa. Parece uma figura de cera, já não Louise, e os lábios de Emilia deixam escapar novo soluço. Há um salpico de sangue no desenho do lama. Talvez não devesse ter mexido no corpo. Se alguém tinha feito aquilo a Louise, a polícia iria procurar provas. Larga cuidadosamente a mão da amiga e põe-se de pé, reprimindo a histeria. A sua simples presença ali pode estar a contaminar o local do crime. Sabe-o bem, tantas foram as vezes que o escreveu nos seus livros. Terá de se lembrar de explicar à polícia em que posição estava o corpo de Louise quando o

encontrou.

Um arrepio percorre-a de alto a baixo e fica com pele de galinha. Sente-se como se estivesse a tentar acordar de um pesadelo. Aquilo não pode estar a acontecer. Lembra-se do pequeno Toby e é novamente tomada por uma profunda tristeza.

Até que olha de relance para os pés descalços de Louise e uma onda de terror desaba sobre ela. Há qualquer coisa no tornozelo da amiga. Não pode ser...

Baixa-se para ver melhor. Mas não resta a menor dúvida. O tornozelo de Louise ostenta uma marca tosca da cabeça de um inseto.

Espero conseguir sair cedo, para variar. Preciso de ir ver o meu pai e saber como é que ele está, agora que finalmente o convencemos de que é melhor para a minha mãe — e também para ele — que ela vá para uma casa de repouso. Estou a arrumar as minhas coisas e a desligar o computador quando Saunders irrompe no meu gabinete sem bater.

Abro a boca para lhe dizer das boas, mas detenho-me ao reparar na expressão estampada na cara dele, um misto de excitação e horror que aprendi a reconhecer quando ele acha que conseguimos uma pista num caso aparentemente irresolúvel.

— Acabámos de receber uma chamada. Parece que há mais uma vítima. O assassino do louva-a-deus voltou a atacar.

Fico a olhar para ele, estupefacta. Apercebo-me de que estou de boca aberta, e fecho-a. Passou mais de um ano desde que Trisha Banks foi assassinada e, por muito que nos esforçássemos, nunca conseguimos acusar Martin Butterworth dos crimes, ainda que ele continue a ser o nosso principal suspeito e o mantenhamos sob vigilância apertada.

— Onde? — pergunto, agarrando no casaco.

— Bom, isso é o mais estranho — diz ele. — Fica fora da nossa jurisdição. Mas chamaram-nos devido às semelhanças com os casos anteriores.

Debita uma morada. Vamos demorar três horas a chegar lá, talvez mais. E já são seis da tarde. Mas temos de ir. É questão que nem se põe.

— Então, toca a andar — digo, já a sacar do telemóvel para ligar à minha irmã a pedir-lhe que seja ela a ir visitar o nosso pai, e para explicar à minha namorada, a Kim, que vou ficar fora por uns dias.

Já é tarde quando entramos na rua estreita e sossegada. Percebemos de imediato qual é a casa devido ao rebuliço instalado diante do edifício. Há fita policial a rodear o pequeno jardim da frente, e o agente fardado de guarda à entrada levanta-a para nos deixar passar. Ando exausta, e aquele tempo todo enfiado no carro com Saunders deixou-me com uma valente dor de cabeça, mas tento não fazer caso dela quando descemos os degraus que conduzem ao apartamento da cave.

— É por aqui, senhora inspetora — diz outro agente.

Vestido à paisana, careca e com umas bochechas invulgarmente rosadas, apresenta-se como sargento Shawn Watkins, da Polícia Metropolitana.

Há uma mulher estendida na alcatifa da sala de estar. É relativamente nova, trinta e muitos, no máximo. Magra, cerca de um metro e sessenta, cabelo curto, escuro.

— *Como é que foi morta?* — pergunto ao sargento Watkins.

Volto-me ao ver Saunders sair disparado da sala a cobrir a boca com a mão e franzo o sobrolho. Nem parece coisa dele. Torno a centrar a minha atenção em Watkins.

— *Com uma pancada na cabeça, ao que tudo indica* — explica ele. — *Não um esfaqueamento, portanto, como nos vossos casos. Não vos teríamos chamado se não tivéssemos reparado nisto...*

Aponta para o tornozelo da mulher. Agacho-me para ver melhor. Parece o desenho da cabeça de um inseto. Mas não é igual aos outros: este não foi gravado na pele, apenas desenhado, provavelmente com uma esferográfica.

Não pode ser o nosso homem. Contudo, seja quem for que fez isto sabe dos desenhos do louva-a-deus, e apenas a polícia dispõe dessa informação.

— *Peço desculpa, é a inspetora Janine Murray?*

Outro agente aproxima-se de mim. Jovem, com cabelo castanho deslavado e uma cara sardenta.

— *A própria.*

— *Sou o agente Anthony Haddock. Vim assim que soube do sucedido.*

A minha dor de cabeça acentua-se enquanto tento perceber o que se estará a passar.

— *E daí?*

— *A vítima é uma das nossas, senhora inspetora.*

Volto a olhar para a mulher estendida no chão. Tem os olhos fechados, o rosto sereno e, não fosse o corpo começar a exhibir sinais de rigor mortis, dir-se-ia que estava simplesmente a dormir. Está vestida com uma camisola com um lama estampado na parte da frente.

— *É uma agente da polícia?*

Ele faz que sim com a cabeça.

— *Certo* — respondo.

A minha cabeça fervilha enquanto tento encaixar as peças do puzzle. Será possível que ela conhecesse Martin Butterworth? Talvez tenha sido a responsável pela sua detenção por assalto à mão armada, dezassete anos antes. Mas não, não pode ser isso. Deve andar pelos trinta e cinco. O que significa que era demasiado nova na altura.

— *Qual é o nome dela?*

— *Agente Louise Green, senhora inspetora. E o problema é que...* — O agente Haddock remexe-se de pé para pé. — *Ainda não apurámos todos os pormenores, mas a mulher que a encontrou era amiga dela. A escritora policial Emilia Ward.*

SEGUNDA PARTE

Emilia Ward. Li alguns dos livros dela. Sempre me impressionou a forma rigorosa como retrata os procedimentos policiais. Agora percebo porquê, sendo amiga de uma agente da Polícia Metropolitana.

— *Onde é que ela está?*

O agente Haddock afasta uma madeixa dos olhos. A sua cara tem um brilho oleoso.

— *Recolhi o depoimento e deixei-a ir para casa. Estava bastante abalada, como calcula.*

— *Deixou-a meter-se no carro e ir para casa sozinha? Depois de ter acabado de encontrar a amiga morta?*

Abano a cabeça perante tamanha insensibilidade.

— *Ofereci-me para a levar, mas ela disse que não era preciso — desculpa-se ele.*

Que inútil.

— *O mais certo é estar em estado de choque.*

Ele fica a olhar para os pés como uma criança a quem tivessem ralhado na escola, que é exatamente o que parece naquela camisa de manga curta com o bolso manchado de tinta. Preparo-me para lhe virar costas para ir falar com o superior dele quando me pergunta se pode dar-me uma palavrinha lá fora. Acedo com um aceno de cabeça e sigo-o até ao jardim da frente. Acendo um cigarro. Estendo-lhe o maço, ao que ele tira um enquanto contornamos o edifício até às traseiras, onde há menos agitação.

— *E então? — começo.*

A luz de uma janela do andar de cima reflete-se-lhe nas pupilas.

— *A questão é que tenho estado em contacto com a Emilia Ward nas últimas semanas, porque anda alguém a assediá-la.*

Franzo o sobrolho.

— *A assediá-la?*

— *A replicar os enredos de alguns dos livros dela para a assustar.*

Ouçõ atentamente enquanto ele me fala de bonecos de trolls suspensos dos ramos de árvores, de uma gaivota de cerâmica com o pescoço partido, de filhas desaparecidas em concertos e de chamadas falsas.

Solto uma baforada de fumo que se dissipa no ar cálido da noite.

— *Certo. E qual é a relação entre essa história e a agente Louise Greene?*

— Isso não sei. Mas ela contou-me que a agente Greene lhe tinha deixado uma mensagem no telemóvel ao início da tarde, a pedir-lhe para se encontrarem. Ouvi a mensagem. Achei a Louise transtornada, pesarosa... até com um certo sentimento de culpa.

— Concluiu isso tudo de uma mensagem de voz?

— Sim. Também pode ouvi-la.

Tenho de falar rapidamente com Emilia Ward.

Esmago o cigarro de encontro ao muro de tijolo.

— Sabe a que horas morreu a Louise?

— Não com exatidão. Mas deixou a tal mensagem às três e trinta da tarde, e a Emilia Ward encontrou-a às cinco e dezoito.

Um intervalo de tempo relativamente curto, portanto, o que devia facilitar o trabalho da polícia.

— E a Emilia acha que a morte da Louise também foi copiada de um dos seus livros?

Penso no desenho no tornozelo de Louise e nas semelhanças com o caso do louva-a-deus, em que estou a trabalhar há anos.

Haddock volta-se de maneira a ficar virado para mim.

— Pois, aí é que bate o ponto. Ela disse que o desenho no tornozelo da Louise é tirado do seu novo livro. Só que ainda nem sequer foi publicado.

Fico a olhar para ele, desconcertada. Os desenhos podem não ter sido feitos da mesma forma, mas são demasiado parecidos para se tratar de uma coincidência. Uma cabeça de inseto em tudo idêntica, na mesma zona do corpo em que o assassino em série marca as suas vítimas. Preciso de falar de imediato com Emilia Ward para perceber o que raio se está a passar.

Emilia só telefona a Elliot quando já vai a caminho de casa. Tinha-lhe enviado uma mensagem enquanto estava à espera que a polícia chegasse para recolher o seu depoimento, e depois ligara ao agente Haddock para lhe contar tudo, tentando não chorar até ter chegado ao fim do relato. De seguida, ficara à espera dele para lhe dar a ouvir a mensagem que Louise havia deixado no seu telemóvel.

— Concentra-te só em chegar bem a casa — diz-lhe Elliot carinhosamente do outro lado da linha. — Falamos depois.

Agora sente os braços e as pernas pesados como chumbo e tem um sabor metálico no fundo da garganta.

— Céus, lamento muito — sussurra-lhe Elliot por entre os cabelos assim que ela entra em casa, cambaleante, já depois das dez da noite.

Enlaça-a nos braços enquanto ela chora no seu peito. A filha fica a cirandar ansiosamente atrás do padrasto, a roer as unhas. Felizmente, Wilfie já está na cama, de modo que não precisa de lhe dar já a notícia. Pensa no pobre Toby, talvez ainda na ditosa ignorância do sucedido, e chora ainda com mais força.

— O que foi? O que é que aconteceu à Louise?

Jasmine está branca. Mal conhecia Louise, mas Emilia vê como a filha ficou transtornada.

Afasta-se de Elliot para a abraçar.

— Ainda não sei, querida — diz, sem a querer assustar. — Encontrei-a caída no chão.

— E está morta?

— Receio que sim.

A voz prende-se-lhe na garganta. Não fala em homicídio, optando por dizer que deve ter sido um acidente. Mas Jasmine não parece nada tranquila quando finalmente se arrasta para a cama.

— Toma, bebe um copo de vinho. É capaz de ajudar — diz Elliot quando ficam sozinhos num dos sofás da cozinha.

— Não devia ser antes *brandy*? Ou uísque?

— Bom, não temos nem uma coisa nem outra, portanto o vinho vai ter de servir — volve ele.

Emilia repara que ele também serviu um copo para si, e que a mão lhe treme quando o leva aos lábios. Ainda não lhe contou do desenho no tornozelo de Louise nem que uma personagem do seu livro — também uma agente da polícia que trabalhava com Miranda Moody — morreu de forma semelhante enquanto procurava o assassino do louva-a-deus. Ainda que não precise de lhe contar essa última parte. Por esta altura ele já leu o seu último livro. Assim que ela lhe falar no desenho, vai estabelecer de imediato a ligação.

Elliot pousa-lhe uma mão na coxa, como que a tentar ancorar-se ao mesmo tempo que a conforta.

— Não posso crer que ela tenha morrido — repete Emilia, limpando as lágrimas com as costas da mão. — Não consigo parar de pensar no Toby, a crescer sem a mãe...

— Para. — O rosto de Elliot tolda-se. — Não podes pensar nisso. Vais dar em doida. A culpa não é tua.

— Mas e se for? — exclama ela, chegando-se para a frente para pousar o copo na mesinha e desalojando a mão de Elliot do seu colo. — Fui eu que escrevi a *merda* daqueles livros. No fundo, escrevi a morte dela.

— Para. Claro que não escreveste.

— Mas escrevi. — Enterra a cabeça nas mãos e geme. — Sabes que o meu livro é sobre uma inspetora à procura de um assassino em série que desenha a cabeça de um louva-a-deus no tornozelo das vítimas para lhes deixar a sua marca. E era o que ela tinha, Elliot! Tinha uma marca dessas no tornozelo!

Os olhos de Elliot estreitam-se e a mão cerra-se-lhe sobre o copo.

— Mas que porra. Isto é ridículo. E a polícia, anda a fazer o quê?

Não precisa de dizer o resto: Emilia sabe que está a pensar no final do livro. No parceiro de Miranda Moody a morrer da mesma forma que Louise. E Miranda a ser morta a seguir.

— Achas que a culpa é *mesmo* minha, não achas?

— Claro que não. Só pode ser um maluco qualquer que...

— Um maluco qualquer que eu conheço de certeza! — grita Emilia, saltando do sofá.

— Vê se te acalmas — silva ele, assustando-a. — Desculpa, mas queres acordar os miúdos? Estás a entrar em parafuso. E não podes deixar que isso aconteça, Em. Tens de manter a cabeça no sítio. — Levanta-se também e agarra-lhe nos braços. Aperta-os com firmeza. — Tens de parar de te culpar. Nada disto é culpa tua. És uma escritora, mais nada. Não és Deus, foda-se.

Ela deixa pender a cabeça. Elliot tem razão, claro que tem. Nada daquilo é culpa dela. E, contudo, não tem como reprimir a culpa que lhe dilacera as entranhas. E o medo de que a seguir seja a sua vez.

Não consegue dormir. Não consegue tirar da cabeça o corpo sem vida de Louise estendido em cima da alcatifa da sala de estar, o seu rosto imóvel, a sua pele fria, a ferida na nuca. Nunca tinha visto um cadáver na vida real, por muito que tivesse escrito sobre eles. Reproduz a última mensagem de voz de Louise uma e outra vez na sua cabeça. O que queria ela dizer? Porque é que repetira tantas vezes que lamentava? Porque é que levava a bicicleta de Elliot, isto se fora de facto ela?

Exasperada, levanta-se da cama. Elliot está a dormir profundamente, embora tenha levado algum tempo a adormecer. Tinham ficado ambos ali deitados, a fingir que dormiam, até que ela acabara por ouvir os seus roncos suaves. Sai do quarto sem fazer barulho e fica a deambular pelo patamar, paralisada pela indecisão. Regra geral, quando não consegue dormir vai até à cozinha, aquece um pouco de leite e fica a ver um programa leve qualquer, daqueles que sabe que Elliot não gosta, como *Emily in Paris* ou *Selling Sunset*. Agora não consegue pensar senão na enorme cozinha vazia rodeada por vidro. Iria sentir-se como um animal encurralado, a pensar se estaria alguém lá fora no seu jardim, à espreita, a observá-la sem ela saber. A morte de Louise mostrou-lhe que, quem quer que esteja por trás disto, limitou-se até aqui a brincar com ela. Não tinha feito mal a Jasmine, apenas orquestrara o seu desaparecimento para a assustar, como um leão a atormentar a presa antes de avançar para a matança.

Solta um suspiro. Não pode ficar ali no patamar às escuras. Mas também não pode ir lá para baixo. Em vez disso, decide ir até ao seu escritório, no sótão. Desde que mudaram as palavras-passe de *Alexa*, as claraboias deixaram de se abrir, de modo que, pelo menos, sabe que não terá de lidar com isso. Sobe o íngreme lance de escada e chega lá acima ligeiramente arquejante. O sofrimento pesa-lhe no peito, ameaçando sufocá-la. Quando se senta à secretária, com a porta bem fechada atrás de si, está ofegante. Mas sente-se de imediato confortada pela desarrumação que a rodeia, as bugigangas despretensiosas nas prateleiras, as suas adoradas edições de bolso de autores que admira e em quem procura inspiração quando se sente bloqueada, uma pilha de provas ainda por rever que lhe enviaram para obter uma citação sua.

Com uma mão pouco firme, abre a gaveta da secretária. Lá dentro está o seu caderno. Estreia um novo a cada livro que escreve. Este é o que usou para *O Último Capítulo*: tem um *Mumin* na capa, com uma lua cheia e um céu negro carregado em fundo. Folheia-o, lembrando-se dos apontamentos que fez antes de começar a escrever. Apontamentos sobre o novo caso de Miranda Moody. Um assassino em série que gosta de marcar as suas vítimas com a cara de um inseto. E depois a história subjacente, com Daisy em busca do assassino da mãe, o Homem dos Rabiscos, que ela acredita ser o pai do seu namorado, Ash, e que culmina com Miranda a ser esfaqueada. As páginas ficam salpicadas de lágrimas quando se

lembra do que fez. E do que *Louise* fez. E agora Louise está morta. Como é que a culpa pode não ser dela?

Não devia ter escrito aquele livro, porque a história, e tudo o que se relacionava com o assassino do louva-a-deus, não tinha sido ideia sua.

³ Os Mumins, criaturas brancas e roliças caracterizadas pelo enorme focinho, são as personagens centrais de um conjunto de livros e de tiras de banda desenhada dos autores e ilustradores finlandeses Tove e Lars Jansson, tendo mais tarde inspirado uma série televisiva de animé com o mesmo nome. (NT)

Emilia está a dormir no sofá da sala de estar chique, uma delicada manta de caxemira a aconchegá-la, quando é acordada por uma pancada na porta. Levanta-se de rompante, o coração aos pulos. Nessa manhã Elliot levou os miúdos à escola para ela poder descansar um pouco. Passou a noite acordada, debruçada sobre a mesa do escritório, e só voltou a esgueirar-se para a cama e a deitar-se ao lado de Elliot quando o sol nasceu. Levantou-se à mesma hora que Jasmine e Wilfie, preparou-lhes as lancheiras, apesar de se sentir como um *zombie*, depois desabou no sofá assim que todos saíram.

Olha para o relógio pousado em cima da lareira. Passa pouco das nove e meia.

Soa nova pancada na porta e depois o toque da campainha. Elliot deve ter ido diretamente para o seu escritório no jardim para não a incomodar. Estende a mão para o telemóvel e abre a aplicação de videovigilância. Uma mulher que não reconhece está parada na sua soleira. Veste um fato preto e uma blusa verde e tem um elegante *bob* branco. Elliot também deve ter sido alertado pelo som da campainha, mas é possível que esteja ao telefone. Contrafeita, levanta-se e ajeita o roupão antes de ir abrir a porta.

A mulher está parada nos degraus da frente a olhar para a parte de cima da casa, sobrolho franzido de irritação. Tem uns olhos azuis penetrantes, que assesta em Emilia assim que esta abre a porta com um puxão.

— Emilia Ward? — pergunta ela.

Emilia faz que sim com a cabeça, meio escondida atrás da porta para que, da rua, não se veja que ainda está de roupão.

A mulher exhibe uma identificação qualquer.

— Sou a inspetora Janine Murray, da Polícia do Devon e da Cornualha. Dá-me licença que entre?

Emilia pensa imediatamente em Elliot e nos miúdos e sente a cabeça a rodopiar.

— De que se trata?

— Estou a investigar a morte de uma amiga sua, a agente Louise Greene.

— Importa-se de me mostrar outra vez a sua identificação?

Não quer correr qualquer risco. Sobretudo depois da falsa chamada do

hospital. E se a mulher não for mesmo da polícia? Mas a identificação parece genuína, pelo que trata de lha devolver.

— Só uma pergunta... Disse que era da Polícia do Devon e da Cornualha. Mas porquê? A Louise trabalhava na Polícia Metropolitana.

— Tem razão. Há alguns anos que andamos a investigar um assassino em série que atua sobretudo em Plymouth e arredores. E temos motivos para crer que a morte da Louise possa estar ligada a esse caso.

Um assassino em série. Tal como no seu livro. Emilia sente um arrepio na espinha e fica incapaz de se mexer.

— Dá-me licença que entre?

— Sim... claro.

Chega-se para trás para deixar passar a inspetora, depois condu-la até à cozinha.

— Desculpe, ainda não estou vestida. Tive uma noite difícil. Aceita um café ou um chá?

— Um café vinha a calhar, obrigada.

A inspetora senta-se diante da mesa e saca de um bloco de notas. Emilia usa a sofisticada máquina de café de Elliot para preparar um *cappuccino* para si e para a inspetora Murray. A presença da agente policial está a enervá-la. Não tem um rosto amistoso e aqueles frios olhos azuis são duros como aço, como se conseguissem ver-lhe até ao fundo da alma, expor todos os seus segredos.

Estende-lhe o *cappuccino* e senta-se também ela à mesa. O sol derrama-se pelas portas envidraçadas, banhando a zona onde estão sentadas. Ao lado daquela mulher elegante e aprumada, Emilia sente-se ainda mais esgrouviada, como se estivesse à beira do colapso.

— Lamento o que aconteceu à Louise Greene. Tanto quanto sei, era uma agente muito respeitada.

Emilia limita-se a acenar com a cabeça. Não faz ideia do respeito de que Louise gozava entre os colegas. Só sabe que perdeu uma boa amiga, alguém com quem sentia que podia contar. E, mais do que isso, Toby perdeu a mãe. Sente um aperto no peito.

A inspetora Murray deve ter-se apercebido, pois acrescenta num tom brando:

— Sei que ontem perdeu uma boa amiga. Ao que julgo saber, foi você que a encontrou.

— Sim, fui.

Emilia sopra o café e bebe um gole.

— Nem consigo imaginar o que deve ter sentido — prossegue a inspetora, fitando-a. — O agente Haddock pôs-me ao corrente de tudo o que tem sucedido consigo nos últimos tempos. E ouvi a mensagem de voz que a Louise lhe deixou. O que me preocupa, Emilia, é que a morte da Louise se assemelha muito a um

caso em que estou a trabalhar há muito tempo. Com a diferença de que a marca no tornozelo dessas vítimas é uma gravação da cabeça do inseto, não um desenho, como no caso da Louise.

Emilia endireita-se na cadeira, os sentidos subitamente alerta.

— Não percebo. Está a dizer que acha que esse assassino em série é responsável pela morte da Louise?

A inspetora Murray hesita, mas não responde à pergunta.

— O homicida que tenho andado a investigar é conhecido como o assassino do louva-a-deus... é como lhe chamamos entre nós.

O assassino do louva-a-deus. O estômago de Emilia revolve-se.

— As mortes foram sendo tornadas públicas ao longo dos anos, claro está, mas nunca revelámos à imprensa o pormenor da cabeça do inseto nem a alcunha que lhe pusemos. Se procurar homicida ou assassino do louva-a-deus na Internet, não vai encontrar nada. De modo que fiquei curiosa ao saber que tinha escrito um livro sobre um assassino em série que dá pelo mesmo nome.

Uma onda de náusea abate-se sobre Emilia.

— Mas eu... eu inventei tudo e o meu livro ainda nem sequer foi publicado. E o meu... o meu assassino limita-se a fazer desenhos nos corpos.

As pernas começaram a tremer-lhe e Emilia pergunta a si própria se a inspetora perceberá que ela está a mentir.

— Muito bem. Mas é possível que alguém lhe tenha falado do assassino do louva-a-deus? — Faz uma pausa. — A Louise, talvez?

Emilia tem de pousar as mãos nas pernas para que estas parem quietas.

— A Louise nunca falava dos casos em que trabalhava e pertencia à Polícia Metropolitana, portanto não há de ter trabalhado no caso do louva-a-deus, pois não?

A inspetora Murray abana a cabeça.

— Não, de facto, não. Mas isso não significa que não pudesse ter ouvido falar dele.

Foda-se. Como é que isto pode estar a acontecer? Emilia crava as unhas no algodão polar do roupão. Precisa de manter a calma. Engole em seco, sem saber o que responder. Não pode contar-lhe a verdade.

— Não... não tenho a certeza. Vou ter de pensar. Tudo isto foi um tremendo choque — balbucia.

— Muito bem. Mas, caso se lembre de alguma coisa, por favor entre em contacto comigo.

Enfia o bloco de notas no bolso interior do *blazer*. Estende-lhe um cartão com o seu nome e número de telefone. Emilia sente as pernas fracas quando se levanta. Mal pode esperar que a inspetora Murray se vá embora.

Emilia tem a cabeça a ferver quando fecha a porta depois de ela ter saído. Se ao menos tivesse atendido a chamada de Louise. Agora está completamente entregue a si própria, a tatear no escuro, e não sabe o que fazer. Como agir.

Grita para o vestíbulo vazio, pontapeando o painel de madeira da porta da sala de estar e magoando-se no pé. Estúpida, estúpida, estúpida.

Precisa de se acalmar, de se controlar.

— Oh, Louise — suspira.

Que raio estaria ela a tramar? Seria essa a explicação para a sua mensagem de voz? Porque teria dito que lamentava? Porque sempre soubera que o assassino do louva-a-deus era real?

Está a vestir-se quando recebe uma chamada do agente Haddock. Não fica surpreendida. Tinha tentado interrogá-la na noite anterior, mas ela não estava em si depois de ter encontrado o corpo de Louise. Ainda não está.

— Não preciso de lhe explicar até que ponto a situação se tornou grave — diz ele num tom soturno. Emilia senta-se na borda da cama, ainda só meio vestida. — Pode vir até à esquadra? Ou posso ir eu ter consigo, se preferir?

Emilia diz-lhe que vai ter com ele. Precisa de sair de casa.

Quando lá chega, sentam-se numa sala abafada, Haddock a transpirar profusamente e a dizer-lhe uma vez mais como lamenta o sucedido com Louise. Folheia o caderno com borboletas na capa que Jasmine lhe ofereceu e em que ela apontou tudo o que lhe aconteceu nos últimos meses. Emilia sabe que já lhe falou de algumas partes, na noite anterior, mas precisa que ele entenda. Louise foi morta e foi por causa do seu livro. Aquele desenho no tornozelo... A ideia de que alguém que lhe é próximo possa ter feito semelhante coisa deixa-a nauseada.

— O meu livro e a morte da Louise. Está tudo ligado. Tem de estar. Só... só não percebo como.

— E o boneco encontrado entre as coisas da Kristin Perry? — pergunta o agente Haddock, olhando para a lista que Emilia compilou com todas as pessoas que leram o seu manuscrito. — Acha possível que ela esteja por trás disto?

— Se me tivesse perguntado há uns meses se alguma das pessoas dessa lista podia estar por trás de tudo o que me aconteceu nos últimos tempos, teria tido dificuldade em acreditar — responde ela. Bebe um gole de água, que sabe a ferro. — Mas agora já não digo nada. Não sei explicar como é que Kristin tinha esse boneco de *troll* na sua posse, mas não me passa pela cabeça que possa ser uma assassina. Porque é que havia de querer matar a Louise?

Ele ergue os olhos da lista.

— Quem quer que esteja a assediá-la pode não ser a mesma pessoa que matou a Louise. Temos de manter um espírito aberto. Deixe-me ficar com isto. — O seu rosto fica ainda mais sério. — Não quero assustá-la, Emilia, mas mantenha-se

muito atenta, por favor.

Não precisava de lho dizer. Emilia tem plena consciência do perigo que ela e a sua família correm.

Ao sair da sala de interrogatórios, volta a pensar na morte de Louise e no enredo de *O Último Capítulo*, as duas coisas a rodopiar-lhe na mente. Como é possível que exista de facto um assassino em série chamado assassino do louva-a-deus? Louise teria de ter sabido. Sente-se a ser ainda mais puxada para o centro de uma teia de aranha, incapaz de se libertar. Pensa na reação de Elliot, na da sua editora. Na do seu agente. O que irão eles pensar? Emilia mentiu-lhes. A todos eles.

E agora a verdade voltou para a acossar. *Para a matar.*

Enquanto se dirige apressadamente para o carro, Emilia vê a sua imagem refletida numa montra e fica horrorizada com o seu ar péssimo, o cabelo apanhado à pressa num carrapito desleixado. Precisa de ir para casa, tomar um duche e tentar controlar-se. Mas não consegue pensar noutra coisa senão no corpo sem vida de Louise, na sua cabeça ensanguentada, no desenho no tornozelo, no assassino do louva-a-deus que afinal existe mesmo, no seu papel em tudo aquilo. Na última mensagem de voz de Louise e no seu possível significado. Na visita da inspetora Murray. Nas semelhanças com um caso real. Não consegue respirar. Não... consegue... Para e segura-se à parede da loja mais próxima à procura de um apoio.

— Emilia?

Ergue os olhos ao som daquela voz familiar. É Kristin, toda estival num longo vestido esvoaçante e sandálias de gladiador. Será que andava a segui-la?

— Estás bem?

Emilia respira fundo mais uma vez, tentando combater a náusea.

— Estou ótima. Só... — Endireita-se, ainda agarrada à parede para se apoiar. Pergunta a si própria se a polícia terá convocado Kristin para a questionar sobre o boneco do *troll*. Palpita-lhe que não. — Já sabes da Louise?

Kristin franze o sobrolho.

— A Louise? Qual Louise?

Parece genuinamente intrigada, mas Emilia sabe que Kristin sempre foi uma mentirosa consumada.

— A minha amiga Louise. A agente da polícia. Foi ter connosco a semana passada para nos dar uma ajuda quando a Jasmine desapareceu.

— Ah, sim — volve Kristin, ainda de sobrolho franzido.

Traz ao ombro um saco de verga de onde sobressai uma baguete. Lá se vai a conversa de não comer hidratos, pensa Emilia, irritada por nem as presentes circunstâncias a impedirem de ter pensamentos maldosos a respeito de Kristin.

— Que se passa com ela?

— Está morta. Assassinada.

Emilia observa atentamente a reação de Kristin. Vê-a dar um passo atrás e levar a mão à boca.

— Oh, meu Deus. Que horror. Como? Quer dizer, porquê? Céus, lamento imenso.

— Porquê, não sei. Encontrei-a com um ferimento na cabeça...

— Oh, meu Deus — repete Kristin. — Deve ter sido traumatizante para ti.

Parece genuinamente chocada, mas tinha-se comportado da mesma forma anos antes, quando Emilia lhe contara que ela e Jonas se iam separar. Antes de ter descoberto que era por causa de Kristin que ele a ia deixar. Engole em seco, e uma expressão que não consegue interpretar perpassa pelo rosto de Kristin.

— Quando é que isso aconteceu?

— Ontem.

— E está relacionado com algum caso em que ela estivesse a trabalhar?

Emilia abre a boca para lhe contar do desenho no tornozelo de Louise, mas depois reconsidera. Prefere não lhe dar nenhum trunfo, não vá o agente Haddock pretender interrogá-la.

— Não sei. Ouve... Tenho de ir andando...

Afasta-se num passo pouco firme e dirige-se para o carro tão depressa quanto as pernas lhe permitem. Ainda olha uma vez para trás e vê que Kristin ficou a olhar para ela.

*

Sente-se aliviada ao estacionar o carro no acesso, até que se lembra do que pode ter à sua espera e volta a esmorecer. Está tão cansada que mal consegue pensar e, agora mais do que nunca, precisa de se manter alerta, vigilante. Aproxima-se da porta da frente a medo, receosa do que poderá encontrar. Mas não há nenhum presente sinistro à sua espera nos degraus, e respira fundo antes de meter a chave à porta e entrar para o alpendre. Ouve vozes vindas da sala de estar. Nem quer acreditar quando vê os seus pais sentados no sofá da janela de sacada, o seu *golden retriever*, o *Lloyd*, a seus pés, focinho pousado na manta com que ela tinha dormido nessa manhã. Elliot está sentado diante deles numa poltrona azul-marinho de espaldar alto que se revelou uma má compra: é bonita mas desconfortável.

— Cá está ela — diz ele, tentando mostrar-se jovial não obstante o sorriso forçado.

De certeza que o marido não gostou que os sogros tivessem aparecido sem avisar. O nó de ansiedade no estômago de Emilia aperta-se um pouco mais.

— Olá, querida — diz-lhe a mãe num tom ríspido, as mãos pousadas no regaço do vestido florido.

O pai levanta-se e abraça-a. Emilia está de tal forma surpreendida que, por instantes, se limita a ficar ali especada, como um manequim, de braços caídos, antes de retribuir o abraço do pai. Este condu-la para o sofá para que possa sentar-

se no meio dos pais, como uma criança. Emilia baixa-se para afagar o *Lloyd*, espantada por ele ainda estar vivo. Já deve ter quase treze anos.

— O Hugh e a Annabel vieram passar cá uns dias. Fazer-te companhia — diz Elliot com o mesmo sorriso hirto. — Não é simpático da parte deles?

Emilia vai ter de preparar o quarto de hóspedes. Não é usado desde que Ottilie ficou lá em casa, há umas semanas.

— Sem dúvida — declara ela, sentindo-se como se tivesse acabado de entrar num palco e não soubesse qual o papel que tem de desempenhar.

Apercebe-se da tensão que emana de Elliot. O marido levanta-se e bate as mãos uma na outra, como um mau ator.

— Certo, muito bem, é melhor ir andando. Vemo-nos mais logo.

Depois, à laia de despedida, executa uma estranha continência que Emilia nunca lhe viu desde que o conhece e sai da sala.

— Volto já — diz para os pais, apressando-se a seguir Elliot pelo corredor e até à cozinha. Fecha a porta atrás de si. — Mas que raio?

Ele cruza os braços diante do peito.

— Apareceram sem mais nem menos, e com a porra do cão!

— O quê? Isso é estranhíssimo. Os meus pais não são do género de aparecer sem avisar. Não passaram uma única noite cá em casa desde que o Wilfie era bebé.

Elliot encolhe os ombros.

— Os pais são teus. Eu preciso de trabalhar. Tenho um prazo para cumprir — responde com secura, saindo de casa pela porta da arrecadação.

Emilia volta para a sala e vai dar com a mãe de pé diante da lareira, a olhar para as fotografias emolduradas.

— O que é que estão aqui a fazer? — atira-lhe sem cerimónia.

— Sempre amorosa — responde a mãe, pousando uma fotografia do casamento.

O pai levanta-se do sofá e alisa as calças. Está com bom aspeto, pensa Emilia. Ex-militar, está sempre bem vestido e apumado, com um bigodinho elegante e mais escuro do que o cabelo. Aos sessenta e cinco, continua em forma. Em miúda, Emilia tinha um medo terrível dele. Com quase um metro e noventa, ficava imponente no seu uniforme da Força Aérea. Mudavam-se muito, motivo por que a mandaram para o colégio ainda tão nova, de tal forma que nunca se sentiu muito próxima deles. Mas duvida de que tenha sido por causa do colégio interno — as suas outras amigas, tirando Ottilie, não tiveram esse problema. Desconfia de que isso se deva mais ao facto de a mãe nunca ter sido particularmente maternal e de o pai ser avesso a lamúrias.

— Li o que saiu no jornal sobre o teu perseguidor. Porque é que não nos contaste? — diz o pai, cruzando os braços diante do amplo tórax. — Não nos disseste nada no dia do lançamento. Tive de ficar a saber pelo jornal de ontem.

Liguei logo para o teu telemóvel, mas não atendeste.

Emilia lembra-se de ter ouvido a mensagem, mas não chegou a ter oportunidade de devolver a chamada porque entretanto deu com o corpo de Louise.

— Desculpem. Tem sido... um período horrível. Não faço ideia de quem é que anda a fazer isto e... — A voz fraqueja-lhe. O pai fita-a com um ar expectante. — E não vos contei porque... bom, não queria preocupar-vos — mente ela.

Não lhes contou porque raramente os vê e não achou que fosse o tipo de conversa para se ter aquando do lançamento ou ao telefone.

— Pois, mas *estamos* preocupados — diz a mãe, pondo-se de pé e ajeitando o cabelo pintado em tons de cobre. — Tentei ligar-te várias vezes esta manhã, mas nunca me atendeste.

— Não dei por nenhuma chamada perdida tua no telemóvel.

A mãe faz um aceno desdenhoso com a mão.

— Sabes que só te ligo para o telefone fixo.

Ao contrário do pai, a mãe recusa-se a aderir às novas tecnologias.

— Bom, nesse caso, também não podes esperar que eu atenda.

Porque será que se comporta como uma adolescente petulante sempre que está com eles?

— Importas-te que cá fiquemos? — pergunta-lhe o pai.

Foi colocar-se ao lado da mãe junto à lareira, postura desembaraçada, braços atrás das costas.

Emilia descontraí-se. Na verdade, seria um alívio tê-los ali. Mais um par de olhos e tudo isso. E não conseguem deixar de ser como são. Pelo menos estão ali, preocupados, prontos para ajudar no que puderem. E foram ao seu lançamento. Reconhece que estão a fazer um esforço por melhorar.

— Adorava que ficassem — responde.

Querem saber de tudo, claro está, até ao mais ínfimo pormenor. Emilia está tão farta de estar sempre a repetir a mesma história, e sente-se tão cansada que só lhe apetece deitar-se. Mas, em vez disso, eles seguem-na até à cozinha e sentam-se nos sofás de linho voltados para o jardim.

— Fizeste maravilhas com esta divisão — diz-lhe a mãe, agradecendo a chávena de chá que ela lhe estende. — Tão ampla. No meu tempo não se usava nada disto.

Emilia foi buscar uma tigela de água para o *Lloyd* e abriu as portas envidraçadas para ele poder deambular até ao jardim. Está deitado no chão de parque, a ligeira brisa exterior a agitar-lhe o pelo do dorso. Dali consegue ver-se um dos lados do escritório de Elliot. O sol está agora nas traseiras, bem alto no céu. Não se avista uma nuvem. A mãe abana-se com a mão.

— Muito bem — diz o pai.

Está sentado na borda do sofá, ao lado da mãe, pronto para entrar em ação a qualquer momento, caso seja necessário. Emilia imagina-o com um pingalim debaixo do braço como o capitão da série *Ghosts*. Sempre que veem um episódio, Jasmine e Wilfie riem-se do facto de ele ser tão parecido com o avô Hugh.

— Começa pelo princípio.

E ela assim faz, sem deixar nada de fora. Eles arregalam os olhos, estupefactos, e a mãe arqueja de quando em vez, sobretudo quando Emilia chega à parte em que encontra o corpo de Louise.

— De modo que é neste pé que estamos — conclui com um suspiro. — Ainda sem a menor ideia de quem está a fazer tudo isto. Mas as coisas mudaram, percebem? Já não se trata de um mero caso de importunação, mas de homicídio.

Reprime um soluço, mas a mãe percebe e levanta-se do sofá para se ir sentar ao lado dela.

Dá-lhe uma palmadinha desajeitada no joelho.

— Isto é horrível, querida. O que é que a polícia está a fazer para resolver este assunto?

— Têm feito o que podem. Mas agora, com o homicídio, vão intensificar os esforços.

— Espero bem que sim. Como é que deixaram as coisas chegar a este ponto?

Emilia solta um suspiro.

— Quem quer que esteja a fazer isto é inteligente, mãe. Sabe manter-se escondido. Mas fez uma coisa estúpida: começou a usar coisas do meu livro ainda por publicar. Bem sei que já vos perguntei, mas têm a certeza de que não mostraram o manuscrito a mais ninguém? Amigos? Amigos de amigos?

A mãe abana a cabeça, teimando que nunca o perdeu de vista.

— Já te disse que nunca faríamos uma coisa dessas. — Torce o nariz. — Até me espanta que tenhas deixado alguém lê-lo antes de ter sido devidamente terminado.

— Terminado?

— Sim. — Franze os lábios com um ar reprovador. — Está cheio de erros gramaticais. Apanhei imensos. Até tomei nota.

Emilia fica consternada.

— É muito simpático da tua parte, mãe, mas tenho uma editora que trata disso, e revisores...

— Bom, mais vale prevenir do que remediar — volve a mãe. Esquadrinha o interior da mala, que está pousada junto aos seus pés, e tira de lá três folhas A4 pautadas. — Posso vê-los contigo agora, se quiseres.

— Hum... não, agradeço-te imenso, mas vejo isso mais logo.

Pega nos apontamentos que a mãe lhe estende e pousa-os no tampo

envidraçado da mesinha. Não quer nem voltar a olhar para aquele livro. Pelo menos por agora. Sente um aperto no estômago sempre que pensa nele.

A mãe levanta-se, alisa o vestido, e sai para «ir à casinha».

— Gostei de o ler — declara o pai, ainda literalmente na borda do sofá. Pousa a chávena em cima da mesa e Emilia repara que a mão lhe treme. — Um enredo bastante insólito. Onde... hum... onde é que foste buscar a inspiração para aquilo?

— Para que parte?

Tenta fazer a pergunta num tom plácido.

— O Homem dos Rabiscos e toda aquela história da, hum, da rapariga. A Daisy.

Emilia remexe-se no sofá.

— Não sei. Simplesmente... bom, simplesmente ocorreu-me, creio, depois desenvolveu-se a partir daí.

A mentira fica-lhe alojada na garganta.

— Certo. Estou a ver. — Faz estalar a língua no céu da boca. — Não deve ser fácil imaginar novos casos para a Miranda resolver. Foi por isso que decidiste encerrar a coleção?

— Apetecia-me escrever outras coisas, só isso.

Está à beira de lhe contar tudo, àquele homem estoico que ela sabe estar habituado a guardar segredos e que decerto guardaria também o seu.

Mas ele está tão orgulhoso por ela ter cumprido um sonho que ele não conseguiu concretizar. A mãe contou-lhe em tempos que, depois de se reformar, o pai tentara publicar um romance sobre a vida na Força Aérea, mas nunca encontrou quem se dispusesse a editá-lo. Iria ficar tremendamente desiludido — contar-lhe destruiria a tímida aproximação entre eles de forma tão abrupta como se esmagasse um espelho debaixo dos pés. Foi só quando se tornou uma escritora de sucesso que o pai lhe começou a dar atenção.

Mas agora desejava nunca ter escrito aquele maldito livro.

Porque não pode ser coincidência: foi Louise quem lhe deu a ideia para *O Último Capítulo*. E, se não o tivesse feito, talvez ainda estivesse viva.

Louise parece ter feito tudo o que pôde para personalizar o seu desconsolado apartamento, disfarçando os coçados sofás de pele castanha com mantas coloridas e almofadas alegres estampadas com animais de cara rechonchuda. Em cima da lareira há uma bela fotografia a preto-e-branco dela com uma criança de cabelos claros no colo. Deve ser o seu filho Toby, e parte-se-me o coração ao pensar nele. Percebo pelas outras fotografias espalhadas pela sala que deve estar agora com uns oito ou nove anos. Ao lado das fotografias está um cão de barro que parece ter sido feito por uma criança, e uma moldura com o desenho de uma galinha bordado em ponto de cruz. Estendo a mão e toco-lhe, ao mesmo tempo que me pergunto se terá sido ela a fazê-lo.

Afasto-me das fotografias. Não posso pensar na família: é demasiado comovente, e preciso de me concentrar no meu trabalho. Saunders já me ligou esta manhã a dar parte de doente, ao que parece com uma intoxicação alimentar, e está enfiado no hotel. A ideia era voltarmos para o Devon esta noite, embora me sinta tentada a ficar por cá mais uns dias.

Ainda se vê uma mancha vermelho-acastanhada de sangue na alcatifa, a meio da sala. Segundo o sargento Watkins, não há sinais de arrombamento. Quem era esta mulher e o que é que fez dela um alvo? Não consigo perceber se isto estará ligado aos outros homicídios ou se terá sido meramente aleatório e copiado do livro de Emilia Ward. A marca de Louise é um desenho, não uma gravação.

Cumprimento Watkins com um aceno de cabeça, depois passo ao quarto da vítima. Não consigo olhar para o quartinho do lado, ciente de que é o quarto do filho quando não está em casa do pai. O quarto dela está arrumado, a colcha bem ajeitada. Tem pouca coisa, tal como a sala de estar, apenas um roupeiro, uma pequena prateleira repleta de edições de bolso e almofadas garridas espalhadas pela cama. Em cima da mesa de cabeceira há um documento qualquer impresso em papel A4. Pego nele e leio a primeira página, com o título O Último Capítulo, de Emilia Ward, impresso em grandes caracteres. Não me parece que Louise tenha tido oportunidade de o ler antes de morrer, já que as páginas estão todas imaculadas, sem cantos virados nem dedadas.

Pouso-o, depois torno a sair para o estreito corredor e volto à sala de estar.

— Então, o que lhe parece?

Watkins pousou as mãos nas ancas e está a examinar a divisão. De momento, só estamos ali os dois. A maior parte do trabalho foi feita durante a noite. Ele tem vestido um casaco

de tweed com cotoveleiras de veludo que lhe dá um ar de professor universitário. Passa uma mão pela calva.

— *Acha que é obra do seu homem?*

— *Não tenho a certeza. As vítimas anteriores foram esfaqueadas. Costumam estar estendidas em cima da cama. E foram assassinadas às primeiras horas da manhã, não ao final da tarde, e sempre na região do Devon, sobretudo Plymouth, tirando uma vez em que a vítima foi morta numa aldeia a três quilómetros da cidade. Mas, tal como nas outras vítimas, não há sinais de violência sexual.*

— *Embora só possamos ter a certeza disso quando tivermos os relatórios do patologista — declara ele.*

Aperto os lábios para me impedir de dizer «Evidentemente» e, em vez disso, solto uma espécie de grunhido. Nunca trabalhei com o sargento Watkins, mas já deu para perceber que é um daqueles homens que gostam de pensar que sabem mais do que a maior parte das mulheres, apesar de eu já andar nisto pelo menos há mais dez anos do que ele e ter uma patente superior.

— *Há uma papelada na mesa de cabeceira da Louise — digo. — Importa-se que a leve? Pode ser que tenha alguma coisa interessante.*

Gostava de saber como é que Emilia Ward escreveu uma história tão assustadoramente parecida com o caso que me tem ocupado nos últimos dezassete anos. Preciso de ler o livro para ver o que mais poderá conter.

— *Esteja à vontade — volve Watkins, virando-me as costas e dirigindo-se à pequena cozinha na parte da frente do apartamento para falar com um agente de uniforme que acabou de entrar.*

Volto ao quarto de Louise e agarro cuidadosamente no manuscrito, tendo o cuidado de não tirar nenhuma folha do sítio, depois saio sem me despedir de Watkins, na esperança de que as pistas sobre o assassino do louva-a-deus estejam algures nestas palavras.

Os pais ficam para passar o fim de semana e, mesmo sem querer, Emilia dá por si a desfrutar da companhia deles. Há qualquer coisa de tranquilizador na sua constância, no estoicismo do pai e na tagarelice da mãe sobre o Rotary Club. Desde que o pai deixou a Força Aérea, Emilia sempre imaginou que levassem uma vida provinciana e rotineira, mas agora trocaria de lugar com eles sem pestanejar. Oh, voltar a ter uma vida normal, sem o medo, a ansiedade e o desassossego que são agora a sua companhia permanente. Perdeu peso e sente que envelheceu dez anos, algo a que a mãe já aludiu por mais de uma vez desde que chegou.

Sempre que fecha os olhos vê o corpo sem vida de Louise, a pele demasiado pálida, as barrigas das pernas esguias e a descoberto nos corsários de ganga, a marca no tornozelo, de modo que prefere deixar-se ficar acordada até tarde na companhia do pai, a conversar sobre os seus livros ou sobre o seu tempo na Força Aérea. Nunca se sentiu tão próxima dele. Wilfie está encantado por terem um cão em casa, e passa grande parte do fim de semana a brincar com o *Lloyd* no jardim, até este se cansar e se deixar cair na relva e Emilia ter de lembrar ao filho que o cão já é velho.

No sábado, Elliot pede ao pai, Trevor, que arranje alguém para mudar as fechaduras, sussurrando que todo o cuidado é pouco agora que Louise está morta. Já para não falar da preocupação com o facto de a sua bicicleta ter sido roubada. Emilia ainda não tem a certeza de que tenha sido Louise, tanto mais que não viu a bicicleta no apartamento dela. Elliot supervisiona o trabalho, plantando-se no vestíbulo de braços cruzados enquanto um tipo qualquer de macacão sujo com manchas escuras nas axilas instala uma fechadura nova. Concluída a tarefa, retira-se para o seu escritório, alegando que está atolado em trabalho e só saindo para comer, mas no domingo prepara-lhes um copioso assado, claramente no seu elemento perante os elogios dos sogros, ainda que a mãe de Emilia ache por bem aconselhá-lo sobre a melhor forma de confeccionar um pudim de Yorkshire mais crocante.

— É falta de educação o Elliot passar o fim de semana inteiro a trabalhar — diz Jasmine enquanto ajuda Emilia a tirar a louça da máquina. — Eu não fui sair por os avós cá estarem.

— Não passou o fim de semana *inteiro* a trabalhar, só ontem, porque tem um prazo para cumprir. E *tu* não foste sair porque eu quis ficar de olho em ti — relembra-lhe Emilia. — E fala mais baixo. Não quero que eles ouçam.

Acena com a cabeça na direção dos pais, que estão sentados com Wilfie no extremo da cozinha que faz as vezes de sala de estar da família.

Jasmine estala a língua com impaciência.

— Não podes ficar de olho em mim para sempre.

— Posso, até descobrir quem é que anda a fazer isto.

Ainda não lhe contou que Louise foi assassinada. Por um lado quer preparar a filha para o que possa estar para vir, mas por outro não quer assustá-la. Pensa na visita que a inspetora Janine Murray lhe fez na sexta-feira. Pergunta-se se a polícia terá interrogado Kristin. Tenta imaginá-la a ir a casa de Louise, a bater à porta, a ser convidada a entrar e depois a agarrar num objeto pesado qualquer e a golpeá-la na nuca com ele. Seria Kristin realmente capaz de uma coisa dessas? E, em caso afirmativo, porquê? Visualiza a imagem das duas no exterior da livraria aquando do seu lançamento. Não consegue libertar-se da desconcertante sensação de que interrompeu uma discussão acalorada entre elas: a linguagem corporal de ambas era estranha, como se não fosse a primeira vez que se encontravam. Louise tinha-lhe contado que Kristin estava a tentar arrancar-lhe informações sobre Jonas, mas Emilia não consegue deixar de pensar se não se teria passado algo mais. Seria isso que Louise tencionava contar-lhe no dia em que morreu? Alguma coisa sobre Kristin?

Já ouviu a mensagem de voz de Louise vezes sem conta, na esperança de detetar alguma pista que possa ter-lhe escapado inicialmente, mas sobretudo para ouvir a sua voz, o ligeiro sotaque do norte na forma como pronunciava algumas palavras. Ainda não acredita que nunca mais vai poder conversar com ela.

— Terra chama mãe. — A voz de Jasmine trá-la de volta ao presente. — Estás bem?

A filha tem a bonita cara franzida de preocupação.

— Estou ótima, querida. Só a pensar.

Estica-se e puxa-a para si num abraço apertado, beijando-lhe o alto da cabeça até Jasmine começar a contorcer-se e se libertar. Nunca gostou muito que a abraçassem.

— Vai correr tudo bem — declara Jasmine num tom solene que lhe dilacera o coração.

Não quer que a filha se preocupe com ela nem com nada daquilo. Logo agora que começou finalmente a fazer novos amigos, Emilia tem de lhe cercear a liberdade para a manter a salvo.

— Não hão de demorar muito a encontrar quem anda a fazer isto. Tenho a certeza.

— Claro que sim — concorda Emilia, esperando ter soado mais convicta do que se sente.

O tempo quente esmorece na manhã em que os pais se vão embora, e Emilia tenta não ver nisso um presságio enquanto acena a despedir-se deles debaixo de chuva. Mesmo que não tenham conversado sobre nada de sério e profundo, está grata pela sua vinda. Promete a si própria esforçar-se mais por, de futuro, ir a Guildford visitá-los.

Quando chega a casa, depois de deixar Wilfie, e a seguir Jasmine, na escola, Elliot está sentado diante da ilha da cozinha.

Emilia leva a mão ao peito.

— Assustaste-me. Pensei que estivesse no escritório.

Não se barbeou nessa manhã, e passa a mão pela cara.

— Vim só fazer um chá.

Ela franze o sobrolho. O jarro elétrico não está sequer ligado. Alisa o cabelo para trás, depois de o ter molhado na pequena corrida do carro até casa, e aproxima-se dele para lhe massajar os ombros, que estão rígidos de tensão. Ele afasta-se e salta do banco alto para ir ligar o jarro. Emilia tenta esconder a mágoa. Elliot costuma ser tão carinhoso, sempre a dar-lhe a mão quando vão passear a algum lado — para embaraço de Jasmine —, mas agora quase dá ideia de que tudo o que quer é distância.

— Estás bem? Sei que não foi o ideal os meus pais terem aparecido este fim de semana sem avisar, sobretudo depois da Louise e tudo o mais... — Ele está com um ar distraído, como se estivesse angustiado com qualquer coisa, de tal forma que Emilia se sobressalta. — O que foi? O que é que aconteceu?

— Não é nada.

Emilia atravessa a cozinha para o enlaçar pela cintura.

— Ando preocupado — reconhece ele. — O assassinio da Louise deixou-me de rastos. E quando me contaste que a marca no tornozelo dela é tirada do teu livro... — estremece — ...fiquei ainda mais transtornado. — Roda sobre si próprio de modo a ficar de frente para ela e segura-a diante de si, os olhos sombrios e determinados. — Quero que saibas que faria tudo, mas *tudo*, para vos proteger, a ti e aos miúdos.

— Sei que sim. Mas temos de confiar na polícia.

— Não nos tem servido de muito.

— Mas agora é diferente. Já não se trata apenas de assédio. É um homicídio.

Ele solta-a e ficam ali parados em silêncio, a olhar para o jarro elétrico. Quando este se desliga, Elliot faz um chá para os dois.

— Afinal, como é que engendraste a história? Disseste que aquela inspetora que passou por cá... a não-sei-quantas...

— Janine Murray.

— Sim, essa. Contou-te que é parecida com um caso real?

Emilia pega na sua caneca e vai colocar-se diante das portas envidraçadas, a olhar para o jardim. A chuva cai com tanta força que os salpicos se projetam para cima, e já há poças a formar-se nos mosaicos de grés.

— Não fazia a mais pequena ideia disso quando comecei a escrevê-la — diz ela. E é verdade. Mas sente-se nauseada quando se recorda do resto. — Não passa de uma coincidência.

Ele entrelaça os dedos à volta da caneca.

— Quer dizer que nunca tinhas ouvido falar do caso?

— Não! — Quanto a isso, pelo menos, não está a mentir. Volta-se para ele. — Tu já?

— Claro que não. Mas, ainda assim, se os pormenores não foram divulgados à imprensa...

Emilia hesita. Tem de lhe contar. Há dias que aquilo anda a consumi-la, desde a visita da inspetora Murray. Na verdade, já andava a consumi-la muito antes disso. Mas Elliot não ia gostar nada de saber que ela lhe tinha mentido. Foi sempre tão sincero com ela, não lhe escondendo nem mesmo os seus defeitos. A namorada anterior traíra-o, o que o deixara de rastros. E, depois da sua experiência com um ex-marido infiel, Emilia achara refrescante que Elliot quisesse tudo em pratos limpos.

Mas como podia contar-lhe isto? O marido admira-a, e ela adora a forma como ele olha para ela. Sabe que, de certa forma, Elliot a tem num pedestal, e quer ser a pessoa que vê refletida nos seus olhos.

Ele fita-a com um ar expectante, como se lhe lesse os pensamentos, à espera de que ela confesse tudo. Mas Emilia não o faz. Em vez disso, afasta-se e vai até ao lava-louça, onde despeja o resto do chá. Precisa de se afastar dele para que não lhe veja a culpa estampada no rosto.

— Tenho de ir andando. Fiquei de me encontrar com a Ottilie em High Street Ken. Volto para ir buscar os miúdos. Não quero que a Jasmine venha de autocarro para casa. Combinado?

Vê o reflexo de Elliot no espelho por cima da mesa. Tem a boca cerrada numa linha reprovadora, um olhar duro. Conhece-a bem de mais. Sabe que ela lhe está a esconder alguma coisa. Apressa-se a sair da cozinha sem lhe dar tempo de responder, ou a si própria de confessar tudo: a verdade sobre o seu livro, sobre Daisy e Ash e toda essa lamentável embrulhada.

Apesar de detestar andar de metro, decide que é a forma mais rápida e segura de ir até High Street Kensington. Se estiver a ser seguida, se for a próxima na lista do assassino, o melhor é rodear-se de pessoas, de testemunhas, e isso é coisa que não falta no metro. Tenciona certificar-se de que não está sozinha em lado nenhum até a polícia ter apanhado o responsável pelo que está a acontecer. Posto isto, dá-se o facto de as ruas estarem sossegadas enquanto desce a colina, provavelmente por causa da chuva, e uma vez mais sente na nuca aquela impressão incómoda e inquietante de que vem alguém atrás dela. Tem o seu alarme pessoal no bolso da gabardina, pronto a ser usado se alguém olhar sequer para ela. Volta a pensar no homem que Louise tinha a certeza de estar a segui-las naquela noite. Quem seria? E terá sido ele que a matou? De certeza que se tratava de um homem? Podia bem ser Kristin: é alta. Mas uma assassina? E alguém da sua editora? Não Hannah: confia plenamente nela. Mas alguém que lá trabalhasse e tivesse lido o livro. Ou algum amigo ou colega que pudesse ter dado com ele. Alguém na periferia da vida dela?

O metro está cheio e cheira a gases e a ar bafiento. Apesar da bravata, fica nervosa de cada vez que alguém se aproxima um pouco mais por trás de si, e quando vai nas escadas rolantes trata de se agarrar firmemente ao corrimão. Um empurrão era quanto bastava. Para com isso, diz para si própria com severidade. Não pode pensar assim. Não obstante, é com alívio que sai da estação para a rua. Puxa o capuz da gabardina à laia de disfarce.

Ottilie está parada diante do café preferido de ambas, de costas voltadas para ela quando Emilia chega. O longo cabelo louro está apanhado num rabo de cavalo alto e traz vestido um impermeável com padrão de pele de leopardo. Tem o telemóvel colado ao ouvido e empunha um guarda-chuva transparente que se diria pertencer a uma criança. Emilia ouve a conversa quando se aproxima.

— Não, Trev. Claro que não. Já disse que não, não disse...? Tudo bem. Ela...

— Dá meia-volta ao ouvir Emilia atrás de si, o rosto abre-se-lhe num sorriso. — Sim, a Mils acabou de chegar, de maneira que... Sim. Inté.

Termina a chamada e puxa-a para os seus braços. As varetas do guarda-chuva emaranham-se no cabelo de Emilia.

— Oh, Mils, sinto muito pela tua amiga. Céus, tens passado um mau bocado, não tens?

— Era o Trevor? — pergunta Emilia enquanto se chega para trás, distanciando-se do guarda-chuva.

Ottilie baixa os olhos para o telemóvel e faz um ar carrancudo, como se tivesse ficado espantada ao vê-lo.

— O quê?

— Era o pai do Elliot?

— Ah, sim, sim, era ele.

— Desde quando é que tens conversas telefónicas com o pai do Elliot?

Emilia ri-se para esconder a surpresa. Puxa o capuz para trás e abre a porta do café, que segura enquanto Ottilie sacode o guarda-chuva.

— Oh, eu e o Trev cavaqueamos de vez em quando. — Passa por Emilia com uma lufada do seu habitual perfume *Tom Ford*. — Para onde é que fugiu o calor? Este país, francamente! — Depois volta-se para Emilia com um ar pesaroso. — Santo Deus, desculpa, eu para aqui a tagarelar... Nem imagino aquilo por que tens passado.

— Não, ora essa. É bom ter uma conversa normal.

Conduzem-nas à mesa, no canto, perto da janela listrada pela chuva. O café está cheio, e Ottilie faz uma cara reprovadora.

— Preferia mil vezes que pudéssemos sentar-nos lá fora. Devíamos ter-nos encontrado a semana passada, quando ainda estava calor. Mas estive na Alemanha, a visitar o meu pai.

Emilia não vai deixar a amiga mudar de assunto.

— Com que então, o Trevor — começa, quando recebem as ementas das mãos de um empregado de ar rude, que depois desaparece no meio do aglomerado de gente junto ao balcão.

— Hum...

Ottilie está a estudar a ementa.

— Admira-me que telefonem um ao outro. Enfim, sempre é o pai do Elliot.

A amiga ergue os olhos com um ar espantado.

— E daí? Sempre nos demos bem. Estava a ligar-me porque, facto curioso, parece que ele e o meu pai trabalharam juntos.

— A sério? Quando?

— Oh, aí pelos anos noventa.

— Certo.

Emilia lembra-se de Charles dos tempos em que ficava em casa de Ottilie durante as férias. Um homem alto e bem-parecido com um tufo de espesso cabelo louro. Mas há anos que não o vê.

— E falam de quê, tu e o Trevor?

Não consegue imaginar o seu sogro e a sua melhor amiga em amena cavaqueira, embora já tenha percebido que Trevor tem um fraquinho por Otilie.

— Disto e daquilo. — Crava os olhos verdes em Emilia. — Porque é que estás a ser esquisita em relação a isso? — Ri-se. — Não é como se andasse a comê-lo.

— Não, eu sei. É só que... — Encolhe os ombros. Porque é que aquilo a incomoda? As amizades de um e de outro não lhe dizem respeito. — Acho que é por ser o Trevor. Quer dizer, é o pai do Elliot, o meu sogro. E há pouco pareceu-me que estavam a falar de mim.

Otilie soergue os olhos.

— Estava só a perguntar-me daquilo da Louise, mais nada, e se tu estavas bem. — Estica-se por cima da mesa e agarra na mão de Emilia. — Está preocupado contigo. Estamos todos. Céus, Mils...

Engole em seco, e Emilia percebe que a amiga está a pensar em Louise. Sente um ardor nos olhos. Não quer chorar, não ali, em público. Aclara a garganta e tenta controlar as emoções.

— Vá, vamos pedir.

Optam por salmão em tosta de massa lêveda e, depois de o empregado carrancudo ter recolhido as ementas, Emilia declara:

— É uma pena não teres chegado a conhecer a Louise. Acho que terias gostado dela. Ainda não consigo acreditar. Estou sempre a esquecer-me e pego no telemóvel para lhe ligar...

Oh, como gostaria de lhe poder ligar. Tem tantas perguntas a que só Louise seria capaz de responder.

Otilie pouisa-lhe uma mão no braço.

— Isto é uma cena mesmo marada, Mils.

Emilia sente a ansiedade revolver-lhe as entranhas.

— Eu sei. Ouve... — Faz uma pausa enquanto o empregado pouisa as bebidas na mesa e se afasta sem dizer uma palavra. — Há uma coisa que não contei a ninguém e que não consigo continuar a esconder. É sobre o meu novo livro, o que ainda não saiu...

— E que é ótimo, já agora — atalha Otilie, sorvendo o seu *gin fizz* por uma palhinha e voltando a pousar o copo. — Acabei-o na semana passada e tenho andado para te dizer.

— Obrigada. Bom, acontece que o meu enredo segue de muito perto o caso de um assassino em série no Devon que tem vindo a desenrolar-se há anos. Ele também marca as vítimas com a cabeça de um louva-a-deus, embora a grave na pele, ao que parece. Um verdadeiro psicopata, está bom de ver.

Otilie abre a boca, horrorizada.

— Bem sei, é realmente sinistro. Mas quando escrevi o livro não sabia que era tão parecido com um caso real em curso.

— Bom, claro — murmura Ottilie. — Como é que podias saber uma coisa dessas?

Emilia remexe-se na cadeira, passando o dedo pelo seu copo de limonada de sabugueiro.

— Bom, a questão é que a história... — Não tem a certeza de conseguir obrigar-se a proferir as palavras. Sente-se uma péssima pessoa, uma péssima escritora. — Oh, céus, Ottilie, estava a atravessar um período terrível. Foi a covid e os confinamentos, e a Jasmine a ter problemas de saúde mental, e eu e o Elliot não conseguíamos entender-nos quanto à melhor forma de lidar com tudo isso, de maneira que não nos estávamos a dar nada bem, e eu sabia que queria encerrar esta coleção de uma vez por todas mas não me saía nada. Não conseguia pensar em nada para escrever, e um dia estava a lamentar-me disso à Louise em Marble Hill Park, numa das nossas caminhadas rápidas para manter a forma durante o confinamento, em março passado, e... e... — Ottilie acena-lhe encorajadoramente com a cabeça. — E perguntei-lhe se ela sabia de alguma história... no fundo, estava a brincar... mas vai daí ela contou-me que tinha uma ideia para um livro que sempre tinha querido escrever mas que sabia que jamais escreveria e, se eu quisesse, podia usar o enredo dela.

Ottilie arregala os olhos mas não diz nada, ao que Emilia prossegue num tom lastimoso:

— De maneira que me contou uma história que eu achei brilhante sobre uma rapariga em busca do homem que acredita ter matado a sua mãe, marcando-lhe o tornozelo com a cabeça de um inseto. Nunca na vida me passou pela cabeça que fosse parecida com um caso real em curso. A Louise deu a entender que era uma ideia dela. Que era ficção. E fiquei-lhe tão agradecida...

Reprime as lágrimas.

Ottilie está de sobrolho franzido.

— E então? Ela deu-te uma ideia e tu aproveitaste-a. De certeza que outros escritores já fizeram o mesmo. Não é como se lha tivesses roubado. Deu-ta de livre vontade.

Emilia não consegue confessar o resto. Aquilo já é suficientemente mau. Detesta ter-se transformado neste tipo de pessoa quando o seu instinto natural é ser aberta e sincera, mas desde março passado tornou-se alguém que guarda segredos e conta meias-verdades. Está tão tentada a contar tudo a Ottilie, a deixá-lo jorrar da sua boca como um vômito de palavras até não restar nada. Engole em seco e dá mais um gole na sua bebida, lamentando não ter pedido igualmente um *gin fizz*.

— O que eu não percebo é porquê. Porque é que a Louise me contou a história de um caso real? E... — pausa o copo — ...terá sido por isso que a mataram, e porque têm andado a assediá-la desta forma? Porque alguém, provavelmente o

próprio assassino do louva-a-deus, sabe que ela me falou do assassino em série. Será que a matou para a calar? Não tenho feito outra coisa senão pensar nisso, não paro de remoer a última mensagem que me enviou e de tentar perceber de que é que ela estava a falar. Queria contar-me qualquer coisa importante. Não parava de dizer que lamentava. E queria explicar-me tudo. Só podia ser alguma coisa relacionada com o livro e com a história que me contou. Será que sabia quem estava por trás disto? Estaria a tentar avisar-me sobre o verdadeiro assassino?

— Mas porque é que ele não tentou matar-te a ti também?

Um calafrio percorre Emilia de alto a baixo.

— É isso que me apavora. Acho que sou a próxima.

Daisy, 2005

Daisy foi incapaz de se descontraír nesse Natal. Sentia falta de Ash com cada fibra do seu ser, mas, mais do que isso, não conseguia parar de pensar em Donald. Esse pensamento consumia cada segundo que passava acordada, e sonhava com a manhã em que havia encontrado a mãe morta: a arrumação estéril da sala de estar, o cheiro persistente a cigarros misturado com o odor metálico do sangue.

Não conseguia obrigar-se a falar a alguém das suas suspeitas de que Donald era o Homem dos Rabiscos, muito menos ao seu pai. Primeiro, precisava de uma prova qualquer, e estava decidida a obtê-la nos dias que iria passar em casa de Ash.

Novou no Yorkshire na manhã da sua viagem para o Devon. O pai estava preocupado com ela quando a levou à estação.

— Diz-me se tiveres algum problema. Estive a ver a meteorologia e para sul está mais ameno. Para a próxima tens de trazer cá o Ash para nos conhecer.

Depois, ele e Shannon tinham ficado a acenar-lhe enquanto o comboio deixava a estação. Sentiu-se inundada de amor por eles ao vê-los ali de pé, abraçados um ao outro pela cintura, flocos de neve a pousar-lhes nos ombros e nos gorros de lã. O pai teria um ataque se soubesse que ela ia a caminho da casa de um potencial assassino.

A viagem foi longa e demorada devido à neve. Só depois de passarem Birmingham é que o trajeto se tornou mais fácil e os campos cobertos de neve deram lugar a uma paisagem verdejante.

Teve de mudar de comboio em Plymouth para chegar à pequena estação de aldeia onde Ash e Donald estavam à sua espera. Não era a aldeia onde ela passara os seus primeiros dez anos de vida na companhia da mãe, mas não ficava longe, talvez nem três quilómetros.

Donald lançou-lhes um sorriso caloroso quando ela se deixou cair nos braços de Ash.

Depois Daisy lembrou-se do motivo por que ali estava. Por muito que adorasse Ash — ainda que os seus sentimentos fossem agora contraditórios —, de momento era no pai dele que tinha de se concentrar.

Donald fez questão de lhe carregar o saco, com o que seguiram ambos atrás dele até ao carro, estacionado no parque por trás da estação. A visão daquele cabelo espetado dava-lhe a volta ao estômago. Tinham-se passado oito anos, e havia agora novas madeixas brancas na sua guedelha louro-acinzentada, mas Daisy tinha a certeza de que era ele, e não se deixava enganar por aquela disposição prestável e jovial.

Foi uma viagem curta até casa deles, um casarão antigo junto ao mar, e só quando meteram por uma vereda e estacionaram num amplo acesso de gravilha é que Daisy percebeu que era a única casa num raio de quilómetros.

— Ena, isto é mesmo afastado — disse ela quando saíram do carro.

À sua volta soprava um vento forte com cheiro a maresia que lhe puxava o cabelo e a bainha do casaco como uma criança impaciente.

— Adoramos esta casa — retorquiu Ash, conduzindo-a até ao alpendre da entrada, com o seu telhado branco e pontiagudo. — Isolada, como convém.

Aquilo devia ter soado romântico mas, com Donald escassos metros atrás deles, fê-la estremecer. Vinha cheia de planos para o confrontar, mas como poderia fazê-lo ali, no meio de nenhures, rodeada por campos e veredas e falésias e um mar que projetava a sua espuma pelos ares a ponto de Daisy sentir nos lábios o sabor a sal? Não seria sensato confrontar um assassino num lugar assim.

Ash guiou-a para dentro de casa, que era enorme e labiríntica, mas vivida e aconchegante, com uma cozinha rústica voltada para as falésias e para o mar. Stef estava de pé diante de um fogão de ferro, o cabelo encaracolado a emoldurar-lhe o rosto atraente. Quando os viu, limpou as mãos ao avental e enlaçou Daisy numa lufada de cheiro a bolo e a perfume *Chanel*.

— Acabei de pôr um pão de ló no forno — disse-lhes com um sorriso radioso.

— Ash, querido, e se fosses mostrar a casa à Daisy?

— De bom grado.

Ash piscou-lhe o olho e agarrou-lhe na mão. Céus, Daisy já estava apaixonada por aquela casa quente e acolhedora, com luzes nas janelas, uma grande árvore de Natal no vestíbulo e uma grinalda enfeitada com uns encantadores laços xadrez entrelaçada no corrimão.

E ela estava prestes a lançar uma bomba que destruiria tudo isso.

Talvez estivesse enganada, pensou, ansiou, nos dias que se seguiram. Talvez o facto de aquele homem ter cabelo louro-acinzentado e um remoinho duplo fosse uma mera coincidência. Afinal de contas, não podia existir em toda a região do Devon apenas um homem que encaixasse naquela descrição. E ela nunca chegara a ver-lhe a cara. Além do mais, parecia simpático. Alegre, carinhoso, sempre a ir saber dela e de Ash, a certificar-se de que estavam bem-dispostos, confortáveis. Era difícil acreditar que Ash tivesse sofrido um esgotamento na adolescência com uma família assim.

No dia anterior ao do seu programado regresso a casa, Daisy já tinha arranjado maneira de se convencer de que identificara o indivíduo errado. Claro que não podia ser o pai de Ash. Estava a autossabotar-se. Era disso que se tratava. E esteve prestes a concretizá-lo, a esse logro de que identificara o homem errado.

Até que, no dia anterior ao da sua partida programada, viu o jornal de domingo pousado no braço de uma poltrona.

E os rabiscos nas margens.

Emilia não consegue parar de pensar na conversa que acabou de ter com Otilie. Está ensanduichada entre dois homens bastante avantajados na carruagem de metro lotada, e repara que um tipo que viaja de pé, agarrado ao varão suspenso do teto, está a olhar para ela. É mais ou menos da sua idade, talvez um pouco mais novo, com cabelo castanho-claro espetado e vestido num estilo informal, calças de ganga largas e um blusão *Harrington* bege. Percebe que está a olhar para ela porque, de cada vez que levanta os olhos da página da *Wikipédia* que vai fingindo ler no telemóvel, os olhares de ambos cruzam-se e o dele desvia-se para o lado.

Apressa-se a sair para o ar livre mal a composição se detém na estação de Richmond. Ainda chove, mas apenas uns chuviscos mornos, e depois de atravessar apressadamente o centro da vila e subir a colina a caminho de casa, Emilia está a transpirar. Para lá no alto e despe a gabardina, indiferente à chuva miudinha, depois olha para o relógio. Dispõe de meia hora até ter de ir buscar Wilfie e Jasmine. E são quarenta e cinco minutos, ida e volta, para ir buscar Jasmine, mas seria capaz de atravessar o país inteiro para ter a certeza de que os filhos chegam a casa sãos e salvos.

As ruas perto de sua casa estão vazias, e Emilia retoma a marcha.

Até que ouve passos atrás de si.

Resiste ao impulso de olhar em volta e continua a avançar, estugando o passo apesar da pontada no abdómen. Os passos aproximam-se. Não lhe é fisicamente possível andar mais depressa a menos que largue a correr, e já não tem acesso fácil ao seu alarme pessoal porque despiu a gabardina. Diz a si própria para se descontraír, mas vê passar-lhe diante dos olhos a imagem do corpo de Louise e o medo apossa-se dela. Não tem alternativa. Começa a correr, o cansaço a intensificar cada vez mais a dor de burro, mas não pode parar: a sua vida depende disso. É uma certeza que a acomete de repente. Será imaginação dela, ou a pessoa atrás de si começou também a correr? Dobra a esquina para a sua rua, o alívio a percorrer-lhe o corpo assim que tem a casa à vista, e só para quando chega ao acesso. O homem que ia a observá-la no metro vai nesse momento a passar. Tem as mãos enterradas nos bolsos e não olha para Emilia enquanto atravessa a rua e dobra a esquina. Será coincidência que tivesse vindo também para aqueles lados,

para mais a tão curta distância dela? Respira fundo várias vezes, à espera de que o coração volte ao ritmo normal, e prepara-se para entrar em casa quando ouve chamar o seu nome.

Volta-se na direção da voz e vê Jonas a sair do carro, que está estacionado um pouco mais abaixo. Fica desolada quando ele se aproxima.

— O que é que estás aqui a fazer?

Parece abatido, o cabelo desgrenhado e a precisar de um corte, e tem manchas escuras debaixo dos olhos.

— A Kristin foi levada para a esquadra para interrogatório — é a resposta.

— O quê?

Ele lança-lhe um olhar carrancudo.

— Não te faças tão escandalizada, atendendo a que foste tu que disseste à polícia que achas que foi ela que matou a *tua amiga* Louise! Sei porque é que te queres vingar dela — acrescenta, passando a mão pela cara num gesto fatigado —, mas achei que tínhamos ultrapassado isso. Já se passou mais de uma década.

Emilia tem um acesso de fúria.

— A sério que me achas capaz de uma coisa tão mesquinha? Há anos que convivemos os três sem problemas. Vi o boneco do *troll* lá em casa e contei à polícia. Não disse nada sobre ela ter matado a Louise.

— Porque é que ela havia de te acostrar e assediar? Porquê? Fingir que a Jasmine estava desaparecida? Sabia que eu também ia ficar transtornado, porque é que havia de fazer uma coisa dessas?

— Não faço ideia — atira ela com maus modos. — Talvez por achar que andas a ter um caso.

Ele empalidece.

— Mas não ando. O que é que lhe contaste?

— Não lhe contei coisíssima nenhuma. Ela é que falou disso à Otilie, e depois à Louise na noite do meu lançamento. A Kristin não é parva, Jonas. Sabe que alguma coisa se passa e preocupa-me que pense que é comigo.

— Mas não ando a ter caso nenhum. E, tudo bem, senti-me atraído pela Connie, e estive tentado, mas não fiz nada. Já fiz merda uma vez e não tenciono voltar a fazer.

Emilia fita-o, perguntando a si própria se ele estará a mentir. Parece estar a ser sincero, mas há muito tempo que deixou de confiar em Jonas.

— Ouve, tenho de ir. Preciso de ir buscar os miúdos.

Ele como que desaba diante dos seus olhos, desalentado e sem ânimo para mais discussões. Parece subitamente mais velho.

— Ao menos posso vir ver a Jasmine? Imagino que me vás dizer que não a queres em minha casa neste fim de semana, já que tens tanta certeza de que é a Kristin que está por trás disto, apesar de saberes o que eu penso. Mas com certeza

não me achas capaz de fazer mal à nossa filha?

Emilia sente uma pontada de culpa.

— Claro que não — diz numa voz sumida.

Tem vontade de chorar. Odeia aquela situação. Odeia desconfiar daqueles que lhe são próximos. Só quer que apanhem seja quem for que está por trás daquilo para que tudo volte a ser como dantes. Recorda o rosto sorridente de Louise. A verdade é que nada será como dantes agora que ela está morta.

— Que tal passares por cá tu no fim de semana?

— E o Elliot? Sei que não me quer aí em casa.

— A casa também é minha. Eu falo com ele, não te preocupes.

Jonas acena tristemente com a cabeça, depois dá meia-volta e regressa ao carro sem se despedir. Deixa pender os ombros, e por momentos Emilia sente pena do homem que amou em tempos. Mas não: tem de ser firme.

Wilfie está com um ar abatido quando vai buscá-lo à escola.

— Hoje o Toby não veio — diz ele numa voz triste enquanto se encaminham para o carro.

Emilia tem vontade de lhe dizer que se despache ou vão chegar atrasados à escola de Jasmine, mas percebe que o filho está transtornado.

— Vamos dar uma corrida até ao carro e contas-me tudo assim que lá chegarmos — diz-lhe, tentando mostrar-se bem-disposta.

Mas ele continua a arrastar os pés. A dada altura, tem de lhe agarrar na mão e arrastá-lo praticamente até lá. Arranca mal o filho acaba de pôr o cinto de segurança.

— A professora contou-nos da mãe do Toby — diz ele do banco de trás enquanto ela conduz. — Disse que a mataram por ser da polícia. — Tem o lábio inferior a tremer. — Já não quero ir para a polícia.

— Oh, querido. — Emilia engole o nó que lhe aperta a garganta. — A mãe do Toby era uma polícia muito inteligente e corajosa, mas é uma profissão que tem riscos.

Pergunta-se o que lhe terão contado na escola.

— O Toby deve estar muito triste.

Emilia reprime as lágrimas. Não aguenta pensar nisto. A culpa e o desgosto ameaçam esmagá-la.

— Pois deve. A Louise era muito amada...

Uma lágrima escorre-lhe pela face e ela apressa-se a enxugá-la. Tem de se manter forte diante de Wilfie. Pede-lhe que lhe conte uma coisa divertida que tenha acontecido nesse dia para ele não pensar mais naquilo e não tarda o filho está a rir-se enquanto lhe repete uma anedota tola que Freddie, o seu melhor amigo, lhe contou na fila para o almoço.

Fica aliviada quando chegam à escola de Jasmine antes de soar a campainha. Sabe que a filha tem vergonha de ver a mãe e o irmãozinho diante dos portões, que preferia ir de autocarro para casa com Nancy, mas Emilia só descansa depois de ela entrar sã e salva no carro. O seu desaparecimento — ainda que tenham decorrido apenas algumas horas entre eles terem consciência disso e a sua reentrada em casa — foi o momento de maior terror na sua vida. Pior até do que encontrar Louise morta.

Jasmine sai da escola na companhia de Nancy e de um rapaz bem-parecido que Emilia reconhece como sendo Jake. Ficam parados num pequeno cacho, as cabeças muito próximas, até que Jasmine se liberta com um revirar de olhos na direção da mãe, voltando-se para trás para acenar aos amigos.

— Não podiam ao menos esperar na próxima rua? — silva ao chegar ao pé deles. — Não é lá muito fixe ter a mãe a vir-nos buscar à escola.

— Não há de ser para sempre — responde Emilia num tom sereno. Depois baixa a voz para Wilfie não ouvir. — Sabes porque é que tenho de fazer isto por enquanto.

Jasmine não diz nada, mas encaminha-se à frente deles para o carro, as costas curvadas. Assim que entram, declara:

— O Jake encontrou a carta, mãe. Tinha-a atirado para debaixo da cama. E... — Enfia a mão no bolso do *blazer*, os olhos a reluzir de excitação. — ...hoje trouxe-a e, bom, aqui a tens — remata, estendendo-lha.

Emilia nem quer acreditar.

— Ena. Isso é fantástico.

Desdobra-a. Não é muito grande, uma folha A5 escrita à mão numa caligrafia cursiva algo caótica. Pousa-a em cima do volante, já com o motor a trabalhar. Jasmine entretém-se a rodar o botão do rádio e Wilfie atira lá de trás que tem fome. Emilia lê a carta.

Para o Jake

Junto envio três bilhetes para o concerto deste fim de semana dos Tonal Whiplash. Podes ficar com o terceiro bilhete ou vendê-lo, se quiseres, caso já tenhas um, desde que dês os outros dois à tua namorada Nancy Bradshaw e à amiga dela, a Jasmine Perry. É uma surpresa que quero fazer-lhes e uma coisa que sei que vão adorar receber. Confio em ti para olhares por elas no concerto e as manteres em segurança.

Com os melhores cumprimentos,

M

— Esquisita, não? — diz Jasmine, recostando-se no assento. Sintonizou a Kiss

FM e uma musiqueta de dança inunda o carro, acirrando ainda mais os nervos já frágeis de Emilia. — Seja quem for que a enviou queria que o Jake tomasse conta de nós. Não tinha intenção de nos ameaçar nem de nos fazer mal, acho eu. Mas então queria o quê?

Emilia examina um pouco melhor a caligrafia, o arrebique no alto do «M» e do «N», a curva do «K». O texto foi escrito com caneta de tinta permanente e em letra cursiva. O «M» da assinatura deve ser de Miranda Moody. Lembra-se do telefonema, da voz clara e enfatuada. E, quanto ao texto, só conhece uma pessoa com aquele tipo de caligrafia floreada.

E essa pessoa é a sua maior e melhor amiga, Ottilie.

Elliot está em plena preparação do jantar quando eles chegam a casa. Informa-os alegremente de que está a fazer um guisado, mas Emilia quase não ouve o que ele diz. Larga a bolsa no vestíbulo e galga de imediato os dois lanços de escada, direito ao seu escritório. Uma vez lá dentro, fecha a porta e senta-se à secretária, o coração a palpar do esforço e do medo. Não, a Ottilie, não. Não pode ser ela. É quase da família. Não, não, não, não.

Revolve a secretária à procura dos seus cartões de aniversário. Costuma guardá-los durante um ano, mais se forem dos miúdos ou de Elliot. Tem uma vaga ideia de os ter enfiado numa das gavetas. Abre-as a todas e despeja-as freneticamente no chão, sem querer saber da bagunça. E é então que os encontra, os mais pequenos acondicionados dentro do maior. As mãos tremem-lhe quando encontra o de Ottilie. Tem um flamingo de cartola e sapatos de dança na parte da frente e, no interior, uma primorosa caligrafia cursiva. Tira a carta do bolso do casaco e coloca-a ao lado do cartão. A caligrafia é muito parecida. Será possível que tenha sido realmente Ottilie a escrever a carta? Será possível que seja ela que está por trás disto — desta campanha de terror? Será possível que tenha matado Louise? Mas porquê? Sente a cabeça a latejar. Porque é que ela lhe faria uma coisa destas?

Ottilie está sempre a dizer-lhe que é uma sortuda por se ter casado com Elliot, e que tem inveja dos seus filhos e da sua carreira. *Alcançaste tanto, e eu não alcancei nada. Nem sequer consigo manter um relacionamento por mais de cinco minutos.* Poderia tudo aquilo resumir-se a uma mera e antiquada questão de ciúme? Recusa-se a acreditar nisso. Ottilie é fabulosa. Toda a gente acha o mesmo. Não tem qualquer motivo para ter ciúmes. E não é vingativa, nem má. Não é uma assassina.

É interrompida pelo som de passos na escada e Wilfie a irromper pelo escritório.

— O pai disse que o jantar está pronto — arqueja ele, para logo desaparecer.

Emilia pega no cartão de aniversário de Ottilie e na carta e enfia-os no bolso da saia. Tem de lhe falar daquilo.

Elliot está a servir os pratos quando ela chega à cozinha. Ergue os olhos ao vê-la entrar, mas o sorriso gela-se-lhe no rosto assim que repara na sua expressão.

— Estás bem?

Emilia tenta mostrar-se bem-disposta por causa dos miúdos.

— Claro. Foi um dia atarefado, só isso.

— Foste almoçar com a Otilie, não foste? Que tal correu?

Emilia puxa uma cadeira e senta-se. Quase não comeu nada ao almoço e agora também está sem fome. Daria tudo para ter o seu velho apetite de volta.

— Bem, correu bem.

— Só bem — troça ele. Senta-se e atulha o prato de espinafres. — Venham, meninos, toca a comer. — Volta-se para ela. — É ótimo poderes relaxar um pouco antes de receberes as provas.

Emilia dá graças por isso, já que não está capaz de se concentrar seja no que for.

Empurra o frango guisado de um lado para o outro do prato enquanto Wilfie tagarela sobre a escola. Jasmine também não diz nada, e de vez em quando Emilia pressente que a filha lhe vai lançando olhares inquiridores. Tenta controlar-se. Jasmine, em particular, é deveras sensível a ambientes tensos, e deve estar a sentir-se assustada e insegura com tudo aquilo. Esforça-se por sorrir embora lhe doam os músculos, acena encorajadoramente com a cabeça sempre que um dos filhos — os seus tão preciosos filhos — diz qualquer coisa. Mas só consegue pensar que Otilie esteve ali quando Elliot se ausentou. Esteve ali, dentro de casa, com eles. Podia ter sido ela a mexer nas configurações de *Alexa*. A música começou a tocar quando ela passou lá a noite. «Psycho Killer». Uma canção apropriada, atendendo a tudo o que se passou. A única calma no meio da sua tempestade de emoções é a carta que acompanhava os bilhetes para o concerto, já que quem a tinha escrito parecia querer que Jake olhasse por Nancy e Jasmine. O que significa que, se for Otilie por trás de tudo, não quer fazer-lhes mal, graças a Deus. O seu alvo é Emilia. E a pobre Louise, que conseguiu descobrir qualquer coisa mas foi morta antes de ter podido contar-lhe o quê. Seria possível que Otilie tivesse, de alguma forma, ficado a saber o que é que Louise descobrira? Mas, que ela soubesse, Louise e Otilie nunca se tinham sequer cruzado. E teria Otilie montado uma armadilha a Kristin, sabendo que Emilia já a odiava e apontaria de bom grado o dedo à ex-amiga? Mas quando? Não faz o menor sentido... e contudo, a caligrafia...

— Em? — A voz de Elliot trá-la de volta ao presente. — Senteste-te bem? Parece que estás noutro mundo, e mal tocaste na comida.

Emilia volta a si, apercebendo-se de que Jasmine e Wilfie já se levantaram da mesa e estão enroscados no sofá a ver televisão, os seus pratos vazios e cuidadosamente arrumados na máquina da louça. Elliot ensinou-os bem. Mas agora está a olhar para ela com um ar apreensivo. O prato dele também está vazio.

— Não gostaste? — Agarra-lhe na mão, depois baixa a voz para os miúdos não ouvirem. — Estou preocupado contigo, Em. Estou preocupado que tudo isto esteja a ser de mais para ti.

— Encontrei uma das minhas amigas mortas. Claro que é de mais para mim.

Ele aperta-lhe compassivamente a mão e faz um ar pesaroso.

— Nem consigo imaginar o que isso deve ter sido. Lamento imenso. Lamento imenso que isto esteja a acontecer-te. Não mereces.

A voz prende-se-lhe e Emilia fita-o, surpreendida.

— A culpa não é tua.

— Só quero proteger-te. A ti e aos miúdos. E sinto-me tão inapto por não conseguir pôr cobro a isto.

Ela leva a mão dele aos lábios e beija-a.

— Não seria capaz de enfrentar nada disto sem ti, El.

Os calorosos olhos castanhos de Elliot reluzem.

— Não vou a lado nenhum.

Ficam algum tempo assim sentados, de mão dada, até que ele se ri.

— Não vais comer isso, pois não?

— Desculpa. Tenho demasiadas coisas na cabeça.

— Desde que não percas peso a mais.

Leva o prato dela até à ilha juntamente com o seu e começa a despejar os restos para o caixote, maxilar cerrado e expressão inescrutável.

Emilia vai ter com ele e enlaça-lhe os braços à cintura, a face encostada às suas costas.

— Só queria que isto desaparecesse — murmura-lhe, o calor do marido a tranquilizá-la, a ancorá-la.

Não pode contar-lhe de Ottilie. Ainda não. Só depois de ter falado com ela.

Elliot pousa os pratos e volta-se, puxando-a para si até ela ter o rosto encostado ao seu peito.

— Acho que agora que a Louise foi assassinada a polícia vai levar o caso mais a sério. Há de acabar em breve. — Chega-se para trás para poder olhá-la nos olhos. — Ia-me esquecendo, mas pouco depois de teres saído para ir buscar os miúdos apareceu aí aquela inspetora. A não-sei-quantas. Entradota. Cabelo grisalho. Podia ser uma sócia da tua inspetora Moody. Não pude ir à porta porque estava ao telefone, mas vi-a pela câmara da aplicação.

— A inspetora Janine Murray. Quer dizer que ainda está por cá.

— Como assim? Porque é que não havia de estar?

Ela desfaz o abraço e liga o jarro elétrico.

— Ah, é só porque não é da polícia local. É da Polícia do Devon e da Cornualha, lembraste? De certeza que te contei. Achei que ia regressar depois de ter falado comigo no sábado, só isso.

Elliot parece pouco à vontade.

— Acho que não me disseste de onde ela era. Porque é que achas que quererá falar outra vez contigo?

— Talvez tenha descoberto alguma coisa.

— Sobre o tal assassino em série, será? Pergunto-me porque é que um assassino em série havia de assassinar a Louise em Kingston quando os alvos dele são mulheres da zona de Plymouth. — Faz um ar desconfiado. — E tens a certeza de que não sabias nada sobre esse assunto?

Emilia hesita. Não será melhor contar-lhe? Não pode esconder-lhe aquilo para sempre.

Elliot fica a olhar, à espera. Tem de lhe contar qualquer coisa. Ergue os olhos para ele, pensativa, com medo da desilusão que sabe que lhe vai ver estampada no rosto quando lhe confessar. Mas que alternativa lhe resta? Morde o lábio.

— Em?

Ela solta um suspiro e afasta-se um pouco.

— Muito bem. Ouve, é uma longa história...

— Certo, não temos lado nenhum onde ir. — Tira uma maçã da fruteira que está junto ao jarro elétrico e trinca-a com um ar de quem diz «Sou todo ouvidos».

— Desculpa não te ter contado a verdade mais cedo — começa Emilia, após o que trata de lhe contar tudo.

Quase tudo.

A tensão entre eles é quase palpável. Sem uma palavra, Elliot atira a maçã praticamente intacta para o caixote. Depois planta-se diante dela de costas voltadas para a bancada, os olhos a faiscar.

— Portanto, vamos lá ver se entendi. A Louise deu-te a ideia para este assassino do louva-a-deus e tu criaste uma história à volta disso?

— Sim — mente ela.

Não pode confessar-lhe que a verdade é ainda pior.

— E por sinal trata-se de um assassino em série que existe mesmo? — O rosto dele turva-se. — Como é que a Louise soube do caso?

— Não tenho a certeza — responde ela com sinceridade. — Talvez no trabalho. Não sei.

Ele semicerra os olhos enquanto a examina e Emilia sente-se corar.

— E agora ela apareceu morta com a mesma marca no tornozelo.

Ela acena tristemente com a cabeça.

— Puta que pariu. Porque é que não me contaste isto antes?

— Só há pouco tempo é que fiquei a saber.

Ele passa a mão pelo cabelo, frustrado.

— Não... sinceramente nem sei que te diga. Uma coisa desta importância, e só agora é que me contas?

— El...

Emilia reprime as lágrimas. Percebe que ele está a tentar conter a fúria.

— Não consigo falar contigo agora.

— Mas...

Elliot sai porta fora antes que ela tenha tempo de dizer seja o que for.

Emilia vai cedo para a cama, deixando Elliot a cismar diante do futebol. Digita uma mensagem para Otilie a pedir-lhe para se encontrarem no dia seguinte. Não é uma conversa que queira ter ao telemóvel.

Já? Está visto que não te cansas de mim, responde prontamente Otilie com um emoji a piscar o olho. Os três pontinhos no ecrã mostram que está a escrever outra mensagem. Não tarda a acrescentar: *Claro. Vou aí a Richmond. No nosso café do costume às 11?*

Emilia responde com um polegar para cima. Não consegue escrever mais nada. As suas emoções oscilam entre a fúria e a tristeza.

Quando Elliot vai também deitar-se, ela finge já estar a dormir. A voz dele, quando por fim diz alguma coisa, reverbera pelo quarto, estilhaçando o silêncio:

— Sei que estás acordada.

— O que queres que te diga? — responde Emilia baixinho, de costas para ele.

— Sabes que odeio mentiras.

Ela volta-se e fita-o, apoiada no cotovelo.

— Agora já podes ficar desiludido comigo. Sabes que não passo de uma impostora.

— Em... — A voz dele é suave, mas está demasiado escuro para lhe ler a expressão. — Jamais me conseguirias desiludir e não és nenhuma impostora.

Os olhos de Emilia enchem-se de lágrimas. Não lhe responde. De repente, tudo o que sente é uma tristeza total e absoluta.

Ele estende a mão para ela e limpa-lhe carinhosamente uma lágrima.

— Não quero que sintas que não podes contar-me certas coisas porque eu vou julgar-te por elas.

Ela faz que sim com a cabeça, sem saber se há de acreditar.

— E a outra linha narrativa... aquilo da Daisy e do namorado, o Ash? Também foi ela que te contou? Ou essa parte é tua?

Emilia não quer voltar a mentir-lhe, pelo que ignora a pergunta.

— Um assassino em série que marca as vítimas não é uma coisa inédita. Não sou a primeira a escrever sobre isso.

— Certo, mas este caso é muito específico, não é? — Elliot solta um suspiro.

— Para começar, é estranho que a Louise te tenha contado essa história em concreto, não te parece?

Sim, sim, sim, apetece-lhe gritar. Não tem conseguido pensar noutra coisa. Porque é que Louise lhe contou aquela história se era verdadeira? O que terá levado a amiga a tomar uma decisão dessas?

— Estávamos só a trocar ideias. O mais certo era estar algures no

subconsciente dela. — Sabe que não está a ser totalmente honesta com ele, e é como se Elliot conseguisse farejar o que se passa. — Enfim... — roda para o outro lado — ...está a ficar tarde.

Ele aproxima-se um pouco e aconchega-se a ela.

— Tens a certeza de que não há mais nada que me queiras contar?

Emilia sente-lhe o hálito no ouvido. Pensa em Ottilie e na carta. Vai contar-lhe tudo amanhã, depois de ter falado com ela. Tenciona certificar-se de que não ficam as duas a sós. Pela primeira vez na vida, sente medo da amiga, e que, apesar de se conhecerem desde crianças, talvez não saiba de todo quem ela é.

— Tenho — mente. — Agora, dorme.

Daisy, 2005

Era ele. O seu instinto estava certo. Porque é que tentara contrariá-lo? Mas sabia porquê. Ash. Como poderiam continuar juntos?

Depois de ver os rabiscos nas margens do jornal, não conseguiu pôr as ideias em ordem e ficou sentada à mesa da cozinha, atordoadas, enquanto Ash e Stef adejavam de volta dela. Teve de fingir que lhe doía a cabeça para eles pararem de lhe perguntar porque estava tão calada, mas o resultado foi Stef ficar ainda mais ansiosa e pôr-se a vasculhar nos armários até encontrar paracetamol.

Precisava de abordar Donald. Tinha de o apanhar sozinho, longe de Ash e de Stef, e o confrontar. O fim de semana estava quase no fim, e iam voltar para a universidade no dia seguinte — o tempo começava a esgotar-se. Mas não era fácil, porque Ash quase nunca saía de ao pé dela. Nas raras ocasiões em que não estavam juntos, Donald estava sempre com a mulher. Pareciam bastante próximos, e ainda muito apaixonados. Seria possível que aquele homem fosse não apenas o assassino da sua mãe, mas também um assassino em série? O pai tinha-lhe falado das outras mulheres mortas a seguir à mãe dela. Daisy fizera algumas pesquisas sobre assassinos em série na biblioteca local e ficara chocada ao descobrir que alguns eram charmosos e até bem-parecidos, como aquele nos Estados Unidos sobre o qual tinha andado a ler, chamado Ted Bundy. Perguntou a si própria se seria possível que Donald também fosse assim, uma versão britânica de Ted Bundy. Deu por si a tremer ali mesmo na mesa da cozinha, apesar do calor do fogão de ferro.

— Sentes-te bem, Daise? — perguntou Ash, fitando-a com um ar preocupado.

Da janela da cozinha, Daisy viu Donald ao fundo do jardim, a fumar um cigarro, curvado para se proteger do vento, o fumo a dissolver-se no céu nublado. Era a sua oportunidade de falar com ele a sós.

Empurrou para trás a cadeira, que raspou nos mosaicos de terracota, levando Stef a parar momentaneamente de distribuir massa de bolo por duas formas redondas e a olhar em volta.

— Preciso de ir apanhar ar puro — disse Daisy, incapaz de continuar ali

sentada.

Parte dela queria fugir para a segurança da casa do pai e não mais olhar para trás. Antes nunca tivesse ido para Exeter. Mas a outra metade sabia que tinha de aproveitar aquela oportunidade enquanto podia. Há anos que sonhava estar frente a frente com o assassino da mãe. Era obra do Destino que estivesse agora ali, oito anos depois de ela ter sido assassinada.

— Está imenso vento lá fora — disse Ash, levantando-se também. — Eu vou contigo.

— Não! — A resposta soou demasiado ríspida. — Desculpa, mas preciso de... de ficar um bocado sozinha.

Saiu apressadamente para o vestíbulo, agarrando no casaco e enfiando os pés nas galochas, e lançou-se porta fora quase a correr. Depois estacou no carreiro ladeado por arbustos, o coração a palpar e a garganta seca. Imaginou que aquele lugar fosse idílico no verão, mesmo sabendo que não teria oportunidade de o ver. Agora que tinha a certeza de que o pai de Ash era o Homem dos Rabiscos, teria de terminar tudo com ele.

Dobrou a esquina e ficou uns instantes a olhar para Donald, ali de pé a fumar, enfiado no seu casaco de lã. O cabelo da nuca estava um pouco mais ralo desde a última vez que o vira, mas aquele remoinho duplo era inconfundível. Mais do que isso, aqueles rabiscos eram inconfundíveis. Tinha gravado um no tornozelo da sua mãe depois de a matar. Teria feito o mesmo às outras mulheres que assassinara? Como teria conseguido ocultá-lo da família durante todos aqueles anos?

Estava alojada em casa de um assassino e sabia que tinha de ser cautelosa. Assim que se apanhasse de novo na universidade iria direito à polícia.

Hesitou, subitamente com medo. Havia um declive acentuado ao fundo do jardim, apenas com uma cerca frágil a separá-los da beira do precipício. Bastaria um empurrão para a lançar para a morte. Donald deve tê-la pressentido atrás de si, pois voltou-se nesse preciso instante.

— Olá, Daisy — exclamou ele num tom jovial, esmagando o cigarro no tronco de uma árvore e indo ter com ela. A respiração ia formando nuvens à sua frente à medida que avançava vagarosamente pela relva, as calças enfiadas nas botas de cano alto. — Está tudo bem?

— É que... — Recuou e encostou-se à casa, Tateando a alvenaria rugosa com as pontas dos dedos, como que a tentar ancorar-se. — É... é estranho, mas creio que o reconheço.

Ele riu-se.

— Reconheces-me? Como assim?

— Acho que era amigo da minha mãe.

E acho que a mataste, meu cabraão, acrescentou baixinho para si própria.

A expressão habitualmente franca e calorosa de Donald fechou-se de repente, o

seu olhar endureceu.

— Quem era a tua mãe?

— A Jennifer Radcliffe.

Ficou a ver o seu maxilar cerrar-se e um músculo da face a contrair-se. Mas ele fez um ar desalentado e abanou a cabeça.

— Não, lamento, esse nome não me diz nada.

Claro que iria negar. Mas Daisy tinha a certeza de lhe ter visto um lampejo de reconhecimento no rosto ao referir o nome da mãe.

Ele enfiou as mãos nos bolsos do casaco, de novo com um sorriso afável.

— Enfim, é melhor voltarmos para dentro. Este vento está cada vez pior.

— Foi há cerca de oito anos. — As palavras saíram de supetão, desesperadas.

— A minha mãe não mo quis apresentar. Eu chamava-lhe o seu namorado secreto. Fazia rabiscos nas margens do jornal. Era parecido consigo.

— Bom, posso garantir-te que não era eu. Sou um homem casado e feliz no casamento.

— Alguém a matou.

— Lamento muito, Daisy, a sério, mas nunca conheci a tua mãe.

Nesse momento soprou uma rajada mais forte e Donald inclinou-se para se proteger, com o que se chegou mais para ela. Estava oito anos mais velho, mas ainda forte, ainda em forma. E era a palavra dela contra a dele. Como é que ia conseguir provar fosse o que fosse?

Ele aproximou-se um pouco mais e Daisy encolheu-se contra a parede, o coração aos pulos.

— Alguma vez falaste disto ao Ash? — perguntou-lhe numa voz desgostosa.

Ela abanou a cabeça. Sentiu-lhe o hálito a fumo.

— Ótimo. O melhor é não lhe dizeres nada. De certeza que não sou a única pessoa que faz rabiscos nas margens dos jornais. — Tinha um olhar triste. — De certeza que por esta altura já deves ter percebido que o Ash é um miúdo frágil, e se lhe falasses sobre isto, bom... — Ergueu os ombros. — Não te quero a transtornar a minha família e a fazer acusações.

Ela deixou-se ficar ali especada, sem saber o que dizer. Ele tinha dito aquilo com modos suaves, como se estivesse a falar de algo tão anódino como o tempo, mas Daisy detetou um tom de ameaça na sua voz. Agora estava ainda mais perto dela, a ponto de a fazer-se sentir desconfortável, imobilizada como estava contra a parede da casa.

— O Ash sabe que a tua mãe foi assassinada?

Daisy abanou a cabeça.

— Não, só que morreu quando eu era pequena.

— Lamento muito. Mas por favor acredita em mim quando te digo que não a conhecia.

Depois, afastou-se, e ela ficou a vê-lo encaminhar-se para dentro de casa.

Emilia fica uns momentos parada, a observar Otilie à distância. Está sentada no muro sobranceiro ao rio com uma *T-shirt* branca e uma saia comprida estampada. Tem o longo cabelo louro apanhado num rabo de cavalo, óculos de sol de armações pretas encavalitados na cabeça e parece fresca e jovem, a cara voltada para o sol. Os quase trinta anos de amizade retraem-se e tudo o que têm é este momento. Otilie foi uma constante na sua vida desde que tinham ambas onze anos. Foi família quando Emilia sentia saudades da sua. Foi sua companheira quando Kristin a traiu. Em todos esses momentos sentiu que Otilie estava lá para a defender. Tem de abordar o assunto com cuidado, porque se a acusar e estiver errada vai acabar por destruir tudo.

As margens do rio estão movimentadas, repletas de famílias e de trabalhadores na hora de almoço. Emilia tem a boca seca quando se aproxima da amiga.

— Ah, olá — diz Otilie, erguendo os olhos para ela e protegendo-os com um gesto elegante da mão. — Pedi-te uma *Coca-Cola Diet*. Queres ir para o café ou preferes ficar aqui?

Estende-lhe uma lata. Emilia agarra nela e senta-se. Está gelada, e silva quando a abre. Precisa de beber alguma coisa antes de conseguir dizer uma palavra que seja, pelo que sorve um longo trago. Otilie fita-a com um sorriso.

— Vais arrotar se beberes depressa de mais. No café ou aqui?

Emilia abana a cabeça. Não consegue nem pensar em comer.

— Aqui está bom.

— Que caloraça. — Otilie volta-se de novo para o sol. — E então? — diz ela, os olhos fechados. — Porque é que querias falar comigo?

Emilia sente a náusea subir-lhe à garganta. Pousa a lata de *Coca-Cola* no chão. Como raio é que vai abordar o assunto? Não sabe por onde começar.

Otilie decerto pressente a sua hesitação e volta-se para olhar para ela.

— Que se passa, Mils?

Tem de deitar aquilo cá para fora antes que se engasgue nas palavras.

— Lembras-te de te ter falado do desaparecimento da Jasmine e da chamada falsa e da carta com os bilhetes que enviaram ao namorado da Nancy?

— Lembro.

Ottilie franze o sobrolho e puxa os óculos de sol do cabelo para a cara.

Emilia dá por si a pensar se terá sido um gesto propositado para não a deixar ver-lhe os olhos. Enfia a mão na bolsa e estende a carta a Ottilie.

— É isto.

Ottilie fica em silêncio enquanto a lê.

— Notas alguma coisa? — pergunta-lhe Emilia.

— Bom... só que, ao que tudo indica, quem a escreveu não queria que acontecesse nada à Jasmine e à amiga. Foi pensada para te assustar a ti.

Devolve o papel a Emilia.

— Mais alguma coisa?

— Bonita letra. Alguém que fez algum curso de caligrafia... — E nesse momento vacila, como se tivesse acabado de perceber. — Merda... foi por isso que quiseste falar comigo? Achas que fui eu que a escrevi?

— A letra é muito parecida com a tua, mas não consigo... — Tem lágrimas na voz. — Não quero acreditar que foste tu que a escreveste.

— Claro que não fui eu que a escrevi! Foda-se, Mils, há quanto tempo é que nos conhecemos? — Torna a empurrar os óculos para trás. — Achas-me mesmo capaz de ter feito tudo isto?

Emilia abana a cabeça.

— Não. Mas a letra...

— Não achas que se eu fosse marada a ponto de estar por trás disto, ao menos tinha tentado disfarçar a minha letra? Deixa-me cá ver essa carta outra vez. — Tira-lha das mãos. Fica uns momentos calada enquanto a examina, depois declara: — Isto aqui. Não escrevo os meus «EE» assim. Certo, os «MM» e os «NN» são parecidos, mas mais nada. Céus!

Volta a enfiar-lhe a carta nas mãos, os olhos verdes a faiscar.

Emilia torna a olhar para o papel, as palavras a dançar à sua frente. Não levou o cartão de aniversário consigo, de modo que não tem o que comparar, mas conhece Ottilie há tempo suficiente para perceber que a amiga está genuinamente escandalizada e irritada.

Mas depois a sua expressão suaviza-se.

— Magoa-me que tenhas podido pensar isso de mim, mas sei como esta merda deve estar a ser horrível para ti. A única coisa que te sei dizer é que essa letra não é minha. — Endireita-se, a cara séria. — Juro-te, Mils, pela alma da minha mãe. Não escrevi essa carta. Nunca faria nada para te magoar. És a minha melhor amiga. És uma das minhas pessoas preferidas no mundo inteiro e odeio ver-te assim, a desconfiar de toda a gente. — Levanta a mão quando Emilia tenta falar. — Eu sei, e percebo porquê. E adorava estrangular seja quem for que está por trás disto, mas não podes acreditar realmente que sou eu, pois não?

Tem os olhos brilhantes de lágrimas.

— Desculpa — diz Emilia, pondo os braços à volta dela. — Claro que acredito em ti.

Sente-se como se tivesse uma venda nos olhos, como uma criança a jogar à cabra-cega, a agarrar pessoas, suas amigas, ao acaso.

Quando chega a casa, Emilia vai direito ao seu escritório e pega nos cartões de aniversário. Assim que batera com os olhos no último que Ottilie lhe tinha enviado, e visto por si própria como as caligrafias eram parecidas, não olhara para mais nenhum. Mas agora, ao examiná-lo com mais atenção, percebe o que Ottilie quis dizer quando se referiu à letra «E». A caligrafia é parecida, mas não exatamente igual. Não parou para pensar e tirou uma conclusão precipitada, e agora recrimina-se por isso.

Vai folheando o resto dos cartões até chegar ao último, mesmo lá atrás, o maior, com os mais pequenos acondicionados no seu interior. Abre-o e o seu coração dispara. É a mesma caligrafia elegantemente desenhada de Ottilie, mas com algumas diferenças. Como o «E», que parece um três ao contrário. A mão treme-lhe e tira a carta da bolsa, compara-as. A letra é igual: não há a menor dúvida. A de Ottilie era parecida, mas esta é rigorosamente igual, mais trapalhona e apressada do que a de Ottilie.

E é a letra de Louise.

Emilia levanta-se da secretária e corre para o andar de baixo. Tem de voltar a falar com a inspetora Janine Murray. Está a vasculhar a gaveta da cozinha, a tentar encontrar o cartão que ela lhe deu na sexta-feira, quando sente uma presença atrás de si. Dá meia-volta, o coração a palpitar, mas é apenas Elliot, que ficou ali parado a olhar para ela com uma expressão inescrutável.

— Está tudo bem? O que se passa?

— Viste o cartão que a inspetora Murray me deixou com os contactos dela? — pergunta-lhe Emilia. — Achava que o tinha posto aqui.

— Só estás a desarrumar a gaveta — diz ele, aproximando-se. — Faz-nos um chá que eu encontro-o.

Ela afasta-se para ligar o jarro elétrico, tentando manter-se calma enquanto grita por dentro. Louise. É a letra de Louise. Porquê? Porque teria a sua amiga feito aquilo?

— Cá está ele. — Estende-lhe o cartão. — Porque é que precisas de falar com ela? Descobriste alguma coisa?

Emilia conta-lhe todos os pormenores sobre a carta e o cartão de aniversário de Louise.

— De maneira que agora acho que só pode ter sido ela a estar por trás disto tudo — diz-lhe, apontando para o pequeno escrito e para o cartão que pousou em cima da bancada.

Elliot pega-lhes e examina-os.

— Não acredito que tenha sido a Louise. Ela... ela ajudou-te, não ajudou? Quando a Jas desapareceu. Porque é que o faria, se tivesse sido ela?

— Não sei — exclama Emilia. — Já não sei nada. — Tem a cara a arder e suor a acumular-se na axilas. — Seja como for, vou mostrar isto à inspetora Murray — declara num tom resolutivo. — Que te parece?

Ele encolhe os ombros.

— Tudo bem, mas não me parece que prove nada. Podem ter imitado a letra para dar ideia de que foi coisa da Louise.

Emilia sente que estão a andar em círculos. Fica a olhar para Elliot enquanto ele serve um chá de menta para ambos.

— Toma, dizem que é revigorante. Preciso de voltar ao trabalho.

— Tens verificado as câmaras da aplicação ultimamente?

— Tenho. Há semanas que não aparece nada. Desde a noite em que vimos aquele homem... ou mulher... lá fora a rondar. Isto tirando o roubo da minha bicicleta, claro. Falaste disso à inspetora Murray?

— Ainda não. Mas vou falar.

— Verifico as câmaras todos os dias, sobretudo desde que a Louise... Por favor, não te preocupes. Aqui em casa estamos seguros. Temos câmaras, alarmes, tudo. Ninguém consegue cá entrar sem nós sabermos.

Mas a verdade é que alguém entrara. Para roubar a bicicleta. Emilia pestaneja, tentando apagar a recordação do momento em que encontrou Louise morta no seu apartamento. Um lugar onde ela deveria estar segura.

Elliot acerca-se dela, com a sua caneca de Super-Pai na mão, e beija-lhe o alto da cabeça.

— Dá cabo de mim não poder fazer mais para que te sintas em segurança.

— El...

Ele faz-lhe um sorriso triste, depois sai da cozinha.

Janine Murray está à sua porta passados vinte minutos.

— Estou hospedada num hotel em Kingston — diz ela à laia de explicação assim que entra. Depois olha em volta com aquele seu ar que enerva ligeiramente Emilia. — Só volto para o Devon daqui por uma semana.

Traz um casaco elegante e uma blusa com um laço folgado ao pescoço. Emilia dá por si a pensar se não terá calor. Não que esteja com ar disso. Irradia uma aura

de calma, ainda que cheire a tabaco, algo que tentou disfarçar com perfume.

Senta-se diante da mesa de tampo de carvalho e larga o casaco nas costas da cadeira do lado, enquanto Emilia vai buscar o copo de água que ela lhe pediu. Depois, revolve a ampla bolsa e tira de lá um maço de papéis atados com dois elásticos.

— Por acaso, ainda bem que me ligou. Já era minha intenção passar por cá hoje ou amanhã. O meu parceiro, o Saunders, apanhou um vírus qualquer e tem-me servido de tanto como uma viola num enterro. — Solta um suspiro e tira os elásticos. — Tenho aqui o seu manuscrito.

Emilia senta-se do lado oposto da mesa.

— Onde é que o arranjou?

— Estava ao lado da cama da Louise Greene.

Emilia engole penosamente em seco.

— Enviei-lho por *e-mail* para ela o ler. Deve tê-lo imprimido.

— É uma boa história, e uma leitura muito interessante. Suponho que, sendo da polícia, tenha sido a Louise a falar-lhe do assassino do louva-a-deus?

Emilia faz que sim com a cabeça, sem alento para abrir a boca.

— Já calculava. Preferia que mo tivesse contado da última vez que cá estive. Ter-me-ia poupado algum tempo.

Uma onda de calor inunda o rosto de Emilia.

— Peço desculpa.

A inspetora Murray prossegue:

— Só Deus sabe como é que a Louise estava a par de tantos pormenores sem nunca ter trabalhado no caso. Mas depois comecei a analisar o resto, e o enredo secundário com a personagem da Daisy chamou-me a atenção.

As costas de Emilia banham-se de suor.

— Então porquê?

— Porque ela acredita que a mãe foi morta pelo assassino em série. Mas o que realmente gostaria que me explicasse é como é que soube o nome de uma das vítimas reais.

— Não percebo onde quer chegar — diz Emilia, sentindo um aperto no estômago.

Não quer acreditar que aquilo esteja a acontecer-lhe. Todo aquele pesadelo começou com essa maldita história.

— Pois bem — a inspetora Murray ajeita os óculos no nariz —, como é que pode ter sabido que a Jennifer Radcliffe foi uma das vítimas do assassino em série?

Emilia engole em seco.

— Não... não passa de um nome inventado.

— Hum... — Tamborila com a caneta nos dentes. — Mas é interessante, a ser assim, que Jennifer Radcliffe fosse igualmente o nome da mãe da Louise Greene,

não lhe parece? E que o nome completo da Louise fosse na verdade Daisy Louise Greene, sendo Greene o apelido do pai. A dada altura, deve ter deixado de usar Daisy. Talvez quando se mudou do Devon para o Yorkshire. Ou quando entrou para a polícia. Pergunto-me se...

Mas Emilia não consegue ouvir mais. A cozinha começa a andar à roda e ela sai à pressa para ir vomitar.

Bebo pacientemente a minha água enquanto espero que Emilia regresse. Estava aqui sentada à minha frente, cada vez mais pálida, até que lhe desferi o meu golpe final, com que ela claramente não contava. Calculo que tenha fugido para a casa de banho para ir vomitar. Talvez seja o mesmo vírus que deixou o coitado do Saunders de rastos.

Tamborilo com a caneta nos dentes, a ponderar o meu próximo passo. Há algo muito perturbador neste livro, no que diz respeito a Louise, claro, mas sobretudo na forma como Emilia Ward acabou a escrever esta história. Porque haveria uma escritora capaz e bem-sucedida, com nove romances publicados, de roubar uma ideia de outra pessoa? E estou a supor que foi isso que aconteceu porque a história de Daisy neste O Último Capítulo é demasiado parecida com o passado de Louise. Ambas tinham mães chamadas Jennifer Radcliffe que foram mortas pelo assassino do louva-a-deus. Convenhamos que é demasiada coincidência. Ainda não sei como é que tudo isto se encaixa, mas pela primeira vez em muito tempo sinto que a identidade do assassino em série está exasperantemente perto.

Ergo os olhos ao ouvir passos no jardim. Um homem vem a sair de um daqueles sofisticados escritórios domésticos que apareceram por altura do confinamento. É bem-parecido, com ombros largos e cabelo escuro ondulado, umas ténues farripas grisalhas nas têmporas. Tem ar de fazer exercício — a camisa de linho deixa perceber os braços musculados. Fico a vê-lo inspecionar o jardim, e pergunto-me de que estará à procura. Estica-se e mexe em qualquer coisa perto da vedação. Talvez seja uma dessas câmaras ocultas. Não o censuro por as ter instalado. O que está a acontecer com Emilia é realmente desconcertante. E agora isto com Louise.

Ele volta-se e avista-me, uma estranha à sua mesa. Depois estuga o passo e atravessa o relvado a passos largos ao meu encontro, deixando marcas na relva ainda húmida. As portas envidraçadas estão abertas e ele avança direito à cozinha, o rosto franco e amistoso.

— Viva, calculo que seja a inspetora Murray. A Emilia disse-me que lhe ia ligar. Sou o Elliot, o marido dela.

Estica-se por cima da mesa para me apertar a mão.

— Muito prazer — respondendo num tom afável. — Lamento tudo o que está a acontecer à sua mulher.

Ele deixa pender os ombros e faz um ar desalentado.

— Obrigado. Tem sido horrível. — Depois o seu olhar pousa no manuscrito à minha

frente. — É o último livro da Em?

— Sim. Encontrei-o na mesa de cabeceira da Louise. Só não sei se o terá lido até ao fim.

— A minha mulher costuma pedir-lhe para verificar as questões de procedimento policial.

Aceno evasivamente com a cabeça. A sua linguagem corporal é interessante. A expressão é franca, mas a postura, de braços cruzados, queixo espetado, tem qualquer coisa de defensivo. Não tenciono acrescentar mais nada até ter falado com Emilia.

— Cá está ela — diz ele carinhosamente quando Emilia entra na cozinha, ainda um pouco cambaleante, a pele lustrosa.

Ela faz-lhe um sorriso pálido e ele enlaça-a pelos ombros num gesto quase possessivo. Percebo que é um desses sujeitos másculos que veem as esposas como alguém de quem cuidar, a quem sustentar. Não que isso seja mau, suponho, embora não faça o meu género. O meu ex, Julian, e agora a minha namorada, Kim, veem-me, espero eu, como uma pessoa forte e independente. Mas Emilia é pequenina, mal chega ao ombro de Elliot. Imagino que muitos homens se prontificariam a protegê-la. Parece uma jovem Goldie Hawn. Subtrai-se ao abraço e volta a sentar-se. Elliot não parece fazer tensões de se ir embora, e agarra o espaldar da cadeira da mulher.

— Podes ir, El. Isto é tudo muito entediante.

Ora aqui está um pormenor curioso. Claramente, Emilia não quer que o marido ouça a nossa conversa.

— Certo, tudo bem. Vou... Bom, até logo, sendo assim.

Parece pouco convencido, e faz um sorriso hesitante. Depois despede-se de mim e reencaminha-se para o jardim.

Assim que ele sai, Emilia solta um longo suspiro.

— Sente-se bem?

Ela faz que sim com a cabeça e beberica um pouco de água.

— Não comi nada de jeito hoje. Vou fazer uma sanduíche. Faço também para si?

Dispensio, explicando-lhe que já almocei, e fico a vê-la procrastinar atrás da ilha, a recolher condimentos e um pão de forma. Percebo que quer manter-se atarefada. A ilha fica atrás do lugar da mesa onde estou sentada, pelo que rodo a cadeira para me virar de frente para ela.

— Ora então, continue. Conte-me como é que acabou a escrever sobre a Louise e o homicídio da mãe dela.

Emilia interrompe o que está a fazer e lança-me um olhar reprovador.

— Não tive consciência de que estava a escrever sobre a Louise.

— Então como é que soube da história?

Ela continua a barrar o pão com tanto vigor que o desfaz.

— Tem de perceber que não é nada fácil estar sempre a engendrar este tipo de enredos — declara. — E há quase dez anos que ando a escrever sobre a minha inspetora Miranda Moody. Tinha perdido a inspiração, suponho, mas estava contratualmente obrigada a

escrever este livro. E, durante meses, não fiz outra coisa senão olhar para uma página em branco... — Interrompe-se e leva a mão ao peito. — Foi horrível. Falei disso à Louise e ela contou-me que tinha escrito um conto, quase uma espécie de diário, sobre uma rapariga cuja mãe tinha sido morta por um assassino em série, que era perfeito para um caso da Miranda Moody. Mas não estava interessada em dar-lhe seguimento. Disse-me que não tinha tempo para escrever um romance completo e que só tinha escrito aquilo por piada. E depois... ofereceu-mo...

— Deu-lhe a história já escrita? — pergunto, incrédula.

Emilia parece à beira das lágrimas. Fica muito corada.

— Sim. Bom, só os capítulos da Daisy. Não teria chegado para encher um romance, mas era suficiente para uma história paralela. Gostei de a ler, achei-a interessante, toda aquela coisa da rapariga que desconfia de que o pai do namorado lhe matou a mãe e é um assassino em série. Para mais, a Louise garantiu-me que nunca tinha dado o conto a ler a mais ninguém. Foi muito categórica quanto a isso.

— E acreditou nela?

— Acreditei. Disse-me que o tinha acabado há pouco. O resto, a investigação da Miranda Moody, já fui eu que acrescentei, mas baseando-me nas partes do assassino do louva-a-deus da história da Daisy.

Folheio as páginas.

— Quer dizer que a parte sobre a morte da Miranda, o desaparecimento da sobrinha e o assassinio do parceiro... de forma muito semelhante, diga-se, ao homicídio da Louise... tudo isso é seu?

Ela acena afirmativamente com a cabeça.

— Sim. Mas claro que a ideia para tudo isso surgiu depois de ter lido a história da Louise sobre a Daisy e o Ash, e sobre a busca da Daisy para encontrar o assassino da mãe. A alcunha de assassino do louva-a-deus foi ideia da Louise e, depois de ter isso e os capítulos da Daisy, o resto surgiu-me naturalmente. Sei que não é lá muito ético, mas a Louise não se importava. Como lhe contei, ela não estava interessada em ficar com a história. E eu nunca soube... jamais me passou pela cabeça... que era real, que na verdade a Daisy era a Louise, e que a história era sobre a mãe dela e o verdadeiro assassino do louva-a-deus. Achei que tinha sido tudo inventado por ela.

Percebo que está a contar-me a verdade. Retorna à mesa com a sua sanduíche e eu rodo para ficar de frente para ela.

— Pergunto-me porque é que a Louise terá querido que você escrevesse esta história — digo, pousando a caneta.

Ela franze o sobrolho, puxando uma cadeira e sentando-se. Agarra na sanduíche mas não a come.

— Não sei. Achei que estava só a tentar ajudar-me. Mas agora parece que tinha outro motivo...

— No seu livro, a forma como a tatuagem é aplicada é diferente.

— Nas partes da Daisy, dava ideia de ser um desenho, de maneira que pus o assassino a matar as outras vítimas da mesma forma. O... o assassino da mãe dela chegou a ser apanhado? No conto foi, claro está.

— Não. Se a Louise acreditava de facto que tinha sido o pai de um antigo namorado a matar a mãe dela, isso nunca se chegou a provar. É possível que o desfecho ficcional que engendrou fosse aquilo que gostaria que tivesse acontecido. Aquilo que devia ter acontecido. Ela alguma vez lhe falou de um homem chamado Martin Butterworth?

Emilia abana a cabeça.

— Que me lembre, não. Quem é?

— Apenas uma pessoa que nos chamou a atenção. Os homicídios recomeçaram em fevereiro do ano passado, após um hiato de dezasseis anos. Quando é que a Louise lhe deu esta informação?

— Na primavera passada. Em março. Comecei a escrever o livro pouco depois, em maio, creio.

— Não deixa de ser interessante que ela lhe tenha dado a história precisamente quando o assassino voltou a atacar, depois de uma pausa de dezasseis anos.

Emilia não diz nada, limita-se a fitar-me com um ar expectante, como se eu tivesse todas as respostas.

Uma brisa suave sopra por entre as portas abertas, e eu pousei a mão em cima do manuscrito para não deixar que as folhas voem.

— Andamos a vigiar de perto esse Martin Butterworth desde que a Trisha Banks foi assassinada, no ano passado. Temos uma testemunha que afirma tê-lo visto a rondar a casa dela antes do homicídio, além de que ela vivia num estúdio por cima do da irmã dele. E há outras coisas, mas ainda não dispomos de provas suficientes para uma condenação. E não houve mais nenhum homicídio. Até ao da Louise.

— Acha que foi esse Martin Butterworth que a matou?

— Não sei. A marca é diferente. Mas é certo que tem um filho, que por esta altura deve andar pelos trinta e muitos. Vou falar com ele para perceber se poderá ser o nosso Ash.

Emilia dá uma dentada no sanduíche e deixa-se ficar em silêncio, a mastigar. Não parece estar a apreciá-la por aí além.

— A verdade é que lhe liguei porque queria mostrar-lhe uma coisa — declara depois de engolir.

Levanta-se da mesa e dirige-se à ilha. Regressa com um cartão de aniversário e uma folha de papel. Volta a contar-me da noite em que a filha desapareceu.

— Acho que foi a Louise que escreveu esta carta. A letra é igual.

Pego no cartão e na carta e trato de os examinar. Ora aqui está uma coisa interessante.

— E se foi ela que esteve por trás desta carta, é provável que também tenha sido responsável por todas as outras coisas horríveis que me têm acontecido. Mas porquê? — pergunta, e apercebo-me da dor por trás dos seus grandes olhos azuis.

— Não sei — respondo. — Mas tenciono descobrir.

É com alívio que Emilia vê a inspetora Murray ir-se embora. Tem o corpo encharcado em suor e ainda se sente nauseada. Aquilo é pior do que pensava. Como é que pode publicar aquele livro agora? Vai ter de contar a verdade aos editores, que sem o saber tinha escrito sobre um crime real — um caso por resolver. E que partes do livro não foram escritas por ela mas pela filha de uma das vítimas. Enterra a cabeça nas mãos e geme. Uma onda de humilhação abate-se sobre ela e sente que vai vomitar outra vez. Como é que pode contar-lhes aquilo? Nunca mais voltarão a confiar nela. *O Último Capítulo* está neste momento nas mãos do revisor. O livro está quase pronto. Os primeiros exemplares para enviar aos críticos vão ser impressos no próximo mês. Oh, céus. Não consegue respirar. Deixa-se cair no degrau do fundo. Porque é que Louise lhe mentiu? Porque é que fingiu tratar-se de uma história ficcional? Não percebeu os problemas que aquilo poderia trazer a Emilia? Seria isso que lhe queria contar na noite em que morreu? Na mensagem de voz, dizia-lhe que lamentava. Seria por aquilo que a tinha feito passar? Ou estaria a tentar avisá-la?

Porque, se era Louise quem estava por trás de tudo — se estava a tentar assustá-la replicando os seus enredos —, por que motivo o fizera? E, a ser assim, quem a matara?

Está a pensar no passo seguinte quando Elliot entra vindo do jardim, trazendo consigo o aroma da relva cortada.

— Dei uma aparadela ao jardim — diz ele, largando os sapatos à entrada e arrumando-os cuidadosamente em cima do tapete. Tem uma folha no cabelo. — De repente dei por mim a vê-lo pelos olhos da inspetora Murray.

— Com certeza tinhas coisas mais interessantes para fazer no intervalo do almoço. Mas agradeço — acrescenta ao ver o seu ar desalentado.

Ele vai até ao lava-louça lavar as mãos. Tem a *T-shirt* manchada de suor por baixo dos braços.

— Como é que correu a conversa?

Emilia percebe pelo seu tom que está a tentar mostrar-se despreocupado.

Aquele seria o momento ideal para lhe contar o resto, para confessar tudo, mas

não é capaz. Ainda não. Não quer ter de passar outra vez pelo mesmo. Sabe que vai ter de lhe confessar que o livro foi parcialmente escrito por Louise, mas como havia ela de saber que as partes sobre Daisy eram verdadeiras, que eram sobre o passado da própria Louise? Também vai ter de contar aos seus editores. Toda a gente vai ficar desiludida com ela. O mais certo é o livro acabar no lixo. Ou, pelo menos, passar por uma reescrita profunda. Beija-o ao de leve na face.

— Conto-te mais logo. Agora preciso de sair.

Elliot fecha a torneira e fica ali espicado, com as mãos molhadas suspensas por cima do lava-louça.

— O quê? Aonde? Sabes que precisas de ter cuidado, mas andas sempre para aí de um lado para o outro.

— Tenho o meu alarme — diz ela, atirando-lhe uma toalha. Ele apanha-a e enxuga as mãos, depois dobra-a e volta a pendurá-la no sítio. — E desde a morte da Louise que não acontece nada, pois não?

— Ainda só passaram cinco dias.

— Mas se era ela que andava a fazer estas coisas todas, o que parece provável, a julgar pela carta, quer dizer que o assédio acabou.

Ele lança um suspiro e Emilia percebe que está a pensar o mesmo que ela: que o assassino de Louise continua à solta.

— A sério que devias ter mais cuidado, Em. Só até isto estar resolvido. — Agarra-lhe na mão. — Já não deve faltar muito, espero.

Ela afasta-se. Precisa de espaço, de ar.

— Não posso estar sempre metida em casa. Além do mais, daqui a pouco tenho de ir buscar os miúdos.

Quer ligar a Gina Osbourne, a jornalista, e voltar a perguntar-lhe quem é que a contactou a propósito dos incidentes. Acha que sabe a resposta, mas quer ter a certeza.

— Como queiras.

— Tenho cuidado, prometo.

Agarra na bolsa e no casaco, sai pela porta da frente e tranca-a atrás de si. Depois fica parada no acesso, sem saber onde se dirigir. Não quer estar completamente sozinha. Enfia-se no carro e dirige-se ao Richmond Park. Quando lá chega, encosta no parque de estacionamento, ao lado de vários outros veículos. Há gente suficiente à sua volta para se sentir segura, e vai ater-se aos carreiros mais movimentados.

Gina atende ao primeiro toque.

— Emilia — exclama ela, aparentemente satisfeita ao ouvi-la, decerto na esperança de conseguir mais uma notícia.

— Olá — diz Emilia, já a dirigir-se para a Isabella Plantation⁴. Costumava lá

ir quando Jasmine e Wilfie eram pequenos e se maravilhavam com as plantas exóticas. — Espero que não se importe que lhe ligue assim sem avisar, mas queria só saber quem é que lhe deu a dica a meu respeito. Da primeira vez que me abordou.

— Expliquei-lhe que não posso revelar as minhas fontes.

— Foi algum contacto seu na polícia?

— Bom... — hesita — ...sim, foi.

— E esse contacto foi recentemente assassinado?

— Posso ir ter consigo?

Emilia reprime a irritação.

— Não pode simplesmente responder-me, por favor? É muito importante. Foi a agente Louise Greene que lhe deu a informação? Sabe que ela está morta, portanto não está propriamente a cometer uma infração ética se me contar.

Faz-se silêncio do outro lado da linha.

— Está bem, sim. Foi a agente Greene. Mas posso...

— Era só o que precisava de saber. Obrigada.

Desliga sem que Gina tenha tempo de acrescentar mais nada. Para junto ao pequeno riacho, a bater ao de leve com o telemóvel no queixo. Portanto, Louise queria que o que lhe estava a acontecer fosse publicitado. Porquê? Para que toda a gente ficasse com vontade de ler o livro de Emilia? E não apenas o livro de Emilia, mas a história da própria Louise?

Só havia um motivo para Louise querer fazer tal coisa. Estava a tentar obrigar alguém a sair da sombra e a desmascarar-se.

⁴ Jardim arborizado e vedado, criado no interior do Richmond Park, na zona sudoeste de Londres, e famoso pela sua coleção de azáleas. (NT)

Emilia tenta ligar a Drummond, o seu agente, para lhe pedir conselhos sobre a eventual suspensão do livro, mas a chamada vai parar ao correio de voz. Depois lembra-se de que ele está de férias no Japão com a família. Só espera não lhe ter telefonado a uma hora que para ele é a meio da noite. Desliga sem deixar mensagem.

Segue atrás de um jovem casal a passear com a filha pequena, cada um a agarrar-lhe numa das mãos rechonchudas, a mãe a apontar para as plantas e a dizer-lhe os nomes das diferentes azáleas e rododendros. Emilia fica impressionada. Nunca foi grande jardineira. Sente uma pontada de nostalgia dos tempos em que Jasmine, e mais tarde Wilfie, tinham aquela idade. Quando podia mantê-los a salvo, tê-los sempre debaixo de olho.

Não faz ideia do que fazer a seguir. Talvez devesse ligar à sua editora e contar-lhe tudo. Afinal de contas, como pode a publicação do livro ir por diante agora que está a par da verdade? Mas não é capaz. Além do mais, prefere falar primeiro com Drummond, aconselhar-se com ele. No fundo, talvez baste mudar o nome do assassino e alterar um pouco a história de Daisy, para que não se pareça tanto com a de Louise, e tudo se resolve. Aquilo não tem de ser o fim da sua carreira, como chegou a temer. Talvez não, se tratar das coisas com cuidado.

Deve ter sido tudo tão fácil para Louise quando Emilia lhe confessou que estava sem inspiração para a história do derradeiro livro de Miranda Moody. Fora a própria Emilia a entregar-lhe a oportunidade de bandeja. Decerto Louise tinha esperança de que alguém pudesse reconhecer o assassino do louva-a-deus — o homem que matara a sua mãe — a partir do livro. Sobretudo se este recebesse bastante publicidade, como era o caso. Todos os jornais nacionais pegaram na notícia, e Emilia recebeu mesmo convites da BBC2 e da Times Radio. Oh, como gostava de poder falar sobre aquilo com Louise! Enfurecer-se com ela, até, sobretudo pela forma como os deixara todos a pensar que Jasmine tinha desaparecido.

Aquela chamada falsa. Não admira que Louise se tenha mostrado tão ansiosa por desempenhar o papel de heroína. Sabia exatamente do paradeiro de Jasmine e de Nancy durante todo esse tempo. E o boneco do *troll*? Tê-lo-ia deixado na

cozinha de Kristin quando lá esteve, para desviar as atenções de si própria? Decerto Kristin presumira que se tratava de algum dos antigos brinquedos de Jasmine e não mais pensara no assunto. Emilia sente uma pontada de culpa ao lembrar-se da forma como acusou Kristin.

Está tão ocupada a pensar em Louise que, ao dobrar a esquina, não repara que toda a gente desapareceu e que já não segue na pegada da família com a menina pequena. O seu coração acelera quando se apercebe de que está sozinha.

Ouve passos atrás de si no carro e estuga o passo para se juntar a um grupo de pessoas paradas junto ao lago. Mas só se sente segura quando avista ao longe o seu carro. Tira as chaves da bolsa enquanto se encaminha até lá e deixa-se ficar com elas na mão, a postos. Está quase a chegar ao seu *Nissan* quando pressente alguém mesmo atrás de si, tão perto que lhe sente a respiração no pescoço. Dá meia-volta e vê-se frente a frente com um sujeito na casa dos trinta, cabelo espetado e olhos apáticos. Emilia espreita para trás dele. Há gente ali à volta. Se ele tentar fazer-lhe mal, pode gritar.

— Peço desculpa, não quis assustá-la — diz ele numa voz grave.

— Tem andado a seguir-me?

Parece-lhe o mesmo homem do outro dia no metro: tinha-a seguido colina acima até sua casa. Fica espantada quando ele faz que sim com a cabeça.

— Chamo-me Marcus Saunders. Sou agente da polícia. Trabalho com a inspetora Janine Murray.

Emilia dá um passo atrás para ficar mais perto do carro. Estará ele a mentir? Não tem como saber. Por que motivo a seguiria se é agente da polícia? Ele desencanta a identificação no bolso interior do seu blusão *Harrington* e mostra-lha.

— Peço desculpa por esta cena de capa e espada. Queria falar consigo sobre a Louise, mas a título não oficial. É que... — volta a enfiar o cartão da polícia no bolso — ...estou... Quer dizer, estava...

Pigarreia e começa a corar.

— Espere — exclama Emilia.

De repente, tudo se encaixa. Lembra-se da conversa que teve com Louise na última noite em que saíram juntas. Ela tinha-lhe falado de um namorado. Um colega. Emilia já não se lembrava do nome, mas agora tem a certeza de que se chamava Marcus.

— Era o namorado da Louise?

Ele acena afirmativamente com a cabeça, uma vez apenas.

— Fui eu que lhe falei da Trisha Banks. A última vítima do assassino do louva-a-deus. Não era hábito falarmos sobre os casos em que andávamos a trabalhar. Fazíamos por não pensar nisso fora do trabalho. Mas este assassino tinha reaparecido ao fim de dezasseis anos, de maneira que não me saía da cabeça. A Louise ficou branca quando lhe contei. Balbuciou qualquer coisa sobre pensar que

já tivesse acabado. Não explicou mais nada, apesar de eu ter insistido. — Um lampejo de culpa perpassa-lhe pelo rosto. — Não fazia ideia de que a mãe dela tinha sido uma das vítimas. Só há uns dias, quando falei com a minha chefe, é que percebi. E acho que, até eu lhe ter contado, a Louise nem sequer sabia que lhe chamávamos assassino do louva-a-deus.

— E isso foi em fevereiro do ano passado?

— Sim. Calculo que ela lhe tenha contado a história pouco depois. Lamento imenso, mas fui eu que pus tudo isto em marcha.

Emilia sente as chaves suadas na mão.

— A inspetora Murray está a par disso?

Ele abana a cabeça.

— Passei a semana inteira a fingir que estou enfiado no hotel com uma virose. Ver o corpo da Louise... não poder contar a ninguém o que ela representava para mim...

— Porque é que não pode contar a ninguém?

Ele enterra as mãos nos bolsos.

— A chefe não ia gostar nada de saber que eu falei sobre o caso, mas não é só isso. Agora que a Louise está morta, o mais provável era obrigarem-me a ficar de fora. É um caso muito mediático. Só queria que soubesse que, apesar daquilo que aconteceu, e a chefe pôs-me a par de tudo, a Louise tinha-a em grande conta, sabe? Só tinha coisas boas a dizer sobre si.

Emilia sente um nó na garganta.

— E disse-lhe alguma coisa sobre o que me estava a acontecer? Sobre um perseguidor que andava a replicar alguns dos enredos dos meus livros?

— Não, porquê?

— Acho que era ela que estava por trás disso. Acho que me contou a história para tentar desmascarar o responsável pelos crimes.

— Quer dizer que acha que ela sabia quem era o criminoso? Nesse caso, porque é que não contou à polícia? — Franze o sobrolho. — Parece-me uma forma bastante retorcida de lidar com o assunto.

— Não sei. Será que a polícia teria acreditado nela com base num palpite? Com base numa visão fugaz da nuca de um indivíduo ainda ela era criança?

Ele deixa pender os ombros.

— Não. Iam precisar de mais do que isso. De mais provas.

— Se calhar foi por isso que decidiu ser polícia — sugere Emilia. — Devia achar que o assassino da mãe tinha escapado impune e queria impedir que isso voltasse a acontecer.

— Era uma agente brilhante — declara ele. — Andava a estudar para o exame de sargento.

Emilia solta um suspiro.

— Que trapalhada. Quem me dera que ela tivesse sido franca comigo. Que me tivesse contado o que tencionava fazer. Talvez eu pudesse, sei lá, tê-la ajudado. Em vez disso, foi tudo tão desonesto. E também podia ter-lho confessado a si. Talvez você pudesse ter investigado as suspeitas dela, descoberto mais alguma coisa sobre esse homem que ela achava que era o assassino da mãe.

— Não deve ter querido colocar-me numa posição dessas — volve ele, remexendo a relva achatada pela chuva com a ponta da sapatilha. — Embora... — volta-se de novo para Emilia e semicerra os olhos — ...algumas vezes, no início deste ano, quando vim cá visitá-la... Pediu-me para ir a uma florista pagar umas flores e deu-me uma morada, que entretanto percebi que devia ser a sua.

Emilia fica boquiaberta.

— Então foi você!

Ele anui com um aceno de cabeça e faz um ar desalentado.

— E alguma delas era uma coroa de flores?

Um suspiro.

— Sim. Merda. Lamento muito. Não tinha noção do que estava a fazer. E ela devia estar desesperada para me ter envolvido.

Emilia avalia-o. Percebe que não queira pensar mal da mulher que amava. Emilia também não, mas é evidente que foram ambos usados.

— Contactou uma jornalista para lhe contar o que me estava a acontecer. Foi uma carta escrita com a letra dela e enviada a um rapaz do grupo de amigos da minha filha que me fez perceber que era ela que estava por trás de tudo.

Põe-no a par do desaparecimento de Jasmine e de Nancy.

Ele faz um ar pesaroso quando Emilia acaba de falar e enterra ainda mais as mãos nos bolsos do blusão.

— Ainda assim, nada disso explica quem a matou. E o mínimo que posso fazer é descobrir quem matou a mãe dela. E quem a matou a ela.

— Acha que também foi o assassino do louva-a-deus que matou a Louise?

No maxilar dele, um músculo contrai-se.

— Não sei. É possível, muito embora as marcas do inseto terem sido aplicadas de forma diferente. — Chega-se para trás. — Enfim, já lhe roubei demasiado tempo. Desculpe tê-la assustado. Não queria ir a sua casa e tornar isto oficial. Obrigado por me ter ouvido.

Dá meia-volta e afasta-se antes que Emilia possa dizer mais alguma coisa. Repleta de emoções contraditórias, fica simplesmente a vê-lo ir-se embora enquanto tenta dar sentido a tudo aquilo. Entra no carro e volta a pensar no motivo para Louise lhe ter contado a história. Talvez tivesse esperança de acicatar o assassino, sabendo que ele — ou alguém que ele conhecesse — haveria de ler *O Último Capítulo* e reconhecer o enredo. Mas e depois? E porquê agora? Por ele ter voltado a matar ao fim de dezasseis anos? Ou o motivo seria outro?

Frustrada, deixa-se cair para trás no assento.

O que é que lhe está a escapar?

Liga o carro, a cabeça à roda.

E é então que percebe.

Os relatos do jornal. Eram sobre coisas que estavam a acontecer-lhe e tinham sido tiradas dos seus romances anteriores, não de *O Último Capítulo*. Louise morrera antes de ter podido recriar essas últimas. Decerto estava a planear fazê-lo, para conseguir mais atenção. Mas achara por bem não começar por aí porque, se o tivesse feito, teria sido evidente para Emilia que conhecia a pessoa que estava por trás de tudo. O sucedido com Jasmine destinava-se claramente a imitar o subtexto das adolescentes desaparecidas de *O Último Capítulo*, só que Emilia não chegara a referi-lo quando falara com Gina Osbourne.

Nada na cobertura da imprensa mencionava *O Último Capítulo* nem fazia qualquer alusão à ação do romance, exceção feita a uma frase quase no fim do artigo a dar conta de um novo livro seu com lançamento previsto para o final do ano. Louise contactara Gina Osbourne cedo de mais. Devia ter esperado até ter posto em prática mais algumas cenas de *O Último Capítulo*.

Por conseguinte, se o assassino do louva-a-deus tinha vindo à procura de Louise, como é que podia ter sabido que o novo livro de Emilia era sobre ele? A menos que fosse alguém que já tivesse lido *O Último Capítulo*. *E as únicas pessoas que o tinham lido pertenciam ao seu círculo íntimo.*

O horror abate-se sobre Emilia quando as peças finalmente se encaixam.

Alguém que ela conhece é o assassino do louva-a-deus.

Saunders vai invulgarmente calado no carro na viagem de regresso ao Devon, e pergunto-me se ainda se sentirá indisposto.

— *Quer dizer que está a pensar se o filho do Martin Butterworth poderá ser o Ash do livro da Emilia?* — pergunta ele quando termino de o pôr ao corrente do que apurei sobre Louise Greene e Emilia Ward.

— *Isso é o que nós vamos descobrir. Ao que parece, o Anthony Butterworth vive atualmente em Torquay, onde gere uma residencial. Anthony e Ash. Ambos começam por «A». Talvez tenha sido intencional — avento quando paramos numa estrada secundária.*

Estaciono de marcha-atrás entre dois carros e dou graças por ter um Audi A3. Quando saímos de Londres estava a chover, mas agora o sol abrasador refulge nos capôs dos carros. Não há uma única nuvem no céu, apenas um bando de gaivotas que guincham de forma ameaçadora quando mergulham sobre uma sanduíche inacabada que alguém deixou em cima de uma mesa de madeira do jardim do pub ali próximo. Dispo a gabardina e atiro-a para o banco de trás. Saunders deixa-se ficar de casaco vestido.

— *É aqui perto, na marginal, segundo o Google Maps — diz ele de olhos cravados no telemóvel, quase se deixando atropelar por um ciclista.*

— *Eh, atenção aí, parceiro — grita-lhe o sujeito por cima do ombro.*

— *Este fazia bem em ter cuidadinho com quem fala — resmunga Saunders entre dentes, num tom sombrio.*

Claramente, passa-se alguma coisa com ele. Talvez ainda esteja adoentado, mas nunca o vi assim. Regra geral, não consigo que se cale. Quase sinto uma ponta de nostalgia pelo velho Saunders, algo que nunca teria julgado possível.

A residencial de Anthony Butterworth é um edifício vitoriano azul-pólvora voltado para a baía, com janelas de caixilhos pretos e uma porta de entrada branca que está aberta quando lá chegamos. Saunders olha-me de relance, depois encolhe os ombros e transpõe a soleira. A alcatifa de espirais vermelhas e douradas é tão berrante que o mais certo era dar connosco em surdos no karaoke, e Saunders volta a fazer um ar agoniado.

— *Caramba, que agressão aos sentidos — comenta. — Imagine entrar aqui de ressaca...*

É interrompido por uma porta interior que se abre para deixar passar um sujeito de aspeto acossado. Diria que é uns anos mais velho do que Saunders, talvez nos seus trinta e

muitos, cabelo com entradas e uns olhos azuis penetrantes. Ainda é bem-parecido, mas imagino que tenha sido bastante atraente na juventude. Será o nosso Ash?

— Andam à procura de um quarto? — pergunta-nos. — Ou vêm fazer o check-in?

Explico-lhe quem somos e mostramos-lhe a identificação. Ele faz um ar resignado, como se estivesse habituado a receber visitas da polícia. Conduz-nos por uma sala de refeições vazia até uma acolhedora sala de estar. Há um gato persa branco enroscado no canto de um sofá azul-marinho, e um punhado de pelos brancos na almofada mais próxima. Ele senta-se na poltrona em frente enquanto nós nos instalamos no sofá.

— Então, em que vos posso ser útil?

Avalio-o. É alto como o pai, mas as semelhanças ficam-se por aí.

— Pretendia apenas confirmar que é o filho do Martin Butterworth — começo.

Uma sombra perpassa-lhe pelo rosto.

— Há anos que não o vejo. Perdemos o contacto depois de a minha mãe se ter divorciado dele.

— E quando foi isso?

Ele puxa a bainha do seu polo Fred Perry azul.

— Ob... há anos. A seguir a ele ser preso. Eu devia andar pelos dezanove.

Tiro o bloco de notas do bolso e viro algumas páginas, a tentar ler os meus gatafunhos.

— Sei que é uma pergunta estranha, mas por acaso conheceu uma Daisy Greene na universidade?

Ele abre a boca para falar, mas somos interrompidos pela entrada de uma mulher. É baixa e franzina, com longo cabelo louro e um sorriso rasgado. Anthony apresenta-a como sendo a sua mulher, Sharon, e ela pergunta-nos se queremos um chá. Declinamos.

— Sendo assim, deixo-vos em paz — declara.

— Não. Fica, por favor — diz Anthony, algum desespero na voz.

Ela puxa um pufe de couro para junto da poltrona dele e senta-se. Parece pouco à vontade, pelo que lhe faço um sorriso tranquilizador.

— E então — recomeço —, conhecia-a?

Anthony abana a cabeça, o sobrolho franzido.

— Creio que não. Porquê?

— Portanto não namorou com ninguém com esse nome?

— Não, de certeza que não. E também não andei na universidade. O que é que isto tem a ver com o meu pai?

Olho de relance para Sharon, que dá ideia de querer fazer algumas perguntas a Anthony mas está educadamente à espera de que nos vamos embora.

— Só para que fique claro, não tem nenhuma relação com o seu pai?

— Tal como já disse, não. — O seu rosto agradável tolda-se. — É um misógino que batia na mulher.

Sharon estica-se e pousa-lhe uma mão consoladora no braço.

— Batia na mãe do Ant — diz baixinho. — E no Ant, quando ele era pequeno.

Anthony deixa pender a cabeça e sinto um assomo de fúria para com o pai dele.

— Lamento muito — digo, recalcando as emoções. Ouço coisas daquelas com demasiada frequência. — Acha-o capaz de matar alguém? — pergunto.

Pelo canto do olho, reparo que Saunders se chegou para diante, os cotovelos apoiados nas coxas.

— Não era coisa que me surpreendesse. É um psicopata frio e insensível. — Pega na mão da mulher. — Para ser sincero, foi um alívio quando o prenderam. A minha mãe pôde finalmente ver-se livre dele.

— Obrigado pelo tempo que nos dispensou — digo, pondo-me de pé e estendendo-lhe um cartão. Será que está a mentir a respeito de Daisy? É difícil perceber, mas vou pedir a alguém da minha equipa que verifique se de facto andou ou não na universidade. — Se lhe ocorrer alguma coisa que possa ser útil, qualquer coisa, por pequena que seja, por favor ligue-me.

Saunders levanta-se também, esticando as pernas.

Anthony leva-nos à porta e eu faço por não me sentir dececionada.

No caminho para a escola para ir buscar Wilfie, Emilia não consegue parar de pensar no assassino do louva-a-deus. Volta a ser atormentada por todas as suas anteriores inquietações, bem como por outras mais recentes. O horror de que talvez conheça um assassino em série. O terror de que ele possa decidir que é ela a próxima vítima. Tinha resolvido deixar Jasmine ir de autocarro para casa a seguir ao netbol, mas agora liga-lhe e deixa-lhe uma mensagem a dizer que vai buscá-la.

Tem de ser sincera com Elliot a respeito de tudo. Está na hora. E se ele a amar, e Emilia acredita que sim, vai perceber porque é que usou a história de Louise. Tem de parar de querer ser perfeita aos seus olhos, de se preocupar que ele a deixe se a fachada cair, como fez Jonas. Vai contar-lhe nessa noite.

Está a andar de um lado para o outro diante dos portões da escola, à espera de que Wilfie saia, quando vê Frances de pé, sozinha, à sombra de uma árvore. Veste um anoraque castanho, apesar do sol, e traz nos pés os práticos sapatos castanhos de sempre. Faz-lhe lembrar a diretora dos seus tempos de escola. Não a via desde a morte de Louise, embora tenha enviado a Toby um cartão feito por Wilfie.

— Olá — diz-lhe, aproximando-se timidamente. Sempre se sentiu algo intimidada pela personalidade irascível de Frances. Percebe por que motivo Louise não lidava bem com ela, ambas mulheres fortes que facilmente se entrechocavam. — O Wilfie vai ficar contente por o Toby ter voltado. Espero que vocês estejam bem, atendendo às circunstâncias...

Frances faz-lhe um sorriso hirto.

— Sim, neste momento é melhor para ele estar na escola com os amigos. É uma boa distração. — Ajeita a volumosa bolsa no ombro. Dá ideia de que não vai dizer mais nada, e Emilia deixa-se por ali ficar, indecisa, até que Frances atira: — Na altura, achei que a Louise não tinha procedido bem quando decidiu mudar o Toby de escola. Ele estava feliz em Kingston, mas ela mexeu uns cordelinhos para o transferir para aqui, apesar de ficar fora de mão tanto para ela como para mim e para o pai. Mas tenho de reconhecer que ele está a dar-se muito bem aqui. E sei que gosta muito do seu filho.

— O Wilfie também gosta muito dele. — Mas as palavras de Frances fazem soar uma campainha no seu cérebro. — A Louise não morava nesta zona até há

pouco tempo?

Frances abana a cabeça.

— Não, sempre morou em Kingston. Era lá que vivia com o meu filho e, depois do divórcio, num apartamento. O apartamento, enfim... — pigarreia — ...onde morreu.

Emilia sente uma reviravolta no estômago ao recordar a sua última visita e o corpo de Louise estendido de braços.

— Não fazia ideia — diz. — Quando a conheci, ela contou-me que tinha acabado de se mudar para Richmond e que era por isso que tinha inscrito aqui o Toby. E, uns dias antes da morte dela, encontrei-a em Kingston e disse-me que tinha acabado de se mudar para lá.

Frances cruza os braços diante do peito farto e mira-a de sobrolho franzido.

— A mim contou-me que ia inscrever cá o Toby porque já a conhecia a si.

Emilia fica desconcertada.

— O quê? Não, só nos conhecemos depois de o Toby se ter transferido para cá. A primeira vez que nos vimos foi num encontro matinal para pais de alunos do segundo ano.

— Não pode ser. Lembro-me perfeitamente de ela falar de si a mim e ao Mike. Foi um dos motivos por que ele concordou com a mudança de escola, ainda que não costumasse ter grande voto na matéria quando a Louise metia alguma coisa na cabeça. Mas é como lhe digo. A Louise sabia tudo sobre si. Sobre o Wilfie e o seu marido. Sobre os vossos amigos. Até sobre o seu sogro, o Trevor. Disse que o conhecia de quando ele esteve na polícia.

Apesar do sol escaldante de verão, Emilia sente um calafrio.

— Tem a certeza?

— Claro que sim. Tenho uma memória de elefante. Sei que não se deve falar mal dos mortos, e sob muitos aspetos até gostava bastante da Louise, mas às vezes tornava-se um tanto... obsessiva. E sempre me pareceu... se é que me permite, já que sei que ela era sua amiga... sempre me pareceu que era um pouco obcecada *consigo*.

Emilia fica sem palavras.

Frances sacode os caracóis grisalhos para trás.

— Enfim, sei que nem sempre nos entendíamos, mas fiquei muito triste com o que lhe aconteceu. E foi uma perda devastadora para o Toby. Era uma boa mãe.

Diz aquilo sem emoção, e Emilia abre a boca para acrescentar qualquer coisa, mas os miúdos correm nesse momento cá para fora, cada um a empunhar o seu girassol e a contar que o plantou na aula e que agora tem de o mudar para o jardim, garantia de morte certa se for deixado ao cuidado de Emilia. Sente um nó na garganta ao ver o rosto jubilante de Toby quando mostra orgulhosamente o seu a Frances. A velhota baixa-se para ficar à altura do pequeno e Emilia fica

surpreendida com a mudança que se opera nela. O seu rosto, ainda há pouco tão austero e fechado, é agora franco, meigo, caloroso. É como olhar para outra pessoa. Não há a menor dúvida de que adora o neto. Depois endireita-se e afasta-se com ele pela mão sem se despedir.

— Podemos plantá-lo quando chegarmos a casa? — pergunta Wilfie a caminho do carro.

— Claro, rapazinho — diz Emilia.

Mas continua a matutar no que Frances lhe contou. Louise tinha-a visado de forma intencional.

Mas porquê? Só para que ela pudesse escrever a sua história, ou seria mais do que isso? Pelo que Frances tinha dito, Louise já conhecia Trevor. Mas Trevor deixara a polícia há anos, decerto antes da entrada de Louise. Portanto, como é que ela o conhecia?

A casa está vazia quando chegam. Wilfie corre para o jardim para mostrar o girassol ao pai, depois volta a irromper pelas portas envidraçadas, deixando um rasto de lama até à cozinha, a desilusão estampada na carinha ainda de bebé. O girassol também parece algo caído, como se adivinhasse o seu estado de espírito.

— O pai não está no escritório — diz, estendendo o pequeno vaso castanho à mãe.

— Tens a certeza? Não me disse que ia sair.

Wilfie encolhe os ombros e tira os sapatos antes de ligar a televisão. Emilia retira-se para a cozinha, ainda a remoer as palavras de Frances. Relembra a conversa que teve com Louise no restaurante, na última noite em que foram jantar as duas. Teria ela aludido a Elliot ou a Trevor? Sim, sim, tinha. Agora que pensa nisso, é verdade que Louise sempre se mostrara curiosa relativamente ao seu sogro, o que para Emilia se devia ao facto de ele também ter sido polícia. Mas e se não fosse esse o único motivo?

Reprime uma onda de náusea quando de repente percebe. Louise tinha-a visado não apenas para que Emilia escrevesse a sua história — transferira Toby antes disso, e antes de ter ficado a saber que o assassino do louva-a-deus voltara a atacar —, mas por outro motivo.

Oh, santo Deus. Ocorre-lhe um pensamento terrível.

Grita a Wilfie que vai para o seu escritório e lança-se escada acima até ao sótão, onde liga o computador e abre *O Último Capítulo*. Faz deslizar o documento até às partes sobre Daisy e Ash, tentando lançar um novo olhar sobre eventuais indícios. Coisas de que não se tivesse dado conta quando estava a digitar o texto. Universidade de Exeter. Era onde Ash e Daisy se tinham conhecido. Elliot frequentara a Universidade de Exeter.

E um pescoço em forma de pernil e cabelo louro-acinzentado com um remoinho duplo. Poderia ser Trevor? Não tem a certeza — há anos que tem vindo

a perder lentamente o cabelo e o que resta é grisalho e cortado à escovinha.

Um parágrafo de «Daisy» salta-lhe diante dos olhos e Emilia lê-o com horror crescente.

Conversaram durante toda a noite no quarto de Daisy, revelando aos poucos mais e mais sobre si próprios à medida que a cerveja barata fluía. Ficou espantada quando Ash lhe falou de um esgotamento durante a adolescência.

Encaixava-se. Tudo se encaixava. Elliot crescera perto do mar. Frequentara Exeter e sofrera de ansiedade a ponto de ter deixado escapar alguns dos seus anos de adolescente.

Emilia sente o sangue gelar.

Tem estado tudo ali mesmo, debaixo do seu nariz, e ela nunca deu por nada.

Elliot é Ash.

E isso significa que Trevor, o seu pai, deve ser... mal consegue formular o pensamento... o assassino.

Emilia tem tantas perguntas a desfilar-lhe pelo cérebro. Será que Elliot sabe que é Ash? Nunca lhe referiu que era possível que tivesse conhecido Louise na universidade, mas nessa altura ela chamava-se Daisy. Ainda assim, seria de esperar que se reconhecesse a si próprio na descrição de *O Último Capítulo*. Ou será que não? Talvez não. Ainda não lhe contou que essa parte da história fora escrita por Louise. Mas o seu comportamento nos últimos tempos, a impaciência, as perguntas sobre a origem da ideia para o assassino do louva-a-deus, o não se ter dado por satisfeito quando Emilia lhe disse que não passava de uma coincidência. Porque sabia. *Já sabia*. Talvez não tivesse atingido que a Daisy do livro, que ele conhecera na universidade, era a sua amiga Louise. Afinal de contas, nunca se tinham cruzado.

Recorda o dia em que Jasmine desapareceu e ela ligou a Louise. Esta perguntara-lhe várias vezes com quem é que Emilia estava. Seria por querer evitar encontrar-se com Elliot? Se ele a tivesse visto, tê-la-ia reconhecido. E a noite do lançamento, quando não chegara a entrar: porque estaria realmente com tanta pressa para se ir embora? Seria por ter percebido que Elliot lá estava? Talvez tivesse partido do princípio de que ele ficaria em casa a tomar conta de Wilf.

Então e Trevor? Lê sempre os seus romances, apontando por vezes uma ou outra imprecisão que pudesse ter escapado a Louise. Sem dúvida que teria reconhecido a história se esta fosse sobre si.

Desliga o computador. Todo o seu corpo treme, e sente-se à beira do vômito. Terá Trevor matado Louise para a calar ao perceber o que se passava? Mas como podia ele ter sabido que Daisy era Louise? Nunca se cruzara com ela... ou será que sim? Oh, céus. Agarra-se à borda da secretária e soergue-se a custo, os joelhos a tremer. Precisa de se controlar. Wilfie está lá em baixo e ela tem de sair daí a dez minutos para ir buscar Jasmine.

Desce a escada quase abraçada à parede, não confia nas suas pernas. Wilfie continua no mesmo sítio onde o deixou, plantado diante do *SpongeBob*. De vez em quando solta uma gargalhada. Emilia reprime as lágrimas. Aquilo vai devastá-lo. Destruir a família. É possível que o avô seja um assassino em série, que...

Sobressalta-se ao ouvir bater a porta da frente, depois o tilintar das chaves

atiradas para a tigela da mesa do vestíbulo. Elliot entra na cozinha a assobiar uma música dos Oasis.

— Viva! — Estaca ao vê-la. — Estás com péssima cara. Passa-se alguma coisa?

Emilia prepara-se para responder quando ouve outra voz, igualmente familiar, vinda de trás dele. Elliot afasta-se para a deixar ver Trevor, ali parado com ar constrangido e braço ao peito.

— O meu pai teve um acidente no trabalho. Achei melhor ir buscá-lo e trazê-lo para cá uns dias. Não há problema, pois não?

Durante uns segundos, Emilia fica incapaz de responder, limita-se a olhar para Trevor, estupefacta.

O sogro exhibe a ligadura e arqueia uma das sobrelhas felpudas.

— Foi burrice minha. Caí a correr atrás de um larápio.

Tem uma nódoa negra a despontar numa das maçãs do rosto. Estará a dizer a verdade, ou terá ficado assim ao atacar alguém? O sorriso que trazia no rosto esfuma-se.

— Sentes-te bem, Em?

Elliot também está a franzir-lhe o sobrolho.

Só um esforço hercúleo permite a Emilia controlar as emoções. Não o pode deixar perceber que algo se passa enquanto não tiver falado com Elliot.

— Sim, claro. Instale-se à vontade, Trevor. — Não podia propriamente recusar. — Eu tenho de ir buscar a Jas, mas sente-se que o El faz-lhe um chá.

Trevor sorri-lhe timidamente e vai juntar-se a Wilfie no sofá.

Elliot estica o braço para o jarro eléctrico, liga-o e baixa a voz.

— Não te importas que ele cá fique, pois não? Sei que não é a solução ideal, mas disseram-me que podia ter um traumatismo craniano.

— Levo o Wilf comigo enquanto vou buscar a Jas. Sempre ficas mais à vontade para... hum... ajudar o teu pai.

Elliot arregala os olhos.

— Não é necessário.

— A sério, não me importo.

— Que se passa? — estranha ele, agora de olhos semicerrados.

— Nada. Wilf — chama Emilia.

Wilfie levanta-se a contragosto e arrasta-se até à porta. Elliot parece desconcertado enquanto ela conduz o filho até ao vestíbulo para calçar os sapatos.

— Tudo bem. Sendo assim, até já. Vai com cuidado.

Jasmine não para calada durante o caminho para casa, presenteando-a com as peripécias do jogo de netbol e dos três golos que marcou. Cheira a suor e a *spray* corporal.

É um alívio quando ela liga o rádio — a Radio 1 está a passar uma música de

dança qualquer — e se deixa ficar sentada a seu lado de olhos fechados. Wilfie vai no banco de trás a brincar com um carro de lego em que agarrou ao sair. Emilia tem de fazer apelo a toda a sua energia para se comportar normalmente.

Não sabe o que fazer a seguir. Precisa de falar com Elliot, mas não vai ser fácil com Trevor lá em casa. Podia ligar à inspetora Murray, mas corria o risco de ditar o fim do seu casamento se denunciasse o sogro sem ter falado primeiro com Elliot.

Para o carro no acesso, prostrada de medo e indecisão, sem vontade de entrar em casa e enfrentar a realidade. São seis da tarde e ainda está calor. De um jardim vizinho chega-lhe o som de vozes e de copos a tilintar, sinal de um entardecer estival numa noite de sexta-feira. Mais de uma semana depois de ela ter dado de caras com o corpo sem vida da amiga.

— Sais ou tencionas ficar o resto da noite aí sentada?

Jasmine já desceu do carro, as pernas macias de adolescente que emergem dos calções estão bronzeadas, tonificadas. A preciosa filha, tão bonita, prestes a partilhar o mesmo espaço que um assassino em série. Emilia vira a cara e respira fundo, a ganhar coragem.

— Mãe?

Wilfie já está parado à porta de casa.

— Vou já — diz ela.

O corpo pesa-lhe como chumbo quando sai do carro, destranca a porta da frente e segue os filhos casa adentro.

Jasmine larga o saco no vestíbulo e corre para o andar de cima, dizendo que vai tomar duche. Regra geral, seria Emilia a apanhá-lo — para evitar que Elliot se aborresse —, mas está sem energia. Jasmine tem quase dezasseis anos: devia ser ela a tratar disso.

Quando entra na cozinha, Elliot está a mexer a salada. Wilfie deixa-se cair ao lado de Trevor diante da televisão e as portas de correr estão abertas, deixando entrar uma bem necessária brisa.

— Que se passa? — pergunta-lhe Elliot baixinho quando ficam os dois a sós no extremo da divisão que serve de cozinha. — Aconteceu alguma coisa?

— Podes crer que aconteceu, foda-se — atira ela entre dentes. — E acho que vou dar em doida se não te falar nisso.

A preocupação de Elliot é quase palpável. É raro ela falar-lhe naqueles termos. Emilia olha de relance para onde Trevor e Wilfie estão sentados.

— É sobre o teu pai — diz-lhe apenas com os lábios.

Mas tem de lho repetir quando Elliot se debruça para ela, encostando a mão em concha ao ouvido.

— O que é que ele tem? — articula o marido da mesma forma silenciosa.

— Podemos ir falar para a outra sala?

Elliot volta-se para olhar para Trevor e Wilfie, mas estes estão abstraídos de

tudo, ambos a rir-se de qualquer coisa na televisão, de maneira que a segue até à sala de estar chique.

— O que se passa? — pergunta-lhe assim que ela fecha a porta atrás de si.

Oh, céus, por onde começar? Não pode propriamente atirar-lhe que acha que o pai dele é um assassino.

— Senta-te — diz-lhe, ao que ele se instala numa poltrona com um ar intrigado. Emilia senta-se na borda do sofá em frente. — Ainda não fui completamente franca contigo.

O ar desalentado dele é imediato.

— Como assim?

— O enredo da Daisy e do Ash no meu livro. Também é da Louise. — E explica como esta lhe deu a «história». — Quando a inspetora Murray cá esteve, contou-me que esse enredo era verdadeiro. Que Daisy é o verdadeiro nome da Louise. E que... — engole em seco, não consegue olhá-lo nos olhos — ...tudo aquilo é sobre o verdadeiro passado dela e o homicídio da mãe.

O rosto de Elliot é atravessado por uma miríade de emoções.

— Estás a gozar?

Emilia reprime as lágrimas.

— Achas-me com cara de quem está a gozar? Isto é uma puta de uma trapalhada. E eu não fazia a menor ideia de que era tudo verdade. A Louise contou-me que tinha inventado tudo e pôs-me à vontade para usar a história, porque ela não tinha tempo para escrever um romance.

— Mas a que propósito é que faria uma coisa dessas?

— Acho que foi uma tentativa impensada de contar ao mundo quem ela achava que tinha matado a mãe.

— Quer dizer que o assassino da mãe dela se chama Donald?

Elliot parece momentaneamente confuso.

— Não. Acho que isso é um nome inventado. Tal como o do Ash. — Conta-lhe a conversa que teve com Frances à porta da escola. — A Louise visou-me por um motivo concreto, e agora pergunto-me qual terá sido. Será porque o Ash és tu? E será possível que o teu pai seja o Homem dos Rabiscos?

Ele fita-a, boquiaberto.

— Achas... achas que o meu pai é esse assassino em série?

— Não sei o que achar. — Põe-se de pé e começa a andar de um lado para o outro pela sala. Ainda se sente vagamente o cheiro do *Lloyd*. — Nunca falámos muito sobre os teus tempos na universidade, mas sei que andaste em Exeter.

— Sim. Literatura Inglesa.

— Andaste com a Louise? Ou com a Daisy, melhor dizendo, já que devia ser esse o nome dela na altura?

— Hum... — Elliot franze o sobrolho. — Não sei. Quer dizer, tive umas

quantas namoradas na universidade. Nada de sério. Mas não me lembro de andar com nenhuma chamada Daisy. Não me reconheço... não me reconheci na tua história, se é aí que queres chegar. Mas agora que falas nisso, suponho que haja algumas semelhanças... Realmente cresci perto do mar e passei por uma fase um bocado gótica, mas nunca nenhuma das minhas namoradas ficou em minha casa enquanto andei na universidade. Aliás, no Natal de 2005 já lá não estava. Acabei o curso nesse verão. Não me parece que seja eu o Ash e tenho cem por cento de certeza de que o meu pai não é o cabrão do assassino do louva-a-deus. Credo, Emilia, nem acredito nisto.

Emilia tira o telemóvel da bolsa e abre a notícia sobre Louise. Traz uma fotografia dela, embora já tenha alguns anos. Apesar de tudo, ainda lhe aperta o coração saber que a amiga está morta. Planta o aparelho diante da cara de Elliot.

— Reconhece-la? Ocorreu-me que nunca cheguei a apresentar-vos. Ela parecia sempre relutante em cá vir, em cruzar-se contigo... contigo e com o teu pai. Seria por isso? Porque sabia que iam reconhecê-la?

Elliot pega no telemóvel e examina a fotografia. Depois ergue o olhar para ela, os olhos negros arregalados.

— Posso afirmar com toda a franqueza que não a reconheço.

Emilia sempre teve dificuldade em ler as expressões do marido. Seria ele capaz de lhe mentir?

— Diz aqui que ela tinha trinta e cinco anos. Eu tenho quase trinta e nove, mais três do que ela — declara Elliot.

Ela tira-lhe o telemóvel da mão.

— Sim, Elliot, sei muito bem qual é a tua idade. Nem toda a gente entra para a universidade logo aos dezoito.

Ele põe-se de pé.

— Mas eu entrei! Isto é ridículo. Nunca te mentiria, apesar de todas as mentiras que tu me contaste. Se achasse que este Ash era eu, dizia-te. Porque é que havia de te mentir?

— Para protegeres o teu pai.

Ele solta uma gargalhada triste.

— Sim, claro, porque não? Claro que ia querer proteger o meu pai, o assassino em série. — Abana a cabeça, incrédulo. — Se achasse que o meu pai estava por trás desses homicídios, jamais o deixaria aproximar-se de ti e dos miúdos. Espero que saibas isso. — Aproxima-se de Emilia erguendo a mão à sua frente, como se esta fosse um animal perigoso que ele não soubesse ao certo se morde. — Francamente! Sei que estás à procura de respostas, mas tem dó... O meu pai é um bom gigante. Não faz mal a uma mosca.

Emilia passa a noite às voltas na cama a pensar em Trevor e em Louise. Não sabe se há de acreditar no marido. Talvez Louise tivesse um aspeto diferente na universidade. Afinal, passaram-se quase vinte anos. Acredita nele quando lhe diz que jamais protegeria o pai se achasse que ele era um assassino — mas a verdade é que pode não saber. Quem é que quer acreditar que uma pessoa que ama seja capaz de crimes tão hediondos?

Não é a primeira vez que lamenta não poder perguntar a Louise.

Precisa de falar com a inspetora Murray. Sente que é uma traição para com o marido, mas precisa de transmitir as suas suspeitas a um agente da autoridade. A alguém que possa verificar os antecedentes de Trevor. Descobrir se Louise terá chegado a apresentar alguma queixa contra ele. Com certeza haverá um registo desse tipo de coisas. Louise contara a Frances que conhecia Trevor. Como?

— Um cêntimo por eles — diz Trevor, arrancando-a aos seus pensamentos.

Emilia levanta os olhos da tigela de *muesli*. Toda a família está sentada à mesa de refeições, a olhar para ela: decerto tinham estado a conversar enquanto ela se perdia num mundo só seu. Vê Elliot lançar-lhe um olhar de advertência do outro lado da mesa.

— Só ideias para o novo livro — mente.

Trevor soergue uma sobancelha.

— Ótimo. Já podes revelar de que é que trata? Fiquei triste por *O Último Capítulo* acabar com a morte da Miranda Moody.

Emilia olha-o de relance: a sua expressão é insondável. Porque terá aludido à morte de Miranda? Será alguma ameaça velada? Será que desconfia de que ela sabe o que ele fez?

O *muesli* é como serradura na sua boca.

— Hum, ainda não.

Levanta-se e leva a tigela para o lava-louça.

Jasmine levanta os olhos do telemóvel. Ainda está de pijama, cabelo desgrehado.

— Acabei de receber uma mensagem do pai — anuncia. — Diz que passa por cá esta manhã.

O rosto de Elliot tolda-se, mas ele não diz nada. Raios, Emilia nunca mais se lembrou de que tinha dito a Jonas que podia aparecer.

— Não devias estar com o telemóvel à mesa — resmunga Elliot à laia de resposta.

Jasmine ignora-o.

— Porque é que ele cá vem? — pergunta a Emilia. — Não é nada costume. Porque é que não vou lá passar este fim de semana?

— Vou-lhe ligar — declara Emilia, aliviada por ter um pretexto para sair da cozinha.

Sente que não consegue respirar quando está perto de Trevor, como se ele sugasse todo o oxigénio da divisão.

Enfia-se no quarto dos brinquedos, um espaço acolhedor nas traseiras da casa, atrás da sala de estar chique. Consiste numa *PlayStation* e em prateleiras com livros infantis e lego. Elliot não gosta de ter desenhos e ímanes no frigorífico da cozinha, de modo que é ali que Emilia pendura os desenhos de Wilfie, com pequenos grampos presos a um fio que serpenteia pela sanca da divisão. Lembra-lhe a sua sala de aula da instrução primária, e adora-o. Os miúdos, tal como ela, precisam de um espaço onde possam desarrumar tudo.

Marca o número de Jonas. Quando ele atende, dá ideia de estar a falar pelo sistema de mãos-livres do carro.

— Estou a caminho — diz sem sequer um «olá», e Emilia percebe que continua irritado com ela.

— Desculpa, a sério — balbucia em resposta. — Aquilo da Kristin. Precipitei-me. Não foi ela.

— Eu sei que não foi — volve ele, mas parece aliviado.

— Peço-lhe pessoalmente desculpa quando for buscar a Jas amanhã à noite.

— Quer dizer que ela pode passar cá o fim de semana?

— Se vocês não se importarem.

— Claro que não nos importamos. É sempre bem-vinda. Sabes disso. Diz-lhe que pegue nas coisas dela. Estou aí dentro de dez minutos.

E termina a chamada.

Emilia regressa à cozinha para contar a Jasmine, e a filha corre ao andar de cima para se arranjar. Wilfie está a debater com Elliot os prós e os contras de terem um cão.

— Só não queres ter um porque achas que armam confusão — lamuria-se ele.

— Não, parceiro, não é por isso. É porque dão muito trabalho.

Wilfie empurra a cadeira para trás, o lábio a tremer.

— Não é justo. Todos os meus amigos têm animais de estimação. Nós nem sequer temos um hámster.

— Devias deixar o Wilf ter um animal de estimação, filho — diz-lhe Trevor.

— Sim, isso, obrigado, pai. Até parece que vivíamos rodeados de animais de estimação quando eu era pequeno.

— Só porque a tua mãe era alérgica. É bom as crianças terem um animal de estimação.

Emilia sente uma reviravolta no estômago.

— Wilf, vai-te vestir — ordena-lhe da porta, ao que o filho sai disparado da cozinha, passando por ela de raspão, a fúria estampada no rosto.

— Muito bem — diz Trevor, engolindo o resto do café e levantando-se. — Acho que volto hoje para casa. Não quero estar a atrapalhar-vos.

Parece cansado.

Elliot levanta-se também e leva a tigela e a caneca do pai para o lava-louça.

— Não estás a atrapalhar ninguém, pois não, Em?

— Não, claro que não.

A mentira cola-se-lhe à garganta. Terá sido aquela a última cara que Louise viu antes de ser assassinada? Sente-se agoniada só de pensar nisso.

Elliot afadiga-se de volta do pai, rodeando-o de almofadas, abrindo as portas para o sol entrar e ligando a televisão num canal de futebol para ele ver. Depois agarra em Emilia pelo braço e condu-la para o corredor.

— Tens de parar com isto. O meu pai é um homem de idade.

— Tem sessenta e dois anos e está em melhor forma do que eu.

— Não é nenhum assassino — silva ele. — Como é que podes pensar uma coisa dessas?

— Já não sei o que pensar.

São interrompidos pelo toque da campainha, e a aplicação do telemóvel avisa-a de que é Jonas. Elliot abana a cabeça, contrariado, e volta para a cozinha, fechando a porta atrás de si. Jasmine corre escada abaixo, vestida de forma descontraída com as suas habituais calças de ganga largas e o cabelo apanhado num jovial rabo de cavalo. Emilia fica aliviada por tê-la fora de casa durante o fim de semana, longe de Trevor.

— Levas tudo?

— Sim — diz ela, pondo os auscultadores ao pescoço e a mochila às costas.

— Ótimo.

Emilia abre as portas que dão para o alpendre. Depois demora algum tempo a destrancar a pesada porta de entrada e ocorre-lhe, não pela primeira vez, até que ponto ia a sua ingenuidade quando a deixava destrancada. Mas nem por isso deixa de sentir alguma nostalgia da pessoa que era antes de tudo aquilo começar. Agora desconfia de todas as pessoas que conhece.

Jonas está de pé no cimo dos degraus com as mãos nos bolsos dos calções. Emilia olha de relance para trás de si para se certificar de que Jasmine não consegue ouvi-la, mas vê a filha a atravessar o vestíbulo a caminho da cozinha,

supõe que para se despedir de Elliot e de Trevor. Volta-se outra vez para Jonas.

— Peço desculpa, uma vez mais, pelo que aconteceu com a Kristin.

Ele observa-a por entre os olhos semicerrados.

— Perdeste muito peso, Em. Vejo que tens passado um mau bocado, de maneira que entendo. E sei que a Kristin acabou por não se revelar uma boa amiga, mas jamais faria uma coisa destas.

— Eu sei — diz Emilia numa voz sumida.

Ele franze a testa com um ar preocupado.

— Está tudo bem? Chegaste a descobrir quem foi?

— Foi a Louise, se queres saber. Descobri depois de ela ter morrido. É uma longa história. Um dia conto-ta.

— A tua amiga da polícia? Porra.

— Eu sei. É...

Jasmine aparece à porta.

— Olá, pai. Até amanhã, mãe.

Debruça-se para depositar um beijo na face de Emilia. A sua filha adolescente, que já está bem mais alta do que ela. Abraça-a com força.

— Adoro-te — diz-lhe por entre os cabelos.

— Também te adoro.

Jonas lança-lhe um sorriso preocupado e Emilia fica a ver a filha e o ex-marido entrarem para o *BMW* dele, estacionado no acesso atrás do seu carro. Nesse momento, tudo o que queria era poder pegar em Wilfie e ir com eles.

Wilfie vai passar a noite a casa do seu amigo Ben, ali perto, em St. Margarets, e Emilia dá graças por deixar Elliot e Trevor para trás quando se mete no carro para ir lá levá-lo. O filho já arrebitou depois da discussão com Elliot sobre animais de estimação, e está empolgado por passar a noite em casa do amigo e dos seus dois *cockapoos* felpudos. Depois de o deixar e conversar um pouco com a mãe de Ben, prometendo ir buscá-lo às duas horas da tarde do dia seguinte, volta a meter-se no carro e segue para Marble Hill Park.

É um alívio ter ambos os filhos longe de casa e em segurança. Continua sem saber se deve acreditar em Elliot quando este lhe diz que não é Ash. Quer acreditar no marido. Tal como quer acreditar que Trevor está inocente. Mas não consegue pensar com clareza. Tem a desconfiança e a paranoia a obstruírem-lhe o cérebro. Sai do carro e deambula um pouco pelos jardins de Marble Hill House, a cabeça a ferver. O que há de fazer?

Decide ligar a Ottilie.

— Olá — atende ela. — Estás boa?

— Ainda estás em Londres ou já te meteste num avião para um lado qualquer?

Ottilie ri-se.

— Fazes a minha vida parecer bem mais glamorosa do que é. O único sítio onde vou é à Alemanha ver o meu pai. Seja como for, estou em Londres. Está tudo bem?

Emilia solta um suspiro.

— Nem por isso. Tenho tanta coisa para te contar. Tanta coisa que descobri. Céus... podemos encontrar-nos?

— Hoje não consigo. Que tal amanhã?

— Claro — declara Emilia — Podíamos ir almoçar.

— Importas-te de vir até ao meu apartamento? Este fim de semana estou a tomar conta da gata de uns amigos. Aproveitaram o feriado e foram passar uns dias fora, e a bichana está muito agitada.

— Tudo bem. Levo qualquer coisa para petiscarmos.

— Fantástico. Contas-me tudo nessa altura. Mal posso esperar.

Sopra-lhe um beijo telefónico e desliga.

Regra geral, costuma ficar mais calma depois de falar com Otilie, mas a dúvida continua a atormentá-la. Tem de contar aquilo que sabe à inspetora Murray. Mesmo que esteja enganada. Não pode esperar nem mais um segundo se quer continuar de consciência tranquila. Detém-se um pouco para marcar o número, os dedos a tremer, depois espera. A inspetora Murray atende quase de imediato.

— Estou?

— Fala a Emilia Ward. Queria...

— Ah, Emilia. Ainda bem que ligou. — Parece estar perto do mar. — Ia mesmo agora telefonar-lhe. Recebi uma chamada de um dos meus colegas da Polícia Metropolitana a contar que apareceu uma testemunha no caso da morte da Louise Greene.

O coração de Emilia acelera.

— Certo. — Para à sombra de uma árvore, encosta-se ao tronco e fecha os olhos.

Será agora? Será que alguém viu Trevor?

— Foi avistada uma pessoa a fugir de bicicleta por volta da hora da morte da Louise.

— Um homem?

— Sim, parece que sim. Tinha uma camisola com capuz e um fato de treino escuro. E os meus colegas encontraram uma bicicleta abandonada no terreno por trás do apartamento da Louise. Verde fluorescente. Estão neste momento a verificar o número de série.

Uma bicicleta verde fluorescente. *A bicicleta de Elliot.*

— Acho que pertence ao meu marido — começa ela.

Depois põe a inspetora Murray a par de tudo.

5 Raça híbrida de cães, resultado do cruzamento entre o caniche e o *cocker spaniel*. (NT)

Emilia explica-me tudo, todas as descobertas que foi fazendo ao longo dos últimos dias. Estou sentada no muro perto de mais um estúdio, a olhar para as crianças que chapinham à beira-mar nos seus calções e fatos de banho, desfrutando deste glorioso fim de semana prolongado, sem consciência dos horrores a escassas ruas de distância. Os ombros começaram a arder-me um pouco, mas deixo-me ficar sentada, imóvel, enquanto Emilia fala. E fala depressa, de forma ofegante, mas há outra inflexão na sua voz, emoção. As palavras prendem-se-lhe na garganta quando fala do sogro, e não posso senão imaginar até que ponto deve estar a sentir-se traída.

— *A Louise visou-me de forma intencional — diz. — Descobriu com quem eu era casada, quem é o meu sogro... Mas se acreditava que o Trevor era o homem que procurou durante todos estes anos, porque é que não foi à polícia? Será que... — Aclara a garganta. — Sabe se ela alguma vez apresentou alguma queixa contra ele? Foi por isso que ele saiu da polícia?*

— *Vou averiguar, mas palpita-me que não tivesse qualquer prova, de maneira que não podia propriamente ir à polícia. Porque é que terá decidido contar-lhe a história quando contou? — pergunto, pois ocorre-me que Louise podia tê-lo feito em qualquer altura.*

Porquê esperar se já conhecia Emilia há quase dois anos?

— *Porque ficou a saber que ele tinha atacado outra vez ao fim de um interregno de dezasseis anos e queria que a verdade fosse conhecida, presumo. Que viesse a público. E coincidiu com o meu bloqueio criativo. Se calhar achou que, se eu escrevesse sobre o caso, o Trevor ia concluir que ela me tinha contado e tentar fazer alguma coisa...*

— *Mas isso colocava-a a si em perigo.*

Ela solta um suspiro e a voz fraqueja-lhe.

— *Acho que estava tão empenhada na vingança que não se preocupava com o que pudesse acontecer aos outros. Quer dizer... fez-me aquelas coisas todas. Transformou a minha vida num inferno durante meses e depois ficou ali sentada no restaurante enquanto eu lhe contava... O Elliot diz que não é o Ash. E eu quero acreditar nele, mas...*

Franzo o sobrolho e empurro os óculos escuros para o alto da cabeça.

— *Não pode tirar conclusões precipitadas, Emilia. Deixe o trabalho policial para mim. Mas obrigada por me contar, e fique descansada que vou investigar o seu sogro. Dou-lhe notícias logo que possa.*

Desligo a chamada. Acendo um cigarro e deixo-me ficar sentada no muro, a inalar profundamente. Quando voltar para a esquadra, vou tratar de investigar Trevor Rathbone, mas, por ora, preciso de voltar ao trabalho.

Salto do muro, sentindo-me como se tivesse cem anos, e regresso ao modesto estúdio onde tenho à minha espera mais uma vítima do assassino do louva-a-deus.

Emilia ainda está a pensar na conversa com a inspetora Murray quando estaciona o carro no acesso. Sente-se como se lhe tivessem tirado um peso dos ombros. Agora entregou o testemunho a outra pessoa, ela que faça o resto da corrida. Sabe que Elliot vai ficar furioso, mas não tinha alternativa.

Desliga a ignição e deixa-se ficar algum tempo sentada, o coração pesado, a fazer apelo a todas as suas forças para entrar em casa e enfrentar Trevor. Relembra a advertência da inspetora Murray sobre tirar conclusões precipitadas.

Engole em seco, o ácido a queimar-lhe o fundo da garganta. *Tu consegues*, diz para si própria, saindo do carro e entrando em casa. Ouve vozes vindas da cozinha. A porta está aberta: há um homem de pé a falar com Elliot e Trevor junto à ilha. Emilia tem a vaga ideia de já o ter visto antes e, quando lho apresentam como sargento Shawn Watkins, lembra-se onde. Conheceu-o na noite em que encontrou o corpo de Louise.

— Estou aqui para falar com o seu marido, senhora Rathbone — diz ele. — Sobre uma bicicleta.

Emilia volta-se para Elliot, mas ele não diz nada. Deixa-se ficar de olhos cravados no polícia. De modo que também Emilia se vira de novo para o sargento Watkins e fica a ouvi-lo repetir o que a inspetora Murray lhe contou ao telefone meia hora antes.

— Verificámos o número de série da bicicleta e está registada em nome do seu marido, Mrs. Rathbone.

Percebe pela expressão nos rostos de Trevor e de Elliot que já tinham sido informados daquilo antes de ela chegar e interromper a conversa. O sargento Watkins tem qualquer coisa na mão. Chega-se para diante e estende-a a Elliot. É uma fotografia de uma bicicleta de um verde garrido. Parece ser a dele.

— Esta bicicleta é sua, Mr. Rathbone? — pergunta Watkins.

Elliot pigarreia.

— Bem, sim. Quer dizer, parece a minha. É da mesma cor. Mas... — os seus olhos voltam-se para Emilia pela primeira vez desde que ela chegou — ...foi roubada. Há cerca de uma semana, não foi, Em? Temos provas. Estão na aplicação.

Emilia pega no seu telemóvel, sente os dedos grandes de mais enquanto o

manuseia desajeitadamente à procura da aplicação certa. Recua até à noite em que a bicicleta foi roubada, lembra-se de como ficaram ambos a pensar que tinha sido Louise a levá-la. Foi na noite anterior à sua morte.

— Aqui — declara, passando o aparelho ao sargento. — Vê-se claramente alguém a ir-se embora com ela.

Watkins olha para as imagens.

— Está tudo muito granuloso — declara. Depois ergue os olhos para Elliot. — Porque é que não participou isto?

— Fui eu que lhe pedi — diz Emilia, voltando a pegar no telemóvel. — Porque reconheci a marca do gorro e achei que talvez tivesse sido a Louise a levá-la.

— A agente Greene? Porque é que ela faria uma coisa dessas?

Emilia soergue os ombros.

— Não sei.

O sargento Watkins faz um ar sério.

— Uma testemunha acredita ter visto um homem numa bicicleta com esta descrição por volta da hora do homicídio da agente Greene. E agora esta bicicleta apareceu abandonada não muito longe do local.

Um raio de sol cria um reflexo num dos lados da cabeça calva de Watkins.

— Importa-se de vir até à esquadra responder a algumas perguntas? — diz ele a Elliot.

Era Trevor quem devia estar a ser detido. Talvez tenha sido ele que levou a bicicleta.

— Acabámos de explicar que a bicicleta foi roubada — declara Emilia. — Pode ver as imagens por si próprio! Se foi de facto a Louise a levá-la, o mais certo era estar no apartamento dela e o homem que a matou tê-la usado para se ir embora. Não percebo que necessidade tem de levar o meu marido para a esquadra.

— Não tem importância — diz Elliot, para sua surpresa. — Tenho todo o gosto em ir com o sargento. Não tenho nada a esconder.

— Concordo. É sempre melhor cooperar — declara Trevor, acenando encorajadoramente com a cabeça e dando uma palmada nas costas do filho, como se estivesse a agradecer-lhe uma bela refeição e não prestes a vê-lo ser detido.

Elliot roça os lábios pela face de Emilia ao passar por ela.

— Até logo. Não te preocupes, é só uma formalidade.

Emilia não consegue abrir a boca. Fica a vê-lo sair logo seguido por Watkins, deixando-a sozinha na cozinha — e na casa — com Trevor.

Por momentos, ficam os dois ali espcados, sem dizer nada.

— Emilia... — começa Trevor, aproximando-se dela, ainda com o braço ao peito.

Ela recua, lentamente, em direção à porta. Prepara-se para o que possa estar para vir. Se ele a ameaçar de alguma forma, tenciona atingi-lo no braço. Ou dar-lhe um pontapé nas virilhas. Ou...

— Emilia? Sentes-te bem? Pareces atterrada. Não te preocupes com o Elliot. Não lhe vai acontecer nada. O facto de poderem provar que a bicicleta foi roubada significa que qualquer um a pode ter usado para fugir.

Nada daquilo faz sentido a Emilia. Porque é que o polícia pediu a Elliot para o acompanhar à esquadra quando eles já lhe tinham explicado que a bicicleta tinha sido roubada? Será que o homem visto a fugir do local correspondia à descrição dele? Seria ele realmente capaz de matar para proteger o pai mesmo estando a mentir sobre não ser Ash? As perguntas giram-lhe na cabeça sem parar.

— Talvez tenha sido você a roubá-la — atira. — Tem a chave de casa. Sabe como desativar o alarme.

Recua para o corredor. Não muito longe da porta da frente.

Ele para, a testa franzida.

— De que é que estás a falar?

Por esta altura Emilia está junto às portas de vidro. Elliot deixou-as abertas e ela recua para o alpendre. Trevor volta a aproximar-se.

— Sei de tudo. Leu o meu livro, portanto, também sabe.

Tateia freneticamente a porta à procura do puxador, aliviada quando os seus dedos encontram a fresca maçaneta de latão. Roda-a e quase cai pelos degraus que descem até ao acesso. Sente-se mais segura ali fora. Pode gritar se ele tentar alguma coisa. Madge e Phil, os vizinhos do lado, hão de ouvi-la.

Mas Trevor está a olhar para ela com um ar confuso.

— Sei o quê?

— O livro! É tudo verdade. O assassino em série. O que aconteceu à Daisy e ao Ash. Foi a Louise. Foi tudo a Louise. Matou-a para a impedir de falar?

Ele abre a boca como se tivesse acabado de levar um murro no estômago.

— Não tente negar, Trevor. Tudo bate certo.

Ele abana a cabeça.

— Que bicho é que te mordeu? — Tem a desilusão estampada nos olhos. — Sei que tens passado um mau bocado, mas isto ultrapassa tudo, a sério. Acho que é melhor ir-me embora.

Emilia fita-o, a tentar ler-lhe o rosto. Mas é tão inescrutável como o do estupor do marido.

— Apanho um autocarro. Depois peço ao Elliot que leve o resto das minhas coisas.

Desce os degraus e Emilia chega-se para trás. Ele volta a abanar a cabeça e resmunga qualquer coisa entre dentes. Depois atravessa o acesso num passo irritado e desaparece rua abaixo.

A cozinha ainda cheira aos cigarros que Trevor fuma e se lhe pegam à roupa, mesmo que Elliot não o deixe fumar lá em casa. Emilia deixa-se cair numa das cadeiras da mesa de refeições. Sente que o seu mundo implodiu. Já tinha sido mau quando Jonas a traíra, tantos anos antes — achara que jamais conseguiria recuperar. Depois conseguiu o contrato para o primeiro livro e começou a escrever sobre Miranda Moody e, à medida que a sua personagem ganhava força, o mesmo foi sucedendo consigo. E a seguir conheceu Elliot e teve Wilfie e a sua vida parecia completa. Agora alguém lançou pela segunda vez uma granada para o seu mundo e ela não sabe se será capaz de lidar com os estilhaços, que são bem piores do que os da vez anterior. Como é que vai explicar tudo aquilo a Jasmine e a Wilfie?

Está calor na cozinha, o sol a derramar-se pelas portas envidraçadas, e Emilia sente o suor no fundo das costas. Apetece-lhe chorar, gritar. Sente-se mergulhada num pesadelo e não sabe o que fazer. Não quer envolver os seus pais. Louise está morta. Já sujeitou Jonas e Kristin a tanta coisa. A única pessoa que lhe resta é Otilie. Sabe que vai vê-la no dia seguinte, mas não consegue esperar. Precisa de falar imediatamente com ela.

Otilie atende ao primeiro toque.

— Olá, Mils.

Emilia desbobina tudo pelo telefone. Tudo. As suas suspeitas de que Trevor é o Homem dos Rabiscos e Elliot é Ash, e que a bicicleta dele foi encontrada no local do crime. Tudo. Dá-se conta do silêncio estupefacto de Otilie quando acaba de falar.

— Oh, Mils. Tens a certeza? Não consigo imaginar o Trev como um assassino em série. Quer dizer, é tudo tão... absolutamente hediondo. Não podes andar por aí a acusar pessoas com base numa coisa que a Louise escreveu... e o Elliot disse-te que não era o Ash. Não acreditas nele?

— Não sei em que acreditar — replica Emilia. — Não tenho feito outra coisa

senão rever tudo mentalmente, e não há outra explicação.

— Onde é que estão os miúdos? Queres que vá até tua casa? Oh, merda, tenho a gata.

Emilia explica que Jasmine e Wilfie foram passar a noite fora.

— Então vem tu para aqui! Precisas de uma pausa, de mudar de ares. Dormias cá e falávamos, revíamos tudo passo a passo.

— Boa ideia. — Funga. — Fico aí esta noite. Chego daqui a uma hora, mais ou menos.

Corre ao andar de cima, ao seu quarto, sem conseguir tirar Elliot da cabeça, imaginando-o numa sala de interrogatórios húmida e fria, a ser questionado uma e outra vez.

Atira o pijama e roupa interior para dentro de um saco, mas não consegue encontrar meias. O apartamento de Ottilie está sempre frio, mesmo no verão. Procura no sítio onde Elliot guarda as dele e encontra um par espesso e cinzento na mesa de cabeceira. Está prestes a fechar a gaveta quando a sua atenção se detém num objeto familiar. É um gorro, enfiado por baixo das meias. Agarra nele. Nunca viu Elliot de gorro. Não é coisa que faça o seu género. Costuma dizer que tem demasiado cabelo, e que os gorros lhe dão um formato esquisito à cabeça. Lembra-se de se rirem disso uma vez quando foram ao Harrods, pouco depois de se conhecerem, e se puseram a experimentar chapéus. Emilia dobrara-se sobre a barriga de tanto rir quando ele tentou calcar um por cima do seu cabelo tufado.

Mas não foi isso que lhe prendeu a atenção. Reconheceu o símbolo na parte da frente. É da mesma marca escandinava que o usado pelo ladrão que roubou a bicicleta do marido.

Outra vítima. Desta vez uma mulher chamada Suzanne Chambers, de quarenta e cinco anos, que se mudara para Plymouth há apenas um ano. Já são duas nos últimos dezoito meses, não contando com Louise. Porque estou convencida de que a morte da agente Greene foi algo completamente diferente. Não se encaixa no resto: não foi apunhalada, e a marca no tornozelo foi desenhada e não gravada. E há mais qualquer coisa neste caso que está a roer-me por dentro sem que eu consiga perceber o quê.

— Temos de apanhar este filho da puta — resmunga Saunders quando deixamos o pequeno apartamento, já da parte da tarde. Dista apenas algumas ruas daquela onde vive Lorraine Butterworth. Será coincidência? — Tenho esperança de que ele esteja a ficar mais desleixado. Duas vítimas com moradas tão próximas.

— Também eu — respondo, acendendo um cigarro enquanto nos encaminhamos para o meu carro.

Destranco-lhe as portas do Audi e fico cá fora a acabar de fumar.

Penso na conversa telefónica desta manhã com Emilia Ward e no seu medo de que o assassino seja o seu sogro. Depois de falar com ela, pedi à agente Michelle Doyle para verificar os antecedentes de Trevor, mas ainda não tive resposta. Também estamos a trabalhar de perto com a Polícia Metropolitana. Mandaram alguém averiguar onde é que ele esteve ontem à noite, quando a última vítima foi assassinada, e se tem algum álibi.

Esmago o cigarro e preparo-me para entrar no carro quando o meu telemóvel toca. É Matheson, um colega.

— Localizámos finalmente o fornecedor que andamos a tentar encontrar há meses, um Lee Fairbrother — anuncia ele numa voz triunfante. — Foi detido em França por causa de outra acusação. Mas conseguimos que cooperasse connosco naquela lista que queríamos.

— Dos sítios onde tem andado a vender produtos ilegais?

Incluindo cigarros de mentol.

— Isso mesmo.

— Excelente. Pode enviar-ma por e-mail, com cópia para o Saunders?

— É para já — diz ele, desligando.

Saunders já está instalado no banco do passageiro quando eu deslizo para trás do volante.

— Acabei de receber uma chamada do Matheson — digo-lhe enquanto ponho o cinto.

— *Acha que um tal Lee Fairbrother tem andado a vender cigarros de mentol a um quiosque perto da morada do Martin Butterworth. Fez uma lista de revendedores, de maneira que, se este quiosque constar da dita, você pode ir até lá e ver se alguém reconhece o Butterworth como comprador desses cigarros.*

Saunders endireita-se no assento.

— *Quando é que temos a lista?*

— *Ele está neste momento a enviá-la por e-mail.*

Indico-lhe o nome do quiosque e ele põe-se a percorrer o e-mail, até que dá um soco no ar.

— *Cá está ele* — *exclama.*

— *Ótimo. Deixo-o lá de caminho.* — *Viro à esquerda para o centro de Plymouth.* —

Além disso, preciso de confirmar se a mãe da agente Greene, a Jennifer Radcliffe, foi uma das vítimas do assassino do louva-a-deus. Encontrei algumas inconsistências nos registos que tenho estado a analisar.

Saunders baixa o telemóvel.

— *Tais como?*

— *A casa não foi arrombada, como em todos os outros casos. A porta estava aberta. Ela vivia nos arredores de Plymouth, numa aldeia, e não foi amarrada. Dei por mim a pensar se não terá sido antes uma tentativa de a fazer passar por mais uma das vítimas do assassino do louva-a-deus. Se eu estiver certa, bom...* — *volto-me para ele e sorrio* — *...isso muda tudo.*

Emilia fica com o gorro nas mãos e não consegue tirar os olhos dele enquanto se deixa escorregar para o chão. Imagina o marido, gorro a encobrir-lhe o cabelo, a esgueirar-se da cama ainda de madrugada, a desativar o alarme, a sair pé ante pé pela porta das traseiras, a contornar a casa e depois a entrar pela porta da frente para «roubar» a bicicleta. Enterra a cabeça nas mãos e geme, deixa cair o gorro para o colo, consumida pela desolação. Quisera tanto acreditar nele, mas que outra explicação podia haver para o gorro e para tudo o que daí resultava? Agarra nele e atira-o para dentro do saco, um soluço a escapar-lhe dos lábios. Tem de ir à polícia, mas a primeira coisa a fazer é sair de casa, não vá ele voltar.

Soergue-se do chão, puxa o saco para o ombro e sai porta fora. Todo o seu mundo implodiu e não consegue sustentar as lágrimas que lhe escorrem pela cara. Detém-se a olhar para a casa: a sua bela casa perfeitamente simétrica, com os imponentes pilares que ladeiam a porta da frente e as graciosas claraboias que sobressaem do telhado como grandes olhos de pálpebras caídas. Tinham ficado tão empolgados quando a agente imobiliária os levava a vê-la pela primeira vez. «Parece o desenho perfeito de uma casa feito por uma criança», tinha dito Elliot, maravilhado com as janelas de guilhotina e o reboco caiado. A casa de sonho de Emilia. Acreditara genuinamente que tinha uma segunda oportunidade de ser feliz, depois de Jonas, mas agora via-se envolvida em algo muito, muito pior.

Volta-se e desce o acesso pavimentado até à rua principal, cega pelas lágrimas. Limpa-as enquanto avança colina abaixo, a caminho da estação. O sol está a pôr-se, listrando o céu em bonitos tons de rosa e azul-esverdeado. Emilia sente o cheiro da relva cortada, dos passeios aquecidos pelo sol, de um churrasco: pessoas a viver as suas vidas, a jantar em família, a desfrutar de uma noite com amigos, aproveitando o facto de estar bom tempo e de terem um fim de semana prolongado.

Quarenta minutos depois, está à porta do apartamento de Otilie, que a envolve num enorme abraço. Quase não se lembra do trajeto, ou sequer de se enfiar no elevador antiquado do edifício da sua melhor amiga.

— Oh, Mils — diz ela, guiando-a para dentro de casa e até à acolhedora sala de estar. — Entra e senta-te. Servi-te um *brandy*.

É de bom grado que Emilia se deixa cair no amplo sofá de veludo. Adora aquela sala: paredes azul-escuras, sofás cor-de-rosa desmaiado, uma profusão de fotografias e pinturas de molduras douradas em todas as superfícies e tapetes persas a polvilhar o soalho de madeira maciça.

Um gato preto e branco com o nariz cor-de-rosa mia-lhe de um dos tapetes. Tem uma coleira xadrez, e algo desponta num recanto do cérebro de Emilia, uma recordação, mas depois desaparece e já ela está a pegar no líquido ambarino que Otilie lhe estende e a engoli-lo, deleitando-se com o ardor no fundo da garganta, e Otilie está dizer qualquer coisa sobre o gato, o *Smudge*, e que uns amigos lhe pediram para tomar conta dele. Passa o bichano a Emilia, e este aninha-se-lhe no colo, abrindo e fechando as patas sedosas no pano do seu vestido.

— É lindo — diz ela, afagando-lhe o pelo macio e recostando-se nas enormes almofadas de veludo.

Sente-se subitamente exausta. Precisa de contar a Otilie do gorro que encontrou, mas está tão cansada.

— É uma menina. Preparei-te o quarto de hóspedes — declara Otilie, afadigando-se de volta dela e entalando-lhe uma manta em volta das pernas, com o cuidado de não desalojar a *Smudge*, que entretanto lhe adormeceu no colo.

Pouco depois, também Emilia começa a sentir os olhos pesados.

Quando torna a abri-los, a sala está mergulhada na penumbra. Deve ter passado pelas brasas, o que não deixa de a surpreender. E agora sente-se grogue, de língua empastada. Mal pode acreditar que tenha conseguido dormir com toda a adrenalina que devia ter no corpo. A *Smudge* já não está no seu colo, e Otilie saiu da sala. Passa das dez. Talvez tenha ido para a cama, embora ainda seja demasiado cedo para os horários dela. Deixou um candeeiro de mesa aceso a um canto, lançando sombras para a parede oposta, mas o resto da sala está completamente escuro.

Emilia levanta-se, já repousada, a ansiedade de novo a subir à tona. Ainda tem vestido o blusão de ganga em que agarrou ao sair porta fora, e leva a mão ao bolso à procura do telemóvel. Vê que há três chamadas perdidas. Uma de Trevor e duas da inspetora Murray. Ambos deixaram mensagens de voz. Dirige-se à ampla janela de sacada de Otilie e abre as pesadas cortinas. A Lua já se ergueu, roliça e brilhante no céu. Ouve primeiro a mensagem de Trevor, estremecendo ante o desespero na sua voz.

Onde é que estás? Voltei lá a casa para ver de ti e saber se tinhas notícias do Elliot, mas tu não estavas. Espero que estejas bem. Por favor, liga-me.

Depois ouve a outra mensagem, da inspetora Murray.

Olá, Emilia. Por favor, ligue-me assim que puder, não importa a que horas. Seja como for, vou ficar na esquadra até às quinhentas.

Será que dez horas já é demasiado tarde? Decide ligar na mesma. Talvez ela tenha alguma informação sobre Elliot.

— Emilia? Onde é que está? Está tudo bem consigo?

Dá ideia de que vai a conduzir.

— Vim passar a noite em casa de uma amiga.

Fecha as cortinas e volta a deixar-se cair no sofá.

Está prestes a contar-lhe de Elliot e do gorro, mas a inspetora arremete antes que Emilia tenha tempo de falar.

— Ouça, houve um desenvolvimento. O assassino do louva-a-deus voltou a atacar ontem à noite. Pedi a um colega para averiguar, e o patrão do Trevor confirmou que ele deu de facto uma queda ontem no trabalho. E que o Elliot foi buscá-lo. Ficou convosco ontem à noite?

— Sim, ficou.

— Então não pode ser ele o nosso homem.

Emilia solta um suspiro de alívio. Sente que lhe tiraram um enorme peso dos ombros. Se Trevor não pode estar envolvido, Elliot estava a dizer a verdade quando lhe garantiu que não era Ash. Tem de haver outra explicação para o gorro. Talvez o tivesse comprado há tanto tempo que já não fazia ideia de que o tinha na gaveta. É de uma marca conhecida.

— Há um suspeito que temos debaixo de olho há mais de um ano. Chama-se Martin Butterworth. Já lhe falei dele antes.

Emilia recorda-se vagamente.

— E então?

— Ora bem, fizemos uma visita ao filho, já que pensámos que podia ser ele o Ash da Louise. Não é. Mas a mulher dele, a Sharon, acabou de nos contactar. Acontece que andou na universidade com a Louise, quando ela era conhecida como Daisy. O mundo é mesmo pequeno.

— Certo...

— Só que não foi na Universidade de Exeter. Foi em Leeds. Ao que parece, a Louise *andou* em Exeter durante um semestre, mas saiu e só começou a estudar no ano seguinte, já em Leeds. Em todo o caso, a Sharon lembra-se de a Louise lhe contar que tinha deixado Exeter por causa de uma intensa amizade feminina que deu para o torto. É a única coisa de que se lembra, mas ligou-me a contar, não fosse ser importante. De maneira que falei com alguns colegas da Louise e, pelos vistos, ela era bissexual. Portanto, palpita-me que se calhar temos andado a procurar no sítio errado. É bem possível que o Ash fosse uma mulher.

Emilia sente-se grogue, dói-lhe a cabeça.

— Isso é como procurar uma agulha num palheiro — diz. — Pode ser qualquer pessoa.

— Sem dúvida, mas... — Hesita, e Emilia pergunta-se o que estará ela a esconder-lhe. — Onde é que está agora?

— Em casa da minha amiga, a Ottilie Bentley-Gordon, em South Kensington.

— Disse Bentley-Gordon?

— Sim. Mas amanhã tenho de voltar para casa.

Ajeita a manta à volta dos joelhos. Não consegue concentrar-se. Tem o cérebro sobrecarregado com demasiados pensamentos e perguntas e ainda está preocupada com a bicicleta de Elliot e sente-se um tanto desorientada do sono, uma dor de cabeça incômoda por trás dos olhos.

Tenta lembrar-se das partes sobre Daisy de *O Último Capítulo*. Tirando uma alteração ou outra, não mudou nada na história de Louise sobre Daisy e Ash, nem sequer a forma como estava escrita, pois gostava desse contraponto com o seu estilo. E, agora que pensa nisso, Ash também podia ser nome de mulher. E se Louise lhe tivesse alterado igualmente o género? Porque não?

A inspetora Murray prossegue:

— Também estou a pôr a hipótese de a mãe da Louise não ter sido morta pelo assassino do louva-a-deus, como a Louise pensava. Talvez alguém tenha querido dar a *entender* que foi isso que aconteceu. Por essa altura ele já tinha matado outras duas mulheres. Foi muito no início. A própria polícia... enfim, eu... ainda mal tinha consciência do tipo de assassino com que estava a lidar. Ninguém sabia da gravação da cabeça do louva-a-deus. Só quem estava a trabalhar no caso.

Emilia respira fundo.

— O Trevor? Estava na polícia por essa altura. Foi ele? Estava a trabalhar nesse caso?

Trevor até podia não ser o assassino do louva-a-deus, mas era possível que andasse a ter um caso com a mãe de Louise. Talvez a tivesse apunhalado e depois dado a entender que ela tinha sido morta pelo assassino em série. Mas, a ser assim, então Elliot é Ash. Emilia geme para si própria. Já não consegue pensar, limita-se

a andar à roda sem sair do mesmo sítio.

A voz da inspetora Murray vem intrometer-se nos seus pensamentos:

— Não. Nessa altura o Trevor estava a trabalhar nos Costumes, noutro caso.

— Então... o que é que me está a dizer? Acha que sabe de quem se trata? — pergunta Emilia, confusa.

— Por enquanto, mantenho-me de espírito aberto, mas tente recordar as suas conversas com a Louise. Continuo a achar que tudo isto está de alguma forma relacionado com alguém que conhece. Porque é que a Louise a visou a si em concreto?

Emilia pousa uma mão na testa. Sente-se quente, como se estivesse a chocar alguma coisa.

— Lamento, mas estou num estado em que não consigo pensar como deve ser...

— Já é tarde. Mas tente refletir no que lhe disse e falamos amanhã. Boa noite, Emilia. Veja se dorme.

A linha emudece. Emilia solta um suspiro, encosta o telemóvel ao peito. Sente-se ainda mais confusa.

— Quem era?

Ergue o olhar. Otilie está parada na soleira. Vestiu um longo quimono florido por cima de um pijama de seda bege, o cabelo louro escovado para trás. Na mão traz uma caneca que pousa ao lado de Emilia.

— Chocolate quente. Achei que estavas a precisar.

Emilia aceita-o de bom grado, fechando as mãos sobre a caneca. Não está quente, apenas morno, e bebe até ao fim. Depois ergue os olhos para o rosto expectante de Otilie.

— Era a inspetora Murray.

— O que é que ela disse?

Otilie chega-se para trás e fica parada no meio da sala. A gata surge nesse instante no seu passito rápido e ela baixa-se para a apanhar. A coleira xadrez. Emilia sente o coração cair-lhe aos pés quando a recordação vem à tona: a fotografia no telemóvel de Louise. Ela plantara-lhe o aparelho diante da cara naquela noite no restaurante, quando lhe contou que tinha arranjado um gato. Lembra-se bem da cena porque sentira alguma inveja, sabendo o que Elliot achava de animais de estimação. A imagem vai ganhando forma no seu cérebro: uma fotografia de um gato preto com uma coleira xadrez e peito branco. O nariz cor-de-rosa. *Hamish*. Um rapazinho. E de repente não tem a menor dúvida de que o gato que Otilie tem nos braços é o de Louise.

— Onde é que arranjaste esse gato?

Otilie olha para ela com um ar surpreendido, o luar a refletir nos seus olhos verde-mar.

— O quê?

— O gato?

— É de uns amigos meus. Tinha-te contado.

— Parece o da Louise.

Ottilie franze o sobrolho e sacode o cabelo por cima do ombro.

— A Louise tinha um gato?

— Tinha. — Emilia pousa a caneca na mesa e aproxima-se de Ottilie. —

Gato, sexo masculino. Tinha-me esquecido. Mas, agora que penso nisso, ninguém referiu ter visto um gato no apartamento da Louise, nem quando ela apareceu morta, nem depois.

Ottilie encolhe os ombros.

— Talvez tenha fugido.

— Posso vê-lo?

Estica os braços para agarrar nele, mas Ottilie chega-se para trás.

— Ela não gosta de estranhos.

— Acho que vais descobrir que essa gata é um gato, Ottilie.

Ottilie retesa-se, mas continua agarrada ao animal.

Como era possível que Emilia não tivesse visto algo que tinha há tanto tempo diante dos olhos? A teoria da inspetora Murray estava certa. Uma rapariga, não um rapaz.

— Tu... — diz Emilia, assustada, ao perceber a verdade. — Tu andaste numa universidade do Devon, não andaste? Só por um semestre. Nunca contaste porque é que te foste embora. E tiveste um esgotamento quando andávamos no colégio. Oh, meu Deus, és tu! — Como podia ter sido tão cega? — Eras tu. Era de *ti* que a Louise se queria aproximar. Foi por isso que me visou a mim.

— De que é que estás a falar?

Mas agora há uma certa rispidez na voz de Ottilie.

— O Ash és tu.

— Não estou a perceber — diz Ottilie.

Tem o rosto na sombra, mas a sua linguagem corporal é quanto basta a Emilia para ter a certeza de que ela a percebeu perfeitamente.

— Conheceste a Louise na universidade? O nome completo dela era Daisy Louise Greene.

Ottilie deixa o gato escorregar-lhe dos braços e o bichano sai disparado da sala.

— Dos capítulos do teu livro sobre a Daisy? Isso é a história de um caso amoroso. Nunca tive um caso amoroso com uma mulher.

— Pode não ter sido recíproco. A Louise era bissexual. Talvez tivesse uma paixoneta por ti, mesmo que tu a visses apenas como amiga.

Ottilie cruza os braços sobre o delicado pijama de seda.

— Não conhecia a Louise, ou Daisy, ou fosse qual fosse o nome dela. Nunca a vi na vida.

A questão é que, quando se conhece alguém há tanto tempo como Emilia conhece Ottilie, conhecem-se-lhe também todos os pequenos tiques, todas as expressões, todos os movimentos do corpo. E Emilia sabe, sem margem para dúvidas, que Ottilie está a mentir.

— Diz-me a verdade, Ottilie, por favor.

— Simplesmente não queres pensar que o teu marido é um assassino, pois não? É só disso que se trata. Preferias que fosse eu.

Emilia dá um passo na direção dela, que está iluminada por trás pela luz do corredor.

— Temos câmaras de videovigilância no jardim das traseiras. Temos imagens tuas a roubar a bicicleta do Elliot. — Ottilie não tem como saber que ela está a fazer *bluff*. — E encontrei o gorro na gaveta do Elliot. — Debruça-se para a bolsa pousada junto aos seus pés, agarra nele e ergue-o no ar. O movimento deixa-lhe a cabeça ligeiramente à roda e a dor de cabeça intensifica-se. — É igual aos que a Louise usa. Estavas a pensar incriminá-la fazendo-me pensar que tinha sido ela a roubar a bicicleta? E depois, hã? Alteraste os planos para incriminar antes o Elliot?

Atira o gorro a Ottilie, que o apanha só com uma mão.

— Não sei de que é que estás a falar. Nunca vi isto na vida.

Olha para o gorro com repulsa e atira-o para a poltrona mais próxima.

— Sei que foste tu que roubaste a bicicleta do Elliot. Reconheci-te nas imagens — mente Emilia.

Na altura convencera-se de que se tratava de Louise precisamente por causa do gorro.

Ottilie arregala os olhos. A expressão no seu rosto é quanto basta para Emilia ficar a saber tudo o que queria.

— Oh, Ottilie... porquê?

Ottilie avança para ela e, pela segunda vez em poucas semanas, Emilia sente medo da amiga. Tinham-se aconchegado juntas debaixo do edredão no dormitório do colégio em noites de tempestade, tinham-se confortado uma à outra quando se sentiam sós, tinham rido tanto nas aulas que Ottilie chegara a fazer chichi nas cuecas. Mais do que a sua melhor amiga, Ottilie tinha sido como uma irmã.

— A Daisy sabia demasiado — murmura ela. — Era uma porra de uma psicopata. Eu tinha ido até lá só para falar com ela. Mais nada. Para lhe dizer que sabia que era ela que estava por trás do que te andava a acontecer.

— Achava que o teu pai tinha matado a mãe dela?

Ottilie remexe-se de um pé descalço para o outro, mordendo o lábio. Emilia percebe que a amiga está a sopesar até que ponto há de ser sincera.

— Sim. Ele enganou a minha querida mãe com a da Daisy e, quando a minha mãe descobriu, não aguentou e matou-se.

Os olhos faíscam-lhe, e Emilia retrai-se diante da sua fúria.

— Nunca disseste nada... Nunca me contaste. Quer dizer, sabia que ela se tinha matado, mas não porquê.

— Não quis contar a ninguém. Era demasiado doloroso. — Tapa a cara. — Isto é tudo uma trapalhada. Uma porra de uma trapalhada.

Emilia fica pregada ao chão. Está dividida entre consolar a amiga ou fugir do apartamento e ligar para a polícia. Tenta contorná-la, mas Ottilie é mais rápida. Lança-lhe as mãos e agarra-a.

— Não te podes ir embora, Mils. Ias direito à polícia. Punhas o teu marido em primeiro lugar, como fazes sempre. — Está a apertar a parte de cima do braço de Emilia com tanta força que a magoa. — Pões sempre os homens primeiro. Aquele idiota vaidoso do Jonas, e agora o Elliot.

— É o meu marido, Ottilie. E é um homem bom. Quem matou uma pessoa foste tu.

— Senta-te — ordena Ottilie, inclinando a cabeça na direção do sofá.

Emilia faz o que lhe mandam, ao mesmo tempo que vai esfregando o braço dorido, grata por a ganga do blusão ter absorvido grande parte do vigoroso aperto da amiga. Ottilie senta-se a seu lado na borda do sofá, a luz do candeeiro a

projetar sombras sobre o seu bonito rosto. Decerto Ottilie jamais lhe faria mal. Mas a verdade é que matou Louise. O pensamento atinge Emilia como um murro no estômago.

— Porque é que fizeste uma coisa daquelas? — pergunta-lhe numa voz suave, o corpo voltado para a amiga.

Ocorre-lhe que é quase divertido, que, olhadas de fora, dir-se-ia estarem apenas numa amena cavaqueira.

Ottilie ajeita calmamente o quimono sobre os joelhos. Mesmo àquela luz Emilia vê que a amiga tem os olhos orlados de vermelho.

— Só queria falar com ela. Mais nada. Desculpa ter levado a bicicleta do Elliot. Suponho que na altura calculei que, quando desses pela falta dela, ias pensar que tinha sido a Louise, por causa do gorro. Como te disse, não tinha intenção de a matar.

Emilia fita-a, incrédula. Tudo aquilo lhe parece planeado. Ottilie não vive propriamente ao virar da esquina. Teria tido de ir até sua casa, talvez de Uber, pela calada da noite, e roubado a bicicleta, sabendo que se usasse roupa escura e um gorro poderia ser confundida com um homem. *Até com o seu marido*. Mas acena-lhe com a cabeça e deixa-a prosseguir.

— Ela teve um ataque de fúria. Começou a acusar o meu pai. Disse que ele tinha voltado a atacar... estava mesmo convencida de que ele era o assassino do louva-a-deus. É um absurdo, como se o meu pai fosse capaz de fazer uma coisa dessas. E eu só queria que ela se calasse. Tentei chamá-la à razão. Tens de acreditar em mim, Mils. — Estende-se para ela e pega-lhe na mão. Uma lágrima desliza-lhe pelo rosto imaculado. — Estava obcecada, fora de si. Tinha orquestrado aquilo tudo... Sabia que assim que eu lesse o teu livro ia perceber que era sobre mim. Ainda que, para que conste, tenha embelezado bastante o lado romântico das coisas. Nunca foi mais do que uma amiga quando estávamos na universidade. E depois, no teu lançamento, deu-me ideia de a ter visto do lado de fora. Não entrou na livraria porque com certeza calculou que eu devia lá estar. Mas eu reconheci-a, apesar de ela ter tentado esconder-se de mim. Estive mesmo para ir lá fora falar com ela, mas vi que estava com a Kristin. E quando a Kristin voltou a entrar e eu lhe perguntei com quem é que tinha estado a conversar e ela me explicou que era a tua amiga Louise, achei que me tinha enganado. Mas precisava de ter a certeza. De maneira que descobri onde é que ela morava e segui-a. Estava quase na mesma. Mal a vi, percebi logo. Era a Daisy. E tudo se encaixou.

— Mas porque é que não me contaste o que estava a acontecer quando percebeste que a Louise era a Daisy?

— Porque... — morde o lábio — ...porque estava preocupada que tu também começasse a pensar que o meu pai era o assassino. E não queria que te envolvesse nisso.

— E porque é que ela se convenceu de que o teu pai era o assassino? — pergunta Emilia num tom meigo. — Porque o reconheceu quando ficou em tua casa naquelas férias de Natal?

— Sim. A parte do teu livro em que a Daisy vai para casa do Ash por altura do Natal aconteceu mesmo, só que éramos apenas amigas. Não sabia que ela tinha uma paixoneta por mim... dá a entender que foi tudo muito mais romântico do que era na realidade. No que me diz respeito, éramos apenas muito boas amigas, amigas chegadas. Uma coisa intensa, suponho, durante aquele curto período de tempo. Eu estava na minha fase *emo*, a tentar reinventar-me, sabes como é, e tínhamos tanta coisa em comum que ficámos logo amigas. E nesse Natal a Daisy foi de facto visitar-me a casa do meu pai no Devon, e foi quando o reconheceu. Confrontou-o, claro. Típico da Daisy. E ele negou tudo. Na altura já estava com a segunda mulher... chamava-se Stef... e suponho que não tenha querido ficar mal diante dela. Seja como for, assim que o meu pai me contou o que a Daisy tinha feito, cortei relações com ela e saí da universidade. De qualquer maneira, detestava o curso, e a única amiga que tinha feito por lá tinha sido a Daisy.

Há algo em tudo aquilo que não bate certo. Otilie não lhe está a contar a história toda.

— E não sabias nada da vingança da Louise... que ela estava a escrever sobre o teu pai... até leres o meu livro?

— Não fazia a menor ideia. O assassino tinha voltado a atacar recentemente ao fim de uma série de anos e a Daisy... a *Louise*... estava convencida de que era o meu pai. Infelizmente, coincidiu com a vinda dele a Inglaterra em fevereiro passado. Mas desde aí que tem estado fora. O meu pai não é nenhum assassino.

Emilia só se cruzou com o pai de Otilie meia dúzia de vezes. Tenta visualizá-lo mentalmente em novo. Nessa altura era um homem bem-parecido, com cabelo louro-escuro, mas se teria um remoinho duplo, disso já não tem a certeza. A verdade é que nunca reparou. Era apenas o pai da sua melhor amiga. Mas agora tem tudo isso e muito mais às voltas no cérebro. Será que Louise estava certa? Seria o pai de Otilie o assassino em série? Terá sido por isso que foi tão difícil encontrá-lo durante todos estes anos, por ter ido viver para o estrangeiro? Ao que parece, era uma espécie de diplomata que em tempos tinha estado na polícia — altura em que deve ter trabalhado com Trevor —, mas é tudo quanto Emilia sabe.

— A Daisy achava que se toda a gente lesse o livro alguém havia de perceber que era o meu pai que procuravam. Que era ele o assassino. Tinha-se convencido disso, mas estava errada. Como te disse, quando percebi o que se estava a passar, fui ter com ela, para a chamar à razão, para lhe dizer que tinha de parar com aquela obsessão com o meu pai. Para lhe dizer que parasse de te usar para me atingir a mim e a ele. Só que as coisas descontrolaram-se. Não tinha intenção de a matar.

Emilia sente um aperto no estômago.

— Otilie...

— Nego tudo. Se fores à polícia, nego tudo o que acabei de te contar.

— Mas e o Elliot? Por tua causa, pensam que foi ele!

— Lamento tudo isso, Mils, a sério que lamento. Até gosto do Elliot, acredites ou não. Mas achei que se escondesse o gorro no meio das coisas dele... — Abana a cabeça. — Só queria desviar as atenções de cima de mim, mais nada. Com a bicicleta foi a mesma coisa. Nunca me passou pela cabeça que pudessem detê-lo... De qualquer forma, de certeza que o libertam. Não têm mais nada contra ele.

— Dizes que não acreditas que o teu pai seja o assassino do louva-a-deus, mas... achas possível que tenha matado a mãe da Louise e depois dado a entender que se tratava de mais uma vítima do assassino em série?

— Claro que não. Nessa altura ele era da polícia. Comissário. Um cargo importante. Nunca faria uma coisa dessas. Acho que a mãe da Louise foi morta pelo tal assassino em série. A Daisy, que não passava de uma miúda, baralhou tudo. Achou que o homem... o meu pai... que viu a sair de casa dela nessa noite voltou lá mais tarde e lhe matou a mãe. Somou dois mais dois e o resultado foi cinco. Estava decidida a tramar o meu pai. E ele não tinha feito nada de errado... a não ser enganar a mulher.

— E a marca no tornozelo da Louise?

Otilie semicerra os olhos.

— Quando me dei conta do que tinha feito, tive de fazer crer que era só mais um incidente tirado dos teus livros.

— Mas...

— Porra, Mils, não tens estado a prestar atenção?

Emilia estremece.

Otilie ainda está a agarrar-lhe na mão, e agora aperta com um pouco mais de força.

— Como te disse, estava furiosa com ela por te ter envolvido naquela história. Sabia o que isso podia fazer à tua reputação como escritora, caso viesse a público. Na prática, roubaste a história de outra pessoa.

— Mas foi ela que ma deu, de livre vontade.

— Só que agora está morta, não está? Não pode explicar isso a ninguém. Toda a gente vai presumir que a roubaste. Já contaste à tua editora? Aposto que não. Sempre gostaste de enfiar a cabeça na areia. Como quando te recusaste a ver a cabra que a Kristin era e a forma como te manipulava. Ou que o Jonas era um merdas e te traía. Ou que a Daisy te andava a perseguir.

— Não há nada de errado em tentar ver os outros pela positiva — diz Emilia baixinho.

O rosto de Otilie suaviza-se.

— Eu sei, querida Mils. E adoro-te por isso. — Solta um suspiro, ainda a segurar na mão de Emilia, que entretanto começou a ficar transpirada. — O problema é que eu estou estragada desde os catorze anos. — Continua a falar numa voz calma, mas agora há uma inflexão maníaca no seu tom. — Lembras-te de quando tive o esgotamento e passei metade do período sem aparecer no colégio?

— Claro.

Ottilie ia passar o fim de semana com o pai, ficar uns dias na casa de férias dele no Devon, e parecera-lhe ótima nessa sexta-feira à noite. Estava ansiosa por voltar a vê-lo, porque a última vez tinha sido no Natal e por essa altura era já fevereiro. Só que não regressara na segunda-feira e mantivera-se ausente durante o resto do período. Emilia tinha-lhe escrito, implorando-lhe que lhe respondesse, mas ela nunca o fez. A única informação que recebia dos professores era que Ottilie não estava bem.

— Lembro-me perfeitamente. Andei agoniada de preocupação por tua causa.

— Oh, que querida.

Emilia faz por não reagir ao óbvio sarcasmo.

Ottilie só regressara ao colégio depois das férias da Páscoa, e comportara-se como se não tivesse acontecido nada. Quando Emilia a questionara, dera a entender que fora uma espécie de desgosto tardio pela morte da mãe no ano anterior, e Emilia acreditara. Será que vira apenas aquilo que se dispusera a ver?

— Nunca te contei a verdade sobre o que realmente provocou esse esgotamento.

Emilia sustém a respiração.

— Foi nesse fim de semana que descobri que o meu pai tinha andado a comer a mãe da Daisy durante anos. Enquanto era casado com a minha. Foi nesse fim de semana que encontrei as sórdidas cartas de amor que escreveram um ao outro e que ele me confessou tudo. Aquilo tinha dado cabo da minha maravilhosa mãe. — Solta uma gargalhada amarga. — A mãe da Daisy, essa tal Jennifer, era a nossa mulher a dias. Dá para acreditar? Suponho que nesse dia, quando confrontei a Daisy, tenha perdido a cabeça porque me lembrei do que a mãe dela fez. Ela ali a acusar o meu pai de ser um assassino quando a mãe dela é que era. A mãe dela foi responsável pela morte da minha.

— Tens de ir à polícia, Ottilie. Contar-lhes isso tudo. No fundo, bem vistas as coisas, não passou de um homicídio involuntário.

Emilia não está convencida de que assim seja. Acha que foi um ato premeditado. Por qualquer motivo, nesse dia em que roubara a bicicleta de Elliot, Ottilie tinha apenas uma coisa em mente, e era matar Louise. E depois tentara incriminar Elliot. Como é que conseguira entrar lá em casa nessa noite? Emilia sabe que não deixou a porta destrancada.

— Tens alguma chave? — pergunta. — Da minha casa?

Ottilie não diz nada, limita-se a fitá-la. Terá mandado fazer uma chave quando foi lá passar a noite? Também teria de saber o código do alarme.

Tem a cabeça à roda e um sabor desagradável na boca. Pelo canto do olho, vê o *Hamish* reentrar vagarosamente na sala e esfregar-se contra a perna de Ottilie.

— Porque é que trouxeste o gato da Louise?

Ottilie olha de relance para o bichano junto aos seus pés. Mas não larga a mão de Emilia.

— Não podia deixar o pobrezinho para trás. Não sou nenhum monstro!

Emilia fica a olhar para a amiga, incrédula. Quem é esta pessoa que é ao mesmo tempo capaz de matar uma mulher e salvar um animal?

— Ottilie — insiste numa voz meiga —, vamos ligar à polícia. A inspetora Murray é muito compreensiva. Há de...

— Não! — Nesse momento, Ottilie começa a soluçar, todo o seu corpo estremece. — Não posso ir para a prisão, Mils. Sabes disso. Não ia aguentar.

— Podes alegar inimizabilidade. Toda essa fúria, toda essa comoção recalcada. Ia ser bom para ti.

Ottilie aperta-lhe a mão.

— Não me parece.

— Por favor, Ottilie. Ainda estás a tempo. Tens de contar a verdade.

Faz menção de se levantar, mas Ottilie puxa-lhe a mão com tanta força que a projeta de volta para o sofá.

— Sabes que te adoro, Mils. Sabes isso, não sabes? É importante que saibas.

— Claro. — Emilia faz por disfarçar a ansiedade. — Claro que sei.

— Ótimo. — O aperto de Ottilie acentua-se e uma das suas lágrimas cálidas vem salpicar a mão de Emilia. — Desculpa. Nunca quis que chegasse a isto. Mas não posso deixar que te vás embora.

Estamos a meia hora de Londres quando Saunders recebe a chamada. Está sentado a meu lado no banco do passageiro.

— Isso é uma grande notícia, obrigado. Sim, sim, está aqui. Eu digo-lhe. — Termina a chamada e fita-me, o entusiasmo a irradiar dele como calor. — Oh, meu Deus, senhora inspetora, apanhámo-lo. Passado este tempo todo, apanhámo-lo. Detiveram-no. O cabrão estava a tentar fugir do país.

Rio-me de alívio e de júbilo. A prisão deve ter feito alguma coisa ao cérebro de Martin Butterworth, pois cometeu um erro idiota quando matou a última vítima, Suzanne Chambers. A bainha da sua camisa de noite tinha um pequeno salpico de sangue que não era dela. O ADN de Martin Butterworth já estava na base de dados, e era igual ao dessa amostra de sangue. Tão simples quanto isso. Deve ter-se cortado quando estava a gravar a cabeça de inseto no tornozelo de Suzanne. Juntamente com a informação recolhida por Saunders no quiosque, a confirmar que era hábito Butterworth ir lá comprar cigarros de mentol, era quanto bastava para podermos deitar a mão ao sacana. Ao fim de tantos anos e oito vítimas. Mas ainda não temos como o acusar da morte de Louise. E estou convencida de que não foi ele que a matou.

Já calculava que Saunders tinha uma relação com Louise. Conheceram-se num dia de formação e tudo começou aí. Confirmei-o junto de um dos colegas de Louise que também esteve presente no evento. Foi por isso que saiu do local do crime a correr naquele dia e fingiu que estava mal do estômago. Tinha-a reconhecido. E desconfio de que foi ele que lhe contou que o assassino do louva-a-deus estava de volta, desencadeando a série de acontecimentos que nos trouxe até aqui. Hei de lhe falar disso noutra altura, quando tivermos voltado a Plymouth e visto Martin Butterworth atrás das grades. Mas não agora. Agora vou deixá-lo saborear este momento.

Nada de ficar na cama até mais tarde na manhã de domingo. Saunders já está no comboio de regresso ao Devon para interrogar Martin Butterworth, agora que este foi detido. Hei de me juntar a ele mais tarde, mas primeiro quero voltar a conversar com Emilia Ward. E também com a sua amiga Ottilie Bentley-Gordon. Reconheci o nome quando falei ontem à noite com Emilia. O pai, Charles Bentley-Gordon, era meu chefe há vinte e cinco anos, quando o assassino do louva-a-deus começou a matar. Depois foi para o

estrangeiro em serviço diplomático. Creio que era ele o homem que Louise desconfiava de que andava a ter um caso com a sua mãe. E a filha dele, Otilie, é com certeza Ash. Tentei ligar várias vezes a Emilia e deixei mensagens, mas sem sucesso. Também já passei por casa dela, mas não está lá ninguém. Como me contou que ia passar a noite de ontem a casa de Otilie, descubro a morada dela em High Street Kensington — por sinal em nome do pai — e dirijo-me para lá. Já não me lembrava do tempo que demora a chegar seja onde for em Londres. Estou habituada às estradas relativamente desertas do Devon, mas aqui demoro quase uma hora a percorrer meia dúzia de quilómetros. Quando estaciono numa rua secundária e encontro o apartamento de Otilie são quase onze da manhã.

O apartamento fica num bonito edifício com pilares de pedra branca e uma porta de entrada preta. No átrio há um porteiro atrás de uma secretária e a meio um encantador elevador antigo que me faz lembrar os dos filmes de outros tempos. O porteiro sorri-me quando entro. Mostro-lhe a minha identificação e digo-lhe que estou ali para falar com Otilie.

— Oh, ela saiu ontem à noite, já tarde. Ou melhor, às primeiras horas de hoje, segundo o gerente da noite.

— Não me sabe dizer a hora certa?

— Por volta das duas da manhã. Mas tem cá uma amiga de visita. Ainda lá está, quer-me parecer.

Tento conter a inquietação.

— Qual é o apartamento dela?

— O sete.

Não espero pelo elevador. Em vez disso, lanço-me escada acima e é já sem fôlego que chego à porta do apartamento de Otilie no segundo andar. Bato à porta mas, como calculava, ninguém responde. Tenho a certeza de ouvir um gato a miar por trás da porta fechada. Torno a bater e chamo por Emilia. Uma senhora de idade do apartamento do lado assoma à porta, a cara contraída de irritação.

— Que barulheira vem a ser esta?

Explico-lhe quem sou e mostro-lhe o meu cartão da polícia.

— Sou capaz de ter de arrombar a porta — digo-lhe. — Estou preocupada com a pessoa que está lá dentro.

— Não, não faça isso. Espere. — Desaparece no interior do seu apartamento. Sinto o cheiro de um cozinhado qualquer. Até que ela volta a aparecer, agora com uma chave na mão. — Ficámos com a chave uma da outra, para o caso de nos fecharmos por fora.

— Ótimo. Obrigada. Então abra, por favor.

A mulher demora o seu tempo, e estou prestes a arrancar-lhe a chave da mão e a tratar eu própria do assunto, quando finalmente a porta se abre. Ela chega-se para o lado e eu corro lá para dentro. Sinto-a atrás de mim enquanto atravesso o vestibulo num passo apressado e entro na cozinha. Está vazia. Tal como os quartos, um dos quais tem as cortinas e os roupeiros abertos, com roupas espalhadas pela cama e pelo chão.

— Emilia — chamo, correndo para a sala de estar e empurrando a porta.

A divisão está às escuras, as pesadas cortinas bem fechadas, mas no canto junto ao radiador há um corpo caído no chão.

A velhota acende a luz do teto e arqueja.

— Chame uma ambulância — digo-lhe, correndo para junto de Emilia.

Está deitada de lado, vestida dos pés à cabeça, os olhos fechados, e dir-se-ia que tinha simplesmente adormecido não fosse a palidez anormal. Palidez cadavérica, lábios azulados. Ajoelho-me e tento sentir-lhe a pulsação, temendo ter chegado tarde de mais.

A primeira pessoa que vê quando abre os olhos é Elliot, e pergunta a si própria se estará morta. Ou a sonhar. Pestaneja algumas vezes, o rosto dele a focar-se aos poucos por cima dela.

— Está acordada — grita uma voz familiar, e ela volta a cabeça e vê Wilfie e Jasmine do outro lado da cama.

Estão ambos a olhar para ela com um ar radiante, mas dá ideia de que estiveram a chorar.

— Está tudo bem, amor, estás salva — diz-lhe Elliot.

Está a segurar-lhe na mão, o que lhe recorda a sua última memória: a mão de Otilie, quente e transpirada, na sua.

Sente a boca seca quando tenta falar.

— Toma, bebe um pouco — diz Elliot, empurrando cuidadosamente um copo de água cristalina na direção dela.

Emilia bebe um gole.

— Onde é que estou?

— Estás no hospital. Mas estás bem. Vais ficar ótima.

O alívio na sua voz é evidente, e Emilia pergunta-se se terá havido um momento em que não havia a certeza de que o desfecho seria aquele. Tenta sentar-se, mas percebe que não é capaz. Elliot carrega num botão da cama e esta soergue-se até Emilia ficar mais direita.

— Está melhor assim?

Ela aperta-lhe a mão.

— Deixaram-te sair... — consegue dizer.

Só então repara nos seus pais, atrás dos miúdos e com um ar apoquentado. Torna a pestanejar.

— Estávamos todos tão preocupados — diz a mãe, dando-lhe uma palmadinha nos joelhos por cima do anódino cobertor hospitalar. — Passaste quase vinte e quatro horas a dormir.

Drogada. Otilie tinha drogado o chocolate quente que lhe trouxera. Não admira que se tivesse sentido tão estranha. Que não conseguisse pôr as ideias em ordem. Será que o plano dela era matá-la mas lhe dera uma dose insuficiente?

— Onde é que está a Otilie?

— Desapareceu, querida — diz Elliot. — A polícia está à procura dela, mas o mais certo é já ter saído do país.

Emilia sente as lágrimas deslizarem-lhe pelo rosto. Elliot debruça-se para ela e dá-lhe um beijo na testa.

— Pregaste-nos um valente susto. Graças a Deus que estás bem.

Ela estica-se, os seus dedos a encontrarem os caracóis sedosos de Wilfie e depois a mão de Jasmine.

— Não vou a lado nenhum — diz.

Tem de ficar alguns dias no hospital para confirmar que não existe qualquer lesão orgânica. Ouve o trânsito lá fora, o toque das buzinas, o bramido das sirenes, e é tudo estranhamente reconfortante. Ainda se sente grogue da tal droga que Otilie lhe deu — os médicos explicaram-lhe qual era, mas tinha um nome muito comprido e, no seu torpor, Emilia já se esqueceu, mas pelos vistos era fácil de obter com receita médica. Elliot ficou com ela e os seus pais levaram os miúdos para casa. Emilia não queria perder Wilfie e Jasmine de vista nem por um segundo, mas percebeu que eles estavam cansados e, depois de saberem que ela estava bem, entediados. E se Otilie voltasse para a liquidar? Manifesta o seu receio a Elliot, que não sai do seu lado desde que a levaram para o hospital, segundo o que as enfermeiras lhe contaram.

— Jamais se arriscaria a voltar a Londres — diz ele. — Por esta altura já deve estar bem longe.

Emilia conta-lhe do gorro.

— A Otilie é que o colocou lá em casa. Ainda não consigo acreditar que foi ela que matou a Louise. Sabia que não podias ter sido tu.

— Como é que podias pensar que tinha sido eu, com esta minha cara tão honesta? — graceja ele, mas Emilia percebe até que ponto os últimos dias, semanas e meses o desgastaram. Envelheceu, e ela também. — Sinto-me tão grato por tu estares bem.

Depois, Emilia lembra-se do gato.

— O *Hamish*. O gato. Que é feito dele?

— Não te preocupes, está lá em casa. A inspetora Murray encontrou-o no apartamento da Otilie depois de te terem metido na ambulância. E eu disse-lhe que nós cuidávamos dele.

Ela fita-o, estupefacta.

— Mas tu detestas animais de estimação.

— Não detesto nada. — Ri-se. — E lá porque tenho a mania das arrumações não espero que tu também tenhas. — A voz prende-se-lhe. — É um problema meu, Em. Não teu. Nem dos miúdos. Dá-me uma sensação de controlo, suponho,

de segurança. Uma tontice...

Emilia aperta-lhe a mão, lembrando-se da ansiedade que ele esconde por baixo da superfície e se esforça tanto por controlar, mais até do que ela imaginava.

— Não é tontice nenhuma. Percebo perfeitamente. — Solta um suspiro ao recordar Ottilie e a última conversa que ambas tiveram. Uma lágrima escorre-lhe pela face. — Não sou lá grande coisa a escolher amigas, pois não?

Primeiro Kristin, depois Ottilie e Louise. Embora tenha sido Louise a escolhê-la a ela, ao que tudo indica. Fecha os olhos. Dói-lhe a cabeça e, apesar de tudo o que Ottilie fez, continua a sentir o coração pesado de desgosto. Desgosto pela velha Ottilie. A pessoa que Emilia sempre pensou que ela era.

Deve ter passado pelas brasas, porque quando acorda o quarto está mais escuro e não vê Elliot ao lado da cama. Em vez disso, há uma mulher sentada na cadeira, a folhear uma revista. É a inspetora Murray.

Aproxima um pouco mais a cadeira.

— Olá, Emilia, como se sente?

— Ainda um pouco grogue. Que dia é hoje?

— Segunda-feira. O Elliot contou-lhe o que aconteceu?

— Que foi a senhora que me encontrou? Sim, contou. Nem sei como lhe agradecer. Provavelmente salvou-me a vida.

O rosto da inspetora Murray abre-se num sorriso. Dá-lhe um ar menos austero.

— Lamento isto da Ottilie. E lamento ter demorado tanto tempo a perceber o que se passava.

— Ainda bem que percebeu, e que o Elliot foi libertado. E o pobre do Trevor. Devo-lhe um pedido de desculpas.

— De certeza que ele vai entender. Percebo que tenha sido levada a pensar que era ele. Eu própria cheguei a pensar o mesmo. Apanhámos o assassino do louva-a-deus. Um indivíduo chamado Martin Butterworth.

Emilia recorda-se de a inspetora ter referido aquele nome antes.

— Quer dizer que foi ele que matou a mãe da Louise?

A inspetora Murray hesita.

— O pai da Ottilie teve efetivamente um caso com a mãe da Louise. Essa parte é verdade. Falámos com ele e ele admitiu-o. Deixou a polícia pouco depois de a Jennifer Radcliffe ter sido assassinada. Aceitou um cargo no estrangeiro quando a Ottilie recuperou do esgotamento e voltou para o colégio interno, e só vinha ao Reino Unido de tempos a tempos, alturas em que ficava na casa do Devon ou em Londres. A Louise não se enganou a respeito de tê-lo visto com a mãe dela. Mas, quanto ao homicídio, estranhávamos que a Jennifer não tivesse sido amarrada nem a casa arrombada, apesar dos outros pormenores que correspondiam ao padrão habitual do assassino. Durante uns tempos, dei por mim a pensar se não teria sido

obra de outra pessoa, a querer dar a ideia de que se tratava de mais uma vítima do assassino em série. Mas agora já não estou tão certa disso. É uma hipótese, claro, mas acho que o que aconteceu nessa noite foi que, depois de se despedir da Jennifer, o Charles saiu talvez sem trancar a porta, e o Martin Butterworth estava a vigiar a casa, entrou e matou-a enquanto a pobre da Louise estava lá em cima a dormir. Por isso é que não havia sinais de arrombamento, como nos outros casos. E talvez não tenha tido tempo de a amarrar, não sei. Seja como for, o Butterworth nega tudo, mas temos provas do último homicídio, pelo menos, graças ao ADN encontrado no local. E as marcas são uma ligação clara entre os vários homicídios, de maneira que temos esperança de que o caso se aguarde em tribunal.

— Quer dizer que a Louise passou estes anos todos erradamente convencida de que o Charles era o assassino, não só da mãe dela mas também das outras mulheres?

— Sim. Mas ele era intocável, vivendo no estrangeiro. Em vez disso, localizou a Otilie e, quando descobriu que ela era sua amiga, arranjou maneira de se insinuar na sua vida.

— Pergunto-me se o plano dela terá sido sempre levar-me a escrever sobre o caso. Ou se isso foi apenas sorte.

A inspetora Murray remexe-se na cadeira.

— Acho que a princípio limitou-se a usá-la para se aproximar da Otilie, mas depois, quando soube que o assassino tinha voltado a atacar... tudo porque o Saunders lhe falou do assunto... achou que tinha de agir. E, por sorte, isso coincidiu com o seu período de bloqueio criativo. Mas há outra coisa que só ficámos a saber depois da autópsia. A Louise estava gravemente doente.

O coração de Emilia dá uma cambalhota.

— O que é que ela tinha?

— Há seis meses foi-lhe diagnosticado um tumor cerebral inoperável. Sabia que não lhe restava muito tempo. O que talvez explique porque decidiu assediá-la da forma que o fez, para empolar a situação, para conseguir que o seu novo livro fosse objeto de cobertura nacional por parte da imprensa, para tentar descobrir o assassino da mãe tão depressa quanto possível. Não estou a dizer isto para desculpar o que ela fez, mas a doença não a há de ter ajudado a pensar de forma racional.

Emilia sente a pressão das lágrimas atrás das pálpebras. Cerra as mãos sobre o cobertor.

— Não fazia ideia.

Lembra-se da última vez que viu Louise. De como a tinha achado pálida. De ela lhe ter dito que ia trabalhar mas estar vestida com roupa informal.

— Ninguém fazia. Nem sequer o Saunders.

— E a Otilie? Acha que vão conseguir apanhá-la?

A inspetora Murray solta um longo suspiro.

— Não sei. Espero que sim. Mas depende de para onde tenha ido. Teve umas boas dez horas de avanço até a encontrarmos a si. — Põe-se de pé. — Enfim, Emilia, tenho de ir andando. Mas continue a escrever, ouviu? Gosto bastante dos seus livros, mas por favor tenha cuidado com o que escreve para a próxima.

Emilia não contém uma gargalhada. Tem muitas explicações a dar à editora e ao agente. Mas não consegue pensar nisso agora. Tem de se concentrar em ficar boa para poder voltar para casa e estar com a família.

Epílogo

Três meses depois

É num sábado de manhã de início de setembro que um envelope A5 castanho aterra no seu tapete de entrada. A princípio, Emilia pensa que se trata de uma conta qualquer. Ou de uma carta das Finanças, uma das suas arrelias. Elliot está na cozinha, a cantar ao som da Radio X enquanto faz panquecas, Jasmine está espojada no sofá com o *Hamish* enroscado no colo e Wilfie está no jardim aos pontapés à bola com o novo cachorrinho. Um sábado típico, algo que Emilia passou a apreciar ainda mais após o desassossego do ano anterior.

Depois de ter alta do hospital, ainda precisou de algumas semanas até que a sua saúde — física e mental — voltasse ao que era. Foi franca com a sua editora e com Drummond a propósito de *O Último Capítulo*, e conseguiu mais algum tempo para reescrever o subenredo de Daisy e de Ash e alterar os pormenores da linha narrativa do assassino em série, que deixou de ter qualquer semelhança com os homicídios do louva-a-deus. Martin Butterworth declarou-se inocente de todas as acusações, e Emilia não fez nada que pudesse pôr em risco o julgamento previsto para o início do ano seguinte. A sua relação com Jonas e com Kristin levou algum tempo a reentrar nos carris. Kristin admitiu que desconfiara de que Louise estivesse doente depois de a ter visto prestes a desmaiar quando estavam as duas paradas à porta da livraria, na noite do lançamento. Tinha sido esse o motivo da sua acalorada discussão. Kristin, tocada como estava, tentara convencer Louise a contar a Emilia, mas Louise negara que não estivesse bem.

Emilia também teve de se empenhar a fundo na reconciliação com Trevor, mas sente que estão finalmente a fazer progressos.

Está mais próxima de Elliot do que nunca. O marido ficou magoado por ela não ter sido franca com ele desde o início a respeito de Louise e da origem da história, e ela confessou que sentia que tinha de ser perfeita aos seus olhos, caso contrário ele acabaria por a deixar. Elliot garantiu-lhe que não ligava a essas coisas. Os desenhos dos miúdos pendurados no quarto dos brinquedos passaram para o frigorífico e, pela primeira vez desde que o conhecia, Emilia permitiu-se descontrair. Até arranjaram um *golden retriever* bebé chamado *Brambles*, para

grande alegria de Wilfie, e Emilia soube dar valor à forma como Elliot tentava não fazer má cara quando o cachorro sujava o chão de parquê com as patas enlameadas ou lhe destruía as sapatilhas preferidas à dentada. E o *Hamish* também está a aprender a gostar do *Brambles*.

Apesar de tudo o que aconteceu, ficou triste com a apressada fuga noturna de Otilie. Em larga medida, odeia-a pelo que fez, mas é difícil esquecer todos aqueles anos em que Otilie era a pessoa mais próxima que Emilia tinha. Adorara-a intensamente, e chorou-a como se ela tivesse morrido. E a verdade é que a Otilie que pensava que conhecia está morta.

Durante os últimos meses, Emilia tem reproduzido mentalmente, uma e outra vez, como uma cassete já muito gasta, a última conversa que tiveram. Otilie tinha-lhe dito que ela só via o que queria ver, e Emilia dá por si a pensar se isso será de facto assim.

Se tivesse visto o que se estava realmente a passar, talvez tivesse podido impedir o que se seguiu. Louise estava desesperada, doente, ansiosa por fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para descobrir quem matara a sua mãe antes que fosse demasiado tarde. Emilia não pode perdoar-lhe pelo que fez, mas pode entendê-lo, sentir até alguma empatia, agora que tudo isso pertence ao passado. Agora que está em segurança.

Pega no envelope e abre-o sem pensar, surpreendida ao deparar com uma folha A4 dobrada ao meio e datilografada como um manuscrito. E depois percebe que se trata de uma história, não de uma carta, como pensara inicialmente. Deixa-se cair no degrau do fundo, ainda de roupão, e começa a ler.

Deixa-me contar-te uma história. Só que esta é uma história verdadeira. É sobre uma mulher que mentiu. E sobre uma mulher que amou. É sobre traição e vingança. É sobre uma rapariga — chamemos-lhe Liza — que, com catorze anos apenas, foi passar um fim de semana a casa e descobriu que o pai que tanto adorava tinha enganado a mãe que tanto adorava. Descobriu que a mãe ficou tão transtornada com essa traição que foi colocar-se de pé numa linha de caminho de ferro até um comboio passar. Descobriu que tudo aquilo em que acreditava, tudo aquilo que amava, tinha sido destruído e que a culpada era uma mulher. Uma mulher que ia a casa da família a pretexto de fazer limpezas mas na verdade ia para roubar o marido de outra mulher. De maneira que Liza decidiu vingar-se. Nessa gelada noite de fevereiro — Dia dos Namorados, dá para acreditar? —, percorreu ao frio e à chuva os oitocentos metros do percurso até à casa da mulher desonesta e confrontou-a. E depois, num acesso de fúria, agarrou numa faca de cozinha pousada em cima da bancada e esfaqueou-a, uma vez apenas, mas no sítio errado. Num sítio fatal. O pai apareceu e, apesar de dividido, ajudou a jovem Liza, porque adorava a sua única filha e queria protegê-la. De modo que gravou cuidadosamente a pele da mulher para imitar a marca de um assassino que sabia que andava a aterrorizar a população local, e toda a gente achou

que a mulher desonesta era apenas mais uma vítima. E Liza, a pobre Liza, foi internada numa clínica para ficar boa. Mas nunca ficou boa porque aquele enorme segredo, aquela «coisa má», ficou a supurar dentro dela até, anos mais tarde, conhecer a filha da mulher desonesta, só que não podiam ser amigas por causa daquilo que os seus pais tinham feito. E o ressentimento foi crescendo, como uma doença, tornando-a cada vez mais ignóbil. Só uma coisa fazia Liza sentir-se menos infeliz, menos ignóbil, e eras tu. Porque ela adorava-te. Como a uma irmã. Há de pensar sempre em ti e espera que sejas feliz. E quer dizer-te o quanto lamenta. Tudo. E que vai sentir a tua falta para o resto da vida.

Algumas histórias merecem ser contadas. Será o caso desta?

*

Emilia sente um arrepio na espinha e volta a ler tudo outra vez. Verifica o selo do envelope. Algures na América Central, ao que parece. A mão treme-lhe. No fundo, trata-se de uma confissão. Pode levá-la à polícia. Ou pode destruí-la.

Ouve Elliot na cozinha a cantar ao som dos Oasis, interrompendo *Champagne Supernova* aqui e ali para gritar uma palavra de encorajamento a Wilfie, lá fora no jardim. O *Brambles* late alegremente, e Emilia imagina o cachorrinho a cambalear pela relva nas suas patitas inseguras, a tentar juntar-se à brincadeira. Sabe que Jasmine está no sofá com o gato ao colo, provavelmente a olhar para eles com um ar divertido ao mesmo tempo que vai trocando mensagens com Nancy, a sua melhor amiga.

A sua melhor amiga.

Otilie tinha-a drogado e abandonado à morte, era essa a convicção generalizada. Contudo, os médicos tinham-lhe dito que a quantidade de droga no seu organismo só chegava para a deixar inconsciente, não para a matar.

Algumas histórias merecem ser contadas. Será o caso desta?

Emilia solta um suspiro e rasga a história de Otilie em mil pedacinhos, depois vai até à cozinha juntar-se à família.

Agradecimentos

Este foi um ano muito especial para mim em termos profissionais, e devo-o por inteiro à fabulosa equipa da Penguin Michael Joseph, que foi realmente inexcelsável. Um ENORME obrigado às maravilhosas Maxine Hitchcock e Clare Bowron, que tornam os meus livros muito melhores do que teriam sido sem elas, e cujas correções, comentários, notas e incentivo a este *A Mentirosa* se revelaram inestimáveis. E também ao resto da fabulosa equipa: Emma Plater, Ellie Morley, Vicky Photiou, Ella Watkins, Beatrix McIntyre, Deirdre O'Connell, Hannah Padgham e Katie Corcoran. A Lee Motley, pelas lindas e chamativas capas, a Stella Newing e à equipa de áudio, que realizam um trabalho fantástico nos audiolivros, e a Hazel Orme, pelas suas meticolosas revisões, entusiasmo e palavras amáveis. Estou tão grata a todas.

A Juliet Mushens, a mais simpática, solidária, diligente e talentosa agente do mundo. Há dez anos que trabalhamos juntas e, graças a ela, a minha carreira vai de vento em popa. É a verdadeira agente dos sonhos! Também estou em dívida para com Liza DeBlock, Kiya Evans, Rachel Neely e Catriona Fida, os restantes elementos da brilhante equipa da Mushens Entertainment.

Aos meus editores estrangeiros, em particular a Eva Schubert e Duygu Maus, da Penguin Verlag, na Alemanha, e a Sarah Stein, da Harper US e HarperCollins Canada.

Aos meus compinchas do Sudoeste, Tim Weaver, Gilly Macmillan, C. L. Taylor e Cate Ray, por todas as gargalhadas, apoio, mensagens de texto e almoços. Não conseguiria passar sem vocês, malta! E às encantadoras L. V. Matthews e Kate Gray, por todos os jogos de palavras e incentivo.

A todos os autores que cederam tão generosamente o seu tempo para ler e referenciar os meus livros ao longo dos anos.

Aos livreiros e bibliotecários, por porem os meus livros nas mãos dos leitores, e aos bloguistas literários, pelas resenhas, divulgações de capas e muito mais. Estou imensamente grata.

Aos leitores que compraram exemplares dos meus livros, pelas simpáticas mensagens e opiniões. Não conseguiria fazer este trabalho sem vocês!

Obrigada, como sempre, à minha mãe, ao meu pai e à minha irmã Samantha, e

aos meus sogros e suas famílias.

Aos meus filhos, Claudia e Isaac, que todos os dias me enchem de orgulho.

E ao Ty, o meu marido, no nosso vigésimo ano de casados. Este livro é para ti.